

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO

DOUTORAMENTO EM SOCIOLOGIA ECONÓMICA E DAS ORGANIZAÇÕES

**A DINÂMICA DE GRUPO NUMA PERSPECTIVA AUTOGESTIONÁRIA:
ESTUDO DE CASO SOBRE A SOMATERAPIA**

João da Mata Rosa Cesse Neto

Orientação: Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira

Lisboa – Portugal

Novembro de 2013.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO

DOUTORAMENTO EM SOCIOLOGIA ECONÓMICA E DAS ORGANIZAÇÕES

**A DINÂMICA DE GRUPO NUMA PERSPECTIVA AUTOGESTIONÁRIA:
ESTUDO DE CASO SOBRE A SOMATERAPIA**

Tese apresentada ao Programa de Doutoramento em Sociologia Económica e das Organizações, do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, como requisito parcial para a obtenção do grau de **DOUTOR em Sociologia Económica e das Organizações**.

João da Mata Rosa Cesse Neto

Orientação: Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira

Lisboa – Portugal

Novembro de 2013.

DOUTORAMENTO EM SOCIOLOGIA ECONÓMICA E DAS ORGANIZAÇÕES

**A DINÂMICA DE GRUPO NUMA PERSPECTIVA AUTOGESTIONÁRIA:
ESTUDO DE CASO SOBRE A SOMATERAPIA**

João da Mata Rosa Cesse Neto

Orientação: Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira

Presidente – Reitor da Universidade de Lisboa.

Vogais – **Doutor José Maria Carvalho Ferreira,**

Professor catedrático aposentado

Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa.

Doutor José Gonçalves das Neves,

Professor associado com agregação

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Doutor Manuel Gaspar da Silva Lisboa,

Professor associado

Faculdade De Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Doutor António José César de Almeida Gonzalez,

Professor auxiliar

ISPA – Instituto Universitário.

Doutora Natividade Helena Mateus Jerónimo,

Professor auxiliar

Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa.

Doutora Sofia Isabel Coelho Bento,

Professor auxiliar

Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa.

Lisboa – Portugal

Novembro de 2013.

Ao cúmplice Roberto Freire (*in memorian*), por
revelar-me a estética da liberdade.

E aos participantes dos grupos de Somaterapia,
por compartilhar trajetórias e construir de novos
mundos possíveis.

Roberto Freire, além de criador da Somaterapia foi também um destacado escritor brasileiro. Seus escritos muitas vezes estavam baseados em acontecimentos da vida cotidiana e de gente simples, que refletia os reveses da existência. Transcrevo aqui um fragmento de um de seus textos, publicado originalmente por Freire no livro *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!* (1977).

Neste diálogo entre mãe e filho, está contida a crítica poética de Freire sobre o silencioso e cotidiano assassinato de nossos sonhos e utopias. Acredito ser importante para a compreensão do trabalho que agora se inicia a leitura deste fragmento literário.

“Há muitos anos, quando era médico dos operários de uma fábrica que ficava perto de Santo André, eu fazia o percurso de São Paulo até lá por meio de trem suburbano, que apanhava na Estação da Luz. Cada uma dessas viagens (ida e volta) era um mergulho enriquecedor e aprofundador naquilo que já chamei de saldos de povo que existem em mim, apesar de tudo. Quando ia para a fábrica, pegava o trem das seis e trinta da manhã. Meus companheiros de viagem eram quase que exclusivamente operários e comerciários.

Certa manhã, sentei-me diante de uma mulher de uns quarenta anos, operária, e de um garoto de dezoito anos, seu filho, comerciário. Suas profissões vim a saber ao fim da viagem, quando trocamos algumas palavras. O que pretendo contar é o diálogo havido entre os dois, mãe e filho, à minha frente, falando alto e com a intensidade do amor em crise.

O rapaz queria saber a opinião da mãe sobre o caderno de poemas que tinha escrito e que lhe dera para ler na véspera.

— Bonitos. Muitos não entendi. Mas me deu medo....

— Medo? Por que medo, mãe?

— Você gosta mais de escrever poesias do que trabalhar no escritório, não gosta?

— Gosto muito mais. Quer dizer, não gosto de trabalhar no escritório e adoro escrever poesias... Vou ser sincero: às vezes, lá no escritório, fico escrevendo uns versos...

— Você vai acabar perdendo o emprego, filho. Está vendo por que eu disse que tinha medo?

— Mas é uma coisa assim que vem de dentro de mim; não dá pra controlar: ou faz ou arrebenta. Sabe, assim como vontade de fazer pipi... Mas é do jeito da vó, lembra, quando ela tinha aquela doença de velhice, e fazia pipi na cama, na sala, na rua, onde estivesse...

— Me explica uma coisa: se você trabalha de dia, estuda de noite, joga bola sábado de tarde e domingo de manhã, namora domingo de tarde e de noite, a vontade de fazer esse tal de pipi-poesia interrompe o que você estiver fazendo, onde estiver, mesmo, como sua vó?

— Não. Só faço pipi igual à vó quando tou no escritório e nas aulas.

— Eu desconfiava. Você vai acabar perdendo o emprego...

— Arranjo outro...

— Se o negócio do pipi continua, você perde esse emprego também, e o outro, e o outro...

— É, a senhora tem razão, pode acontecer, e...

— E acaba reprovado na escola. Acaba também não sendo ninguém, feito nós...

— Mas serei um poeta!

— Poeta?

— É, poeta! Tem muito poeta no mundo.

— Tem, tem, eu sei. Mas tudo morrendo de fome, desempregado...

— Nem todos, mãe...

— Pega um jornal de domingo, filho, pega a parte de anúncios classificados, espia direito, e vê se tem algum anúncio oferecendo emprego pra poeta!

— Não tem, não preciso ver, eu sei que não tem.

— E então?

O rapaz virou o rosto para o vidro, parecendo estar olhando a paisagem feia, amarga e triste do subúrbio paulistano, mas talvez não tão feia, tão amarga e triste quanto deviam ser os seus pensamentos e sentimentos naquele momento, supunha eu, tirando por mim. A mãe, com jeito sofrido, angustiado, como que cumprindo um dever de responsabilidade, insistiu, agora em tom baixo e cuidadoso, pois devia conhecer a sensibilidade do filho:

— E então, meu filho?

Sem se voltar — e eu o imagino vendo a feia paisagem suburbana passando veloz diante de seus olhos e se deformando e diluindo nas lágrimas que continha, envergonhado, além de tudo —, respondeu mais para dentro do que para fora:

— Você tem razão, mãe. Vou parar com a poesia. Não estou velho e doente como a vó, vou dar um jeito de não ficar mais mijando minhas poesias nas calças... por aí...

— É, filho, tenho pena, as coisas não tinham de ser assim, mas são. A gente não pode fazer o que gosta, ainda mais quando o que gosta é poesia...

E sorriu. Abraçou o filho. Beijou-o na testa. Ele virou o rosto para mim. Então vi que o menino tinha os olhos enxutos e deles escapavam chispas de ódio.

Roberto Freire.

**“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos
levar além”**

(Paulo Leminski)

AGREDECIMENTOS

Primeiramente, meu muito obrigado ao Prof. José Maria Carvalho Ferreira. Antes de ser meu orientador, já havia entre nós a liberdade e a fraternidade que me permitiam chamá-lo de Zé Maria. Desde 1992, quando nos conhecemos durante o Encontro Libertário “Os Outros 500” na PUC-SP, pude nutrir um profundo respeito e admiração por este autêntico libertário. Agora, quando da conclusão deste trabalho, só tenho a agradecer por sua orientação, amizade e apoio sempre dispensados quando me foi requerido.

Agradeço ao SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, do qual sou filiado como membro colaborador, por todo apoio oferecido sempre com muita eficiência. Em especial à Mónica Fraga e sua generosa disponibilidade.

Meu sincero agradecimento ao apoio financeiro recebido da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, sem o qual esta investigação não teria a dimensão alcançada.

Agradeço ao colega e amigo de doutoramento, o hoje Doutor Igor Valentim por seu incentivo nos momentos difíceis da vida longe de casa. Nas situações aparentemente insolúveis, Igor sempre me dizia: “temos que sempre tentar, nunca desistir”.

Não posso me esquecer do amigo e ativista libertário no Brasil, Edson Passetti, que esteve disponível nos diversos instantes requeridos. Ao também

amigo Robson Achiamé, responsável pela editora anarquista Achiamé. Foi em seu escritório que as primeiras conversas sobre este trabalho ocorreram e que desembocaram aqui.

Agradeço ainda ao apoio da irmã e amiga Eduarda Cesse que, por meio de uma leitura apurada, ajudou-me nos caminhos metodológicos deste trabalho. Agradeço também à Yasmin Tassoulas pela revisão ortográfica.

Aos participantes dos grupos investigados em Lisboa, Barcelona e Rio de Janeiro, que sem eles esta investigação não teria ocorrido. Hoje, muitos deles tornaram-se companheiros e amigos. Devo destacar especialmente a amiga Vera Santana, que com sua generosa disponibilidade, me hospedou em muitas ocasiões em Lisboa. E ao Mário Rui, também em Lisboa, que me enriqueceu com suas análises precisas sobre as práticas de poder.

Agradeço também à Olivia Cunha, companheira de amor e projetos de vida que muito me auxiliou desde o primeiro momento desta jornada. Indiretamente, tudo isso começou graças a ela.

E por fim, agradeço a todos aqueles que não estão nominalmente referidos aqui, mas que estiveram comigo na confecção deste projeto coletivo que é a Somaterapia.

A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

O objetivo desta tese de doutoramento é realizar um estudo de caso sobre a Somaterapia e sua proposta de trabalho fundada a partir de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária. A Somaterapia ou apenas Soma é uma técnica terapêutica-pedagógica em grupo, criada no Brasil pelo renomado libertário Roberto Freire. Os grupos de Soma duram até um ano e meio, e funcionam como um microlaboratório social, nos quais se busca entender o comportamento individual a partir das relações sociais e suas práticas de poder. Estes são espaços coletivos em que se investem na analítica do poder e na formulação de novas formas de sociabilidades, menos hierarquizadas e menos burocráticas. Para este estudo de caso, realizamos três experiências com grupos de Somaterapia. Estes grupos aconteceram em cidades de três países diferentes, e em todos eles foram utilizados os pressupostos da dinâmica de grupo autogestiva como forma de observar os possíveis desdobramentos que esta forma de organização pode trazer. Por fim, buscamos avaliar até que ponto a prática da autogestão pode oferecer novas contribuições sobre a organização de pequenos grupos, a construção de relações sociais mais livres e sua consequente implicação sobre a vida dos indivíduos.

Palavras-chave: Somaterapia, dinâmica de grupo, autogestão, poder, anarquismo, autonomia.

ABSTRACT

The objective of this PhD thesis is to conduct a case study on Somaterapia and its work proposal based on a self-management dynamic group perspective. Somaterapia, or Soma only, is a group therapeutic–pedagogic technique, created in Brazil by Roberto Freire, an established libertarian. Groups of Soma last up to a year and a half, and work with a social microlaboratory, in which one seeks to understand the individual behavior from social relationships and their practices of power. Those are collective spaces where we can invest in analyze power methods and new formulations of social structures, less hierarchical and less bureaucratic. For this case study, we conducted three experiments with groups of Somaterapia. These groups were held in cities from three different countries, and in all of them were used the assumptions of the self-managed group dynamics in order to observe the possible consequences that this form of organization can bring up. Finally, we tried to evaluate the extent to which the practice of self-management can offer new contributions to the organization of small groups, the construction of freer social relations and its consequent implication on the lives of individuals.

Key words: Somaterapia, group dynamics, self-management, power, anarchism, autonomy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO UM	
Associações em liberdade.....	32
1.1– A Autogestão como paradigma libertário.....	39
1.2- A Autogestão e algumas experimentações históricas.....	51
1.2.1- A Comuna de Paris.....	52
1.2.2- Revolução Espanhola de 1936.....	57
1.2.3 - Maio de 1968 em Paris.....	65
1.3- Nós na dinâmica de grupo autogestiva.....	72
1.3.1- A escolha do tema.....	77
1.3.2 - Os nós.....	80
1.3.3 - A associação.....	82
1.3.4 - A secessão.....	86
1.3.5 - Trabalho mínimo necessário.....	88
1.3.6 – Lideranças rotativas.....	90
1.3.7 – Comunicação.....	91
1.3.8 – Processo de decisão.....	93
1.3.9 – Fragmentação das hierarquias.....	96
1.4 - Relações de poder X relações de dominação.....	99
1.5– A Heterotopia e as T.A.Z.`s como espaços de práticas de liberdades...112	

CAPÍTULO DOIS

Roberto Freire, vida e obra de um instaurador libertário.....	130
2.1- A trajetória de vida do militante do prazer.....	132
2.2 - Roberto Freire e a noção de “vida artista”	143
2.3 - A criação da Somaterapia: ditadura civil-militar brasileira X a luta pela liberdade.....	154
2.4 - O anarquismo somático: o corpo, afetividade e subjetividade na ação política.....	161

CAPÍTULO TRÊS

A Somaterapia como laboratório de práticas de liberdade.....	175
3.1- A Somaterapia: uma experimentação social e libertária.....	176
3.2 - Conceitos preliminares da Somaterapia.....	177
3.2.1- Definição da palavra SOMA.....	177
3.2.2 - A noção de Auto-regulação orgânica.....	184
3.2.3 - A Originalidade única do ser.....	189
3.2.4 - A Política do cotidiano.....	192
3.3 - As bases teóricas da Somaterapia.....	195
3.3.1 - A Psicologia política e corporal de Wilhelm Reich.....	197
3.3.1.1 – A influência social no comportamento dos indivíduos.....	199
3.3.1.2 – A produção da obediência na relação indivíduo x sociedade...208	
3.3.1.3 - Corporificação do inconsciente.....	213
3.3.1.4 – O surgimento da psicologia somática.....	217
3.3.1.5 – Mobilização da energia vital.....	222
3.3.2 - O aqui-e-agora da Gestalt-terapia.....	227
3.3.3 - Antipsiquiatria e a gramática da loucura.....	233

3.3.4 - Por uma psicologia da autonomia.....	242
3.4 – O funcionamento de um grupo de Somaterapia.....	248
3.4.1 - A formação de um grupo de Soma.....	248
3.4.2 - As sessões de Somaterapia.....	249
3.4.3 - A dinâmica de grupo autogestiva e os grupões.....	253
3.4.4 - As cadeiras quentes e o encerramento do processo.....	257
3.5 - Desenvolvimento do Processo Terapêutico.....	260
3.6 - A arte-luta da capoeira angola.....	264

CAPÍTULO QUATRO

Experimentações com a dinâmica de grupo autogestionária: os grupos de Somaterapia investigados.....	272
4.1 – A Somaterapia como estudo de caso.....	275
4.2 – Justificativa pela escolha de mais de um grupo analisado.....	280
4.3 – Os instrumentos utilizados na investigação.....	282
4.3.1- Observação Participante.....	284
4.3.2- Aplicação de questionário com respostas abertas.....	291
4.4 – Somaterapia na Europa: o desafio de novas experiências.....	295
4.4.1 – O grupo de Barcelona.....	297
4.4.2 – O grupo de Lisboa.....	311
4.5 – Somaterapia no Brasil: contextos já conhecidos.....	327
4.5.1 – O grupo do Rio de Janeiro.....	328
4.6 – Pontos convergentes e dissonantes observados.....	343

CONCLUSÃO.....	350
-----------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	360
--	------------

ANEXOS.....	372
--------------------	------------

1- Guião de perguntas para questionário aplicado na investigação.....	372
---	-----

2- As respostas que nos foram enviadas pelos membros dos grupos.....	373
--	-----

3- Filmes relacionados à teoria e prática da Somaterapia.....	420
---	-----

4- Imagens de alguns exercícios da Somaterapia.....	421
---	-----

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, é crescente a busca por novas possibilidades de associação e organização social que criem formulações originais para os problemas gerados pelas relações de poder e suas implicações na vida dos indivíduos. Este é um desafio cada vez maior enfrentado em diversos âmbitos, sejam pequenos agrupamentos, instituições ou na sociedade como um todo. Fundar novas maneiras de associação, que reescrevam as formas convencionais de organização social e suas práticas, tem se tornado um campo fértil e original nas ciências sociais.

O presente estudo está voltado para a investigação de possibilidades que caminhem nessa direção. Nossa hipótese central reside em perceber como, a partir do estudo de caso sobre a Somaterapia, a dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária pode oferecer-nos novos parâmetros de associação menos hierarquizados e mais libertários. A experiência dos grupos da Somaterapia, formados exclusivamente para esta investigação, nos comprova a potência da autogestão em produzir rupturas nas práticas de poder. Nossa proposta nesta tese de doutoramento é observar, portanto, os redimensionamentos provocados por esta perspectiva associativa, seus ganhos e suas dificuldades.

Segundo as análises realizadas por Michel Foucault (1979), as interações humanas na sociedade moderna são atravessadas por relações ou práticas de poder. Para Foucault, o poder não está limitado ao âmbito do Estado, mas se

espalha entre as várias camadas sociais que a ele se articula até atingir pequenas relações interpessoais e seus acontecimentos. Segundo o autor, não existe o poder isolado num determinado local, mas apenas em relação, disseminados nos mais variados lugares e circunstâncias possíveis. E mais, as relações de poder, por distribuírem-se nos mais diversos pontos, têm um papel diretamente produtor. Neste sentido, o exercício do poder não é visto como sendo apenas de caráter repressivo e negativo, mas possui também um aspecto positivo e eficaz, agindo sobre o indivíduo (disciplina) e sobre a população (biopoder) para criar a gestão sobre a própria vida.

O campo de análise dos mecanismos do poder enxerga sempre as relações e os confrontos de poder, suas práticas e tecnologias. Para Foucault (1979): “o poder não existe. A ideia que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.” (FOUCAULT, 1979. p.248). O que importa, neste caso é, então, criar condições que possibilitem uma eficiente análise que permita uma analítica das relações e práticas de poder.

Normalmente, as relações de poder são analisadas e problematizadas tendo como referência uma perspectiva hierárquica das interações humanas. Isto ocorre em diferentes agrupamentos sociais, sejam eles mais elementares como famílias e pequenos grupos, por exemplo, até os mais complexos como

escolas, empresas e instituições em geral. A hierarquia como fator inerente à organização destes diferentes espaços sociais tende a acirrar e mesmo legitimar as práticas de poder. As consequências desta forma de organização já são bastante conhecidas para os indivíduos que compõe estes grupos sociais: divergências, competição, jogos psicológicos e até violências. As relações entre os indivíduos e suas sociabilidades tornam-se poluídas em decorrência de tais práticas, encobrindo as diferenças em nome de uma igualdade de condições irreais.

Boa parte do estudo psicossocial das interações humanas e as pesquisas sobre dinâmicas de grupo partem deste perigoso pressuposto: a hierarquia como condição inevitável, suas lideranças fixas que possibilitam pouco espaço para as decisões consensuais e partilhadas. Ao encarar as diferenças como fator determinante de uma posição social, corre-se o risco de uma visão fatalista sobre as possibilidades de construção de uma maior autonomia dos indivíduos. A busca de um novo referencial de relação social torna-se necessário, enquanto possibilidade de um equilíbrio entre o indivíduo e o social que dilua os problemas originados nas práticas de poder.

Na mesma perspectiva da analítica do poder, proposta por Michel Foucault, encontramos também as práticas de resistências ou de contrapoder, fundamentais para pensar a autonomia e suas estratégias de ação. Como já afirmamos, o poder é visto por Foucault como uma prática social, construída historicamente, e que ocupa e percorre os diferentes espaços. Do interior de suas práticas, surgem possibilidades de ação e de luta por autonomia. Segundo

Machado (1979), “qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social”. (MACHADO, 1979. p. 14). Assim, todo exercício de poder implica, necessariamente, possíveis formas de resistências e luta por autonomia nas relações sociais. Elas não podem ser pensadas apenas como práticas reativas, mas como táticas inventivas e afirmativas de vida.

Resistir – nestes casos – é inventar singulares formas de viver.

Para nós, o que também está em questão é interrogar qual o tipo de autonomia que estamos falando. Não se trata de uma noção de autonomia atribuída ou ensinada por qualquer manual ou cartilha. Muito menos delegada, uma contradição a qualquer forma de autonomia. Também não estamos falando da autonomia como condição, um estágio que, ao ser alcançado, esgotaria todo e qualquer percurso posterior. Esta noção de autonomia, quando atrelada à ideia de poder econômico, por exemplo, torna-se uma condição almejada por muitos na sociedade capitalista, produzindo uma ilusão de nirvana ou um estágio derradeiro. Num mundo dominado pelo narcisismo consumidor, o poder de compra cria a quimera de maior ou menor autonomia dentro da sociedade.

A noção de autonomia que tratamos aqui, certamente, não é desta natureza. O que nos interessa investigar, partindo de uma articulação libertária, é a autonomia como um processo e uma tendência. Trata-la desta forma é concebê-la como diferenciação, como possibilidade de diferenciar-se e

autorregular-se nas infinitas combinações e encontros dentro do meio social. Algo semelhante ao que propõe Joseph Proudhon (1809-1865), quando afirma que a liberdade e a autonomia devem ser pensadas na ordem de um serial, séries de liberdade e anarquia no sentido de ampliação ou redução, porém sempre vistas enquanto tendências. A série libertária seria, portanto, um processo de construção e empreendimento cotidiano, ligado a um plano imanente e contínuo. Neste sentido, segundo Passetti (2006), “Proudhon foi (...) inaugural ao argumentar em favor de uma revolução permanente no presente, fazendo da associação libertária o ponto de inflexão para a mudança radical.” (PASSETTI, 2007. p. 16)

Vale recorrer ainda à Michel Foucault (2003) ao nos alertar que a utopia não é uma pista lisa, numa ascendência constante e tranquila. E mais, que qualquer processo de resistência e luta não pode ser pensada num futuro promissor, num lugar a ser alcançado e fora dos espaços reais da sociedade. Ao contrário, Foucault propõe a resistência como um problema cotidiano e constante. Lança mão do conceito de *heterotopia*, como algo que se constrói em distintos espaços e apenas tem sentido no presente, não no futuro incerto e distante. Esta heterotopia foucaultiana, dentro da sociedade de controle, é justamente a possibilidade de fugir das capturas da autonomia, criando para isso espaços e arranjos novos de sociabilidades libertárias. Ou seja, ou nós construímos nossos espaços e pactos de liberdade e autonomia no aqui e agora ou não haverá sentido na questão luta/resistência. Este empreendimento, num

primeiro momento pessoal e solitário, articula-se ao outro, para então estabelecer uma espécie de aritmética de liberdades.

O estudo da dinâmica de grupo numa abordagem autogestionária é um paradigma de relacionamento social que busca inovar os velhos pressupostos associativos, trazendo para a reflexão sobre o poder uma nova luz. O que está em questão é pensar novas possibilidades de interação com o outro, onde as práticas de poder não deixem de existir, visto que isso pode tornar-se uma abstração. Mas que seja possível criar novas interações baseadas em princípios éticos e políticos diferentes daqueles que comumente estão presentes nas sociabilidades hierarquizadas. Tais práticas de sociabilidades se pretendem horizontais, reconhecendo as diferenças e suas consequências funcionais, mas buscando eliminar práticas de dominação exercidas a partir destas diferenças.

Assim, nosso trabalho consiste em observar o desenvolvimento da dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária para elaborar uma análise crítica sobre o comportamento dos indivíduos e suas associações nos grupos investigados. Em nosso estudo de caso, averiguamos o uso de elementos como a tomada de decisões por consenso, o exercício da comunicação direta, a prática da liderança rotativa entre outros elementos como pressupostos voltados para novas formulações de sociabilidades no tempo presente.

A Somaterapia ou apenas Soma será, portanto, o fio condutor deste estudo de caso. A Soma é um processo psicossocial e pedagógico, realizado em grupo com a duração em torno de um ano a um ano e meio, que traz uma vantajosa análise da relação entre indivíduo e coletivo, e seus conflitos. Utiliza

em sua metodologia elementos da produção autogestionária como ferramenta para o desenvolvimento de um processo que entende o espaço coletivo como privilegiado para a invenção de novas formas de viver.

Criada no Brasil pelo médico e pedagogo Roberto Freire nos anos de 1970, no período da ditadura civil-militar, a Somaterapia procura entender o comportamento humano a partir das relações sociais estabelecidas no cotidiano das pessoas. Segundo Freire (1991) é preciso voltar nosso olhar para as microrrelações sociais, pois são a partir delas que compreenderemos os mecanismos basais de poder e suas extensões para planos mais amplos da sociedade. Para ele, tais mecanismos funcionam como o germe do autoritarismo, que se alastra por diversos pontos das interações humanas, produzindo inegáveis influências sobre áreas vitais do comportamento e das relações sociais.

Buscando valer-se da noção de um laboratório social, os grupos de Soma funcionam como espaços de experimentação libertária. Isto possibilita a identificação das práticas de poder entre os membros que compõem os grupos, o redimensionamento das sociabilidades ali envolvidas, além do exercício da convivência e da produção autogestiva. Segundo Freire (2006), “um dos objetivos da Soma é conseguir desbloquear as pessoas da repressão que lhes incute especificamente a sensação de impossibilidade de qualquer tipo de organização comunitária sem poder autoritário exercido de cima para baixo (...), da maioria para a minoria”. (FREIRE, 2006. p.197). Dessa forma, a Somaterapia

investe - através de uma dinâmica de grupo autogestiva - na construção de espaços de liberdade, na busca da autonomia e no exercício da diferença.

Ao investigar o uso das dinâmicas de grupo numa perspectiva autogestiva, procuramos averiguar os desdobramentos dos conflitos de poder nas relações sociais e suas implicações na vida emocional das pessoas, seus saldos e consequências. Ao mesmo tempo, nos interessa problematizar a questão do poder e suas redes frente a uma gestão coletiva. A pertinência desta perspectiva de dinâmica de grupo autogestiva nos possibilita compreender até que ponto os princípios psicossociais aqui trabalhados refletem e/ou alteram a conformidade dos relacionamentos interpessoais e suas redes de poder.

Os grupos investigados servirão como laboratórios de experimentação social. São espaços de debate, crítica e exercício da articulação entre as diferenças individuais e a possibilidade de formação de unidades nesta diversidade. Neles, investigamos a possibilidade de construção de uma maior autonomia vivida entre os indivíduos participantes, numa relação em que a hierarquia é fragmentada e a prática autogestionária é incentivada. Nos laboratórios sociais dos grupos de Soma, a invenção de modos de vida apoiada no exercício da autogestão tende a expandir-se para outros espaços, mesmo quando termina o processo.

Para fortalecer a legitimidade deste trabalho, entendemos como indispensável buscar do campo de pesquisa a compreensão do significado da dinâmica de grupo na perspectiva da autogestão. A partir da observação que

colhemos dos membros participantes dos grupos investigados e de acordo com suas próprias formas de enxergar o mundo, procuramos consolidar nossas hipóteses teóricas. Assim, ao recolher do campo o material necessário a esta investigação, visamos não “enquadrar” a realidade em modelos que por muitas vezes não dão conta dos fenômenos como eles realmente se apresentam.

É importante que o estudo “traga do campo” o conhecimento, ou seja, que extraíamos a partir dos membros e suas relações, o significado para eles de uma dinâmica de grupo autogestionária. Para tanto, pretendemos investigar, através de pesquisa fundamental e do uso empírico de algumas ferramentas como elementos necessários para a intervenção a que este tipo de estudo de caso se propõe.

Desde o início de nosso vínculo ao Programa de Doutorado em Sociologia Económica e das Organizações, na Universidade Técnica de Lisboa nos dedicamos aos seminários de investigação avançada, assim como à pesquisa empírica como forma de aprofundar nossos estudos, até chegar à elaboração final da tese. Junto ao mergulho na fundamentação teórica e sua sustentação ao trabalho de campo, não podemos deixar de contar com uma longa trajetória de mais de vinte anos de dedicação ao desenvolvimento e aplicação da Somaterapia no Brasil e na Europa. Neste percurso, foram muitos os grupos realizados e muitas experiências coletivas vivificadas que, juntas, nos auxiliam na permanente elaboração da Somaterapia como abra aberta.

Esta rajetória teve início no de 1988, no acontecimento¹ fundamental que foi o encontro com o escritor Roberto Freire. O contato com sua obra, a passagem por um grupo de Somaterapia e, sobretudo, os vários anos como colaborador e difusor de seu trabalho, nos possibilitou uma experiência de vida que estará presente neste trabalho como um registro vital, histórico e afetivo.

Referente à investigação de campo, realizamos a coleta de dado com os grupos, utilizando nestes casos os pressupostos de uma dinâmica de grupo autogestionária, oriundos da Somaterapia. Estas experiências ocorreram em cidades e países distintos, a saber: em Barcelona, na Espanha entre os anos de 2007 e 2008; em Lisboa – Portugal, entre 2007 e 2009. E por fim, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil realizamos o último grupo, entre 2011 e 2012, compondo assim o universo empírico do trabalho. Ao todo, foram dezenas de pessoas envolvidas nesta pesquisa, com o propósito de colher material suficiente para compor o quadro investigativo e associá-lo à revisão bibliográfica sobre o tema.

No desenvolvimento destes grupos, utilizamos os mesmos recursos metodológicos e apoiados por um marco teórico conceitual de que dispõe a Somaterapia, para trabalhar as relações interpessoais e seus conflitos. As análises realizadas nas dinâmicas estiveram voltadas prioritariamente para as

¹ Segundo Gilles Deleuze (2011), "Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*(...).

relações sociais e os conflitos de poder entre as várias formas de manifestações apresentadas no microlaboratório social dos grupos. Tanto a metodologia adotada pela Soma, assim como seu corpo teórico estão diretamente implicados com uma analítica do poder nas relações interpessoais. Estão também atravessados por diferentes campos de saber como a psicologia, a política, a filosofia e a sociologia.

Nesse sentido, não devemos, em hipótese alguma, desprezar a teoria existente sobre o tema da dinâmica de grupo e da autogestão e suas dimensões interpessoais. Entretanto, é fundamental que, em vez de apenas verificarmos sua existência com base no que os autores postularam sobre o tema, os grupos investigados sirvam de parâmetro para nossas hipóteses. Como mencionado, além dos três grupos voltados especificamente para este estudo de caso, constam também em nossa trajetória, registros acumulados em vários anos de trabalho com a Somaterapia. Este percurso nos mostra os impasses e as descobertas que a vivência da autogestão pode produzir, e que agora serão problematizadas em nível de doutoramento.

Acerca da metodologia utilizada em nosso estudo, optamos por eleger três instrumentos: a revisão bibliográfica sobre os temas correlatos ao estudo em questão; a observação participante e a aplicação de um questionário aberto. A opção pela observação participante como técnica de coleta de dados, considerada por Lakatos e Marconi (1991) relacionada com a participação real do investigador com o grupo, e corroborando à ideia de Neto (1994), leva em conta o fato dela ser utilizada pelo contato direto com a realidade, com o objetivo

de obter informações no contexto do objeto a ser investigado. Para enriquecer os dados coletados, também utilizamos a aplicação de um questionário com respostas abertas, estruturado em dez questões e aplicadas aos membros dos grupos, a fim de complementar as impressões trazidas do campo com a palavra dos próprios envolvidos.

As técnicas de dinâmica de grupo que foram utilizadas nos grupos investigados advêm da metodologia que a Soma vem empregando em mais de quarenta anos de atividades. São basicamente comportas por exercícios corporais e vivenciais (que abordam temas como a tomada de decisão, o exercício da opção, a relação agressividade-violência, a comunicação, a relação indivíduo/coletivo etc), discussão e debate dos mesmos. Também são elaboradas correlações entre os elementos despertados por estas dinâmicas e as relações interpessoais dentro do grupo e seus conflitos.

Cada grupo investigado teve a duração entre doze e dezoito meses, variação esta que dependeu do número de integrantes em cada grupo. Em cada um destes grupos, foram realizados quatro encontros por mês, distribuídos de acordo com as possibilidades dos membros dos grupos. Nestes encontros, analisamos a evolução da dinâmica de grupo e realizamos a coleta de dados à medida que foi sendo desenvolvido o processo. Como abordado anteriormente, este trabalho procura contribuir para a consolidação da noção dos estudos de dinâmicas de grupo num contexto da autogestão, visando à compreensão dos membros dos grupos investigados sobre a construção de sociabilidades baseadas nas práticas de resistências ao poder e construção de autonomias.

Esta tese está dividida em quatro capítulos, nos quais apresentamos e desenvolvemos a fundamentação teórica sobre o tema e o estudo de caso propriamente dito. No primeiro capítulo, intitulado “Associações em Liberdade”, buscamos criar uma articulação possível entre os estudos sobre dinâmica de grupos e a autogestão. Destacamos a importância para a Somaterapia da autogestão como condição de criar um processo coletivo que está diretamente implicada com seus objetivos. Ao valorizar a autogestão como paradigma libertário, mostraremos algumas passagens históricas nas quais ela ocorreu com maior vigor, assim como suas características e práticas que visam combater a burocracia e a hierarquia. Por fim, a união entre os estudos de dinâmicas de grupo e a autogestão possibilita, para nós, a criação de espaços libertários, nos quais as práticas de dominação são redimensionadas através de práticas de liberdade.

No segundo capítulo, intitulado “Roberto Freire, vida e obra de um instaurador libertário”, apresentamos a trajetória de vida de Freire como pensador singular e criador da Somaterapia. Roberto Freire foi um importante pensador libertário, com presença marcante no cenário cultural e político brasileiro na segunda metade do século XX. Analisamos como sua vida e obra misturam-se, trazendo à tona um modo de fazer política libertária ligada ao prazer, à afetividade e ao corpo, e que estão diretamente implicados com a Soma. Acreditamos ser importante um capítulo dedicado à Freire, pois além de criar a Soma, sua atuação em diferentes campos da cultura e da ciência traz a

marca de um libertário que forjou sua autonomia nos momentos mais críticos de restrição à liberdade no Brasil.

No terceiro capítulo, intitulado “A Somaterapia como laboratório de liberdade”, descrevemos detalhadamente as bases teóricas e a metodologia da Somaterapia como microlaboratório de experimentação social. Apresentamos o panorama histórico quando do surgimento da Soma, marcado pela repressão política dos “anos de chumbo” vividos no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980, período em que a ditadura civil-militar foi implantada. Formada por um cruzamento de diferentes campos de saber, mostraremos como se articulam os principais referenciais teóricos que sustentam sua prática. E por fim, na segunda metade deste capítulo, detalharemos os procedimentos de como se formam os grupos, como ocorrem os encontros, como se desenvolvem as dinâmicas autogestivas e a conclusão do processo.

No quarto e último capítulo, intitulado “Experimentações com a dinâmica de grupo autogestionária: os grupos de Somaterapia investigados” nos dedicaremos propriamente ao nosso trabalho empírico, no qual mostraremos as experiências realizadas nos grupos de investigação citados. Neles, a dinâmica de grupo autogestionária tornou-se o referencial de produção coletiva durante o tempo de duração em cada um deles. Descreveremos, portanto, detalhadamente o percurso de cada um desses grupos, suas peculiaridades e características. Mostraremos ainda a metodologia empregada no desenvolvimento do trabalho, a articulação entre as diversas bases teóricas e os pontos convergentes e divergentes desta investigação.

Desta forma, por meio de uma abordagem inteiramente transdisciplinar, que compreende e articula elementos da psicologia, da filosofia, das ciências sociais e da própria gestão, os objetivos deste trabalho vão de encontro àqueles do Socius, centro de investigação da Universidade Técnica de Lisboa responsável pelas pesquisas do programa, o qual busca entre outros, a investigação de novas formas e modelos de sociabilidades, produção e trabalho. A opção em participar como membro do Socius/UTL justifica-se, ainda, por fazer parte de um centro de investigação possuidor de nível de excelência e responsável por projetos de pesquisa na área da autogestão, objeto deste projeto, sob a responsabilidade do Professor Doutor José Maria Carvalho Ferreira, meu orientador.

CAPÍTULO UM

Associações em liberdade

O presente capítulo é a porta de entrada para nosso estudo. Como apresentado na introdução, esta investigação diz respeito ao estudo de caso sobre a Somaterapia. Sua proposta metodológica baseia-se no atravessamento de uma dinâmica de grupo sob uma perspectiva autogestiva. Para a originalidade deste trabalho, optamos por explorar a caracterização do conceito de autogestão como prerrogativa de associações libertárias. As especialidades da proposta da dinâmica de grupo na Soma serão, desta maneira, compreendidas a partir do próprio entendimento da autogestão, sua aplicabilidade no desenvolvimento do processo, como também a vicissitudes e dificuldades encontradas.

Nesse sentido, buscamos aqui apresentar um panorama histórico da autogestão e sua implicação com o pensamento libertário. Apresentaremos, também, algumas características fundamentais que fazem da autogestão um modo de associação que cria uma ruptura com as práticas heterogestoras e hierarquizadas, e como, no bojo de seu funcionamento, as práticas de liberdade surgem como contraposicionamentos possíveis às práticas de dominação. No caso da Somaterapia, o desenvolvimento do processo de um grupo, como

também os objetivos almejados por ele, estão em razão direta da capacidade dos membros envolvidos em viverem uma experiência autogestiva o mais completa possível.

São muitas as referências e estudos sobre as dinâmicas de grupo, assim como, também têm sido frequentes as abordagens sobre autogestão e suas diversas formas de utilização na atualidade, embora nem sempre sejam fidedignas ao seu viés libertário. Entretanto, é provável que poucas dessas análises tenham o propósito de articular uma possível dinâmica de grupo em autogestão. Tal aproximação não é comum nos estudos clássicos sobre dinâmicas de grupo, sejam eles no campo da psicologia ou psicossociologia.

Nas investigações sobre a organização de pequenos grupos, as contribuições libertárias têm sido relativamente pouco estudadas, provavelmente pela radical crítica de seus pressupostos ou pela falta de um pensamento mais sistematizado. Tais críticas apontam para a negação e ruptura da ordem social estabelecida, sejam elas no âmbito da família, escola, empresa etc., até em instituições como Igreja, Estado e o mercado.

No entanto, afastar as contribuições que o pensamento libertário trouxe ao longo de sua história, especialmente nos séculos XIX e XX, é perder uma vantajosa análise de singular valor. As ideias e práticas anarquistas estiveram presentes em diversos momentos e com significativa capacidade de mobilização em países da Europa e das Américas. Suas análises, passadas e contemporâneas, são especialmente producentes quando pensamos sobre as

crises que passam as organizações e as sociedades no presente. Para Souza (2011), estar atento à crítica libertária é ter a capacidade de verificar:

“Uma teoria sobre o Poder, uma concepção libertária de organização, a análise das formas de autogestão, os problemas de escala e da complexidade tecnológica da sociedade contemporânea, um entendimento dos mecanismos psicológicos da agressividade e da dominação, as relações de micropoder na família e nos grupos, (...), temas que precisam ser aprofundados a partir de uma perspectiva libertária” (SOUZA, 2011. p. 75)

No interior do pensamento anarquista, encontramos a autogestão como um princípio fundamental de associação produtiva e social. Ela não está circunscrita, apenas, no âmbito da organização fabril, mas estende-se por toda a malha social. Pode-se, dessa forma, pensar uma família autogestiva, uma educação autogestiva ou um cotidiano autogestivo. A proposta que estamos apresentando, através deste estudo de caso, diz respeito, portanto, a um processo pedagógico--terapêutico autogestivo.

Buscamos aqui trazer à tona as vantagens que as análises libertárias e a forma associativa da autogestão propõem como contraponto ao modo de vida do capitalismo. Como veremos, a partir das bases teóricas da Somaterapia, o pensamento anarquista cria um enlace, no qual os demais pressupostos teóricos encontram-se articulados, para elaborar um processo, cujos objetivos apontam para um viés ético-político.

Na Soma, a dinâmica autogestionária nos possibilita trabalhar sobre alguns temas diretamente ligados ao cotidiano de grupos e organizações: o

problema da liderança, da tomada de decisões e das relações hierárquicas. Todos eles são temas debatidos, avaliados e experimentados para, então, serem pensados sob outra lógica de funcionamento. Não basta, apenas, identificá-los como mecanismos de poder. Procuramos desenvolver o processo da Soma, de tal forma, que as lideranças ocorram de maneira rotativa, as tomadas de decisões sejam debatidas e prevaleça o consenso. Assim como, as relações hierarquizadas sejam minimizadas, o máximo possível, para dar lugar às relações de igualdade. Todas estas possibilidades advêm da metodologia de uma dinâmica de grupo atravessada pela autogestão.

Dessa forma, interessa-nos, sobremaneira, pensar as implicações que a produção autogestiva traz, pois além de suporte metodológico, como dissemos, possibilita-nos, também, criar novas formas de existência junto ao outro. Como este trabalho está voltado para o estudo de caso da Somaterapia e a uma análise sobre a dinâmica de grupo em autogestão, procuramos trazer a reflexão sobre algumas de suas características principais.

No surgimento e desenvolvimento da Somaterapia, Roberto Freire (2006) buscou na autogestão o processo de produção coletiva para sua criação. O trabalho do grupo vivificado em autogestão, segundo ele, estimula que as decisões, encaminhamentos e escolhas de cada membro sejam valorizadas e realizadas sob outro paradigma de associação. Esta seria, para Freire, a própria finalidade pedagógica-terapêutica da Soma: levar os participantes a elaborarem novas vias associativas e sociabilidades libertárias menos hierarquizadas e, conseqüentemente, menos autoritárias.

No início de suas pesquisas, Roberto Freire já defendia a reciprocidade entre os atores envolvidos na relação psicoterapêutica, chamada à época de *transaterapia*². Anos mais tarde³, esta perspectiva foi ampliada para a ideia de que todo o grupo deveria estar envolvido na troca de experiências e construção coletiva de seu percurso. Dessa forma, não cabe apenas ao somaterapeuta o encaminhamento do processo, mas a todos os membros do grupo, numa relação dinâmica de participação e elaboração das decisões. Além de ser fruto de uma construção coletiva, o processo da Soma luta pela criação de um espaço no qual as relações sociais estejam atravessadas por mais autonomia e liberdade entre os membros que o compõe.

Dessa forma, ao estabelecer um cruzamento entre a dinâmica de grupo e a autogestão, a Somaterapia afirma-se como um modo singular de trabalho sobre o comportamento individual e pequenos grupos. Estes microlaboratórios sociais possibilitam a convivência com a diversidade, geralmente, marcada por conflitos e impasses, num movimento permanente entre associações e separações. No grupo, os participantes da Soma são desafiados a viver a produção coletiva, respeitando as diferenças individuais, para criar interações sem que a liderança de um recaia sobre o outro de maneira rígida.

² A palavra *transa*, neste período, tinha uma conotação de relação, contato, algo próximo da amizade. Duas ou mais pessoas poderiam transar uma conversa, no sentido de estabelecer uma reciprocidade no encontro. Dessa forma, *transaterapia* viria a ser uma relação de troca de vida e de experiências, na qual o terapeuta também se coloca e se implica na relação e construção terapêutica.

³ Mais adiante abordaremos, com maiores detalhes, o surgimento da Somaterapia e os pressupostos teóricos implicados nesta elaboração.

Faz parte ainda, desta proposta de trabalho, a criação de um ambiente que promova a solidariedade⁴ entre os membros do grupo como prerrogativa de relação. O apoio mútuo, a busca pela fragmentação das hierarquias, o exercício das diferenças e da liderança rotativa são alguns dos mecanismos utilizados para isso. Acreditamos que a maneira de estar junto ao outro estimule e promova a percepção sobre a responsabilidade pessoal e sobre o resultado do trabalho em/de grupo; assim como uma análise sobre o comportamento e sobre a ética de todos e de cada um.

Se, num primeiro momento, parece convidativa e estimulante, esta proposta de trabalho torna as disputas de poder mais acirradas. Até o coletivo conseguir produzir junto e chegar próximo a um equilíbrio entre os atores ali envolvidos, os saldos da formação autoritária de cada um tendem a sobressair. É comum nos depararmos no decorrer do processo com questões como competição, omissão, picuinhas, intrigas etc. Todos estes comportamentos, típicos das associações hierarquizadas, surgem na dinâmica de grupo autogestiva e tornam-se manifestos. Para desenvolver o processo pedagógico-

⁴ Sobre este princípio, são fundamentais as análises elaboradas pelo cientista e pensador libertário Piotr Kropotkine (1842-1921). Segundo ele (2009), ao contrário do que propunha Charles Darwin (1809-1882) e sua seleção natural entre as espécies, baseadas na competição, os animais, assim como os seres humanos tendem a se apoiar mutuamente para promover o desenvolvimento entre todos. “Em qualquer sociedade animal, a solidariedade é uma lei (um fato geral) da natureza, infinitamente mais importante do que essa luta pela existência cuja virtude os burgueses cantam em todos os refrões, de forma a melhor nos embrutecer. (...) Quanto mais o princípio de solidariedade igualitária se encontra desenvolvido numa sociedade animal e mais próximo do estado de hábito se encontra, mais possibilidade dessa última tem de sobreviver e de sair triunfante da luta contra as intempéries e contra os seus inimigos. Quanto mais sinta de cada membro da sociedade a sua solidariedade com qualquer outro membro da mesma, melhor se desenvolvem, em todos, estas duas qualidades que constituem os principais fatores da vitória e de todo o progresso – a coragem, por um lado, e a livre iniciativa do indivíduo, por outro.” (KROPOTKINE, 2009. p. 79-80)

terapêutico, faz-se necessário localizar e trabalhar com estes mecanismos, pois, é a partir deles que entendemos as implicações sobre o comportamento individual e como cada um interage junto ao outro.

Assim, ao propor uma via associativa e libertária, o processo da Somaterapia não pretende criar um ambiente onde viva-se uma autogestão ampla em todo seu aspecto. Seria ingênuo acreditar nesta possibilidade, até porque os grupos têm uma duração finita, algo em torno de doze a dezoito meses. Mas, ao experimentar estar associado ao outro através da prática autogestionária, - criando neste contexto a reflexão crítica dos conflitos de poder, - e ao mesmo tempo procurando rompê-los, por si só, já traz uma vantajosa análise do papel de cada um na elaboração de suas sociabilidades.

A Somaterapia produz, assim, um espaço híbrido entre a dimensão ético-política e terapêutica: o aprendizado de novas formas de associação e interação junto ao outro abre caminho para o desenvolvimento e mudança de modos de vida. Segundo nos diz Caiaffo (2009): “É nas negociações de poder que conseguimos encontrar uma etologia para os processos de adoecimento, assunto propriamente terapêutico; no seu revés, é num funcionamento adoecido que residem os principais impedimentos para o bom exercício das liberdades no cotidiano, nossa servidão voluntária, assunto propriamente político.” (CAIAFFO, 2009. p. 94).

Ao apresentar este estudo de caso, objetivamos, portanto, mostrar como o desenvolvimento de um grupo de Soma está intimamente ligado ao desenvolvimento de sua dinâmica autogestiva. O processo pedagógico-

terapêutico da Soma será tão mais gratificante para cada um, quanto maior for a capacidade do grupo em produzir autogestivamente o seu percurso. Dessa forma, o coletivo torna-se o principal agente desta construção.

1.1– A Autogestão como paradigma libertário

Imaginemos uma forma de organização que cause uma ruptura na maneira usual de produção - na qual um manda e o outro obedece - onde as decisões sejam discutidas entre todos e decididas coletivamente, e que se busque uma aritmética entre a dimensão coletiva e a dimensão individual, sem que uma se sobreponha à outra. Se estendermos estas noções para outros espaços, como seriam a política e a vida social, definidas coletivamente? Mais: como pensar que as lideranças desses processos possam ser rotativas, não prevalecendo sempre sobre as mesmas pessoas? E que o consenso seja a base para chegar aos encaminhamentos das questões relativas a cada área?

Ao estabelecer esta reflexão, a partir das prerrogativas de organização social e produtiva típicas do mundo atual, parece ingênuo, senão utópico, acreditar que tal possibilidade seja possível. Como pensar o sistema previdenciário autogestivo? E cidades como São Paulo ou Lisboa vivendo em autogestão? Na complexidade das relações sociais em que vivemos, certamente, seria uma abstração conceber tal condição.

No entanto, na história recente, encontramos casos nos quais essas possibilidades tornaram-se realidade. Mais que isso: existem, atualmente,

numerosos exemplos, em diferentes pontos do planeta, onde proliferam experimentos de grupos e associações em que, a gestão de seus projetos e da vida das pessoas envolvidas, foge à regra fatalista que acredita não haver jeito de viver e produzir fora dos valores e regras das sociabilidades hierarquizadas. São experimentações que buscam inventar práticas associativas, para além de qualquer noção reformista das sociabilidades hierárquicas.

Inventar esta forma associativa é, portanto, o desafio de criar novas práticas de organização social. Para isso, não defendemos aqui um caminho tranquilo, formado por indivíduos livres, que uma vez associados teriam as condições de viver e produzir em autogestão. Não se trata também de defender uma concepção essencialista de que a natureza humana original é boa *a priori* e foi deformada pela sociedade. Mas ao contrário, propor o caminho da associação libertária é enfrentar os desafios de inventar uma maneira de estar junto ao outro como experiência de risco. É preciso estar sempre alerta às possibilidades de dominação e controle. Para Foucault: “meu ponto de vista é que nada é mau, mas tudo é perigoso (...). Se é perigoso, então nós temos sempre algo a fazer. Então minha posição não leva à apatia, mas a um hiper e pessimista ativismo” (FOUCAULT, 1994b. p. 386).

Transformar as relações de mando e obediência em relações de partilha nas decisões é uma tarefa para toda a vida. São relações que surgem a partir de duras e rudes realidades, vividas na forma de valores criativos e afirmativos de

vida. É este o desafio dos que defendem a autogestão como condição fundamental para construir práticas de liberdade.

A autogestão configura-se como uma práxis e um projeto social que se dá na relação permanente de fragmentação do poder. Pressupõe a auto-organização; o apoio mútuo; a valorização das diferenças individuais e ao mesmo tempo a tentativa por formar unidades entre diferenças; a recusa pelas práticas heterogestoras, hierarquizadas, centralizadoras e autoritárias da organização social.

O termo *autogestão* é relativamente novo, tendo sido incluído nos dicionários franceses na década de 1960, pós Maio de 1968. No entanto, sua concepção de organização é antiga e está intimamente ligada às tradições libertárias. Apesar da palavra autogestão, hoje em dia, ser utilizada de diferentes modos e em distintos contextos, seus princípios e suas práticas estão relacionadas à história dos anarquismos.

O seu conceito está vinculado, estreitamente, às existências de ativistas e grupos libertários, que buscaram em suas experiências a contínua fragmentação da autoridade centralizada, seja pelo controle do Estado, do patrão ou de qualquer outra instância de poder deliberativo. Em diferentes contextos das experimentações anarquistas, sua prática esteve relacionada à tentativa de fragmentação das hierarquias em suas mais diversas concepções, usos e espaços sociais.

A generalização do uso da palavra autogestão tem sido frequente. Se realizarmos uma busca nos sítios e enciclopédias eletrônicas, encontraremos uma grande variedade de usos, desde grupos marxistas, passando por ecologistas, empresas e até mesmo o Estado. A autogestão tornou-se lugar-comum das práticas que apresentam-se como “alternativas” ao modelo econômico e produtivo do capitalismo.

Nos mais diversos espaços sociais, a autogestão figura ora como gestão participativa, ora como co-gestão, entre outras terminologias. Recentemente, está, em especial, associada ao conceito de economia solidária⁵, sendo, em alguns casos, utilizada quase como sinônimo. Utilizam-se definições que poderiam passar como conceituação para a autogestão. Na definição de Paul Singer,

“a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica.” (SINGER, 2002, p. 10)

⁵ Nos sítios de busca eletrônicos é comum encontrar a definição de “economia solidária” como uma prática associativa, que busca estabelecer um contraponto ao capitalismo. A partir destas definições, surge a ideia da economia solidária como uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza, centrada na valorização do ser humano e não do capital. Sugere um pressuposto cooperativista, voltado para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo *autogerido*, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Preconiza, ainda, o entendimento do trabalho como um meio de libertação humana, dentro de um processo de democratização econômica, de modo a criar uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista. Definições que poderiam perfeitamente compor qualquer entendimento libertário sobre a autogestão.

Embora algumas destas definições sobre a autogestão acreditem que tais iniciativas representam ou devam representar um contraponto ao modelo global capitalista, elas não avançam em um sentido de rompimento radical. Ao fim e ao cabo, acreditam que os “modelos alternativos” devam ser compatíveis com o modo de produção capitalista, seja por estar inserido neste, seja por conviver com o mesmo.

Seja como e onde realizada, a autogestão inscreve-se em dois grandes níveis de utilização possível: um seria como forma provável de gestão dentro do sistema capitalista e outro, mais radical, como a própria negação da sociedade atual. No primeiro caso, e certamente o mais frequente, a noção de autogestão vem sendo muitas vezes deturpada nas diferentes modalidades de gestão participativa, cooperativas etc. São trabalhadores que realizam a gestão numa fábrica, mas de forma delegada por um patrão, por exemplo. Nestes casos não há efetivamente uma autogestão, mas um simulacro aperfeiçoado do próprio capitalismo. Os objetivos desse tipo de gestão não são, propriamente, definidos pelos trabalhadores, mas determinados por outrem.

Nas experiências libertárias onde os anarquismos proliferaram, observou-se a tentativa de levar a autogestão para uma dimensão mais ampla da vida social dos trabalhadores. Nestes casos, ela representou a própria negação ao modo de vida capitalista, nas quais os atores envolvidos passaram a gerir o processo de produção a partir dos objetivos e das formas determinadas por eles mesmos. Em situações como estas, há uma transformação total das relações de

produção e do conjunto das relações sociais, o que pressupõe uma ruptura tanto do Estado quanto do mercado. O anarquista francês Maurice Joyeux (1975), analisa a questão da produção autogestionária e sua abrangência, sem no entanto, distanciar-se da noção ontológica de luta de classes, frequentemente observado na tradição de alguns anarquismos:

“A participação na gestão duma empresa só tem interesse para o operário se transformar as suas condições de vida. Gerir em comum uma empresa que mantém intactas as suas estruturas de classe consistirá, para os operários, em gerir a sua própria miséria, a sua própria exploração. E o que confere à empresa as suas estruturas de classe são as diferenças de remuneração, a manutenção duma autoridade que excede o quadro da tarefa a realizar, a repartição do lucro da empresa, a distribuição da mais-valia criada pelo trabalho de todos, os privilégios do enquadramento e, enfim, a posse da empresa.” (JOYEUX, 1975. p. 10)

Para Joyeux (1975), a mudança das relações de produção, que incluem o processo de liderança, a tomada de decisões e a responsabilidade dos indivíduos envolvidos, seria a própria mudança da sociedade. Este terceiro ponto levantado pelo pensador libertário, o da responsabilidade de cada um dentro do coletivo, tem sido frequentemente debatido como fator determinante em qualquer processo de produção coletiva. A responsabilidade que cada um assume em um determinado coletivo vinculará a sua própria condição e êxito. No entanto, é comum observarmos certa passividade ou mesmo servismo de alguns, combinada ao excesso de centralismos de outros. Mais adiante, a despeito da autogestão na metodologia da Somaterapia, mostraremos como esta questão tem sido debatida nos grupos.

Como temos afirmado, a captura do conceito de autogestão e seu emprego em diferentes modalidades de gestão, traz o risco do esvaziamento de sua potência e alcance. Neste sentido, vale a contribuição de Hirata (1990), quando afirma, analisando as formas de gestão participativa que denominam-se autogestivas, que tais propostas "diferem pela própria natureza e não só em grau. Não se trata, de forma alguma, de uma produção controlada pelos trabalhadores, mas sim de uma organização informal em pequenos grupos para discutir e resolver problemas diagnosticados no local de trabalho." (HIRATA, 1990, p. 136).

Elaborada por dois estudiosos marxistas, a obra *Autogestão: uma mudança radical* (1976) busca estabelecer alguns parâmetros entre as práticas autogestionárias e as demais práticas associativas. Guillerme e Bourdet (1976) apontam na mesma direção de Hirata, uma vez que, para eles, participar não significa necessariamente autogerir. Podemos depreender que quando esses autores se referem a autogestão, têm em mente um novo tipo de associação, sem falar na necessidade de generalização dessa proposta para toda a sociedade. Este novo tipo de organização não tem nada a ver com propostas participacionistas onde os trabalhadores decidem sobre tudo, menos o essencial para eles. Segundo os autores, "a autogestão não é uma espécie de bálsamo destinado a adoçar os males da sociedade atual, mas implica mudança radical e a instauração de outra maneira de viver em comum, inteiramente nova". (GUILLERM E BOURDET, 1976. p. 14).

O que os autores buscam debater, nesta obra, diz respeito, entre outras questões, aos desdobramentos que o conceito de autogestão vem sofrendo nos últimos anos. Centrados na análise especialmente no âmbito fabril, Guillerme e Bourdet (1976) afirmam que cada vez mais a noção de autogestão vem sendo desviada de sua origem e função. Muitas vezes, as generalizações distorcem o conceito, quando, por exemplo, o simples fato da ideia de participação é entendida como autogestão. A convocação à participação muitas vezes alimenta a própria lógica de dominação e controle.

Além da noção de participação, os autores abordam a cogestão, na qual os agentes envolvidos não participam apenas dos lucros. Eles atuam junto às decisões, e tem também “uma palavra a dizer na própria organização da empresa. Esta intervenção pode se manifestar em dois níveis: na organização técnica do trabalho e na política geral da fábrica.” (GUILLERME E BOURDET, 1975. p. 23). Diferentemente da “participação”, aqui, o empregado não é apenas um instrumento, mas pode contribuir com iniciativa e criatividade integradas ao processo de produção. Ocorre que, tanto as definições das metas como também os objetivos da empresa não estão sob o controle dos trabalhadores. Eles não deliberam diretamente sobre as questões da empresa, mas delegam a representantes eleitos a possibilidade de intervir em decisões como reivindicações salariais, demissões, benefícios sociais etc. No entanto, o poder de direção dos empresários não é posto diretamente em questão, mantendo a liderança fixa patronal e impedindo assim a autogestão.

A obra analisa, ainda, as noções de controle operário e de cooperativa. No primeiro caso, segundo os autores, há um avanço significativo em direção à autogestão, sem que ainda possa ser considerada como tal. Apesar do termo *controle operário* ter sido utilizado por libertários durante a Guerra Civil Espanhola, nesta obra os autores afirmam que “o controle somente se exerce sobre os pontos precisos que não questionam o salariado nem o papel dirigente dos capitalistas que visaria a suprimir totalmente o antagonismo, pelo aniquilamento de uma das duas partes.” (GUILLERM E BOURDET, 1975. p. 25). Dessa forma, a ideia de autogestão fica comprometida, pois a função dos dirigentes - sejam eles o patrão, o Estado ou o partido - não é posta em risco. Mantém-se, portanto, a hierarquia e a verticalidade entre dirigentes e dirigidos.

No caso das cooperativas, segundo os autores, temos algo que mais se aproxima da autogestão, uma vez que o poder está espalhado entre os atores envolvidos. No entanto, Guillerme e Bourdet (1976) apontam para um limite nas cooperativas, em relação a autogestão, pois a primeira não abrange uma dimensão mais ampla da sociedade, não visa uma concepção associativa generalizada, tornando-se “ilhas de autogestão no seio capitalista”. Sendo assim, sofrem as ações e as lógicas do mercado, como a livre concorrência, competição etc. Outra questão levantada pelos autores, diz respeito à manutenção do Estado. Nas cooperativas, as estruturas estatais estão conservadas, perpetuando dessa forma, as mesmas práticas repressivas, de controle e de governo, impedindo o pleno alcance da autogestão, no sentido econômico, político e social. Assim, “a autogestão generalizada não é, por

consequente, o simples aumento do número de cooperativas, sequer a transformação de todas as empresas, na medida em que, por outra forma, subsiste um Estado que não é absolutamente o coordenador de cooperativas, mas um órgão de poder que deve sua origem a outras instâncias e que exerce um controle repressivo através de múltiplas mediações hierárquicas.” (GUILLERM E BOURDET, 1976. p. 30).

A autogestão surge como radical negação da burocracia e sua composição que, artificialmente, separa um grupo de comandantes de um grupo de comandados e propõe um contraponto à noção de heterogestão, que configura-se como forma hegemônica de organização do trabalho na sociedade capitalista.

A autogestão está implicada com a ideia de acontecimentos concretos e criação de sociabilidades de experimentação social, que se instituem e se constroem por si mesmas. A autogestão é, portanto, um processo e uma perspectiva de transformação individual e social. É um movimento, produto da experiência de vitórias e de derrotas; é um amplo procedimento de experiências em todo o conjunto da vida social que visa à construção de relações mais livres.

O anarquista Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi um dos primeiros libertários, senão o primeiro, a defender o que foi chamado de mutualismo, algo segundo o qual, faziam emergir formas associativas semelhantes à autogestão. O mutualismo, como teoria econômica e social, já alertava sobre os perigos de haver desequilíbrios na relação coletivo/indivíduo, presentes na maior parte das

associações entre pessoas. No entanto, é importante frisar que a noção de ajuda mútua presente nos textos de Proudhon não é exatamente a mesma coisa que a autogestão, apesar de haver, entre alguns libertários, discordâncias quanto a isto.

Uma das preocupações centrais de Proudhon estava ancorada na questão da liberdade. Para dar conta disto, sugere uma análise serial como método dialético empírico. Para ele, a liberdade é pensada a partir de uma série, em direção a mais liberdade ou em direção a menos liberdade. Segundo Carvalho Ferreira, “para demonstrar a pertinência de sua dialética serial, que se opunha a qualquer síntese, todos os fenômenos, inclusive individuais, grupais e organizacionais, deveriam ser vistos como algo que muda, que se transforma, mas nos quais prevalece simultaneamente a oposição, o equilíbrio, o antagonismo, a solidariedade.” (CARVALHO FERREIRA, 2001. p. 220).

Pensando a partir da análise serial proudhoniana, os coletivos autogestivos são entendidos como espaços que criam possibilidades empíricas que promovem a série de mais liberdade, em oposição às práticas heterogestoras, que se direcionam à série de menos liberdade. Como a série não tem fim, esta é uma construção que não se esgota. A própria noção de liberdade é vista assim como algo que também jamais se esgota e nunca será alcançada por completo.

A construção de uma série libertária ocorre na experimentação, nos encontros entre atores que buscam construir interações que combatam as

práticas de poder. Todavia, qualquer experimentação autogestionária emerge e se constitui a partir uma organização que surge “de baixo para cima” e nunca “de cima para baixo”, a partir de iniciativas do Estado, por exemplo. São os indivíduos ali envolvidos que determinarão os caminhos e as características da produção coletiva.

Nas experimentações mais radicais dos anarquismos, a autogestão ocorreu em variadas circunstâncias históricas. Os anarquistas buscavam a vida associativa, sem obedecer a manuais ou cartilhas. Estavam atentos e contrários aos centralismos e a burocracia como instrumentos de poder e controle. Desvinculavam a ideia de circunscrever a autogestão, apenas, na esfera da produção ou da política. Reivindicavam a abrangência de sua ação até atingir as relações tanto econômicas quanto sociais. Como escrito por estudantes nos muros de Paris, em Maio de 1968: “autogestão da vida cotidiana”.

Os anarquismos faziam deflagrar a autogestão generalizada em acontecimentos históricos, como nas associações operárias da Comuna de Paris, na Revolução Espanhola de 1936 ou nos levantes estudantis de Maio de 1968, por exemplo. Se aconteceram no passado, surgem também no cotidiano de numerosos grupos e coletivos no presente, que experimentam práticas inventivas de viver, amar e produzir. Estes coletivos estão espalhados por diversos pontos do planeta, vivificando a autogestão no cotidiano quase sempre sem serem notados. São desses instantes de associação libertária, “invisíveis” ou não, que emerge a potência da livre associação.

São instantes que criam um estilo de produzir e o fazem rompendo com as práticas de organização caracterizadas pela heterogestão. Aos libertários, a autogestão não pode ser entendida como modelo para aperfeiçoar o modo de viver e produzir dentro do capitalismo, mas o de criar formulações novas e reais de existências junto ao outro. Mesmo com toda eminência de captura, a potência transformadora da autogestão se impõe em instantes inventivos.

1.4- A Autogestão e algumas experimentações históricas

A autogestão figura como proposta de organização que, em seu fazer e existir, toma como prerrogativa a invenção e a experimentação. Está relacionada, como já dissemos, com as experiências históricas dos anarquismos, mas também em coletivos que a recriam e a reinventam, cotidianamente. A autogestão é um jeito de produzir em que se busca diluir as hierarquias, para a construção de regras móveis e transitórias. Mas ocasiões que compreenderam grande número de pessoas tornaram-se um paradigma, radicalmente, novo, ao ponto de serem combatidas e massacradas por forças reativas para que fosse mantida a ordem burguesa.

Dentre estes acontecimentos, destacamos três experiências históricas nas quais a autogestão prevaleceu frente à outras formas associativas. Estes exemplos que buscamos ressaltar não restringem ou minimizam o papel e a importância de outras experiências autogestionárias. São apenas recortes

possíveis para mostrar, mesmo que resumidamente, quando e onde a autogestão tornou-se mais abrangente.

Da mesma forma, não significa que grupos e associações autogestivas estejam confinadas no passado. É comum encontrarmos, em diferentes cantos do mundo, experimentações autogestivas de grupos libertários. Mais comum, todavia, como já mostramos, é a captura do seu conceito por diferentes esferas da produção capitalista, tornado-o inócuo como uma alegoria de algo “diferente”.

1.2.1 - A Comuna de Paris

Historicamente, a Comuna de Paris representou uma das primeiras experiências que podemos definir como autogestionárias. Até então, o conceito de autogestão não estava nomeado como tal, assim como o próprio anarquismo. Duas correntes teóricas deste período prevalecem entre os trabalhadores, que após a Comuna serão agrupadas sob a terminologia de anarquismo: o mutualismo, de Pierre-Joseph Proudhon, e o coletivismo, de Mikhail Bakunin.

As inquietas experimentações de associações livres entre trabalhadores, que remetem à Paris da década de 1870, caracterizam-se como a primeira revolução proletária da história mundial. A Comuna de Paris emerge como construção coletiva de atores, que unidos – a despeito de diferenças teóricas e de concepções de ação e luta – autogeriram suas vidas para criar uma forma de produzir e viver avesso aos valores e práticas socioeconômicas da época.

Como experiência revolucionária, a Comuna de Paris foi um momento único, não apenas para o pensamento libertário, mas também para a história do proletariado. Foi um acontecimento, essencialmente, promovido pelos trabalhadores franceses, que sonharam no curto período de 72 dias, em criar uma pátria ampliada para além dos limites da cidade. A partir de uma perspectiva internacionalista, almejaram mesmo constituir uma federação entre livres em toda Europa. Queriam mais que uma revolução: seus interesses iam em direção à construção de um projeto de sociedade baseado no federalismo, dispensando fronteiras.

Em certa medida, os alcances que a Comuna de Paris buscava, remetem a 1ª Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), nascida em Londres em 1864. Lá, tornaram-se predominantes as propostas do mutualismo proudhoniano e depois o coletivismo bakuniano. Fortemente influenciados por estas correntes de pensamento, uma parte significativa dos atores envolvidos na Comuna de Paris propunham o rompimento com o Estado burguês. Era um momento em que crescia a organização dos movimentos operários e a AIT representava uma federação da classe trabalhadora de vários países do oeste e do centro da Europa, que recebia tanto membros como organizações. Assim, a Comuna de Paris eclodiu num momento de crise das relações políticas, não somente na França, mas como em toda a Europa.

Mais precisamente, no dia 18 de março de 1871 inicia-se a Comuna de Paris. Após a França ser invadida pelo exército prussiano, a cidade de Paris fica

cercada por quatro meses. Durante este período, a população vendo a incapacidade do governo e da Guarda de Defesa Nacional em gerir a vida e a administração da cidade, assume para si a tarefa de cuidar do dia a dia da urbe. Durante o período em que durou a experiência, a população não apenas organizou o cotidiano entre si, como também rompeu laços com o Estado. Promoveu importantes transformações na sociedade, que foram estendidas, mesmo com o fim da Comuna de Paris.

Durante a Comuna de Paris, formou-se um governo revolucionário, o qual reunia federativamente diversos representantes de bairros. O Comitê Central da federação era formado por blanquistas, jacobinos e anarquistas e uma série de indivíduos não-afiliados politicamente. A escolha dos representantes para os diferentes espaços de administração coletiva era realizada obedecendo à lógica da democracia direta.

Testemunha ocular dos acontecimentos em Paris, Louise Michel (1830-1905) lutou pela Comuna de Paris desde suas raízes, no ano de 1870 com o início da guerra franco-prussiana, até seu final, em maio de 1871. Poetisa, escritora e professora, Michel tornou-se anarquista durante a Comuna de Paris. Passou a se aproximar cada vez mais das ideias libertárias e a se agrupar com membros da Internacional dos Trabalhadores de tendências anarquistas coletivistas e mutualistas. Segundo ela:

Se algum poder podia fazer qualquer coisa, esse poder era o da Comuna, constituída por homens inteligentes e cheios de coragem, com uma honestidade inacreditável; homens que tinham dado, desde sempre, provas

de uma devoção e de uma energia incontestáveis. Mas o poder deixou-lhes apenas vontade para o sacrifício; souberam morrer heroicamente. O poder é maldito e é por isso que sou anarquista. (MICHEL, 1971, p. 168).

Entre os diversos feitos durante a Comuna de Paris, alguns ganhos conquistados estenderam-se após seu fim. Dentre eles, destacam-se a redução das jornadas de trabalho, supressão do trabalho noturno, regularização do trabalho feminino, igualdade entre os sexos, o fim da pena de morte, a criação de um comitê para organizar a ocupação das habitações vazias, a separação da igreja dos espaços de administração pública e, principalmente, o desmonte do aparato estatal e substituição da antiga administração centralizada por uma organização federada e sob controle direto da população. Além disso, propunham a substituição do sufrágio universal pela delegação, na qual não havia mandatos e as ocupações dos cargos eram revogáveis a qualquer momento. Em semanas, a recém nomeada Comuna de Paris produziu transformações significativas na vida da população.

Nesta curta experiência, a cidade de Paris foi administrada por funcionários que eram eleitos para o cargo e a organização das fábricas ficou sob responsabilidade dos operários. A Comuna de Paris se caracterizou assim, por ser um movimento, eminentemente, autogestionário. As administrações e as organizações eram realizadas pelos próprios trabalhadores, escolhidos entre eles.

As propostas da Comuna de Paris foram tão ousadas e intimidadoras aos valores da ordem burguesa, que entre os dias 21 e 28 de maio de 1871 ocorreu

uma forte repressão, com o massacre de milhares de pessoas. O governo Francês, que havia fugido de Paris e se instalado em Versalhes, fez um acordo com a Prússia, para que fossem liberados os soldados franceses que tinham sido feito prisioneiros para reprimir a Comuna de Paris. Esta bizarra união - entre o governo francês vencido e a Prússia vitoriosa - tinha por objetivo inibir o levante popular e acima de tudo, restabelecer o estado burguês que havia sido ameaçado.

O exército da Prússia cerca, então, Paris e auxilia a entrada do exército francês, que entra na cidade e massacra a Guarda Nacional e os operários que auxiliavam a Comuna de Paris. Cerca de 100 mil soldados marcharam sobre Paris, que era defendida por 15 mil milicianos. Estima-se que mais de 20 mil pessoas foram executadas, além dos mortos em combate. As mortes só cessaram com o medo de uma epidemia na cidade, que estava amontoadas de corpos. Quarenta mil pessoas foram presas e várias outras foram deportadas.

Findava aí uma das mais extraordinárias páginas de resistência libertária. A Comuna de Paris, assim como outras importantes experiências que ocorreram, simultaneamente, em cidades como Lyon e Marselha não duraram o tempo suficiente para criar características permanentes. Talvez nem se proponham a isto, mas a sim produzir um acontecimento libertário com um fim em si mesmo.

1.2.2 - Revolução Espanhola de 1936

Os acontecimentos na Espanha da década de 1930 tiveram impacto internacional e inscreveram-se de maneira marcante na memória coletiva. Tanto quanto as experiências da Comuna de Paris, os coletivos autogestionados espanhóis criaram incômodo e confrontaram forças reativas. Estas forças vieram tanto da direita franquista, como também do stalinismo soviético, que se uniram para eliminar os libertários. É sempre importante relembrar este fato, sobretudo após esta bizarra associação, quando muitos decretaram a morte do anarquismo enquanto movimento social. Além de permanecer viva na memória dos ideais de luta dos libertários, as influências que este legado nos deixou, chegam à nós em estudos acadêmicos e representações construídas no cinema, na literatura e nas artes plásticas.

A experiência espanhola talvez tenha sido o acontecimento mais significativo da história recente do anarquismo. Durante a Guerra Civil, que lutou contra o golpe civil-militar de Francisco Franco (1892-1975), iniciou-se um momento singular da história política daquele país. Entre os anos de 1936 e 1937, não apenas as maiores cidades do país, incluindo Barcelona e Madrid, como também pequenos *pueblos* foram coletivizados em autogestão.

Os hospitais foram os primeiros a se autogerirem, seguidos das padarias, indústrias farmacêuticas, metalúrgicas, companhias marítimas, estradas de ferro, bondes e ônibus, assim como diversos coletivos agrários. Os conselhos operários foram organizados para coordenar tudo, de milícias a cabeleireiros.

Nas cidades e no campo, viam-se experiências de organização coletiva, numa dimensão jamais vista em outro país.

Com a vitória das forças de esquerda nas eleições de 16 de fevereiro de 1936, as alas conservadoras da Espanha - apoiadas externamente por Hitler, na Alemanha, Mussolini, na Itália, e Salazar, em Portugal – entram em estado de polvorosa. Inicia-se aí uma conspiração fascista para derrubar o poder, que culmina na sublevação militar liderada pelo General Francisco Franco, a partir do Marrocos. Segundo Cláudio Venza (2006), a ideologia e o conjunto de valores que davam a base para o franquismo era, basicamente, formada por católicos-nacionalistas. A Igreja Católica, cujo aparato oficial era a Falange⁶, via-se ameaçada pela crescente presença dos anarquistas entre os trabalhadores.

Com a eminência de movimentação das tropas, os trabalhadores, tanto homens, quanto mulheres de diferentes setores decidem participar ativamente da luta contra o golpe, tomando quartéis e armamentos. Dentre as organizações que participaram ativamente na resistência libertária, destacaram-se: C.N.T. (*Confederación Nacional Del Trabajo*), F.A.I. (*Federación Anarquista Iberica*), *Juventud Libertaria* e as *Mujeres Libres* (que apesar de não terem uma organização própria, tiveram papel fundamental). No Comitê Central das Milícias Anti-Fascistas os anarquistas protagonizaram papel central, colaborando com

⁶ A Falange Espanhola ou apenas Falange, cujo nome completo era *Falange Española Tradicionalista*, mais tarde coligada com as *Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista*, foi o partido político fascista, que legalmente reconhecido durante a ditadura de Franco, recebeu apoio da Igreja Católica.

socialistas e comunistas na resistência. Inicia-se aí a Revolução e a partir daí a Guerra Civil Espanhola.

Ocorre que, anos antes da Guerra, os anarquistas já haviam conseguido criar um forte e presente movimento na educação e na cultura do país. Através da publicação de jornais, revistas e folhetos, assim como, na criação de ateneus, e realização de conferências e debates, os princípios anarquistas estavam fortemente presentes entre os trabalhadores. Assim, quando se iniciou a Guerra Civil, tanto a C.N.T., quanto a F.A.I. já tinham uma importante influência sobre o movimento operário, principalmente na região da Catalunha, e em especial em Barcelona. Podemos afirmar que as raízes desta influência estão diretamente relacionadas às origens do anarquismo espanhol, que por sua vez, relaciona-se com o alcance do pensamento de Proudhon e Bakunin, no século XIX, e foi aumentada com os embates entre Bakunin e Marx no seio da Primeira Internacional.

A capacidade de organização dos trabalhadores, associada à disposição de resistência contra os fascistas, levaram os libertários a tomarem a decisão de, em vez de lutar para defender o governo constituído, partir para a revolução social. Não estavam interessados em defender o Estado, mas em criar uma nova ordem social, baseada na autogestão e no federalismo.

Além da atuação junto às milícias, os anarquistas criaram a autogestão produtiva onde, desde pequenas oficinas, até serviços públicos e fábricas, a produção era executada de maneira coletiva e atendia aos interesses dos próprios envolvidos. Assim, as ideias libertárias foram tomadas pelos

trabalhadores que passaram a criar formas associativas, nas quais a autogestão era estendida por diferentes espaços. Na Assembleia Geral de 1938 a C.N.T. estabeleceu em seus estatutos que:

“Art. 1. – Esta Coletividade tem por objetivo reger-se de maneira livre, independente, e a terra apropriada, juntamente com a que ofereceram os companheiros, será cultivada em coletividade.

Art. 2. – Esta Coletividade defenderá e divulgará o apoio mútuo de todos os companheiros que a compõem. Da mesma forma, dará assistência em todas as enfermidades, tanto as simples quanto as que exigem cirurgias, em todos os seus aspectos.

Art. 3. – Esta Coletividade, a fim de desenvolver de maneira mais ampla possível, dividir-se-á em diferentes seções, que são: Víveres, Construção, Agricultura, Avicultura, Estatística, Pecuária etc.

Estas seções terão suas comissões correspondentes que cuidarão do bom andamento das mesmas, nomeará para o caso os companheiros considerados mais convenientes.

Art. 4. – Esta Coletividade dá ampla liberdade a todos os companheiros que queiram ingressar na mesma, contribuindo ou não, ficando ao sair, no caso de não continuar, do mesmo modo que entraram.

Art. 5. – Todas as famílias que ingressarem na Coletividade terão de aportar à mesma tudo o que possuírem, isto é: maquinaria, ferramentas, todos os tipos de cereais e produtos do campo e pesetas que cada um tiver em seu poder.

Art. 6. – Esta Coletividade criará refeitórios coletivos, se achar necessário.

Art. 7. – Todo companheiro que tiver de sair da localidade por assuntos urgentes, sejam enfermidades, assuntos de família etc., a Coletividade colocará à sua disposição tudo o que, caso exigir, para cobrir seus gastos.

Art. 8. – A vida econômica e material dos componentes da Coletividade será estruturada da maneira que acharem mais conveniente.

Art. 9. – Todos os membros da Coletividade quando tiverem cumprido os setenta anos ficarão livres do trabalho, conservando os mesmos direitos.

Art. 10. – Também haverá exceções nos casos de enfermidades e que seja conveniente retirar-se antes da idade citada.

Art. 11. – Tudo o que não estiver previsto nestes estatutos, poder-se-á acordar em Assembleia extraordinária para este feito”.⁷

Rapidamente, foram produzidos fatos políticos que transformaram a vida em diferentes pontos do país: nas cidades e no campo os trabalhadores se faziam donos de seu destino. A autogestão se dava pela chamada “coletivização pela base”, na qual os atores diretamente envolvidos assumem a gestão dos meios de produção.

Segundo o escritor e jornalista inglês George Orwell⁸, por ocasião de sua passagem por Barcelona, no início da Guerra Civil:

⁷ Segundo consta nos arquivos da C.N.T., publicados no livro “A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários”, Editora Imaginário. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: 1999.

⁸ Eric Arthur Blair (1903-1950), cujo pseudônimo era George Orwell foi feroz crítico dos regimes comunistas autoritários. Autor dos clássicos “*Revolução dos Bichos*” e “*1984*” (livro onde surgiu o

“Para quem acabava de chegar diretamente de Inglaterra o aspecto de Barcelona constituía algo de surpreendente e avassalador. Era a primeira vez que me encontrava numa cidade em que a classe trabalhadora estava no poder. Praticamente todos os edifícios de tamanho apreciável tinham sido tomados pelos trabalhadores e estavam envoltos em bandeiras vermelhas ou ostentavam a bandeira encarnada e negra dos anarquistas; em todas as paredes se viam pintadas a foice e o martelo e as iniciais dos partidos revolucionários; quase todas as igrejas tinham sido esventradas e as suas imagens queimadas. Aqui e ali, brigadas de trabalhadores demoliam sistematicamente igrejas. Não se topava loja nem café que não tivesse uma inscrição dizendo que fora coletivizado – até os engraxadores estavam colectivizados e tinham as suas caixas pintadas de encarnado e preto.” (ORWELL, s/d. p.8-9)

Estima-se que 80% do país vivenciou alguma experiência de autogestão durante os anos da Revolução. A cidade de Barcelona talvez tenha representado o epicentro das lutas e invenções dos trabalhadores. Eles estavam distribuídos entre a C.N.T., a F.A.I., o P.O.U.M. (Partido Operário de Unificação Marxista) e uma série de organizações espontâneas que surgiam e tinham como projeto comum a fundação de uma sociedade nova e de experimentações sociais. Nos relatos de quem assistiu a Revolução Espanhola, como no de George Orwell e de outros, era comum a surpresa e o encantamento com o clima vivido em Barcelona.

personagem “O Grande Irmão”, ao qual ninguém escapa à sua vigilância, a mais famosa personificação literária de um poder cruel) esteve na Catalunha como voluntário. Outro livro de sua autoria, *Homenage to Catalonia* (1938) é um relato de sua experiência como combatente ao lado dos republicanos na Guerra Civil Espanhola.

No entanto, um dos enfraquecimentos do movimento se deu justamente quando os processos autogestivos sofreram um retrocesso. A falta de matérias-primas para a indústria e para as coletividades rurais (organizações camponesas que funcionavam como unidades de produção independentes, ao estilo de uma Comuna de Paris) desencadeou um enfraquecimento da produção, que por sua vez, afetou diretamente os rumos da Revolução. Para James Joll:

“Foi o problema do equipamento e de matérias-primas que, mais do que qualquer outra coisa levou ao declínio os anarquistas. A revolucionária ideia de uma milícia anarquista, abastecida por fábricas anarquistas, inevitavelmente sucumbiu perante a carência geral de matérias básicas; e foi, sem dúvida, o fato de, durante a guerra civil, o governo apenas ter conseguido obter fornecimento da União Soviética que mais largamente contribuiu para a crescente influência dos comunistas e para o eclipse e a supressão dos seus rivais.” (JOLL, 1977, p.309)

O enfraquecimento da produção autogestiva pelos coletivos libertários afetou diretamente também o predomínio político dos anarquistas. Em paralelo às conquistas alcançadas nos coletivos da revolução, desenhava-se uma contra-revolução à medida que a Guerra se prolongava. Setores conservadores, financiados por governos fascistas, assim como os comunistas financiados pela URSS uniam-se em torno da manutenção do Estado legalizado, contrários a ideia de revolução social dos anarquistas.

Um fato simbólico dessa escalada foram os combates de maio de 1937 na cidade de Barcelona, onde anarquistas e militantes do P.O.U.M. enfrentaram os comunistas com armas pelo controle da central *Telefónica*, que desde o início

da Revolução fora coletivizada e estava nas mãos dos anarquistas, e os comunistas, através do governo, tentaram reavê-la a força.

No entanto, o que estava em disputa não eram apenas as ideologias antagônicas, e sim a expansão ou o refluxo dos processos autogestionários, pois o Partido Comunista de orientação stalinista era contrário à autogestão, preferindo o modelo burocrático do Estado. A posição soviética acabou por colaborar com os interesses dos países ocidentais que viam na autogestão uma ameaça ao Estado de direito. Para Orwell: “na realidade, foram os comunistas, mais do que quaisquer outros, que impediram a revolução em Espanha. Mais tarde, quando as forças direitistas obtiveram o controlo absoluto, os comunistas mostraram-se dispostos a ir muito mais longe do que os liberais na perseguição dos líderes revolucionários.” (ORWELL, s/d. p.71-72)

Numa perspectiva histórica, a Guerra Civil Espanhola estendeu-se entre julho de 1936 e terminou em março-abril de 1939. Durante este o período de conflito, ambas as partes em luta, os republicanos governamentais de um lado, os monarquistas e direitistas revoltosos de outro, contaram com apoio internacional e solidariedade política e material de suas correntes de adesão respectivas; o movimento democrático e comunista internacional, os primeiros, as forças organizadas do nazi-fascismo europeu, os segundos.

A ajuda ativa, para ambos os lados, traduziu-se também no envio de contingentes de combatentes estrangeiros - voluntários e profissionais - que foram integrados às diversas forças e exércitos em presença nos campos de

batalha, embora desproporcionais em número e em organização e, sobretudo, dispondo de logísticas militares diferenciadas e de suprimentos bélicos desiguais, quando comparados entre si.

Em *A Guerra Civil espanhola nos documentos libertários* (1999), os relatos de militantes que participaram da luta armada dizem:

“Que em 1936 eclodiu a guerra civil espanhola, é fato sabido. O que se divulga muito pouco, o que se pretende ocultar é que em sua luta contra o fascismo, o povo espanhol, impulsionado pelas entidades sindicais socialistas CNT e FAI, promoveu a mais radical revolução autogestionária da história.” (C.N.T., 1999. p. 9)

Para Diego Gimenez Moreno, residente em Barcelona quando estourou a Guerra Civil com então 25 anos: “durante o processo não se pensa muito, se faz. Mas agora vejo que havia uma grande preocupação com a educação do povo. As escolas, as revistas e jornais eram um baluarte deste processo revolucionário.” (MORENO, 1996. p. 9). Ele foi outro libertário que testemunhou de perto os acontecimentos da epopeia anarquista e vislumbrou num curto período a possibilidade de uma autogestão generalizada.

1.2.3 - Maio de 1968 em Paris

"Autogestão da vida cotidiana"; "Um homem não é estúpido ou inteligente: ele é livre ou não é."; "O sonho é realidade."; "Quanto mais eu faço amor, mais tenho vontade de fazer a revolução. Quanto mais faço a revolução, mais tenho

vontade de fazer amor."; "A imaginação toma o poder."; "Abaixo o realismo socialista. Viva o surrealismo."; "A ação não deve ser uma reação, mas uma criação."

Estas e muitas outras frases foram escritas nos muros e cartazes espalhados por Paris, das faculdades de Sorbonne, Nanterre e Belas Artes aos arredores do Teatro Odéon e dos Boulevards Saint-Michel e Saint-Germain. Uma das principais marcas dos protestos de estudantes e operários na França, em 1968, seus slogans registravam a inquietação e desejo de liberdade. Com forte teor surrealista e claras influências libertárias, as mensagens eram dirigidas não apenas ao poder de Estado, aos patrões e à polícia, mas também aos próprios estudantes e às instituições da esquerda tradicional.

Destacamos aqui os acontecimentos de Maio de 1968 e a presença de instantes autogestivos em sua curta duração, por representar um movimento de massa extremamente original. Os estudantes Daniel Cohn-Bendit, Alan Geismar e Jacques Sauvageot foram alguns dos expoentes deste movimento que começou quase por acaso, mas que deixou profundas marcas para as gerações futuras. Não apenas na França, mas em todo o mundo, houve a ampliação dos direitos das mulheres, a aceitação da autonomia das crianças, da homossexualidade e da diversidade dos indivíduos. O espírito inventivo de Maio de 1968 ficou simbolizado numa das frases conhecidas de Cohn-Bendit: "queremos um mundo novo e original; recusamos um mundo onde a certeza de não morrer de fome seja trocada pelo risco de morrer de tédio."

Os acontecimentos de Maio de 1968 representaram a expressão de um movimento da juventude francesa que se opôs radicalmente contra os rumos do desenvolvimento capitalista experimentado pela sociedade daquele país na década de 1960 e ao longo do século, também em todo o mundo. Foi a expressão das lutas sociais, advindas do interior das lutas estudantis e intelectuais da universidade francesa, unidos aos trabalhadores das fábricas. Como em outras passagens da história dos anarquismos, os protestos de Maio de 1968 foram derrotados a partir do momento em que o Partido Comunista Francês (PCF) resolve assumir a vanguarda da luta política e orienta estudantes e trabalhadores a negociarem com os dirigentes da burocracia estatal e patronal.

Todavia, um dos resultados mais originais refere-se à capacidade de autogestão entre grupos de composição social diferenciada: os estudantes e o proletariado francês. Os atores envolvidos nos levantes de Maio de 1968, apesar de não haver uma hegemonia anarquista, empenharam-se na construção coletiva dos processos de luta e das manifestações. Foram responsáveis por negarem o processo de dominação intensificado pelo modo de produção capitalista edificado na modernidade. A reação desses atores está contextualizada no movimento de práticas autogeridas, descentralizadas e sem controle da direção partidária, do Estado e dos interesses da burguesia e da burocracia.

A relação estabelecida em Maio de 1968 entre as lutas sociais dos trabalhadores e dos estudantes efetivou-se nas ruas, nas praças, na ocupação

da Sorbonne. Também nos debates a todo instante e proposto por quem o quisesse fazê-lo; na negação de fórmulas prontas e determinadas pelas vanguardas políticas; na criação de novas estéticas nos muros, pelos desenhos, por ideias traduzidas em panfletos, pela reapropriação da crítica ao trabalho especializado. Todos estes acontecimentos produziu um rápido contágio que atingia alunos, professores, trabalhadores, intelectuais etc.

Entre as várias reivindicações, Jacques Sauvegeont, líder da UNEF, resumiu os quatro objetivos fundamentais do movimento: 1- instalação imediata de um poder estudantil real nas faculdades, com direito a voto absoluto sobre todas as decisões; 2- autonomia das universidades e faculdades; 3 - extensão da luta contra o conjunto dos setores que divulgam a ideologia dominante, quer dizer, a informação; 4 - realização da junção real com as lutas dos trabalhadores e camponeses, colocando a contestação do poder que se faz nas fábricas e nas estruturas profissionais.

Outra relevante novidade trazida com Maio de 1968 foi o surgimento de uma imagem síntese do movimento dos jovens franceses: a do intelectual que sai do gabinete ou da sala de aula e vai às ruas participar publicamente e declarar suas posições. Esta imagem expressa a abolição da divisão social do trabalho e aponta para significativas mudanças no próprio capitalismo. Para Michel Onfray:

“O espírito de Maio [de 1968] possibilitou um momento negador considerável e necessário: essa revolução metafísica – e não política... - modificou radicalmente as relações entre os seres. Onde a hierarquia

estornava toda intersubjetividade, tudo foi varrido: entre pais e filhos, o marido e a esposa, o professor e seus alunos, os jovens e os velhos, o patrão e os empregados, os homens e as mulheres, o chefe de Estado e os cidadãos, o poder de direito divino desmoronou. Todos se encontram ontologicamente em pé de igualdade.” (ONFRAY, 2010. p. 135)

Para Michel Thiollent (1998), o movimento de Maio de 1968 não se limitou à ação de pequenas minorias, mas a uma grande parte dos estudantes participantes dos debates universitários e das manifestações de rua. Estima-se que até dez milhões de trabalhadores pararam a produção, e as fábricas ficaram ocupadas durante várias semanas. Muita coisa ia mudando rapidamente no dia a dia das pessoas, nos costumes, na vida cotidiana, no relacionamento interpessoal, na visão do mundo, gostos e prazeres. Para Thiollent,

“De um modo que, sem dúvida, [esta reviravolta nos costumes] extrapolou previsões de sociólogos e ativistas da *Internationale Situationniste*, a crítica da vida quotidiana alastrou-se no seio da juventude. Tal crítica era acompanhada de uma crítica aos meios de comunicação (sistema de radiotelevisão e imprensa), na medida em que esses adquiriam um papel crescente na organização da própria vida quotidiana. As tendências contraculturais ampliaram a crítica à "cultura de massa" propagada pela mídia.” (THIOLLENT, 1998. p. 83-84)

Estes acontecimentos em Paris marcaram também o ressurgimento vigoroso do pensamento libertário entre os jovens. Não que os anarquismos estivessem desaparecidos, mas uma forte reversão de sua influência foi sentida a partir da 2ª Guerra Mundial. Nas ruas de Paris, nos muros da cidade, em faixas e cartazes e, sobretudo, na atitude entre os jovens manifestantes, os anarquismos figuravam como modo de vida e de produção possíveis.

Nos protestos dos estudantes e trabalhadores, as bandeiras negras dos libertários apareciam juntas à representação mais conhecida atualmente sobre o anarquismo: o A circundado por um círculo. É também, a partir dos desdobramentos de Maio de 1968, que o anarquismo ganhou novo vigor e passou a fazer parte de uma série de acontecimentos que nos chegam até hoje.

Sugiram também muitos pensadores que buscam atualizar o pensamento libertário para o tempo presente. Destacamos a obra do Roberto Freire e seu *anarquismo somático*, no Brasil; as pesquisas de Edson Passetti e Margareth Rago nas Ciências Sociais e na História, respectivamente, em universidades do Brasil. Em Portugal, as precisas análises do Prof. Carvalho Ferreira. O estadunidense Murray Bookchin e sua *ecologia social* entre tantos outros.

Mais recentemente, surge o que ficou conhecido como pós-anarquismo⁹. Nomes Saul Newman e Todd May tornaram-se conhecidos nos meios radicais, defendendo uma abordagem que pretende estabelecer uma articulação possível entre a crítica pós-estruturalista de pensadores como Michel Foucault e Gilles

⁹ O pós-anarquismo pode ser visto como uma tentativa de recriar a teoria anarquista ao estabelecer uma crítica contemporânea de base não-essencialista e não-dialética. Pretende também, a partir de uma leitura pós-metafísica e nietzschiana, dialogar com a analítica do poder presentes no pós-estruturalismo. Podemos encontrar estudos iniciais, acerca do tema, nas obras *The Political Philosophy of Post-Structuralist Anarchism*, em 1994, de Todd May, seguido do livro de Saul Newman *From Bakunin to Lacan: Anti-Authoritarianism and the Dislocation of Power*, em 2001, e do livro de Richard Day *Gramsci is Dead: Anarchist Currents in the Newest Social Movements*, em 2005.

Deleuze, às possibilidades de resistência e transformação social do anarquismo clássico.

É evidente que os acontecimentos de Maio de 1968 não se resumiram à Paris. Na Espanha, Polónia, Bélgica, Itália, Checoslováquia, Alemanha e muitos outros países viveu-se algo semelhante. A crítica ao autoritarismo - estivesse ele nas universidades, nas fábricas ou no próprio Estado – emergiu junto com a potência libertária dos anarquismos.

O renascimento das ideias anarquistas em Maio de 1968 veio á tona com as críticas já conhecidas pelos libertários clássicos: a incompatibilidade do socialismo com o Estado, papel fundamental da autogestão como forma associativa e de produção, o lugar da mulher na sociedade etc.

Mas também foram desenvolvidos temas novos, relacionados com a crítica da cultura de massa ou da "sociedade do espetáculo", promovida pelos situacionistas¹⁰. Também na relação entre as pessoas e na tentativa de trazer para perto de si a transformação diária, como dizia-se à época: autogestão da vida cotidiana.

¹⁰ Para Tiollent (1998), o situacionismo, criado em 1957, se apresentou como movimento estético, derivado do leticismo, às vezes próximo ao surrealismo, e marcado por uma forma de neoanarquismo. Sua crítica à "sociedade de consumo", à linguagem da propaganda comercial, ao lazer organizado e à vida quotidiana em geral, teve uma ampla divulgação a partir de 1968 e influenciou o modo de percepção da vida individual e social. Guy Debord foi um dos mais destacados representantes do movimento.

Talvez, Maio de 1968 tenha representado o último grande levante libertário no Ocidente. Enquanto durou, e especialmente, o que soprou para o futuro, representou um abalo considerável de lugares: na escola, na casa, nas fábricas, no jeito de amar e viver. Se Maio de 1968 imaginou o fim da verdade única, é preciso que novas possibilidades de existência venham a surgir.

1.5- Nós na dinâmica de grupo autogestiva

Vamos agora nos deter em analisar alguns pontos mais específicos da autogestão nos processos da Somaterapia. São questões que, normalmente, surgem nas experiências da dinâmica autogestionária destes grupos e por isso, merecem um olhar mais atento. Como dissemos, são características frequentes e que refletem as dificuldades apresentadas pelos membros dos grupos em produzir de forma associativa.

Formados em sociabilidades hierarquizadas, somos “acostumados” a pensar e agir a partir das relações de verticalidade, obedecendo ou exercendo o poder junto e sobre o outro. No entanto, a partir das inquietações de La Boétie (1530-1575) podemos questionar nossa própria servidão e tirania. Sua indagação volta-se para o entendimento de como ocorrem os atos de sujeição deliberada a um superior. Em *Discurso da Servidão Voluntária* (2009), o jovem pensador aponta o dedo em um dos pontos cruciais das relações de poder: nossa cômoda covardia no enfrentamento à autoridade. Para La Boétie (2009),

assim como para outros libertários, é preciso recusar o soberano sobre si e promover associações para fazer a vida libertária acontecer.

Para analisar algumas dificuldades da associação não-hierarquizada, tomamos de empréstimo o título do trabalho realizado por investigadores que compunham um Grupo de Estudos de Soma na década de 1980, do qual fizemos parte. *Nós em autogestão* é o título original deste trabalho e reflete o interesse em buscar características mais específicas da abordagem da dinâmica de grupo e seus atravessamentos pela noção de autogestão. A especificidade desta associação cria alguns princípios e dificuldades que buscamos aqui destacar. São características peculiares em relação a outras práticas autogeridas. Como mostramos anteriormente, nos acontecimentos históricos onde a autogestão prevaleceu, foram muitos os desafios, erros e contradições vividos. Mas foram também experiências únicas que deixaram marcas indeléveis no imaginário libertário.

Buscamos agora refletir mais especificamente como, a partir das experiências nos grupos da Soma, os desafios da produção autogestionária criam impasses ao mesmo tempo em que trazem novas formulações de organização. Durante o período de duração de um grupo, seus membros são desafiados a conduzir de maneira coletiva seu processo pedagógico-terapêutico. A ideia é que os integrantes de cada grupo sejam agentes ativos no desenvolvimento da dinâmica de grupo e se envolvam criativamente nos impasses e conflitos surgidos durante o percurso. Mais adiante, mostraremos com mais detalhes como os grupos, também chamados de *microlaboratórios*

sociais, desempenham papel fundamental para a condução e objetivos que a Somaterapia propõe.

A criação de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária produz um espaço privilegiado de análise do poder engendrado no comportamento individual. Cria, também, a possibilidade de associação entre os membros do grupo em torno de um projeto coletivo, que atenda aos anseios de todos. Este espaço de experimentação adquire contornos pedagógicos (aprendizado sobre si e sobre como relacionar-se junto ao outro) e terapêuticos (transformação de si e invenção de modos de vida). Estes estudos contribuem também para o que podemos chamar aqui de uma *ecologia social*.

Este conceito, tal como entendemos e aplicamos neste estudo, refere-se às contribuições do pensador libertário Murray Bookchin (1921-2006). Segundo ele (1998), os problemas de ordem ecológica estão intimamente ligados a questões sociais, em especial na forma hierarquizada que normalmente prevalece na organização entre os homens e nos sistemas políticos. Sugere que, fazer frente a tais pressupostos só é possível com a criação de formas associativas fundadas em ideais mais profundos e respeito ético entre todos. A complexa relação entre as pessoas e a natureza é destacada, junto a importância de se estabelecer estruturas sociais que possam levar em conta tais relações.

Bookchin (2010) chama nossa atenção para perceber que a destruição da natureza se dá como decorrência da exploração e uso instrumental do homem

pelo homem. Para Carvalho Ferreira: “ao transformar o homem, e servindo-se das tecnologias e da ciência como meios de maximização do lucro, de produção e de consumo de bens e serviços, o capitalismo leva ao extremo a destruição da natureza.” (CARVALHO FERREIRA, 2011. p. 237). Pensar a prática de uma ecologia social não significa voltar-se para preservar o meio ambiente apenas, mas, necessariamente, refletir e criar novas formulações na malha social e suas relações de poder. Como, também, estabelecer uma densa crítica sobre a propriedade privada dos meios de produção, as relações de trabalho e suas frequentes práticas assalariadas e perversas.

A complexidade do pensamento de Murray Bookchin não seria possível ser abordada aqui por inteiro senão por uma análise mais profunda. Não obstante, nos interessa pensar como a prática associativa da dinâmica de grupo autogestiva funciona como a busca de uma ecologia social, vivificada na criação de um *ethos* libertário de respeito mútuo e solidariedade. Suas contribuições estão atreladas, neste estudo, a uma vantajosa análise crítica do papel que cada um exerce na confecção de um coletivo que não reproduza as práticas de exploração e uso instrumental de uns sobre os outros.

Para que um grupo possa criar e vivenciar uma experiência autogestiva, faz-se necessário que cada indivíduo perceba seu papel ali dentro na criação de tarefas socialmente necessárias. De alguma forma, é preciso que cada um busque sua própria autorregulação individual para que, juntos, seja possível atingir a autogestão coletiva.

Portanto, é no difícil equilíbrio entre o individual e coletivo que se produz a autogestão. É onde também podemos encontrar a prática de uma ecologia social, na qual a autorregulação individual e a autogestão social estejam permanentemente indissociáveis. Mas que, acima de tudo, este projeto seja uma construção diária, uma permanente transformação de si e dos inúmeros arranjos que a associação propõe. Neste sentido, Carvalho Ferreira (2011) afirma que:

“A autogestão inscreve-se nessa perspectiva desde que, em termos sociais e éticos, o trabalho e sua organização sejam a consequência de uma atividade humana livre e criativa. Para efeito, torna-se imprescindível a existência de uma autonomia individual e coletiva, de modo que a liberdade, a criatividade e a responsabilidade possam emergir facilmente no processo autogestionário libertário. Este, na sua plenitude, deve funcionar como uma comunidade, de onde emergem relações sociais consensuais, motivações e reciprocidade de um autogoverno constituído por indivíduos livres e concordantes.” (CARVALHO FERREIRA, 2011. p. 240)

A investida em uma ecologia social, como já afirmamos, é um processo contínuo para confeccionar práticas associativas que garantam - ou se aproximem disso - a autonomia individual, exercida em um coletivo de indivíduos reunidos em torno de um projeto comum. Isso só é possível de ser atingido quando as inúmeras diferenças, que caracterizam cada membro ali dentro, passam a interagir e expandir-se livremente em um ambiente sem qualquer forma de coerção, seja ela decorrente de uma autoridade hierárquica ou proveniente de relações de dominação e alienação. Esta é a nossa aposta nos coletivos que buscam trabalhar na perspectiva de uma dinâmica de grupo autogestiva.

1.3.1- A escolha do tema

Primeiramente, é importante esclarecer o sentido que damos aqui à noção de *nós*. O significado que buscamos adotar refere-se a duas instâncias. Na primeira, a noção de *nós* está relacionada ao grupo em si: o coletivo de indivíduos vivenciando uma experimentação de produção conjunta. Na segunda, a noção de *nós* relaciona-se com as dificuldades, os empecilhos e os conflitos surgidos em situações como esta. Os *nós* que se atam, desatam e voltam a reatar são comuns em coletivos que buscam criar e produzir sem o comando de uma pessoa, apenas.

Como já foi dito, este estudo fez parte das tarefas do Grupo Experimental, composto de participantes de vários grupos terapêuticos da década de 1980 e que visava à conscientização da noção de autogestão dentro do anarquismo somático¹¹. O trabalho original do qual nosso estudo se fundar-se, está publicado no livro *Soma – uma terapia anarquista*, vol. 2 - *A Arma é o Corpo* (1991), de Roberto Freire. Desde sua elaboração, tem servido de reflexão crítica para que outros grupos possam debater e criar suas próprias singularidades em seus processos. Apesar dos grupos de Somaterapia utilizarem-se da mesma proposta metodológica, variando apenas em alguns detalhes, cada grupo cria suas próprias especificidades e percursos, fruto da composição de pessoas de diferentes cidades, ocupações profissionais diversas, idades variadas etc.

¹¹ Mais adiante, abordaremos detalhadamente as características do que chamamos de anarquismo somático e sua importância no pensamento político de Roberto Freire.

Como já mostramos, a palavra autogestão aparece em diferentes contextos. Suas implicações com o pensamento libertário são históricas e refletem a disposição dos atores envolvidos em criar articulações novas e formulações distintas daquelas, frequentemente, colocadas nas sociabilidades hierarquizadas.

Como vimos também, em algumas das passagens da história dos anarquismos, nas quais a autogestão extrapolou os limites de pequenos grupos, - como na Comuna de Paris e na Revolução Espanhola, ou mesmo nas experiências históricas dos *soviets* e conselhos na Revolução Russa de 1917 – ela tornou-se uma complexa rede de relações de administração social e de coordenação econômica. Ocorrências que, anteriormente, eram executadas pelo Estado e outras instituições, mas que nestes períodos da história estiverem sendo executadas pelos próprios interessados.

O que buscamos agora é refletir sobre alguns princípios constituintes das práticas autogestionárias vivenciadas nos grupos da Somaterapia, como meio para alcançar uma melhor compreensão dos fenômenos ali vividos por seus integrantes. São experiências que tornam real a autogestão, suas características, seus meandros, seus desafios, sempre permeados de particularidades e interstícios capazes de passarem despercebidos a um olhar mais apressado ou entretido apenas com as determinações e os limites macrosociais.

No desenvolvimento desse estudo, o conceito de autogestão indicou a vivência cotidiana da fragmentação do poder e da delegação nos coletivos

envolvidos. Não é o objetivo da Somaterapia produzir uma autogestão em nível amplo da existência de cada membro. Mas mostrar como, ao longo de seu processo, esta forma de associação traz ganhos significativos ao encaminhamento pedagógico-terapêutico e que podem ser estendidos para a vida social de seus membros.

Através da dinâmica autogestiva, os mecanismos de poder de cada integrante do grupo tornam-se mais visíveis. Isto possibilita observar como estas práticas de poder estão engendradas no comportamento de cada um. Além do mais, há um ganho pedagógico de original valor que geralmente é desdobrado para o cotidiano: o aprendizado de uma maneira de viver, amar e produzir sem a presença do centralismo. Dessa forma, sem que implique uma transformação social ampla e radical, a vivência da dinâmica autogestiva na Soma é a possibilidade da autogestão agora, onde ela pode ser vivida e enfrentada com seus problemas e desafios.

A escolha pelo tema da autogestão e do anarquismo foi o ponto de partida para a elaboração deste estudo. É comum nos grupos de Soma haver entre os participantes pouca ou nenhuma informação preliminar do que vem a ser a autogestão ou mesmo o anarquismo. Não é condição necessária para fazer parte de um grupo, qualquer vinculação ideológica com o pensamento libertário, apesar de haver frequentemente uma afinidade pelo assunto.

Assim, a investigação iniciou-se pela própria noção de anarquismo, que apesar de ser um dos elementos fundamentais da Somaterapia é, certamente, além de desconhecido como dissemos, o mais distante da vida dos membros

dos grupos. O interesse pelo anarquismo advém de uma necessidade de reflexão acerca de estratégias de atuação social que possam garantir um posicionamento ético-político que preserve e amplie a liberdade individual que é alcançada no trabalho terapêutico.

Falamos de anarquismos, dada à multiplicidade de possibilidades que o pensamento libertário oferece. Dessa forma, a definição deste anarquismo não está presa a qualquer fórmula já proposta. Parte da invenção de maneiras associativas, nas quais haja uma permanente postura crítica em relação às práticas de poder, sejam elas vivenciadas em casa, no trabalho, nas relações pessoais e que não dependem necessariamente da socialização dos meios de produção. Ao enfrentar os jogos capitalistas de poder, apropriação e autoritarismo que dia a dia reproduzimos, estaremos nos reeducando para a igualdade, ampliando as nossas possibilidades de prazer e realização.

1.3.2 - Os nós

Como temos afirmado, para além de uma autogestão no campo produtivo (sejam eles fábricas, indústrias etc.), existem vários tipos de autogestão possíveis que envolvem as relações afetivas, familiares, de lazer, políticas etc. Escolhemos para este trabalho as relações autogestionárias de produção do processo da Soma pela sua importância e por apresentarem formas singulares de autogestão.

Existem poucas experiências sobre as quais possamos refletir em relação a uma produção deste tipo. Assim, destacamos algumas características que nos

parece ser de especial valor: são relações como as afetivas, que envolvem confiança e das quais exigimos o máximo de qualidade; a noção de responsabilidade é prioritária, pois a participação neste processo foi deliberada por cada membro; são relações que envolvem várias pessoas, o que significa diversidade e diferenças nos posicionamentos, e mais dificuldades políticas de convivência.

Nesta situação, o maior obstáculo encontrado é dificuldade em resolver os *nós* que esta nova forma de relação nos traz; de viver hoje de maneira igualitária; de viver as diferenças como prerrogativa de associação; de lutar contra as práticas de poder como forma corrente de relação com o mundo. Uma prática, portanto, que exige de cada um permanente reflexão crítica de seus próprios atos.

Na introdução à edição estadunidense no livro *O Anti-Édipo* (2010), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, Michel Foucault interroga-se justamente sobre algo semelhante, de como ser possível construir existências não fascistas: “como fazer para não se tornar fascista mesmo quando (sobretudo quando) se acredita ser um militante revolucionário? Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento?” (FOUCAULT, 1977. p. 5). Seguindo esta mesma inquietação, interessa-nos trabalhar sobre os componentes elementares do autoritarismo que adotamos e reproduzimos muitas vezes sem nos dar conta.

No exercício das práticas de liberdade, um coletivo autogestivo não é um local seguro, no qual proliferam harmonias. Também não é o espaço orgânico que une os indivíduos, mesmo que tenham prerrogativas parecidas, em campos de conformidade. Pelo contrário, é um espaço de tensão criativa: ali ocorrem as lutas de afirmação de cada um e a tentativa de acordos mútuos. São lutas travadas que não visam aniquilar o outro, mas buscam formar unidades na diversidade e para tanto, estabelecer arranjos entre as partes envolvidas. Formam, portanto, um incessante combate agonístico, que possibilitem um cálculo associativo de liberdades.

Enfim, estes *nós* estão relacionados às dificuldades em abandonar o falso dilema entre os papéis - normalmente oferecidos - de “dominador” ou “dominado” para criar uma relação entre “livres”. No levantamento que segue, alguns pontos foram recolhidos de conceitos anarquistas para estabelecer uma posição crítica acerca das dificuldades, frequentemente, encontradas nos grupos da Somaterapia.

1.3.3 - A associação

O primeiro problema encontrado na dinâmica autogestionária é o momento da associação propriamente dita, o momento do encontro. Quais critérios utilizar para definir os membros de um grupo? Como os grupos de Soma se formam de maneira aleatória (mostraremos adiante como ocorre a formação de um grupo de Soma), o critério de associação e formação da

dinâmica de grupo traz questões de interação entre os membros nem sempre fáceis de solucionar. Consideramos esta questão sob dois aspectos: o da existência de objetivos comuns e o do grau de afetividade e confiança que se criam.

A existência de um objetivo comum, claramente definido, gera a coesão que cria os vínculos de comunicação necessários para a adequada exploração das potencialidades e diferenças do grupo. O consenso em torno de um objetivo comum não elimina as diversidades, nem implica padronizar condutas. A pluralidade está preservada na medida em que possam surgir associações - as mais diversas - de acordo com as aspirações e projetos de seus membros.

Já o relacionamento e a confiança entre as pessoas como critério de associação é algo que merece discussão. No momento em que definimos se gostamos e/ou confiamos, ou não, suficientemente em alguém para assumirmos com esta pessoa um projeto comum, podemos estar influenciados por preconceitos ou antipatias, assim como podemos estar exercendo o sadio exercício de avaliarmos criticamente nossa experiência com tal pessoa em termos de preservar e aumentar as possibilidades de sucesso do nosso projeto.

Concluimos que esta opção, de extrema responsabilidade, não é diferente de qualquer outra opção pessoal, ideológica, profissional ou afetiva. A ideia de escolher companheiros de convivência com base na afinidade e no bem querer que possamos ter com eles pode parecer estranha à primeira vista. Nossa inserção nos diversos grupos sociais dos quais participamos — família,

escola, trabalho — é comumente marcada pela compulsoriedade, pelo fato de não optarmos.

Esta sucessão de situações onde nosso discernimento, desejo e escolha são ignorados pelas regras da conduta social, acaba inibindo coletivamente o exercício da vontade de viver da melhor forma possível. O desejo de lutar para fazer o que gostamos e com quem queremos, é o desejo de criar sociabilidades que consideramos libertárias. Se somos “ensinados” a conviver com o empobrecimento de relações sociais como condição constituinte das associações em diversos âmbitos, retroalimentamos o esvaziamento destas mesmas relações.

O fatalismo com que encaramos nossas associações, convivendo e produzindo com pessoas que pouco representam para nós em termos ético-políticos, é o mesmo fatalismo que alguns de nós sentem em relação à sua opção profissional ou em relação à estrutura social em que vivemos. A lógica silenciosamente apresentada desde cedo nas famílias, nas escolas e na sociedade como um todo, apoia-se na ideia de que, se quisermos conviver com algo, teremos que seguir em frente, pois “a vida é assim mesmo”.

Aqui surge o primeiro *nó*, o primeiro obstáculo. Ao definirmos para nós mesmos estes critérios de associação — objetivos comuns e vontade de produzir com determinadas pessoas —, torna-se necessário deixar clara esta opção, comunicar o “não” e o “sim” aos outros. Descobrimos que é muito difícil

dizer não, e encontramos três razões principais para isto (além da falta de hábito, é claro):

- o “não” geralmente é tomado, por quem recebe, como uma negação afetiva ou como um desprezo ao outro. Numa livre associação, este “não” refere-se simplesmente à ideia de produção comum *daquele* projeto *naquele* momento. É diferente da ausência de afeto ou mesmo desinteresse de produção conjunta em outras ocasiões. Isto nos faz temer “a perda” das pessoas ou do seu afeto;
- por trás deste medo de perder está, também, a vontade de acumular, no caso acumular gente. A busca da unanimidade, de ser aceito e querido por todos (portanto, dizendo “sim” a todos) está incluída na lógica de manter “boas relações”, ou seja, preservar relacionamentos frustrantes ou até mesmo indesejáveis, porque eles “podem ser úteis mais tarde”. Nestes casos, mantemos relações com algumas pessoas com a mesma expectativa de lucro com que mantemos dinheiro na poupança;
- por fim, ao dizermos “não” em uma associação para algumas pessoas, estamos também dizendo um “sim” diferente às outras. Muito mais consistente do que nosso “sim” irrefletido das associações não autogestionárias.

Dizer “sim” não é apenas dificultado pelo contraste com o “não”. O sim ativo, ir à luta pelas pessoas com quem queremos produzir é também uma necessidade dentro de uma proposta autogestionária. Isso é visto por muitos

como a perda de suas defesas, e realmente o é, uma vez que ao procurar as pessoas que desejamos, estaremos expondo nossas escolhas, nossas vontades de estar com pessoas que queremos realmente. O momento da associação reflete, portanto, esta difícil condição de afirmar escolhas, enfrentar o convívio com a diferença e buscar pontos de afinidade.

1.3.4 - A secessão

Após o momento inicial da associação, no entanto, é preciso continuar enfrentando os “nós”. No primeiro momento, a formação da dinâmica de grupo autogestiva passa por um período chamado de introdução pedagógica, no qual são apresentadas e debatidas os princípios básicos de funcionamento da Soma. Os meses iniciais são importantes para que os indivíduos que compõem o coletivo se conheçam e estabeleçam as prerrogativas de associação, como falamos no item anterior.

Segue-se adiante o percurso do grupo, tendo como característica comum o fato de nunca encontrarmos um funcionamento que ocorra de maneira homogênea. As sucessivas crises, que normalmente passam os grupos, refletem as dificuldades associativas de cada um no processo do grupo. Além de fazer parte do processo, as crises auxiliam nas mudanças e transformações qualitativas nos caminhos trilhados por todos que estão ali implicados.

Porém, pode ser que surja uma crise no processo do grupo mais intensa, que afete o desenvolvimento e continuidade do trabalho. Quando o surgimento

desta crise está relacionada à participação de um ou mais membros do grupo, cuja forma de inserção vem a alterar os objetivos e disposição de trabalhar coletivamente, é então, debatida a interrupção deste membro no processo. Estas dificuldades, que põem em questionamento a permanência de algum membro, estão relacionadas a posturas recorrentes de autoritarismo, omissão, desrespeito ético ou discriminação de algum tipo etc. Neste caso será discutida a possibilidade da secessão.

Ela representa a proposta de separação de um ou mais membros do coletivo, para que o processo possa seguir adiante sem prejuízo de todos. Geralmente, quando ocorre, a secessão é a última via a ser utilizada. Depois de esgotarem-se todas as possibilidades, e para que o processo não afunde e todos sejam prejudicados, o grupo precisa “cortar na própria carne” para seguir seu caminho. É comum acontecer, nestes casos, dos membros dos grupos se depararem com os valores, fortemente, impregnados em nossa formação burguesa como a culpa, o remorso ou a piedade. Todavia, quando a secessão é atingida, é fundamental que seja deliberada entre todos. Não cabe a um membro decidir quem fica ou permanece. Nem tão pouco que seja decidido entre a maioria. Nestas horas, o consenso é o instrumento utilizado para chegar a uma posição, na qual o próprio membro que poderá sair do grupo realize sua autocrítica e decida sair, se for o caso.

Portanto, não significa eliminar o problema, descartando um membro por não se “adaptar” ao grupo. Também não quer dizer que seja uma inabilidade de manejar supostas resistências neuróticas, mas entender, a partir de uma

perspectiva anarquista que a livre secessão é tão importante quanto a livre associação. É possível escolher estar ao lado ou produzindo com alguém, da mesma forma que é possível afastar-se quando não for mais possível e gratificante este encontro. A secessão, apesar de ocorrer em situações limítrofes, faz parte dos desafios e dos *nós* que representam a associação autogestiva.

1.3.5 - Trabalho mínimo necessário

A expressão “trabalho mínimo socialmente necessário” foi utilizada pelo escritor e militante anarquista Diego A. Santillan¹² no seu *Organismo Económico da Revolução* (1936). Segundo o autor, serviria para designar a cota de trabalho direto na produção (nas fábricas, oficinas, padarias etc.) que caberia a cada um em projetos libertários. Com algumas horas diárias de contribuição de cada um, poder-se-ia gerar riqueza material necessária para o bem-estar da comunidade.

Adaptamos este conceito para este estudo, para explicar o *nó* fundamental no envolvimento de cada membro no processo de um coletivo. Entendemos que fazer parte de um processo autogestivo significa construir juntos este processo. Naturalmente alguns se envolvem mais que outros no

¹² Diego Abad de Santillán (1897-1983) foi um escritor e ativista libertário. Considerado um importante teórico da Guerra Civil Espanhola, atuou também nos movimentos anarcossindicalistas da Espanha e da Argentina. Integrou a Federação Anarquista Ibérica (FAI) e contribuiu para a criação do Comitê de Milícias Antifascistas de Catalunha.

desenvolvimento do trabalho. Inclusive, este envolvimento não é linear, variando de intensidade, formas e objetivos ao longo do percurso.

No entanto, o *nó* encontrado diz respeito ao que seria o mínimo para este coletivo seguir em frente. Como prerrogativa de associação em um processo que não costuma ultrapassar dezoito meses, a implicação de todos é fundamental. Assim, o mínimo do mínimo é estar presente, é frequentar os encontros em datas que são definidas entre todos.

Mas não basta estar de corpo presente. Se entendermos que a construção deste processo recai sobre o conjunto dos atores ali envolvidos, estar implicado neste processo significa também a qualidade desta inserção. Naturalmente existem diferentes características de envolvimento. Pode haver uma pessoa que tenha mais desejo e capacidade de comunicar-se, em apontar ao outro o que percebe. Já em outras, a dificuldade em se expor ou expor o outro pode parecer desinteresse.

Todavia, para além das diferenças individuais, aos poucos os membros do grupo percebem quando é uma dificuldade ou quando se trata de uma indisposição assumir um papel mais ativo no coletivo. Em alguns casos, observamos até certo hábito burguês de acomodação ou recusa à “trabalhar pelo coletivo”, como se contribuir para o outro não lhe interessasse. Ocorre que, além do processo ser fruto de participação de todos, os ganhos de cada um representam também, ganhos para os demais.

Debater este *nó* não significa encontrar uma homogeneidade de envolvimento entre as pessoas ali colocadas no coletivo. Mas trata-se de buscar o que seria um mínimo de comprometimento com uma proposta associativa, na qual todos constroem o projeto coletivo. Além do que, como dissemos, o resultado deste processo será de benefício de todos, e não de um apenas.

Quando se fala em trabalho mínimo necessário, uma característica marca o processo coletivo: a fragmentação do projeto, que acontece na medida em que a atitude das pessoas (apesar do desejo de realizar a empreitada) frequentemente é de boicotar, na prática, parte das funções necessárias para tal, preferindo vê-las não realizadas a dispor-se a fazê-las.

1.3.6 – *Lideranças rotativas*

Talvez este represente um dos principais desafios de uma construção coletiva: como fazer com que a liderança não se cristalize em uma ou poucas pessoas? E ainda, como ser possível que em algum momento todos possam exercer seu papel de líder? Este tema liga-se a outros, geralmente, presente nos debates sobre o pensamento libertário: a questão da organização e funcionamento dos grupos. Sua relevância está relacionada à criação de novas formulações que se distanciem das práticas da organização hierárquica, marcadas comumente sobre os pilares do centralismo e da verticalidade.

A diversidade é fator recorrente em grupos que pretendem ser libertários. O desafio desses grupos tem sido em experimentar formas de associação, nas quais o repeto pelo que há de singular em cada membro seja condição marcante nestes encontros. Pensando nisto, encontramos diferentes posturas individuais diante da questão da liderança.

Se por um lado, alguns tem mais facilidade em assumir papéis de destaque, outros parecem confortáveis no lugar de liderados. No entanto, sabemos que por trás deste “conforto”, muitas vezes residem dificuldades emocionais, éticas e políticas atreladas à construções de papéis sociais em nossas sociabilidades. Desfazer estes nós e buscar novas formas de incursão dos atores envolvidos nos diferentes espaços sociais é estar implicado com a experiência do risco de assumir responsabilidades.

Assim, a ideia da liderança rotativa está atrelada à possibilidade de alternância de cada membro do grupo como líder circunstancial, o que possibilita que cada um exerça seu papel dentro do coletivo. As funções são assumidas de forma temporárias, alternadas e revogáveis, não recaindo sobre um, indefinidamente. As dificuldades encontradas para o exercício da liderança rotativa e descartável, muitas vezes estão relacionadas ao medo, ansiedade, vergonha, e sentimentos de incapacidade e impotência para tal tarefa.

1.3.7 - Comunicação

Tornou-se também clara nesta pesquisa a necessidade de pensarmos sobre a comunicação dentro dos grupos. A livre expressão do que se pensa,

sente e deseja auxilia o coletivo a ter uma relação mais transparente e livre de incômodos guardados. Traz, ainda, a importância de se transmitir as informações relevantes para todos e entre todos, fundamentais para o bom desenvolvimento de produção de uma equipe autogestionária.

É de importância vital para um grupo que pretende viver a autogestão, que todos os seus membros tenham conhecimento e clareza dos mecanismos de poder embutidos nas palavras, na linguagem. Pronunciar-se é, antes de tudo, uma atitude política de enfrentamento e ousadia. Um ato de coragem frente à si próprio e ao outro.

A sinceridade é entendida aqui como um constante estar atento a si mesmo, expressando suas impressões e informações que possam interessar ou ajudar o grupo na solução de seus problemas. Ela é indispensável para que as relações de convivência não se tornem poluídas de informações truncadas, desconexas ou que guardem duplo sentido. A política da sinceridade auxilia as relações no cotidiano do grupo a manterem-se mais claras.

No entanto, um *nó* frequentemente encontrado no processo da dinâmica autogestiva diz respeito justamente aos entraves na comunicação, especialmente através do uso da manobra na linguagem verbal e não verbal conhecida por duplo vínculo.

O duplo vínculo¹³ é o mesmo que dupla linguagem ou linguagem cruzada. É a forma de expressar informações contrárias e paradoxais, que se anulam entre si, seja através do mesmo canal de comunicação (a fala, por exemplo) ou de diferentes canais (a fala e o gesto). É um mecanismo delicado e sutil, ao qual respondemos com aceitação e normalidade na maior parte das vezes, e que se torna tão mais eficiente quanto maior for a relação de afetividade e confiança entre as pessoas. O duplo vínculo torna-se assim o oposto da sinceridade.

A sistematização do duplo vínculo entre as pessoas estabelece a desconfiança crônica entre elas, constituindo-se, assim, em um *nó* efficientíssimo para a obstrução da comunicação. Enfrentar o desafio de desatar os *nós* encontrados na comunicação entre os membros do grupo é o passo fundamental para compor e desenvolver os princípios associativos da autogestão no processo da Soma. Sem uma política da sinceridade, os saldos da hipocrisia que muitas vezes marcam as sociabilidades, penetram e corroem as relações nesta proposta de trabalho.

1.3.8 – Processo de decisão

¹³ O duplo vínculo (*double bind*, em inglês) é um conceito inicialmente forjado pelo comunicólogo e antropólogo Gregory Bateson na década de 1950, na Universidade de Palo Alto, nos Estados Unidos. Trata-se de uma comunicação paradoxal, caracterizada por mensagens contraditórias e simultâneas, seja pelo mesmo canal de comunicação (como a fala), seja por dois canais de comunicação distintos (como a fala e o gesto). O fato de tais mensagens serem simultâneas e contraditórias faz com que quem as recebe fique confuso. Bateson afirmou que este padrão de comunicação era frequentemente encontrado nas famílias de jovens e adultos que desenvolveram esquizofrenia. Mais adiante, a despeito dos pressupostos teóricos da Somaterapia, aprofundaremos este conceito e como ele é utilizado no processo dos grupos.

Encontramos aqui mais um *nó* frequente nos grupos da Somaterapia, dispostos numa proposta de produção coletiva: a questão das deliberações que envolvem o conjunto dos indivíduos. Obviamente estamos aqui interessados nas decisões que levem em conta o funcionamento do grupo e não as decisões que são de foro íntimo e de abrangência, exclusivamente, pessoal.

Nos processos coletivos, a questão da tomada de decisão exige o comprometimento de todos e a possibilidade de encaminhar tais decisões de forma que não recaia sobre todos a prerrogativa de um e nem o contrário.

Optamos por valorizar as tomadas de decisões através do consenso. Isto não significa a busca pela uniformidade, mas a tentativa de encontrar saídas para os impasses, nas quais os envolvidos possam elaborar suas próprias saídas. Para que se possa chegar a esta proposição, não há necessidade do uso do voto. Neste caso, ocorreria o erro frequente nas decisões da democracia liberal, quando a maioria decide e a minoria acata. Especialmente em grupos em torno de quinze a vinte pessoas, a busca por uma formulação conjunta é extremamente possível e relativamente fácil.

O consenso nestes casos - é importante que se diga ainda -, não exclui o dissenso, fundamental para o exercício da diferença. A voz dissonante é a garantia que o coletivo não deve ter mais poder que o indivíduo. A difícil questão nestes casos é a articulação entre estas duas dimensões: o individual e o coletivo, sem que um se sobreponha ao outro. Para que isso seja minimizado, as decisões normalmente não são rígidas, podendo valer de constantes revisões

e análises críticas que evitem a cristalização e o prejuízo de qualquer ator envolvido.

Noutro ponto, encontramos mais um *nó* frequente nas tomadas de decisões da dinâmica autogestiva, quando ocorrem os chamados “falsos consensos”. Ou seja, quando as decisões são aparentemente decididas por todos, mas não há um efetivo encaminhamento daquelas deliberações. A dificuldade em se chegar a uma resolução mais clara a todos, acaba por produzir decisões apressadas ou não suficientemente debatidas. Nestes casos, é comum encontrarmos os desdobramentos dos falsos consensos na dinâmica do grupo: tarefas não executadas, boicotes, omissões, disputas etc. Geralmente, estes assuntos retornam à pauta de debates, mas quase sempre depois de produzir alguns danos à dinâmica.

Os falsos consensos acabam por gerar dificuldades na convivência, que por sua vez geram cobranças, que de um modo geral, é evitada pelas pessoas. Como muitas delas não aceitam adequadamente a cobrança, confundindo-a com o não afetivo, também acabam por não cobrar, gerando um verdadeiro sistema de tolerância recíproca. Na linguagem da Somaterapia este procedimento é designado por “pacto da mediocridade”: “eu não denuncio o outro para não ser denunciado”. Este tipo de *nó*, comum nas relações sociais, constitui fator de obstrução da comunicação e põe em risco a relação como um todo.

Um exemplo corriqueiro com relação à tomada de decisões e aos falsos consensos ocorre com relação ao atraso para início das reuniões. Normalmente

são horários deliberados por todos, mas quando não são respeitados põe em risco a qualidade e a própria realização do trabalho. Ocorre que, ao desprezar a decisão tomada por todos em relação aos horários, o que parecia banal, afeta o mais importante, o próprio processo.

1.3.9 – Fragmentação das hierarquias

Como temos apontado, a investida na dinâmica autogestiva é a proposta de criar um laboratório social, no qual seja possível realizar uma análise do poder e suas implicações no comportamento individual. Neste propósito, busca-se estabelecer um ambiente em que as hierarquias sejam, dentro do possível, fragmentadas. Destacamos aqui dois *nós* que normalmente surgem impedindo ou dificultando a construção de um coletivo não hierarquizado: a competição e a centralidade da informação.

O primeiro *nó*, a competição, está relacionado à disputa pelo poder, pela posse da melhor ideia, e está centrada na preocupação com a performance individual. Neste sentido, a competição pode ser entendida também como a busca pela cristalização de uma liderança, que luta para se tornar fixa, o que impede a ocorrência de lideranças emergentes, centradas na maior habilidade que um indivíduo possa ter perante determinada situação.

A competição é diferente do livre debate de ideias. Neste, os integrantes do grupo discutem e confrontam ideias para encontrarem a melhor solução para

seu desenvolvimento enquanto grupo, delineando um caráter ecológico (a melhor solução para o todo) de produção em grupo.

São claras para nós as diferenças de conhecimento e aptidões que existem entre indivíduos de uma equipe de trabalho, e é com as diferenças que acreditamos na possibilidade de produzir e criar em autogestão. As diferenças são fundamentais para que surjam os líderes emergentes, que não detêm o poder e não cristalizam suas lideranças: apenas contribuem, expondo seus conhecimentos sobre o trabalho a ser feito, orientando e coordenando as atividades do grupo enquanto este trabalho tiver duração.

Aquele que compete pode também usar da centralização da informação, instrumento que por sua vez é facilmente perceptível, pois só pode atuar com a displicência dos demais membros do grupo. Assim, nos projetos autogestionários experienciados e pesquisados, estudamos esta outra dificuldade: a centralização da informação e do conhecimento. Isto é o oposto da socialização do conhecimento, fator imprescindível para que cada indivíduo de uma equipe autogestionária possa agir com autonomia e produzir melhor.

Compartilhar a informação requer confiança e representa um investimento para que o trabalho dos membros da equipe seja o melhor possível. A vontade de socializar o conhecimento é movida pela solidariedade e afeto que se tem pelo projeto e pelas pessoas que estão nele, sentimentos que são possíveis graças a existência da cumplicidade e sinceridade na relação junto ao outro.

No entanto, mesmo dentro de um processo autogestionário de produção e de afeto, como temos visto, encontramos difíceis *nós* em serem solucionados. Nas experiências coletivas dos grupos da Somaterapia - nas quais a livre associação e acordo ético estão baseados na liberdade e na sinceridade - percebemos a reprodução de mecanismos de centralização de informações iguais aos do sistema capitalista. A apropriação do conhecimento que são usados, mesmo inconscientemente, acaba por produzir a intensificação das práticas de poder.

Concluindo estes temas aqui apresentados sobre os *nós* de interação autogestiva e as vicissitudes que nos afetam, podemos destacar alguns pontos: a importância de afirmar o “sim” e o “não” a companheiros de um grupo para criar através de nossa sinceridade uma unidade de trabalho; a associação, a secessão e reintegração de um membro do grupo; o questionamento sobre o papel de cada membro no coletivo; a questão da comunicação e seus meandros etc. Enfim, uma série de desafios que tornam a prática associativa da autogestão uma experiência enriquecedora, repleta de invenções e contradições.

O levantamento destes temas é fruto e inspiração da vivência nos processos de grupos de Somaterapia, que é nosso próprio campo de experimentação. Para isso, os instrumentos de análise em questão não resumem-se a um só campo de saber, mas a uma ótica transdisciplinar.

A dinâmica de grupo autogestiva ocorre baseada na relação do indivíduo consigo próprio e com o seu grupo imediato (Psicologia), sob a forma de

organização social (Sociologia), econômica e produtiva (Economia), e nas relações de transmissão de conhecimento (Pedagogia) em que esta produção está inserida.

Nosso campo de estudo é também a política, não no sentido institucional ou puramente teórico, mas ao nível celular do exercício individual e cotidiano dos mecanismos de poder e das práticas de liberdade. Não centramos nossas atenções no Estado, nas leis ou nos instrumentos violentos de manutenção da dominação e da injustiça. Buscamos aqui entender o quanto cada um de nós, mesmo optando por uma prática libertária, acabamos por reproduzir a delegação de responsabilidade, a convivência superficial e competitiva com nossos companheiros, a função de policiais, de patrões e até o papel de vítimas impotentes, que certamente não desejamos nas sociabilidades que pretendemos construir.

Para nós, o advento de novas associações é resultado das lutas simultâneas e indissociáveis pela liberdade no plano social, organizações de defesa de nossos interesses, e pela liberdade a ser inventada a cada novo encontro. Elas exigem o desmascaramento de como são repetidas e reforçadas as lógicas de poder da sociedade que pretendemos transformar.

1.4 - Relações de poder X relações de dominação

Temos falado que o espaço coletivo, vivificado em autogestão, nos possibilita um campo privilegiado para a analítica do poder. Isso não significa a

eliminação de suas práticas, mas possibilita o favorecimento de sociabilidades que minimizam ou mesmo evitam a cristalização do domínio. Traz também o exercício da diferença e a afirmação do singular por parte dos atores ali presentes.

Para ficar mais claro o que queremos afirmar, talvez seja necessário distinguirmos o que seriam relações de poder e relações de dominação. Já mostramos como na perspectiva foucaultiana, o poder não está localizado em um ponto específico apenas, mas difuso e espalhado por diferentes pontos, nos quais não há dentro ou fora. Também não parte deste ou aquele ponto exclusivo para depois se alastrar e atuar de forma repressiva sobre indivíduos que recebem esta ação passivamente. O que há, para Michel Foucault são práticas ou relações de poder. Segundo ele:

“A ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos coordenado (...) de relações. Então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações de poder.” (FOUCAULT, 2010. p. 248)

Assim, o poder não é uma coisa em si que possa ser adquirido, absorvido para si e em si mesmo. Tampouco pode ser localizado em um ponto apenas, seja ele uma instituição, um grupo ou um sujeito. É apenas e antes de tudo uma relação de forças, que atua entre diferentes atores, e estão cotidianamente em nossas mais diversas ações. Sendo relação, está em movimento, deslocando-se em forma de rede pela malha social.

O que interessa a Foucault é, então, não dizer o que é o poder, mas como ele funciona. Em *Ditos e Escritos – Vol. IV* (1994b), ele se questiona, entre as supostas formas de funcionamento do poder: que sistemas de diferenciação permitem que uns atuem sobre os outros (diferenças jurídicas, econômicas, capacidades cognitivas etc.); quais os objetivos que buscam (enriquecimento, privilégios, autoridades etc.); quais as modalidades instrumentais utilizadas (dinheiro, vigilância, saberes etc.); quais as formas de institucionalizações são criadas e dão suporte (estruturas jurídicas, regulamentos, burocracia etc.) e por fim, que tipo de racionalidade está em jogo (tecnológicas, econômicas etc.). Nas suas distintas formas de funcionamento, o poder e suas práticas agem especialmente sobre as condutas, produzindo não um caráter repressivo, mas moldando-as por meio de técnicas de disciplina e controle. Foucault subtrai assim, a característica “negativa” do poder, quando o vê como algo produtivo, que “fabrica” condutas e modos de vida.

Nesta perspectiva, o poder não acaba e não cessa nunca. Toda e qualquer relação é uma relação política, pois o poder está disposto como condição *sine qua non* das relações sociais. Visto assim, o conceito de revolução como caminho que se abre para a liberação perde sua força. Como o poder para Michel Foucault não é visto como totalidade, sua eliminação por completo torna-se uma abstração. No lugar da revolução e seu sentido liberador, o pensador propõe as práticas de liberdade, espalhadas cotidianamente pelos polos e espaços capilares de nossas relações.

Nesta mesma direção, a crítica que o filósofo Michel Onfray estabelece ao ideal revolucionário aposta no ativismo diário como forma de fazer política:

“Não creio na revolução, mas na transformação revolucionária do indivíduo. Creio que apenas podemos mudar as coisas individualmente, em torno de nós, e fazer a revolução no nosso próprio cotidiano sem esperar, por exemplo, que o poder de Estado desapareça. Acredito que podemos começar a modificar as coisas nas nossas relações de amor ou amizade com as pessoas com quem trabalhamos e convivemos diariamente.” (ONFRAY, 1999. p. 33)

Os anarquistas, especialmente as correntes clássicas do pensamento libertário, elegeram por muito tempo a eliminação do Estado como prerrogativa revolucionária privilegiada. Viam no Leviatã o grande celeiro do poder. Para Newman (2008) - a partir de uma análise do presente – esta perspectiva de ação pode limitar o pensamento libertário. Segundo autor, localizar em um único ponto o poder e o ver como o grande mal a ser extirpado, produz uma apreciação ressentida, dentro da lógica binária, na qual divide dois lados em questão: de um lado, o opressor a ser combatido; do outro, um oprimido que precisa ser libertado.

Na lógica binária, não importa se for o Estado, o patrão, o pai ou qualquer outra instância de poder, o que importa é que haja um inimigo de um lado e um sujeito capaz de combatê-lo de outro. Cria-se, assim, uma dimensão maniqueísta de ação política, que divide em dois lados opostos o lugar essencial do poder e o lado essencial da revolta.

Ao eleger o Estado como o *locus* exclusivo de ação política, corre-se o risco de perder de vista as diversas práticas de poder espalhadas por diferentes pontos da malha social. Esta análise leva em conta o poder como algo essencialmente negativo e que deve ser eliminado, considerando-o apenas “maléfico, destrutivo, algo que degrada a plena realização do indivíduo. (...) O poder não emana de instituições como o Estado, pelo contrário, é imanente a toda rede social, através de vários discursos e saberes. Poder nesse sentido é produtivo ao invés de repressivo.” (NEWMAN, 2008. p. 164-166).

Ao colocar-se nesta dialética de forças, o anarquismo pode assumir uma posição de ressentimento e uma rancorosa prática política. O ressentimento é o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas, que prende o ressentido no sentimento de vingança por outro, que supõe ser o responsável por seu estado de sofrimento e angústia. Na perspectiva genealógica de Nietzsche (1988), o autor defende a moral do senhor contra a moral do escravo, valorizando a moral aristocrática, visto naquele que enfrenta suas lutas e aceita sua condição trágica de vida, como condição imanente. A moral do senhor ou também chamada moral sadia, natural, regida pelos instintos da vida, é propriamente uma ética.

Em *Política do Rebelde – tratado de resistência e insubmissão* (2001), Michel Onfray desenvolve algo que começou a ser formulado em *A Escultura de Si* (1995): uma visão política do anarquismo mais contemporânea, onde “o anárquico está para o anarquista assim como o monarca está para o monarquista” (ONFRAY, 1995. p.55). Segundo Onfray, as propostas e ações do

pensamento anarquista produzidas no século XIX e que marcaram o movimento libertário, especialmente nas obras como as de Mikhail Bakunin e Pierre-Joseph Proudhon, foram fundamentais na crítica ao poder.

No entanto, Michel Onfray (2001) argumenta que as propostas e as ações do pensamento anarquista do século XIX, estão vinculadas a uma época e fazem parte de um momento social e político específico. Para Onfray (2001), o pensamento anarquista clássico produziu um conjunto de teorias com inegáveis contribuições nos campos da ética, da política, da sociologia e da economia, mas que não poderiam simplesmente atender às atuais características de complexidade que o capitalismo contemporâneo produz.

Sem descartar estas influências do passado, Onfray (2001) procura atualizar a proposta libertária, seguindo inclusive as contribuições de Michel Foucault e Gilles Deleuze sobre a sociedade disciplinar¹⁴ e a sociedade de controle¹⁵, respectivamente.

¹⁴ Michel Foucault denomina este conceito a partir das características essenciais de como se dá a distribuição dos indivíduos em espaços individualizados, classificatórios, combinatórios, isolados, hierarquizados, capazes de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que deles exige. Para o autor, estabelece-se uma sujeição do indivíduo ao tempo, com o objetivo de produzir com o máximo de rapidez e eficácia. A vigilância também se expressa como um dos seus instrumentos de controle, de maneira contínua, perpétua e permanente. No âmbito do direito penal, passa-se a enunciar os crimes e os castigos que preconizam o controle e a reforma psicológica e moral das atitudes e do comportamento dos indivíduos, diferente daquela prevista no séc. XVIII, que visava tão somente a defesa da sociedade.

¹⁵ Num artigo intitulado “*Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*”, o filósofo Gilles Deleuze (1992) indica alguns aspectos que irão distinguir uma sociedade disciplinar de uma sociedade de controle. As sociedades disciplinares podem ser situadas num período que vai do século XVIII até a Segunda Grande Guerra, sendo que os anos da segunda metade do século XX estariam marcados por seu declínio e pela respectiva ascensão de uma sociedade de

Em sua maneira de pensar o anarquismo no presente, Onfray (2001) valoriza a ação cotidiana em detrimento das formas de atuação das políticas tradicionais, como partidos políticos e a democracia. Também critica a associação exclusiva entre o poder e o Estado como *lócus* privilegiado de ação. Ao privilegiar a ação de modo local, produzida no aqui e agora, o filósofo defende o que chama de *devoir revolucionário dos indivíduos*, uma forma possível de ação libertária no presente.

Para Michel Onfray (2001), a partir dos acontecimentos de Maio de 1968, surgiu uma ruptura epistemológica capaz de dividir, entre o velho e o novo, o homem e o humanismo de um lado e o indivíduo soberano apto a governar-se do outro lado. O surgimento de um ser singular e livre-pensador é visto por ele, como um incessante movimento de transformação. Segundo Onfray (2001), “a revolução à maneira de golpe de Estado está morta, viva a revolução pelo modo libertário, molecular, para dizê-lo com as palavras de Deleuze e Guatarri”. (ONFRAY, 2001. p.182).

Investindo nesta perspectiva, para Onfray, surge também a necessidade de enfrentar a microfísica do poder local e global, onde se dá o desdobramento do homem e o redobramento do indivíduo para práticas de liberdade na relação com o mundo. Segundo Michel Onfray:

controle. Segundo o autor, esta passagem seria marcada pela interpenetração dos espaços, por sua suposta ausência de limites definidos (a rede) e pela instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos nunca conseguiriam terminar coisa nenhuma, pois estariam sempre enredados numa espécie de formação permanente, de dívida impagável, prisioneiros em campo aberto. O que haveria aqui, segundo Deleuze, seria uma espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social.

“O anúncio do Deus morto proferido por Nietzsche, o do falecimento do homem feito por Foucault, liberam o terreno para um novo nascimento no qual o humanismo e os direitos do homem desaparecem, pela pura e simples razão de que a figura solicitada pelos votos dos nietzschianos franceses torna caduco o recurso aos aparelhos ideológicos destinados à reciclagem ou à aniquilação dos impulsos e das energias reivindicadoras. Deus celebrado, o homem civilizado não produziria, *realmente*, senão a alienação e a servidão, o empobrecimento, o enfraquecimento dos indivíduos, seus sacrifícios aos leviatãs multiplicados”. (ONFRAY, 2001. p. 158).

O ideal arcaico de revolução social, entendido através da destruição do Estado ou mesmo pela tomada do poder e da implantação de outro, mesmo que este se afirme como libertário, perde seu sentido. A aposta anarquista que Onfray defende propõe não limitar ou tornar exclusiva a ação libertária nestes termos. Ao contrário, o que defende é o instante criador, seja na ética ou na política, que possibilite práticas de liberdade do presente.

O processo dos laboratórios sociais da Soma, exercido em autogestão, aponta para a mesma direção. A atitude libertária que buscamos deve ocorrer no aqui e agora, nos acontecimentos que produzam relações entre iguais, combatendo as hierarquias que fortaleçam as práticas de poder, normalmente presentes nas sociabilidades do capitalismo. Para tanto, a valorização do individualismo passa por uma oposição permanente a qualquer forma de poder que se coloque na relação com o outro, criando uma resistência contínua e uma insubmissão feroz.

Pensar uma prática libertária no presente é, portanto, para Onfray criar maneiras de atuação que vão além da luta revolucionária pela destruição do

Estado. O anarquismo de Michel Onfray segue as indicações propostas por Foucault, abrindo caminhos possíveis para o “cuidado de si” como investimento político. Invertendo o campo das lutas sociais do plano macro para o micro, sua preocupação volta-se mais para o cotidiano e para as pequenas transformações da vida como acontecimento libertário:

“Um pensamento anarquista contemporâneo deve romper com este fetichismo do Estado, pois este só se reduz a uma maquinaria, sem nenhum coeficiente ético, apenas um mecanismo que obedece a ordens que se dão e se transmitem. A contradição entre Estado e liberdade desaparece ao mesmo tempo em que a sociedade de controle substitui a sociedade disciplinar” (ONFRAY, 2001. p. 171).

Porém, aqui surge um importante aspecto que merece destaque. Se entendermos que o poder nunca será inteiramente superado, isso não nos faz passivos diante dos fatos. Podemos e devemos agir neste mundo, negociando e articulando práticas de liberdade como forma de intensificá-las e expandí-las. Sobretudo quando estas tendem a se condensar e transformar em relações de dominação.

As relações de dominação devem ser distinguidas das relações de poder no momento em que, o fluxo contínuo e instável de poder torna-se obstado e congelado. Cristalizadas, as relações de poder tanto deixam de ser móveis, quanto impendem possíveis estratégias que possam modificá-la. Para Foucault (1994a), a dominação é tanto uma estrutura global de poder quanto uma situação estratégica, mais ou menos adquirida ou consolidada. E mais: se nas

relações de poder há espaço para o exercício da liberdade, nas relações de dominação tal exercício fica fortemente comprometido.

Como vimos, as relações de poder estão permanentemente agindo de forma difusa nos diferentes espaços de sociabilidades. Ao mesmo tempo, elas estão permeadas por práticas de resistências contínuas: onde há poder, há resistência. No entanto, se o poder for da ordem da coerção ou quando se formam hierarquias desiguais, não mais se permitem relações de reciprocidade e as formas de resistências também ficam comprometidas. Formam-se então relações fixas de domínio. Destas, a libertação é a condição primordial para se pensar em futuras práticas de liberdade. Segundo Foucault (1994):

“Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento – por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares -, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação. É lógico que em tal estado as práticas de liberdade não existem, existem apenas unilateralmente ou são extremamente restritas e limitadas. (...) A libertação é às vezes a condição política ou histórica para uma prática de liberdade. (...) [ela] abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade.” (FOUCAULT, 1994a. p. 267)

Este tipo de relação está na base das instituições como o Estado, por exemplo, o que tornam válidas as reflexões libertárias sobre o poder estatal. Para Foucault (2010), o Estado torna-se desta forma, a reunião de diferentes relações de poder que tornaram-se enrijecidas. Partem desse tipo de prática, as técnicas de governo: os elementos que constituem a governamentalidade são técnicas de dominação e técnicas de si. Para Newman (2008), “de acordo com

Foucault, o Estado é apenas uma reunião de relações de poder diferentes que desse modo se tornaram congelados. Esta é uma maneira radicalmente diferente de olhar para as instituições como o Estado. (...) [ele] é meramente um efeito das relações de poder que se cristalizaram em relações de dominação.” (NEWMAN, 2008. p. 167). Nesta lógica, não há distinção entre vida social e poder. As instituições opressivas surgem do mesmo mundo do poder: somos potencialmente cúmplices pelas práticas de dominação, legitimando-as e fazendo-as surgir.

Uma importante questão que se coloca, então, é como podemos estar atentos à passagem das relações de poder para as relações de dominação? As práticas de dominação, para além daquelas onde são visualizadas mais facilmente, podem ocorrer a qualquer momento e ao nosso lado. Ao lutar contra a dominação, podemos, sem perceber, logo em seguida construir outras formas de dominação. E estas reproduções de dominação não precisam estar apenas na esfera do Estado, elas podem ocorrer ao lado, no cotidiano. No encontro entre dois amantes, por exemplo, que pode facilmente transformar-se em relação de dominação e até de violência.

O desafio em que nos colocamos nesta investigação é pensar como os laboratórios sociais – dispostos a vivenciar uma dinâmica autogestiva -, possam lidar com estas armadilhas. É fundamental estar atento para perceber quando e como as práticas de poder não se transformam em práticas de dominação. O cuidado necessário em evitar a formação de relações de desigualdade e práticas

de dominação de uns sobre os outros tem sido, pois, a preocupação de coletivos autogestionados.

Contra a aparente inevitabilidade do *contrato social* (HOBBS, 1973), que nos solicita sacrifício em nome da relação com o outro e da autoridade, propomos o *bando* (BAY, 2011). Se no contrato social, para que os indivíduos se agrupem é necessário o princípio de autoridade para “domar” os impulsos naturais que cria conflitos de uns contra outros, o bando é entendido como uma associação de indivíduos que se auto-organizam pela livre associação. As cartografias solitárias de cada um deixam de existir em proveito de um papel pedagógico para o outro: na possibilidade de confederar caminhos comuns desde que não prejudique nenhuma das partes. Segundo Hakim Bey:

“O bando é aberto – não para todos, é claro, mas para um grupo que divide afinidades, os iniciados que juram sobre um laço de amor. O bando não pertence a uma hierarquia maior, ele é parte de um padrão horizontalizado de costumes, parentescos, contratos e alianças, afinidades espirituais etc.” (BEY, 2011. p. 24)

Se não podemos ter a esperança de superar de uma vez por todas o poder e suas práticas, visto que qualquer superação já é a imposição de um outro regime de poder, podemos e temos a tarefa de lutar para evitar as práticas de dominação. O melhor que podemos fazer é criar formas de vida afirmativas, que possam redimensionar as relações de poder, por meio de uma luta contínua e uma resistência feroz, em práticas associativas menos opressoras e dominantes.

A construção de um modo de vida associativo e não hierárquico acontece no presente, fragmentando a noção de utopia como ideal de futuro promissor. Se no passado a luta dos libertários se dava na expectativa de uma autogestão generalizada, abolindo o Estado e propriedade privada, hoje suas lutas estão para além desses saldos iluministas. A criação de modos de existir anárquicos situa-se na ultrapassagem da exploração e das práticas de dominação. Inventar existências é ir além de resistir ao poder.

Assim, as relações de dominação podem ser minimizadas e até eliminadas pela criação de formas associativas que tem na autogestão um paradigma possível. Como dissemos, são encontros que não buscam a ilusão de se colocar fora das práticas de poder, mas de criar mecanismos associativos sempre alertas às capturas da autonomia.

A construção de sociabilidades libertárias investidas na dinâmica de grupo autogestiva não deve cair na tentação das utopias revolucionárias, que almejam um mundo livre do poder e da dominação. É impossível pensar uma existência sem poder ou fora do poder, pois nunca estaremos inteiramente livres deste. A própria noção de liberdade está atrelada à noção de poder, pois uma não existe sem a outra.

É na relação cotidiana com o parceiro de trabalho, de amizade, de amor etc., que estabelecemos os pactos de liberdade. O pacto com o outro não deixa de ser um pacto consigo mesmo. Trata-se de articular um cálculo associativo, tomando o outro por ocasião e não por testemunha. O exercício da diferença em

cada um afirma-se na diferença do outro, para criar o *phatos* necessário da relação libertária. Mikail Bakunin, na perspectiva de seu anarquismo, afirma que:

“Só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, são igualmente livres. A liberdade dos outros, longe de limitar ou negar minha liberdade, é ao contrário a sua condição necessária e sua confirmação. Eu me torno livre no verdadeiro sentido apenas em virtude da liberdade dos outros, de modo que quanto maior o número de pessoas livres ao meu redor, quanto mais profunda e mais abundante torna-se minha liberdade.” (BAKUNIN, 2002. p. 47-48)

O desafio de lutar pela liberdade junto ao outro se dá no agonismo como contínua e incessante combate. Nesta associação, a disputa para ser livre não ocorre com a destruição do outro, mas pelo contrário, é na legitimação do outro que a existência de um se funda. Este desafio situa-se também na lucidez e na certeza que o campo de batalha nunca acaba por completo.

A agonística torna-se a própria arte do encontro, num exercício pelo qual não há descanso para confeccionar nossos pactos de liberdade. Não se trata também de almejar um ponto final, acreditando numa vitória derradeira da liberdade. Na agonística, a liberdade nunca é entregue por outro, consentida ou autorizada: o trabalho que o indivíduo deve exercer sobre si é a ascense necessária, que tem a forma de um combate a ser sustentado, sem uma vitória a ser conquistada por completo.

1.6– A Heterotopia e as T.A.Z.’s como espaços de práticas de liberdades

Contra a utopia que sugere o futuro de liberdades promissoras, a heterotopia do presente. Acreditamos que o espaço de criação de resistências e

invenção de sociabilidades libertárias só tem sentido se pensadas e vividas no aqui e agora. Não deve esperar para o amanhã ou futuro radiante, seja ele conquistado por uma revolução ou transformação social. É pensando assim que as dinâmicas de grupo autogestivas da Somaterapia buscam trabalhar na construção da autonomia entre os membros desta produção coletiva.

Os múltiplos e simultâneos movimentos no cotidiano são encarnados nos diferentes espaços em que é ativado: no amor, no trabalho, na educação dos filhos, e desde que mais de um esteja implicado na relação, em toda a parte. A todo acontecimento, o devir se faz: dia após dia, em permanentes instantes de relação junto ao outro. Para isso, é preciso estar atento aos espaços de liberdade que possibilitem associações entre livres. A estes lugares móveis, transitórios e cotidianos que inscrevem práticas de liberdade, Michel Foucault (2003) chama de *heterotopia*.

O conceito de heterotopia emerge pela primeira vez na obra do filósofo francês, no artigo de poucas páginas escrito na Tunísia, em 1967, e publicado nos anos de 1980, chamado *Outros Espaços*. Neste artigo, o autor está interessado em formular um conceito que carregue a ideia de espaços de invenção e resistência no presente.

O autor procura com isso, romper o sentido de lugares situados no futuro, como espaço privilegiado a ser atingido. Para ele, as heterotopias são “lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias

efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2003. p. 415). Ou seja, para ele, as heterotopias são espécies de utopias possíveis, no sentido em que se constituem como espaços reais, localizáveis e atuais, mas cuja característica é a de serem, constitutivamente, outros espaços.

A palavra heterotopia deriva da conjugação do prefixo *hetero* (originária do grego e que significa “o diferente”), e está ligada a palavra *alter* (o outro). A terminação *topia* significa lugar ou espaço. Assim, temos nesta expressão a ideia de um outro espaço, ou mais precisamente, do espaço do outro. A investida filosófica de Foucault está voltada a valorizar os espaços do outro, em detrimento do espaço do mesmo, no qual o exercício do poder desencadeado pela racionalidade ocidental procurou se estabelecer. Procurando a uniformidade, a noção de verdade e de universal na modernidade afastou o outro, a diferença, a multiplicidade.

O pesquisador Edson Passetti (2003), um dos mais destacados intelectuais a realizar uma leitura libertária dos conceitos foucaultianos no Brasil, vê na heterotopia uma importante contribuição para se pensar as associações anárquicas no presente. Para ele, os anarquismos na atualidade fundam-se nos

mais variados espaços da vida, nos instantes cotidianos que inventam relações entre individualidades. Segundo Passetti:

De maneira clara e incisiva, como era de praxe, Foucault alerta, (...) para o fato das heterotopias não serem passíveis de julgamentos que consagrem o que é bem e mal. São caracterizações de espaços reais que realizam uma utopia. Da perspectiva anarquista o estudo de heterotopias mostram as utopias no presente como sendo o atual dessacralizado que pode ocorrer num local ou num percurso. As heterotopias, dizia Foucault, respondem, no século XX, aos espaços de justaposição, simultaneidade, que conjugam o próximo e o longínquo, e também o disperso. (...) Foucault aproximando-se dos estudos da sociedade disciplinar, que realizou nos anos setenta, presente, naquele momento, a transformação da sociedade disciplinar, dos lugares, em sociedade de controle, dos fluxos. (PASSETTI, 2003. p. 47)

Ao defender as heterotopias como espaços reais e realizados no presente, Foucault mostra a possibilidade de se criar, dentro das sociabilidades, contraposicionamento. É o contrário da noção de utopia, que no ocidente cria a ilusão de um posicionamento sem lugar real, que segundo ele são espaços ordinários. Heterotopias são, portanto, lugares efetivos que funcionam como outros espaços. Criar heterotopias é inventar instantes¹⁶ de deslocamento para escapar das capturas que não cessam de propor condutas, formas de agir, amar e produzir.

¹⁶ Uma noção semelhante é apresentada pelo filósofo Michel Onfray em *A Escultura de Si* (1995). Segundo ele, o *hapax existencial* é uma ocorrência singular e de difícil duplicação que acontece em situações únicas. A palavra “hapax” vem do grego “hapax legomenon” e significa aquilo que foi dito apenas uma vez. É o momento como categoria temporal dos êxtases, situação ímpar a partir do qual oscila a existência. Para Onfray, tal circunstância é o momento exclusivo da quintessência, por onde se derivam as emoções e os prazeres, para se constituir estéticas existenciais.

Na sociedade de controle, com seus fluxos rápidos e incessantes que rompem fronteiras para forjar novas e sutis maneiras de hierarquias, navegar em embarcações que formulem diferentes posicionamentos requer uma boa dose de coragem e ousadia. Estes espaços são assim, espaços liberados, de comunidades nômades, desterritorializados e construídos em cima de princípios que escapem de modelos dominantes.

Por outro lado, Foucault define a utopia como aquele espaço destinado ao plano do irreal, do distante, e que por isso, torna-se o espaço do apaziguamento no confronto das práticas de poder. Para ele, as utopias “são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais” (FOUCAULT, 2003. p. 415).

Em uma possível leitura libertária desta noção, poderíamos pensar os anarquismos como práticas inscritas no cotidiano, para inventar a vida no dia a dia. Dessa forma, a noção de utopia é substituída pela de heterotopia, para empreender instantes concretos, nos quais se possam escapar das práticas de poder, seja por processos singulares e atos individuais ou coletivos.

Nosso interesse por este conceito foucaultiano reside no fato dele nos fornecer estratégias para pensar nossos pactos de liberdade no presente. O desafio está em promover associações que se coloquem como espaços de contraposicionamentos em detrimento dos espaços de uniformidade e

pensamento comum. A aposta é que a vivência nos grupos da Somaterapia e suas práticas autogestivas criem lugares concretos e em contato com o real.

São ambientes nos quais a liberdade pode ser experimentada no encontro com o outro, sempre no plano da imanência. Isto não significa um campo aplanado de facilidades. Mas fundam-se na oportunidade real de cunhar instantes que aumentem a potência de cada um contra as práticas de dominação que aniquilam singularidades. Formular espaços heterotópicos permite “nos aliar, associar forças, aumentar as possibilidades de fazer nossa ideia triunfar: ir mais devagar, frear, deter, imobilizar, tornar a máquina ineficaz e inutilizável.” (ONFRAY, 2010. p. 140)

Esta forma de conceber mudanças nas sociabilidades é um investimento dia após dia, em si e a partir de si, para então integrar cúmplices que escolhemos para associações transitórias e móveis, mas fraternas e afetivas. São experiências microsociais que produzem contínuas resistências contra nossos e vossos microfascismos, envolvidos na maneira como nos comunicamos, no nosso corpo, no nosso afeto.

Em uma aproximação possível com a noção de heterotopia, Hakin Bey (2011) sugere um conceito semelhante - com o objetivo de trazer para o presente - práticas transitórias de liberdade. A este conceito, Bey chama de T.A.Z (Zona Autônoma Temporária)¹⁷. Segundo ele, as T.A.Z.'s criam espaços autônomos e temporários como tática de resistência e esvaziamento do poder.

¹⁷ Temporarily Autonomous Zone. (N.E.)

Sem querer fechar-se no conceito nem oferecer fórmulas prontas, Bey procura lançar a ideia de que uma T.A.Z. é a confecção de um grupo, um bando ou uma coagulação voluntária de pessoas afins não hierarquizadas, que podem maximizar a liberdade por eles mesmos na sociedade atual. Podemos dizer ainda que é uma forma associativa para o incremento de atividades comuns a todos, sem comando de hierarquias rígidas e fixas.

Seu interesse, assim como Foucault, reside em pensar as práticas de liberdade no agora, rompendo o fetichismo do amanhã. Para ele,

“Estamos nós, que vivemos no presente, condenados a nunca experimentar a autonomia, nunca pisarmos, nem que seja por um momento sequer, num pedaço de terra governado apenas pela liberdade? (...) Devemos esperar até que o mundo inteiro seja livre do controle político para que pelo menos um de nós possa afirmar que sabe o que é ser livre? (...) Dizer “só serei livre quando todos os seres humanos (ou todas as criaturas sensíveis) forem livres”, é simplesmente enfurnar-se numa espécie de estupor de nirvana, abdicar de nossa própria humanidade, definirmo-nos como fracassados.” (BEY, 2011.p 13)

Novamente, temos aqui a valorização de fazer agora os instantes de liberdade. Temos também a crítica da revolução como caminho para a construção futura de uma sociedade libertária. Bey (2011) sugere que as revoluções normalmente são seguidas da implantação de um novo regime de poder, quando o Estado retorna, mesmo estando este disposto a criar algo diferente daquele deposto. Nestas ocasiões, o ideal e sonho se tornam traídos. Em contrapartida à noção de revolução, Bey (2011) valoriza o momento do *levante*: instante de revolta contra as práticas de dominação, que “representa

uma possibilidade muito mais interessante, do ponto de vista de uma psicologia de libertação, do que as “bem-sucedidas” revoluções burguesas, comunistas, fascistas etc.” (BEY, 2011. p. 21).

Em vez de desejar e valorizar a via revolucionária, o autor insiste em defender os contínuos levantes como táticas de guerrilha no contemporâneo. As T.A.Z.'s seriam, dessa forma, a criação de espaços nas rachaduras de uma época em que o Estado e o capital caminham juntos, em todos os lugares e em todos os momentos, tornando a própria vida, capital.

A existência de uma T.A.Z. se propõe a uma intensificação da vida cotidiana, em locais concretos e relações imanentes. Também não pretende durar para sempre, mas pelo tempo que o projeto for de interesse e satisfazer a todos. A T.A.Z. é a própria criação de práticas de liberdade, mesmo não existindo possibilidades de liberdade na sociedade de controle. Ela é, portanto, a existência de relações anárquicas no aqui e agora. Em vez de esperar “A Revolução”, há que se pensar na “revolução de todo dia”.

Nos grupos de Somaterapia, buscamos aproximar estes conceitos de heterotopia e T.A.Z. para pensá-los como espaços transitórios que possam nos oferecer instantes de práticas de liberdade. São espaços de convivência e produção não hierárquicos que oferecem formulações libertárias que se estendem por outras relações sociais de seus membros. Isto não significa uma fuga ou desaparecimento literal do mundo e da sociedade que vivemos. Tampouco, a criação de ilhotas sociais com membranas rígidas demarcando limites de isolamento. Ou ainda uma espécie de nirvana anarquista.

Pelo contrário, ao afirmar que não esperamos um futuro anarquista, estamos interessados em experiências reais que, como já foi colocado, descubram fendas e brechas nas duras realidades que vivemos, cotidianamente. Assim, tal como propõe Bey (2011) em relação a T.A.Z., nas experiências dos grupos, cujas dinâmicas se propõem a ser autogestivas, buscamos uma “arte de viver em contínua elevação, selvagem, mas gentil – um sedutor, não um estuprador, mais um contrabandista do que um pirata sanguinário, um dançarino e não um escatológico.” (BEY, 2011. p. 74)

Chegamos ao ponto donde estas práticas de liberdade nos convocam a pensar em uma ética libertária. Ou seja, como estabelecer um pacto com o outro na justa medida para conjugar liberdades? Que ética é possível pensar o anarquismo na atualidade? Como estabelecer estes espaços e as condições de criar relações baseadas no apoio mútuo e no exercício da diferença?

Na formulação desses espaços, a ética libertária irá propor um permanente/contínuo arranjo de liberdades entre as partes envolvidas, para estabelecer uma troca em busca de afinidades eletivas. A boa distância será perseguida em direção a uma prática de eumetria, que se coloque contrária à desmetria, ou o desequilíbrio entre as partes envolvidas. Esta noção de eumetria refere-se ao equilíbrio no movimento como condição pela qual o anárquico se baseará no arranjo das forças entre as partes na relação, para que se estabeleça assim, uma relação ética.

No início da década de 1980, Michel Foucault abre um novo campo de deslocamento em suas pesquisas, situado numa perspectiva ética cujo principal

objetivo era a produção de subjetividade a partir da relação do sujeito consigo mesmo. Em *História da Sexualidade – O Cuidado de Si* (1985), o autor nos convoca a pensar sobre uma *arte do cuidado de si*, um trabalho sobre si mesmo e realizado sobre si mesmo. O que seria este trabalho sobre si mesmo? Qual é sua finalidade? Qual a relação que isto estabelece com o tema da liberdade? E qual importância nos provoca nesta investigação?

O deslocamento que o filósofo propõe e que nos interessa sobremaneira é pensar a liberdade como um problema ético, um modo de vida, ou ainda dizendo, uma maneira de se colocar no mundo. A ética, neste sentido é a própria prática da liberdade: “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. (FOUCAULT, 2004. p. 268).

Ao recorrer ao mundo grego-romano, Foucault via no cuidado de si o modo pelo qual a liberdade foi pensada como ética. Para praticar a liberdade era preciso cuidar de si mesmo, ocupar-se e superar-se, para então construir um modo de vida singular e em permanente relação com os demais. Portanto, não significava uma preocupação meramente desconectada do mundo e dos encontros que cada um trava. Bem diferente também da ideia que se tornou comum nas sociedades liberais da atualidade, onde o cuidado de si é confundido com uma forma de egocentrismo barato.

Dessa forma, o cuidado de si não é cuidado de interesses, mas exercício filosófico. É um cuidado ético-político de si mesmo, orientado para uma estética da existência. Como faziam os gregos, para os quais a liberdade e a capacidade

de governarem a si mesmos era um tema fundamental, o cuidado de si para Foucault é a maneira que podemos pensar nossas práticas de liberdade na relação direta com a postura ética que assumimos no mundo.

O cuidado de si como valor ético deve ser entendido como as práticas racionais e voluntárias pelas quais homens e mulheres não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se. O que está em questão é a possibilidade de modificar-se em seu ser singular, para fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.

Para isso, algumas dessas estratégias já comentamos aqui. As práticas de liberdade seriam formas, segundo Foucault (2004) para criar possibilidades ao indivíduo de inventar para si novos modos de existência, experienciando a vida, enfrentando os modos de assujeitamento pelos quais corremos o risco de ser dragados. Nesse contexto, a liberdade, pensada como prática, ganha contornos de resistência e de recusa necessárias aos jogos de identidade.

Importante que se diga ainda, a liberdade para Foucault não deve ser confundida com liberação, embora esta seja uma condição necessária. A liberdade para ele está na ordem dos ensaios, das experiências, das criações, singularizados em cada existência e na invenção de seus próprios destinos. Assim, as experiências das práticas de liberdades, sempre sujeitas a revezes, nunca são tomadas como algo definitivo ou como vitória final. Muito menos assumidas por qualquer tipo de delegação, e nem vistas como o fim de toda

dominação. Como já afirmamos, os grupos da Somaterapia funcionam como “campos de batalhas” nas lutas que são travadas pela afirmação da diferença de cada um. São espaços nos quais cada ator se desdobra nas formulações de suas práticas de liberdade, sempre em convivência com a diferença do outro.

Todavia, se o cuidado de si é um constante (re) inventar-se, buscando para isso as práticas de liberdade como condição de estar no mundo, este não é um empreendimento solitário. Mesmo entendendo que “o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária” (FOUCAULT, 2004. p. 272), estar em permanente percepção e relação ao outro é a prerrogativa necessária ao pacto ético. A liberdade pessoal, desconectada com o outro, pode rapidamente tornar-se algo contra o outro. O egocentrismo só obedece à sua própria voz, desprezando os sinais e indicativos do outro. Para Foucault (2004):

“Se você se cuida adequadamente, ou seja, se você sabe ontologicamente o que é, se também sabe do que é capaz, se sabe o que é para ser cidadão de uma cidade, ser o dono de sua casa (...), você não pode a partir deste momento abusar do seu poder sobre os outros. (...). Aquele que cuida de si, a ponto de saber exatamente quais são seus deveres como chefe da casa, como esposo ou como pai, descobrirá que mantém com sua mulher e seus filhos a relação necessária” (FOUCAULT, 2004. p. 247)

Nesta mesma visada, mas procurando expandí-la para uma visão anarquista, o filósofo Michel Onfray, defende a possibilidade de se criar um balanceamento de interesses que possibilite um constante arranjo de forças. Seria uma espécie de cálculo aritmético, a partir do qual cada um deve encontrar sua justa medida na relação consigo, com os outros e com o mundo

de forma geral. O anarquismo, segundo ele, afirma-se como algo dinâmico e reconhece que não há prática de liberdade possível sem a permanente consideração do outro.

No entanto, isso não se dá por uma noção de amor ao próximo, num sentido humanista. Mas por entender que é com o *outro* que se estabelece o real sentido do *eu*. A autonomia vivida por um encontra seu significado e seu retorno quando a troca é simétrica. Quando esta simetria se desfaz, há falta de ética e consequentemente tendência para o egoísmo. Na procura deste equilíbrio dinâmico, Onfray defende a importância do *outro* como um espelho que auxilia na própria identificação de cada *um*.

No exercício da vida anarquista, Michel Onfray defende ainda que é preciso estabelecer um princípio seletivo em relação aos demais, a partir do qual se eleja os que estão mais próximos de si, daqueles que se remete a outros círculos mais distantes. Esta será uma escolha própria, seguindo o próprio desígnio, jamais por imposição de uma moral universal já pré-estabelecida ou por qualquer noção de Bem que se coloque *a priori*. Será a própria análise, a partir das informações que são dadas pelos demais, num conjunto de circunstância, atitudes e sinais, que cada um escolhe ou não pela possibilidade de encontro e troca ética. O princípio seletivo será, pois, absolutamente individual, jamais genérico; se inscreverá a cada instante de realidade e estará em permanente movimento.

Identificamos então a amizade como a principal e mais sublime das relações éticas. No alto das possibilidades das virtudes, a amizade é a mais soberana e afirmativa das formas de relação com o outro. Ela é eletiva, na medida em que se dá por livre associação, num encontro que passa ao lado do contrato social. A amizade instala-se numa comunidade de pessoas concordantes por escolha mútua, sempre provida de uma carga de afetividade. Fundada na cumplicidade, ela tende a tornar-se a justa medida do exercício libertário: a virtude sublime por excelência, como afirma Onfray:

“Escolher um amigo é, de certa maneira, já ser escolhido por ele, o que demonstra as primeiras cumplicidades, como uma autorização para um compromisso nesta direção. (...) Eletiva, a amizade é aristocrática e associar. Na relação com o mundo, ela é provedora de uma força que isola do resto da humanidade. Através dela advém a singularidade de cada um, já que autoriza, na escultura de si, o recurso ao outro como a um espelho que se pode interrogar sem risco de obter um reflexo infiel”. (ONFRAY, 1995. p. 173-174).

É no encontro entre amigos, que se inscreve um pacto de respeito e valorização da singularidade, entre ambas as partes, para a confecção da bela individualidade. Com o amigo é possível estabelecer um acordo de colaboração de si e do outro, elevando a prática do anarquismo a um equilíbrio para ambas as partes. Alvo de interesse desde os gregos¹⁸, a amizade na Antiguidade instalou-se dentro de uma civilização misógina, regulando a relação entre os

¹⁸ Segundo Abbagnano (2003), a amizade em Aristóteles é uma virtude ou está estreitamente unida à virtude: de qualquer forma, é o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece como riqueza, poder, etc., não podem ser conservados nem usados sem os amigos. A amizade deve ser distinguida das duas coisas com as quais mais tem afinidade: o amor e a benevolência. Além de Aristóteles, a amizade também foi exaltada pelos epicuristas.

homens baseada na qualidade viril. A virtude guerreira, possuidora de virilidade, era vista como modalidade de relação ideal com o outro. Bem diferente da que entendemos hoje, a amizade na Antiguidade é datada, seguindo esta perspectiva histórica.

A prática de relações fundadas na amizade, sob o ponto de vista da atualidade, possibilita novas formas de interação que possibilitam às partes envolvidas uma relação libertária. É com a amizade também que a solidão quase que desaparece, cedendo espaço ao encontro e à troca. Nunca se está só quando há encontros entre amigos, numa justa medida de convivência. No entanto, isso não exclui a total independência do outro, uma vez que a amizade não se estabelece por um contrato social, mas apenas entre individualidades autônomas. A amizade, desta forma, está acima das leis, do direito, da sociedade e das instituições sociais representadas pelo Estado, pela família ou pela Pátria. Somos amigos antes de sermos cidadãos e, por vezes, apesar e contra a própria condição de cidadão.

A amizade instala-se nos instantes de uma relação, em momentos únicos que podem ser desenvolvidos por longas durações, porém nunca se torna estagnada ou definitivamente estabilizada. Seu constante movimento é a garantia da necessidade de continuar sempre investindo nela. Sua virtude está atrelada à noção de provas de amizade, contra a ideia de uma relação adormecida num ponto qualquer. Assim, ela sempre estará sendo exercida para que esteja viva; deve-se cuidar, cultivar e fazer crescer por um investimento mútuo que visa o preenchimento dos espaços que une os amigos.

Segundo Passetti (2003), “a amizade supõe respeito ao outro independentemente do respeito à lei, causa do respeito moral. Respeita-se o amigo sem a exigência da lei, supondo um amor pelo outro a ser cultivado. É um amor diferente daquele entre homem e mulher fundado na atração e que contradiz o respeito por supor certo distanciamento. O amor da amizade é simpatia”. (PASSETTI, 2003. p. 207). A amizade, então, se torna o combustível da ética libertária: o cuidado, a doçura, a paciência e a entrega numa relação de cumplicidade entre indivíduos.

Vista numa perspectiva libertária¹⁹, a amizade inscreve-se no equilíbrio de dar e receber, equalizando as trocas entre as partes a partir de um acordo mútuo. A amizade é vista ainda por Michel Onfray como uma arte, que possibilita amenizar dores, instaurar a paz interior e o prazer. Segundo o autor, “a amizade é o princípio de harmonia pelo qual, ao realizar a partilha dos afetos, aumentam-se as alegrias e se diminuem as dores do amado, assim como as suas próprias. A amenização da aflição induz inevitavelmente o aumento de prazer”. (ONFRAY, 1995. p. 177). O encontro que possibilita a troca é o espaço privilegiado para dividir indecisões, trazendo oportunidades de resolução. Com o amigo é possível

¹⁹ Considerado um dos primeiros instauradores do anarquismo, Étienne de La Boétie, em seu *Discurso da Servidão Voluntária* (1982), afirma: “A amizade é um nome sagrado, é uma coisa santa; ela nunca se entrega senão entre pessoas de bem e só se deixa apanhar por mútua estima, mantém-se nem tanto através de benefícios como através de uma vida boa; o que torna o amigo seguro do outro é o conhecimento que tem de sua integridade; as garantias que têm são sua boa vontade natural, a fé e a constância. (...) Os deveres comuns da amizade são, “amar a virtude, estimar os belos feitos, reconhecer o bem de onde o recebemos, e muitas vezes, diminuir nosso bem-estar para aumentar a honra e a vantagem daquele que se ama e que merece”. (LA BOÉTIE, 1982. p.36).

compartilhar conflitos, numa escuta que ameniza a dúvida e leva o sujeito indeciso a formular suas conclusões, e sozinho encontrar uma solução.

Michel Onfray valoriza o uso da linguagem no encontro amigo com o outro. No entanto, defende a boa comunicação entre as partes envolvidas na relação de amizade. Segundo ele, a ética fica comprometida quando há ausência de sinceridade, através de jogos de mentira, ironia e sarcasmos. Para Onfray (1995), as virtuosidades linguísticas exigem interlocutores dignos dela. É preciso que haja, portanto, uma relação entre a palavra e o sentido, o verbo e o ato. Por outro lado, havendo perda na qualidade da comunicação, há consequente perda do equilíbrio, o que leva à renúncia da relação sob pena de sofrimentos, dores e angústias.

Em todos os campos da interação com o outro, a amizade procura o mútuo consentimento. Um propõe e o outro aceita ou não o pacto de relação, dentro de uma escolha eletiva e de uma livre associação. Na prática de vida libertária, não há espaço para a sobreposição de um desejo sobre o outro, a imposição de um querer sem a clara aceitação da outra parte.

Nas práticas de liberdade, é preciso encontrar a justa medida para lançarmo-nos ao combate sobre qualquer forma de poder que possa se transformar em hierarquias. A aposta ética-política que defendemos aqui assume, assim, uma postura ativa na construção de uma arte de viver que ocorra pela interpretação do mundo através da razão e da reflexão. Também por uma postura afirmativa sólida e engajada, distante de todo niilismo. Esta

vontade de viver o presente é a tentativa de esculpir o próprio estilo, através da atitude libertária e de uma maneira de atuar horizontalmente.

Esta é a proposta libertária dos coletivos da Somaterapia: uma dinâmica de grupo autogestiva que luta e age para contrapor-se aos microfascismos do cotidiano. A ética libertária se funda nas relações que aproximem-se da amizade como princípio virtuoso da associação, inscrevendo-se no campo das sociabilidades horizontais e distantes dos universalismos.

É uma proposta, enfim, que está apoiada na construção de espaços libertários que se deem nas esferas do micropolítico e no dia a dia. Que nos auxilie na elaboração de relações que aconteçam na realidade prática, na imanência e no agonismo de lutas. Projeto ousado, que apesar de encontrar-se como obra aberta, mostra como a Somaterapia pretende estabelecer sua crítica às práticas de poder e a afirmação e construção de vidas libertárias da atualidade.

CAPÍTULO DOIS

Roberto Freire, vida e obra de um instaurador libertário.

Este capítulo é todo dedicado ao criador do método da Somaterapia, o pensador libertário Roberto Freire²⁰. Optamos por destacar em um capítulo sua vida e obra por entendermos que em sua trajetória existencial, reside uma íntima implicação com a proposta libertária que este estudo pretende apresentar. Dessa forma, apresentamos seu ativismo por meio do anarquismo, sua luta contra o fascismo durante a ditadura civil-militar e as inúmeras atividades profissionais que desempenhou, e que representaram relevante importância para a cultura e ciência brasileira. Tudo isto, para mostrar as condições sociais, políticas e históricas por ocasião do surgimento da Soma.

Dessa forma, ao acompanhar seu percurso de vida, sua produção artística e científica, sua militância política e articular estes diferentes campos de atuação, almejamos também trazer à tona a implicação direta entre arte e vida, e obra e política. Freire foi um homem multifacetado, que atuou em diferentes segmentos da cultura brasileira quase ininterruptamente desde a década de

²⁰ Sobre a vida e obra de Roberto Freire, ver também a Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, intitulada *Roberto Freire: Tensão e Anarquia* de Gustavo Ferreira Simões (2011). A Dissertação foi orientada pelo Prof. Dr. Edson Passetti.

1950. Sua produção estende-se pela literatura, cinema, música, teatro, televisão, além de atuar como médico, psiquiatra e cientista.

Sua obra literária abrange cerca de quarenta livros publicados, alguns deles, *best-sellers* que marcaram gerações²¹. Freire também produziu filmes, roteiros para programas consagrados na televisão brasileira e textos teatrais. Participou ainda dos principais festivais musicais que lançaram nomes como Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, entre outros. Ele esteve perto dos mais importantes acontecimentos da história recente brasileira e é justamente esta vivência que tornou possível o surgimento da Somaterapia, seu mais singular legado.

Apoiaremos-nos no conceito de *vida artista* elaborada pelo filósofo francês Michel Foucault, para mostrar também como seu modo de vida inventivo e possuidor de uma estética da existência própria, tornou-se elemento fundamental na elaboração da Somaterapia. Uma ética libertária e um modo de vida singular, que foram cunhados nos encontros de mais de oitenta anos de existência.

Articularemos ainda este conceito foucaultiano a outro conceito: a noção de *escultura de si*, presente no materialismo hedonista de Michel Onfray. E por fim, como estes cruzamentos entre arte, vida e política proporcionaram o surgimento do que veio a se chamar “anarquismo somático” e seus desdobramentos na prática da Soma. Tal entendimento, entre o criador e sua

²¹ Destacam-se aqui: o romance *Cleo e Daniel*, na década de 1960, *Sem Tesão não há solução* e *Ame e dê Vexame*, na década de 1990.

criação, nos parece fundamental para prosseguirmos no desenvolvimento desta investigação, uma vez que estão implicados com os objetivos da Somaterapia, sua metodologia e um certo modo de vida, defendido por Freire enquanto proposta libertária.

2.1- A trajetória de vida do militante do prazer

Roberto Freire tornou-se um importante pensador libertário, com presença marcante em diversas áreas da cultura brasileira, especialmente nas últimas décadas do século XX. Além de escrever mais de trinta livros, entre romances e ensaios políticos e científicos, Freire envolveu-se no teatro, jornalismo, medicina, psicologia, cinema e música. Sua participação na luta contra a ditadura civil/militar no Brasil - entre as décadas de 1960 e 1970 -, além de seu envolvimento nestas distintas áreas, serviu de fermento para a criação da Somaterapia, um processo terapêutico-pedagógico libertário.

Joaquim Roberto Corrêa Freire nasceu em São Paulo, no dia 18 de janeiro de 1927, e faleceu na mesma cidade, no dia 23 de maio de 2008. Em seus diversos livros, entre romances, ensaios políticos e científicos, Freire defendia um anarquismo visceral, ligado ao corpo, ao prazer e ao amor, simbolizado na expressão “Sem tesão não há solução”²², título de um dos seus mais conhecidos livros.

²² Este é um dos principais *best-sellers* de Roberto Freire, no qual o autor defende o fim do bloqueio que, segundo ele, a sociedade impõe à satisfação do prazer. Reuni três ensaios nos

Esta expressão, curiosamente descoberta por Freire enquanto caminhava pelas calçadas de uma importante via da cidade de São Paulo, a Rua da Consolação, escrita nos muros de um cemitério, tornou-se uma espécie de “bandeira” de seu pensamento. Depois de conviver com jovens em vários cantos do Brasil, Freire percebeu que a expressão *tesão* mudara de sentido semântico, não mais expressando desejo sexual, mas uma mistura de beleza, alegria e prazer no ato de viver.

Segundo Freire, (1987), “tesão, agora, é muito mais do que tesão, porque de substantivo passou a ser adjetivo e está a pique de virar verbo quase completamente transitivo e pronominal” (FREIRE, 1987. p. 18). Para ele, é este estado de encantamento diante da vida que move a liberdade de ser e estar no mundo, uma potência para existir livre e criativamente. Instaurador de uma política libertária do prazer, Freire soube dar um sentido anárquico à sua existência e sua obra confunde-se com sua própria trajetória de vida.

Roberto Freire formou-se em Medicina na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), no Rio de Janeiro em 1952. Obteve destaque nos estudos em Endocrinologia Experimental - com Bolsa de estudos da Unesco para pesquisas no Collège de France, em Paris no ano de 1953 - sob orientação do prof. Robert Courrier (1895-1986), tendo vários trabalhos publicados em revistas especializadas brasileiras e francesas sobre o

quais Freire destila suas pesquisas e reflexões sobre Psicologia e Política. Segundo o autor, o livro “Sem tesão não há solução” influenciou no uso corriqueiro da palavra *tesão*, em seu atual significado, no português falado no Brasil. Usada apenas para descrever excitação sexual, após o lançamento e as sucessivas edições do livro, a palavra deixou de ser chula e ganhou todas as faixas etárias e camadas sociais, literatura, rádio e TV, foi publicada em revistas e jornais. E sempre com o sentido que Freire lhe deu: paixão por algo que desperte prazer, beleza e alegria.

tema. De volta ao Brasil e após alguns anos trabalhando como endocrinologista clínico, Freire realiza sua formação em Psicanálise através da Sociedade Brasileira de Psicanálise, em São Paulo. Nesta época realiza trabalhos de acompanhamento clínico no Centro Psiquiátrico Franco da Rocha, também em São Paulo, em 1956.

Após algum tempo como psicanalista, Freire decide procurar novos caminhos de investigação em Psicologia, que o levam a realizar estágios no exterior: em Bioenergética, com os colaboradores do ex-psicanalista Wilhem Reich, em Paris; e em Gestalterapia, com os colaboradores de Frederich Perls, em Bourdeaux. Suas divergências teóricas e ideológicas se ampliam e Freire acaba se distanciando da Psicanálise, ao mesmo tempo em que se aproxima cada vez mais do campo artístico-literário e político brasileiros. Este é o período da ditadura civil-militar brasileira, onde Freire inicia sua militância em organizações de esquerda, especialmente na AP – Ação Popular²³, grupo de ação político ligado à Igreja Católica, formado em 1962 e composto especialmente por jovens que então participavam da JUC – Juventude Universitária Católica.

²³ A Ação Popular (AP) foi um movimento político nascido em junho de 1962. Seu surgimento foi derivado de um congresso realizado em Belo Horizonte – MG como resultado da atuação dos militantes estudantis da Juventude Universitária Católica (JUC) e de outros agrupamentos da Ação Católica. A partir de seu segundo congresso, realizado em Salvador - BA, a AP decidiu-se pelo "socialismo humanista", buscando inspiração ideológica em Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Jacques Maritain e Padre Lebre. Teve uma vertente protestante, cujo representante mais conhecido foi Paulo Stuart Wright. Foi composta principalmente de lideranças estudantis, entre as quais se destacaram Herbert José de Souza (o Betinho), Jair Ferreira de Sá, José Serra, Vinícius Caldeira Brant, Aldo Arantes, Haroldo Lima, Duarte Lago Pacheco, entre outros, contando ainda com a participação de lideranças camponesas e operárias.

Durante o período em que militou na clandestinidade, Freire sofreu diversas prisões, sendo torturado física e emocionalmente em todas elas. A ditadura civil-militar no Brasil foi um infeliz período da história política brasileira, iniciado após o golpe militar de 31 de março de 1964. Este violento regime de exceção durou até 1985, resultando em desaparecimentos, mortes, torturas e exílios. Até hoje, o Brasil não “acertou suas contas” com o passado recente. Freire foi personagem ocular desta história, mais que isso, sofreu na carne as marcas da violência fascista, como nos diz:

“Eu passei por doze prisões e por quase todos os tipos de tortura. Mas há uma tortura que me marcou bastante e viria a deixar lesões para toda a vida, foram os chamados "telefonemas", eram as pancadas que eles nos davam nos dois ouvidos em simultâneo com as duas mãos. Faziam isso 10 a 12 vezes ao dia e era horrível. Era uma dor lancinante, caíamos logo. Devido a isso as minhas duas retinas ficaram deslocadas anos a fio. Dez anos depois viriam mesmo a cair. Uma vista já não vê e a outra está muito mal.” (FREIRE, entrevista para a Revista Utopia, 1999. p. 71)

É neste período, da luta política, que Roberto Freire conhece e interessa-se pelo anarquismo, assim como ampliam-se as divergências teóricas e práticas com os movimentos políticos da esquerda tradicional. Sua militância política contra a ditadura permanece ativa, no entanto mais distante do grupo do qual fazia parte, desenvolvendo outras estratégias de luta e ação. Mesmo divergindo da forma de atuação e, sobretudo, dos objetivos políticos realizados pelos partidos da esquerda marxista, visando a derrubada do regime militar e a implantação de um estado socialista, Freire participa do movimento

revolucionário, dando inclusive apoio financeiro aos militantes e suas famílias. Segundo ele (2006),

“Durante muitos anos, depois de 1968, fiz, em segredo, atendimento aos militantes clandestinos, e foi nesses momentos que a Soma descobriu e confirmou, na prática, seus fundamentos teóricos e políticos, bem como encontrou a força motivadora para a ação verdadeiramente revolucionária. Mais tarde, quando eu próprio já não era mais tão visado pela repressão (pois adotara novas táticas de ação), pude trabalhar legalmente e transformá-la também numa fonte de finanças para a manutenção das famílias de militantes clandestinos ou vitimados por fuga, prisão ou morte” (FREIRE, 2006, p. 16-17).

Antes mesmo do início da ditadura e depois dela, em paralelo à militância política, Freire desenvolve intensa participação no teatro, após abandonar a Psicanálise. Ele dirigiu as peças *Escorial*, de Michel Guelderode e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Também escreveu e codirigiu o espetáculo *O&A*, (com Sionei Siqueira), *Quarto de Empregada*, *Sem Entrada e Sem Mais Nada*, entre outras.

A peça *Morte e Vida Severina*, encenada em 1965 é destacada por diretores e atores, pois foi a revelação de um jovem músico: Chico Buarque. Além disso, esta peça enaltecia dois pilares essenciais no teatro: a sua alta qualidade artística associada ao trabalho coletivo do grupo de atores, músicos e diretores. Estes elementos foram fundamentais na superação da estrutura material ainda precária, e impulsionaram o grupo de tal maneira que no ano seguinte, em 1966, a peça ganha os prêmios de crítica e público no IV Festival de Teatro Universitário Mundial, em Nancy, na França. Além de receber um

importante prêmio internacional, *Morte e Vida Severina* marca a inauguração do TUCA – Teatro da Universidade Católica.

As precárias condições financeiras para financiar a viagem do grupo, composto por mais de trinta membros, entre atores e diretores, foram superadas graças ao apoio e a colaboração de amigos e integrantes do espetáculo. Freire vendeu seu telefone; o cantor Chico Buarque, seu primeiro veículo, um fusca 1966. Além dos inúmeros espetáculos realizados pelo grupo para arrecadar fundos, foram realizados shows de amigos que logo se tornariam músicos famosos como Elis Regina, Dorival Caymmi e Geraldo Vandré.

Meses antes da montagem de *Morte e Vida Severina*, Roberto Freire fora convidado pela Reitoria da Universidade Católica de São Paulo para criar o teatro da instituição. O músico Chico Buarque (1980), ao referir-se a Freire e a formação da equipe que levaria o primeiro espetáculo aos palcos do TUCA, afirma que:

“Ele me convidou para musicar *Morte e Vida Severina* a partir de um festival da Excelsior, onde eu era compositor e ele foi jurado. (...) Eu tinha a sensação de ser o caçula daquele pessoal, sentia uma incapacidade, achando que não ia conseguir musicar o poema. Em todo caso, discutia tudo, falava de tudo, e eu não entendia nada, nem de teatro”. (BUARQUE, 1980. p.22)

Alguns anos antes, em 1958 havia sido criado pelos membros do Teatro de Arena, o Seminário de Dramaturgia do qual Roberto Freire é um dos participantes mais entusiastas. “O Arena”, como era conhecido, foi composto por um grupo de artistas ligado ao teatro com forte implicação política. Freire teve

sua peça teatral *Gente como a Gente* analisada neste seminário e posteriormente dirigida por Augusto Boal, em julho de 1959. Em depoimento, Roberto Freire considera que:

"(...) o Seminário de Dramaturgia foi mais um marco histórico que um processo de elaboração de textos brasileiros. (...) Sem o seminário, teríamos escrito as mesmas coisas, mas sem a mesma tomada de consciência. O que me acrescentou alguma coisa foi ter participado com outras pessoas de uma tomada de posição em favor do teatro brasileiro". (GUIMARÃES, 1978. p. 69)

Freire trabalhou também em funções administrativas da área teatral, como Presidente da Associação Paulista da Classe Teatral; Diretor do Serviço Nacional de Teatro no Governo de João Goulart, que foi deposto logo após o golpe militar de 1964; e Diretor Artístico no TUCA. Mas foi nos tempos de TUCA como costumava falar, que Freire viveu seu ápice de encantamento pelo teatro:

"Criado por estudantes que resistiam e não aceitavam as imposições deformantes e castrativas de sua liberdade de associação e manifestação e por profissionais de teatro que já haviam participado de experiências de cultura popular e que, após 1964, preferiam não trabalhar em teatro comercial, o TUCA encontrou logo o apoio da Reitoria da Universidade Católica de São Paulo." (FREIRE, 2002. p. 216)

Na Música, Freire foi letrista e jurado de diversos *Festivais da MPB*. Participou ativamente do movimento cultural que lançou nomes importantes na música brasileira e que atuavam também como resistência política nos anos de chumbo. O pesquisador Zuza Homem de Mello em seu livro *A Era dos Festivais* (2003), descreve claramente de que maneira os resultados dos Festivais

passaram a ser ditados pelos interesses ligados à ditadura civil-militar. Numa das passagens mais marcantes, Homem de Mello (2003) enfoca o papel de Roberto Freire, um dos membros do júri nacional: “Ao tentar ler no palco do VII FIC [Festival Internacional da Canção] um manifesto contra a destituição do júri nacional, Roberto Freire foi violentamente arrastado por policiais, que o levaram a uma sala e o espancaram barbaramente (...) Terminava aí a Era dos Festivais”²⁴(MELLO, 2003. p.429).

Sua atuação foi marcante também na televisão brasileira, na qual Freire foi autor do *Teleteatro*, exibido na TV Record e na Rede Globo. Foi um dos primeiros roteiristas dos folhetins *Malu Mulher* e *A Grande Família*, este último ainda hoje em cartaz; além de ser autor de algumas novelas. No cinema fez a direção e roteiro do longa-metragem *Cleo e Daniel*, de sua autoria, com Myriam Muniz, John Herbert, Beatriz Segall, Irene Stefânia e Chico Aragão. O roteiro é uma adaptação do romance homônimo, escrito por Freire em 1966, inspirado na tragédia “Daphnis e Chloe”²⁵ do poeta romano Longus.

²⁴ Estes festivais da canção foram concursos de músicas nacionais e estrangeiras que fizeram bastante sucesso do Brasil. Deles saíram alguns dos mais importantes representantes da música brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Os festivais eram realizados no Rio de Janeiro e transmitidos, inicialmente, pela TV Rio e depois, pela TV Globo. Foram criados por Augusto Marzagão e durou de 1966 a 1972, sendo realizados sete festivais ao todo. Cada um tinha duas fases: a nacional, para escolher a melhor canção brasileira, e a internacional, para eleger a melhor canção de todos os países participantes — a concorrente brasileira era a vencedora da fase nacional.

²⁵ *Daphnis e Chloe*, obra atribuída ao escritor grego Longus é considerado um dos mais antigos e conhecidos romances pastorais (amor bucólico). O texto foi escrito por volta do ano 200, mas o manuscrito foi tardiamente descoberto por Paul-Louis Courier, na Biblioteca Laurenziana, em Florença, 1809. A história de Daphnis e Chloe foi publicada, originalmente, em francês, em 1509 e em inglês, em 1587. O romance de Longus atraiu diversos ilustradores no século XVIII,

O romance *Cleo e Daniel* - seu primeiro livro publicado - é reconhecido como um marco para a geração de 1960 e 1970, que se identificava fortemente com os conflitos familiares e amorosos das personagens, frutos da repressão política e social vividas no Brasil em função da ditadura civil-militar. Redigido em folhas de jornais velhos, nas selas das prisões políticas por onde passou, o livro *Cleo e Daniel* representou, na visão de Freire, a síntese do que se vivia no Brasil naquele período de escuridão política. A falta de liberdade para a realização do amor dos jovens, personagens centrais do livro, era o espelho de uma sociedade calada pela força da repressão fascista dos militares. Segundo Freire (1976):

“Percebi que todas as histórias de amor e da morte que me habitam, todas mesmo, possuem em comum um conflito básico: em nosso sistema político e social, para não morrer temos de nos travestir (nos mais estritos e nos mais amplos sentidos), e, uma vez travestidos, o amor torna-se impossível ou irreconhecível. Então, só nos sobra a vida para viver. E a vida assim, é muito pouco, ou nada” (FREIRE, 1976. p. 12).

No jornalismo, Freire foi repórter e redator de medicina e saúde pública no Jornal *OESP*; diretor responsável do Jornal *Brasil Urgente*; cronista do Jornal *A Última Hora* / SP; repórter da Revista *Realidade* da editora Abril, na qual obteve, em 1967, o Prêmio Esso com a reportagem *Meninos do Recife*; diretor de reportagem da Revista *Bondinho*; editor da Revista *Grilo* (histórias em

principalmente artistas franceses que enfatizaram a sexualidade através de imagens – várias edições, em muitos exemplares, foram publicadas. Ao longo dos últimos cinco séculos, embora a obra nunca tenha saído de catálogos de impressores artesanais e editores comerciais, foi raramente valorizada, chegando a ser identificada na História do Livro como “o *bestseller* desconhecido”.

quadrinhos) e um dos fundadores da Revista *Caros Amigos* (ainda em circulação e uma das mais importantes revistas de esquerda do Brasil). Na área da Educação, foi assessor do prof. Paulo Freire no *Plano Nacional de Alfabetização de Adultos* e professor na *Escola de Artes Dramáticas da USP*.

Em todas as atividades às quais se dedicou – medicina, psicologia, educação, teatro, televisão, jornalismo e literatura – Roberto Freire deixou suas marcas. Porém, segundo o que afirmava o próprio Freire, a Somaterapia foi a sua principal contribuição, enquanto teórico e militante libertário. Fortemente inspirado por sua atividade política na luta contra a ditadura e sua incursão pelo teatro, a Soma foi o retorno de Freire à psicologia:

“Eu estava na Europa e fui ver um espetáculo de *Living Theater* dirigido por Julien Beck. Era um teatro anarquista norte-americano que não ficou nos Estados Unidos porque não queria pagar impostos. Saiu pelo mundo fazendo um sucesso tremendo, porque atuava de uma forma completamente revolucionária. Eu fiquei fascinado. Fui então entrevistar o Julien Beck e disse-me que a sua arte de representar era simples porque eles estudavam Wilhelm Reich. Eu perguntei quem era, e ele respondeu-me que era um psicanalista dissidente e discípulo de Freud. Levou-me para casa dele e deu-me a ler uma série de livros de Wilhelm Reich e outros. Comecei então a estudá-lo em pormenor mesmo na Europa pela mão de um diretor de teatro”. (FREIRE, entrevista para a Revista Utopia, 1999. p. 73)

Durante sua militância clandestina na luta contra a ditadura civil-militar, Freire não reconhecia na Psicanálise e nem na Psicologia tradicional, instrumentos eficientes e necessários para ajudar os conflitos emocionais e psicológicos de seus companheiros de luta que o procuravam buscando auxílio. Foi, então, encontrar nas pesquisas do mais radical crítico de Sigmund Freud e

sua Psicanálise, o austríaco Wilhelm Reich, os elementos fundamentais de sua terapia libertária.

A partir daí, criou uma técnica terapêutica corporal e em grupo, onde o referencial anarquista é a base metodológica do processo terapêutico. Trabalhando em autogestão, os grupos de Soma procuram desenvolver um tipo de dinâmica, em que o grupo funciona como um microlaboratório social, no qual os conflitos de poder presentes nos diversos níveis da sociedade ali se apresentam e são trabalhados. A Somaterapia é um método libertário, que busca o desbloqueio da criatividade para o ato de viver. Para a construção de seu método, Freire utilizou, entre outros recursos, exercícios oriundos de sua experiência em teatro, seu encontro com a obra reichiana e sua militância política.

Através de seus estudos e da criação da Soma, Freire defendeu o que já falamos aqui: o anarquismo somático. Esta noção de anarquismo está ligada à defesa do prazer como valor ético, ao entendimento do corpo como unidade indivisível, à atuação libertária no aqui e agora e ao entendimento do ser humano dentro de uma perspectiva biopsicossocial. Abordaremos mais adiante, e de maneira mais detalhada, as principais características do que vem a ser este “anarquismo somático” e suas implicações para esta investigação.

Roberto Freire nos apresentou, através de suas pesquisas, um jeito libertário singular, tropical, algo intimamente ligado às questões da atualidade, no Brasil e no mundo. Também nos mostrou a possibilidade de fazer política libertária de uma forma lúdica e prazerosa, longe dos sisudos partidos políticos.

Não é à toa que a juventude tem uma fácil identificação com seus textos e com a Soma. E foi com ela e para ela que as contribuições libertárias de Freire mais tiveram alcance. Este “militante do tesão” - como costumava se autointitular - pôde contagiar novos libertários, convidando-os à celebração da vida e da liberdade. Seu legado torna-se um original campo de investigação em nível acadêmico e cultural.

2.2 - Roberto Freire e a noção de “vida artista”

Talvez não seja exagero afirmar que a vida do Roberto Freire seja o reflexo de suas criações e vice-versa. Freire, de fato, procurou ser um artista em sua própria existência, um artífice na criação de um modo de vida libertário. Não cansava, mesmo com o avanço da idade, de (re) inventar a própria existência. Certa altura, já quando não conseguia mais andar, costumava dizer: “agora, o que me interessa é o espaço sideral... vou ser um astronauta”. Dizia, de maneira bem-humorada, sabendo de suas limitações físicas, mas não cansando de buscar o que havia de juventude em um corpo que não mais acompanhava sua permanente inquietude. A convivência com Roberto era assim, algo rejuvenescedor, como uma carga de energia, incentivo e disposição para a luta libertária.

Freire procurou viver suas relações de amizade em liberdade, lutou pela construção permanente de sua autonomia, participou intensamente na produção e desenvolvimento da Soma, vivida de forma autogestiva entre os

somaterapeutas que compartilharam do Coletivo Anarquista Brancaleone²⁶. Trazer a experiência da anarquia para sua criação, seu cotidiano e para perto de si era algo fundamental em sua vida. O pensador José Maria Carvalho Ferreira (2007), ao referir-se a Roberto Freire, por quem estabeleceu uma relação de amizade e produção, afirma que em sua vida:

“(...) Existe sempre um pressuposto inquestionável: a anarquia aqui e agora. Esta dimensão da sua vida e obra leva-nos para os campos do amor, da amizade, da solidariedade e da liberdade. É uma diferença que nos separa de todos os anarquismos ortodoxos, quer eles se denominem anarco-sindicalismo, comunismo-libertário, ou anarco-comunismo. Antes de qualquer revolução social ou classe social predestinada a transformarem-se em coveiros do capitalismo, do Estado e da religião, para Roberto Freire, cada indivíduo *per se* deve ser único como ator de sua própria libertação” (FERREIRA, 2007. p. 296).

Michel Foucault (2004) formulou um importante conceito em sua obra que nos parece vantajoso quando nos referimos a pessoas como Roberto Freire. O filósofo francês ao formular a noção de “vida artista” está interessado em pensar uma proposta ética-política que coloque-se em oposição ao modo de vida burguês, caracterizado por ele como um modo de vida acomodado e acovardado.

²⁶ Trata-se de um Coletivo Libertário criado em 1991 e formado pelos somaterapeutas que trabalharam com Roberto Freire. Sua principal função foi a de desenvolver e praticar a Somaterapia, privilegiando o trabalho em autogestão e a ética libertária. Durante cerca de vinte anos o Brancaleone desenvolveu suas pesquisas em autogestão em um coletivo que abarcou mais de vinte pessoas. As atividades do Coletivo Brancaleone além dos grupos de Somaterapia se estenderam também para a publicação de livros, cursos, palestras entre outras ações. Em 2006, o Brancaleone foi convidado pelo Departamento de Psiquiatria da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – para criar e aplicar o curso de Extensão Universitária “Introdução à Somaterapia”, levando a Soma pela primeira vez para as salas de aula de uma instituição universitária. Em 2011, o Coletivo Brancaleone se desfez.

Para Foucault, a vida artista é um modo de vida libertário, inventivo e não acomodado. É a forma pela qual escolhemos caminhos, rotas e percursos em nossas existências, capazes de torná-la belas, ruidosas e potentes. Este processo, obviamente, não pode ser dado ou designado por outrem, mas cabe a cada um aventurar-se nas entranhas da vida e nas descobertas de seus próprios caminhos.

Estes estudos compõem o período do chamado *último Foucault*, onde o filósofo se dedica às denominadas *práticas de si*, já mostradas em parte no capítulo anterior. Nelas, apoiando-se no exercício filosófico da Grécia Antiga, Foucault faz emergir um vigoroso estudo sobre uma concepção particular de ética: a maneira como cada um vai construindo e formando sua existência, agindo segundo seus referenciais na relação com o mundo.

Ao contrário do que o filósofo afirma sobre a noção de moral - especialmente a cristã - normalmente apoiada num conjunto de códigos e regras que tenta abarcar a todos, a ética é individual e singular. Segundo Oksala (2011), ao referir-se a esta construção ética em Foucault, afirma: “mais importante que as regras ou conteúdos objetivos da lei é a relação da pessoa consigo mesma, a escolha de estilo de vida feita pelo indivíduo”. (OKSALA, 2011. p.118)

Foi nesta forma de pensar a ética como um modo de vida, uma maneira de conduzir a existência e criar seu próprio estilo, que Michel Foucault (1983) elaborou e defendeu uma estética da existência:

“(...) Em nossa sociedade, a arte tornou-se algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos e à vida. Essa arte é algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Mas não poderia a vida de todos tornar-se uma obra de arte? Por que a lâmpada ou a casa deveriam ser um objeto de arte, mas não nossa vida?” (FOUCAULT, 1983. p. 350).

Não se trata de pensar a estética da existência em Foucault como uma estetização da vida, em um embelezamento narcisista ou mesmo em uma defesa do dandismo. Mas na condução e construção de nossas vidas de forma elaborada, criativa e singular. Para ele, a vida não é algo simplesmente dado, onde apenas devemos seguir as regras ou modelos apresentados por qualquer conjunto normativo. Mas, ao contrário, exige de cada um de nós um processo inventivo, arriscado e autônomo. Esta construção é contínua, nunca se esgota ou acaba ao longo de uma vida. É também composta por caminhos sinuosos, rotas e trilhas nem sempre fáceis; mas jubilosas e encantadoras em outros momentos.

Esta proposta ética não deixa de estar relacionada a diferentes formas de resistência ao poder, na medida em que propõe construir mecanismos de combate aos aspectos normalizadores presentes nas diversas camadas de nossas sociabilidades. Como não interessa seguir caminhos, mas construir cartografias singulares, a estética da existência em Foucault segue contrária aos universalismos moralizadores. Ao mesmo tempo em que não aponta caminhos, nos faz pensar como podemos investir na construção de espaços de liberdade que tornem possíveis a vivência de modos de vida singulares e potentes.

Seguindo esta perspectiva de uma estética da existência, Michel Foucault nos mostra que a noção de vida artista não está localizada necessariamente na vida de um artista, mas ligado à vida daqueles que procuram viver suas existências como obra de arte. É possível encontrar artistas que tenha uma vida nada artista, assim como existências de pessoas muito simples, mas que revelam grande beleza e singularidade. Não se trata, portanto, de uma vida artística, geralmente relacionada ao percurso criativo de um determinado autor. Segundo Castelo Branco (2010),

“Michel Foucault (...) entende que a vida artista é um modo de resistência ao poder, especial e digno de nota, que faz da luta pela autonomia, com o objetivo de livrar o sujeito dos controles e técnicas de normalização postas em jogo pelo conjunto multiforme das instituições contemporâneas.” (CASTELO BRANCO, 2010. p.128).

Nesta mesma visada, encontramos em Michel Onfray (1995) uma maneira peculiar em abordar a questão da estética da existência em sua obra. Sugere a imagem de uma *escultura de si*²⁷ como forma de elaboração artística de vida. Onfray busca na escultura, a expressão artística e o gesto emblemático de criação existencial. Retirar e extrair do objeto para alcançar no epicentro o

²⁷ Contrário a esta noção de escultura de si, proposto por Michel Onfray, ver o texto “Nietzsche e a Imanência do Eu” da Profª Sílvia Pimenta, da Filosofia – da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) –, publicado no livro *Filosofia Pós-Metafísica*, de Guilherme Castelo Branco (Org.). Neste artigo, Pimenta argumenta com base em sua interpretação nietzschiana, sobre a impossibilidade de se ter qualquer ação consciente do *eu* sobre um processo de *tornar-se o que é*, um devir constante que ocorre a nossa revelia. Segundo ainda a autora, esse processo abre caminho para a diferenciação, por meio de um processo de inventar-se permanentemente, o que não quer dizer criar uma identidade. No entanto, a noção que Onfray defende sobre escultura de si, abre espaço para um alto grau de involuntarismo. Daí surge a necessidade do anárquico produzir um movimento intencional e voluntário com a forma e aspecto inteiramente diferentes da noção de identidade.

autêntico da obra é o papel do escultor que fará de sua vida a matéria-prima para a sua invenção.

Para Onfray, o exercício do prazer funciona como uma espécie de bússola. Segundo o autor, a vivência do prazer nos auxilia a estabelecer os desenhos e as curvas para esculpir sua própria estátua, contra os moldes impostos por um social alienante e hierarquizado, que não cessa em tentar capturar individualidades. Esta ação contínua e incessante é realizada através de uma luta acirrada contra a acomodação, a alienação ou qualquer outro motivo que diminua a potência de vida. Para Onfray (1995), investir na construção de sua própria estátua, buscar diferenciar-se na elaboração de um estilo, significa assumir uma postura guerreira diante da existência.

Esta arquitetura de si, a fabricação de si mesmo como obra de arte será, portanto, a ética defendida por Michel Onfray, que buscará extrair da estética da existência um modo de vida. Segundo ele (1995), “que venha a hora de uma arte sem museus, dinâmica, voluntária e cuidadosa com as leviandades, com os questionamentos e com as comoções. Que advenha uma estética da liberdade e da energia nas encarnações mais imanentes: a vida cotidiana, e existência de todos e de cada um”. (ONFRAY, 1995. p. 91).

Assim, seguindo a mesma tradição pós-metafísica da qual situa-se Foucault, Michel Onfray coloca lado a lado o modo de vida estético de uma forma de viver não acomodada e libertária. Defende uma postura rebelde no cotidiano contra os mecanismos de disciplina e controle. E assim, põe uma luz

sobre o anarquismo contemporâneo, ao trazer para perto de nossas vidas a principal forma de atitude libertária na atualidade.

O que encontramos na vida de Freire é justamente essa capacidade em buscar aventurar-se na elaboração de sua estátua, de forma rebelde e libertária, fazendo uso dos materiais e instrumentos necessários em sua criação. Em seu caminho de vida, procurou lutar contra as armadilhas da acomodação, da alienação e da mediocridade.

Como afirmamos, Roberto Freire costumava defender a Somaterapia como sua principal obra e seu maior legado. Assegurava isto ao referir-se à contribuição que a Soma forneceu ao estudo do comportamento humano, social e político na atualidade. Mas também, como contribuição ao pensamento e ação libertária, através de seu anarquismo somático. Freire acreditava que a Soma poderia se tornar um instrumento instaurador de possibilidades libertárias no amor, na convivência social, na amizade e na produção. Sem anunciar diretamente este propósito, defendia sua criação como um conjunto de técnicas de luta e conscientizações políticas capazes de auxiliar na construção de nossa autonomia, de nossa “vida artista”, portanto. Freire (2006) afirma:

“Acredito que a Soma se parece mais com uma escultura do que com pintura. Na primeira, o artista acrescenta coisas externas (tintas) sobre a tela para fazer surgir a imagem que deseja. Na escultura, o artista retira material excessivo que encobre a figura que idealizou e, para isso, não acrescenta nada exterior sobre ela. Essa comparação me ocorreu quando perguntei, impressionado, para um artista popular do Nordeste do Brasil como tinha conseguido esculpir tão perfeitamente um elefante, e ele

respondeu: “tirando fora da pedra tudo que não era elefante”” (FREIRE, 2006. p. 44)

A Somaterapia enquanto um conjunto de técnicas terapêutico-pedagógicas utiliza os fundamentos da educação libertária como forma de conduzir um processo coletivo que dura em torno de quinze a dezoito meses. Este conjunto teórico e metodológico age a favor da construção, por parte de cada um, da elaboração de sua própria estátua existencial, buscando no exercício da singularização o sentido libertário da vida. Tudo isso feito neste laboratório social que se dispõe a ser um grupo de Soma. Portanto, a afirmação da singularidade é realizada na relação com o outro, em um conjunto de arranjos e cálculos que leve cada um à elaboração de sua individuação, seu próprio estilo.

Entre as bases teóricas da Soma, como veremos mais adiante, o anarquismo e o pensamento do ex-psicanalista Wilhelm Reich são provavelmente as mais importantes contribuições que Roberto Freire adotou na elaboração de sua terapia anarquista. Unir a anarquia ao Reich é corroborar tanto com a psicologia quanto a uma forma nova de fazer política. O olhar sobre o cotidiano no que Freire chama de política do cotidiano (1991); a valorização do prazer como ética e como indicador da singularidade (2000); e o corpo enquanto unidade indivisível (2006) são algumas das especificidades que faz desta união uma ferramenta psicossocial de singular valor. Segundo Freire (1995), em entrevista publicada na Revista IstoÉ:

“O anarquismo é o elemento mais importante da Soma. As terapias clássicas também têm uma visão ideológica muito definida: são todas capitalistas burguesas. Em geral, o terapeuta adapta as pessoas a viverem de acordo com aquilo que a sociedade quer. Ele não quer produzir uma revolução, mas procurar adaptar as pessoas ao Estado, à família e à moral. Na Soma, a gente quer que as pessoas vivam de uma forma revolucionária, contra aquilo que vem da sociedade e da família. Se é o autoritarismo que gera a neurose, então temos que enfrentá-lo de todas as formas.” (FREIRE, 1995. Entrevista para a Revista IstoÉ. p. 6)

Valendo-se de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária, os grupos de Soma favorecem o entendimento de como cada um atua nas inter-relações pessoais. Assim, na prática autogestiva, o grupo é levado a experimentar um relacionamento social novo e não hierarquizado, sem a presença de autoritarismo e de centralismo. Isto funciona, como vimos, por meio das lideranças emergentes entre os participantes, que exercem papéis de coordenação do grupo de forma rotativa e descartável, impedindo a formação de liderança fixa.

Viver o processo de um grupo é dispor-se a uma (re) invenção de si mesmo. O grupo representa um laboratório social, onde cada membro busca entender seu funcionamento emocional-psicológico, simultaneamente ao seu funcionamento social e político. Mas, ao perceber estas formas de atuar no mundo, este mesmo grupo também possibilita a mudança de postura e a criação de novos modos de existir. Seriam, portanto, uma função diagnóstica agindo em simultaneidade com uma função transformadora: na medida em que se percebe uma questão, são formuladas estratégias de mudança; isso amplia a percepção, criando novos diagnósticos e novas possibilidades de mudanças.

Naturalmente, esta experimentação de (re) inventar-se traz a vivência do risco como condição do *sine qua non*. A aposta em um processo de libertação dos jogos emocionais-psicológicos e sua íntima relação com os mecanismos sociais e políticos envolvidos na vida dos participantes de um grupo, cria uma condição em que investir na liberdade e na autonomia é aprender a enfrentar os riscos.

Possivelmente, as marcas do enfrentamento com a repressão militar durante a ditadura civil-militar no Brasil influenciaram fortemente esta postura em Freire no desenvolvimento e aplicação da Soma. Em última instância, ele defendia seu trabalho com a instrumentalização das pessoas para a luta por sua liberdade, tendo para isso que enfrentar os desafios e obstáculos colocados à sua frente no exercício das práticas de liberdade.

A Soma seria, neste sentido, concentra um conjunto de técnicas de conscientização emocional, política e social capaz de auxiliar cada membro do grupo no exercício de sua autonomia, ao longo e após o término do processo. Para Freire e Brito (1991):

Risco é sinônimo de liberdade. É na busca da segurança que se estabelece o poder. Quem gosta do risco e se aventura, aceita a insegurança, porque tem sua própria utopia, vive de satisfazer, a qualquer preço, sua necessidade de prazer. O máximo de segurança é a escravidão. Sendo escravos, somos propriedade de alguém, não corremos nenhum risco desde que obedeçamos as leis da escravidão, que não abrem mão do fundamental: não ser livre, não ter opção. (FREIRE e BRITO, 1991. p. 74).

Pensar o processo da Somaterapia como um conjunto de dispositivos que favoreça a ação libertária no cotidiano é, pois, uma aposta de Roberto Freire em possíveis redimensionamentos sociais. Neste sentido, seguem Freire e Brito (1991):

“A grande glória da sociedade burguesa, da família burguesa, das instituições sociais em geral, é a sua oferta de segurança, por um lado e, por outro, nos levar ao medo à liberdade. Elas fazem isso sem necessariamente impor um cerco ou repressão ostensiva. Acabamos sentindo medo pelo que é novo, daquilo que é criar, e de satisfazer necessidades originais. Assim, ficamos sempre com receio da desobediência social”. (FREIRE e BRITO, 1991. p.75)

Se a Soma representou a maior obra de Roberto Freire, ela deve ser pensada como um conjunto de ferramentas que, manejados de forma singular e própria por cada um, possa servir de auxílio na construção de existências libertárias. Como qualquer ferramenta, sua melhor utilidade dependerá da apropriação por quem a vivencia e a desfruta; de quem a manuseia, quais seus intuitos e como sua prática e ética envolvidas poderão fornecer a direção e a intensidade que este instrumento traz.

Em tempos de conservadorismos e conformismos como o que vivemos, mais que nunca existências como a de Roberto Freire servem para nos alertar como é possível lutar e construir vidas livres, vidas artistas. Sua existência não é vista aqui como algo que indique caminhos, servir de modelo ou coisa do gênero. Muito pelo contrário. Serve apenas para despertar em cada um, as próprias possibilidades de vidas artistas. Como disse Loyola Brandão (2002), na

apresentação do livro *Eu é um outro*, autobiografia de Freire: sua existência serviu “para ensinar os que sonham e têm medo” (BRANDÃO, 2002).

2.3 - A criação da Somaterapia: ditadura civil-militar brasileira X a luta pela liberdade.

A Somaterapia teve origem a partir das pesquisas e experiências em teatro sobre o desbloqueio da criatividade para atores, realizadas especialmente no Centro de Estudos Macunaíma²⁸ em São Paulo, Brasil, no início da década de 1970. Antes disso, Freire já havia descoberto a paixão pelo teatro, como vimos anteriormente, a partir de suas incursões pelas várias funções exercidas no teatro, desde a escrita, passando pela direção teatral, até trabalhos administrativos desenvolvidos durante alguns anos. No livro “Soma – A Alma é o Corpo” (1991) Freire descreve esta influência:

Uma das raízes da Soma encontra-se no teatro. Fui professor de Psicologia do Ator na Escola de Arte Dramática de São Paulo. Participei do movimento teatral do Teatro de Arena de São Paulo, bem como presidi o Teatro Brasileiro de Comédia e dirigi o Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação. (...). Porém, a origem teatral da Soma fica mais explícita nas

²⁸ O Centro de Estudos Macunaíma foi fundado em 1974, pelos atores Myriam Muniz e Silvio Zilber e pelo cenógrafo e figurinista Flávio Império, artistas consagrados cujos nomes se misturam à história do teatro brasileiro. Durante um período em que o país vivia sob a repressão e censura da ditadura militar, o Macunaíma surgiu como um centro experimental de formação teatral com diversos cursos de interpretação, leituras dramáticas e psicodramas. Roberto Freire, que retomou o trabalho com a Psicologia neste período, começou a desenvolver ali os estudos que foram fundamentais para o desenvolvimento da Somaterapia. O Centro de Estudos existe até hoje, como o nome de Teatro Escola Macunaíma.

duas montagens teatrais das quais participei como diretor artístico e autor no TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) em 1966 e 1968: Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e O&A de minha autoria”. (FREIRE, 1991. p. 50).

Através de exercícios teatrais e jogos lúdicos, Roberto Freire e uma equipe de colaboradores - especialmente Myriam Muniz (1931-2004) e Flávio Império (1935-1985) – criaram uma série de situações e dispositivos que possibilitavam uma rica descoberta sobre o comportamento, e suas diferentes e singulares reações. Perceber como o indivíduo reage diante de situações comuns no cotidiano das relações humanas, como a espontaneidade, a comunicação, a criatividade e a associação com os sentimentos e emoções, permitem um entendimento como cada um age na relação social com o outro. Ao contrário do que ocorre no teatro, os exercício da Soma, apesar de terem surgido nestas experiências teatrais de Freire, buscam ter uma dimensão terapêutica na medida em que são vividos pelos próprios membros do grupo, e não assistidos como um espetáculo de teatro.

Já dissemos que o nascimento da Somaterapia aconteceu num crítico cenário da história recente brasileira, no período do regime militar instaurado no Brasil em 1964. Os jovens que lutavam contra a ditadura não dispunham de um método terapêutico em que pudessem confiar, politicamente, no atendimento dos desequilíbrios emocionais e psicológicos provocados em suas vidas pela rejeição e repressão autoritárias das famílias burguesas, ligadas à repressão dos militares e políticos fascistas. O medo da denúncia era tão presente que pais entregavam seus filhos, assim como, amigos e namorados faziam o mesmo

com seus companheiros. O surgimento da Somaterapia representou um importante suporte terapêutico para aqueles que dispunham de objetivos políticos explicitamente libertários. Serviu também para ser capaz em atender aos desafios daquela sombria realidade vivida.

Esta outra importante vertente da criação da Somaterapia, a vertente política, portanto, representa para Freire o real significado libertário de sua proposta terapêutica. A luta contra a opressão social e sua implicação sobre a subjetividade das pessoas no período da ditadura civil-militar, fez surgir um processo intimamente ligado às questões sociopolíticas, como afirma Freire (1991):

“Nesse período, eu vivia o conflito entre duas realidades políticas: de um lado o fascismo, a violência, o autoritarismo da ditadura militar impregnados na cabeça, no coração e no bolso da burguesia brasileira, e, do outro lado, o socialismo, a esperança, a luta da juventude brasileira então considerada subversiva pelos burgueses e pelos militares”. (FREIRE, 1991. p.52)

O que interessava a Freire era desenvolver algo completamente distinto, no campo da Psicologia, do que já existisse no Brasil. Sua tentativa residia na criação de um método que, primeiramente, não isolasse o indivíduo da sociedade, em seu tempo histórico, nem nas linhas de forças políticas vividas num dado momento. Em segundo plano, que estivesse diretamente atrelado à construção de um modo de vida livre e autônomo. Não se tratava, portanto, de aperfeiçoar as terapias já existentes, mas de criar algo novo, que pudesse garantir a ampliação livre do potencial criativo e amoroso dos participantes, sempre dentro de uma esfera política e libertária. Segundo Freire (1991):

“(...) Foi assim que nasceu a Soma. Os companheiros de luta começaram a procurar-me justamente por essas razões. O trabalho se fazia primeiro individualmente, de modo clandestino. Mais tarde, organizamos grupos que funcionavam de madrugada e em locais desconhecidos por todos. Por fim, quando foi possível criar grupos legais, os militantes clandestinos participavam nesses grupos com identidades falsas. Durante todo o tempo da ditadura, a Soma serviu aos militantes políticos dessa forma e, nos últimos tempos da ditadura, tornou-se também fonte de recursos financeiros para o sustento de suas famílias, enquanto eram obrigados a viver escondidos”. (FREIRE, 1991. p.53)

Foi neste cenário que surgiu a Soma, fruto destas experiências de Roberto Freire em teatro e na ação política contra a ditadura no Brasil. O encontro com as obras de Wilhelm Reich, da Gestalt-terapia e da Antipsiquiatria, vieram a confirmar a criação de um método com fortes influências e objetivos libertários. Em 1974, a Somaterapia ainda em sua fase embrionária, vinha a atender as expectativas de Freire na criação de uma espécie de *antipsicoterapia*, embasadas nas descobertas reichinas, e sua articulação com a política e sua experiência em teatro.

O “tempero” que faltava para a Soma tornar-se um projeto efetivo veio com o encontro entre Freire e o arquiteto e artista plástico Flávio Império, durante o curso de desbloqueio de criatividade realizado no Centro de Estudos Macunaíma, em São Paulo. Este curso, o qual Freire foi convidado para participar na condição de psicólogo, fora organizado pela atriz Myriam Muniz e seu companheiro Silvio Zilber. Deste encontro, configuraram-se as características básicas da Soma, como sua estrutura estética, sua forma e fundamento como ocorre até hoje. Freire constatou que desbloquear a

criatividade do ator para representar uma determinada personagem era o mesmo que desbloquear uma pessoa para o ato de viver. Os mesmos mecanismos que inibem a livre expressão da espontaneidade eram notados na vida de cada um e em sua interação com os outros.

Foi apenas em 1976 que o trabalho desenvolvido por Roberto Freire e alguns de seus colaboradores passou a adotar o nome de Somaterapia. Como veremos a despeito do significado da palavra *soma* mais adiante, Freire buscava um termo que trouxesse algo mais que apenas uma terapia psicológica convencional. Sua incessante luta por um processo que articulasse corpo e emoção, dimensão individual e social, psicologia e política encontrou, nesse momento, a condição básica de sua existência.

Foi, portanto, empenhando-se em desenvolver uma terapia libertária, que Freire criou a Somaterapia como um processo com forte influência reichiana e anarquista. Sua crítica às psicologias tradicionais fundamentava-se na argumentação de que elas eram terapias adaptadoras à sociedade burguesa. Para ele, estas práticas não produziam ação realmente transformadora, servindo como paliativas na luta contra a neurose.

Roberto Freire foi um dos pioneiros a introduzir o pensamento do ex-psicanalista Wilhelm Reich no Brasil. Apesar de ter feito formação em Psicanálise, durante todo o período do curso, nunca lhe foi mencionado o trabalho e a obra de Reich, mesmo tendo sido um importante psicanalista. Apenas anos mais tarde, como vimos, através do encontro com o teatro

libertário do *Living Theatre*²⁹ é que Freire conheceu e descobriu na obra reichiana o sentido que almejava na Psicologia: um estudo do comportamento humano implicado com a sociologia e a política.

O pensamento de Wilhelm Reich retorna com força à cena cultural e científica europeia na década de 1960, especialmente nos acontecimentos de Maio de 1968, em Paris. Junto com as bandeiras negras anarquistas, Reich é celebrado como pensador original, que trouxe uma importante contribuição ao entendimento de como as relações de poder agem nos indivíduos produzindo a neurose. No Brasil, estas influências demoram alguns anos a chegar e têm em Roberto Freire e José Ângelo Gaiarsa (1920-2010) os introdutores e os principais representantes dessa nova corrente na Psicologia brasileira.

Durante muitos anos, a obra de Reich influenciou psicólogos e psiquiatras no Brasil. O *boom* das terapias corporais, especialmente na década de 1970, produziu uma infinidade de técnicas. No entanto, estranhamente, muitos profissionais abandonam ou minimizam a crítica política de Reich, tanto no Brasil e quanto no mundo. No livro “Guardiões da Ordem” (1995), a pesquisadora Cecília Coimbra afirma que:

²⁹ O *Living Theatre* é uma companhia de teatro *Off Broadway* norte-americana fundada em 1947, em Nova York. É um dos mais antigos grupos de teatro experimental ainda existente nos Estados Unidos. Tornou-se uma companhia conhecida internacionalmente por suas posições políticas libertárias; por sua ativa movimentação contra participação norte-americana na Guerra do Vietnã, estimulando a desobediência civil e tendo sido considerada *não grata* pelo governo norte-americano na década de 1960. Em seu teatro experimental, busca o fim das fronteiras entre palco e plateia, das fronteiras entre arte e vida, e atores e público, chamando o público a participar ativamente na cena em seus espetáculos. Foi fundada pela atriz e diretora Judith Malina e o seu marido, o poeta, cenógrafo e diretor Julian Beck.

“De todos os chamados “corporalistas”, tanto paulistas quanto cariocas, o único, sem dúvida, que traz em seus discursos a palavra política de forma clara é Roberto Freire. Mesmo aqueles – e não são poucos – que nos anos 60 e 70, de uma forma ou de outra, possuem alguma vinculação com a luta de resistência que se trava no Brasil, ao aderirem às terapias “corporais” e ao aceitarem os princípios do Potencial Humano (em sua fase de expansão na década de 70), perdem em muitos aspectos o que seja a implicação de suas práticas como diferentes movimentos sociais”. (COIMBRA, 1995. p. 287)

Hoje, mesmo diante de uma sociedade dita democrática, após a “abertura política” com o fim do regime militar no Brasil e em outras partes do mundo, vivemos num mundo cada vez mais marcado pelos sutis mecanismos de disciplina e controle. Se no passado a presença do autoritarismo era explícita, agora as práticas de dominação navegam por camadas menos óbvias de captura das individualidades, tornando-se mais complexo e perverso.

Na origem da Somaterapia, Freire empenhou-se fortemente na criação de uma metodologia que fosse tempero de liberdade. As influências teóricas e o momento político vivido no Brasil encontraram uma convergência comum na elaboração de uma terapia com objetivos claramente libertários. Os objetivos atuais da Somaterapia continuam os mesmos: investir na construção de espaços de liberdade, na busca da autonomia e na produção autogestiva vividas no presente.

As correntes teóricas e as práticas metodológicas que apresentaremos mais à frente, estão diretamente ligadas a estas análises sociais e políticas na atualidade e adotadas pela Somaterapia.

2.4 - O anarquismo somático: o corpo, a afetividade e a subjetividade na ação política

A Soma foi buscar nas reflexões libertárias seu referencial filosófico e político. Ao utilizar uma metodologia que privilegia a reflexão sobre os jogos de poder, o anarquismo se faz presente através de uma dinâmica de grupo augestionária, na valorização das diferenças e na fragmentação das hierarquias. Tais possibilidades fazem dessa reflexão uma análise crítica do comportamento dos indivíduos que compõem esse microlaboratório social e a construção prática de novas formas de sociabilidades mais horizontais dentro dos grupos de Soma.

Desde o século XIX, o anarquismo vem se apresentando em variadas nuances, nomeando-se de diferentes termos e assumindo estratégias de ação diversas. Não temos dúvidas que as influências do pensamento anarquista clássico, como apresentado nas obras de Mikhail Bakunin (1814-1876), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e Max Stirner (1806-1856), por exemplo, têm chegado até nós de forma viva e atual. Porém, são trazidas ao longo das últimas décadas, novas referências que buscam ventilar e mesmo atualizar em relação à realidade sócio-histórica em que vivemos o pensamento e a ação libertária.

Essa capacidade de metamorfose que o anarquismo vem apresentando ao longo de sua história é uma de suas características e é a responsável, como já dissemos, pela existência de *anarquismos*, numa analogia à gama de vertentes e ações dentro do pensamento libertário. Tal pluralidade constrói a formação de unidades nas diversidades, garantindo o respeito às

particularidades, mantendo princípios comuns e enriquecendo as possibilidades de atuação do anarquismo.

Na elaboração de sua terapia anarquista, Roberto Freire foi, ao longo de quase quarenta anos de atividades, recebendo influências da juventude brasileira através da prática e da pesquisa com grupos de Soma, cursos e palestras realizados em vários estados do Brasil e países na Europa e América do Sul. Toda esta experiência e vivência foram determinantes para a confecção deste anarquismo singular, que recebeu a denominação de *anarquismo somático*.

Esta expressão ganhou contorno, sobretudo, a partir do encontro entre Roberto Freire e o pensador libertário Jaime Cubero³⁰ (1926-1998), ainda na década de 1970. Cubero observara na obra de Freire um jeito diferente de exercer o anarquismo no Brasil, com características marcantes de uma militância mais despojada, lúdica e prazerosa. Sempre atento às diferentes formas de anarquismos, Cubero logo percebeu que ali nascia algo novo e singular na militância libertária.

Para compreender o que significa o anarquismo somático, vamos enumerar algumas de suas características principais, cujos conteúdos estão

³⁰ Jaime Cubero foi autodidata e um dos principais militantes do anarquismo no Brasil no século XX. Jornalista, pedagogo e libertário ainda na adolescência fundou - com a ajuda de amigos - o Centro Juvenil de Estudos Sociais. Participou de inúmeras atividades (palestras, cursos, debates, peças de teatro) em centros culturais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Durante vários anos participou ativamente do CCS – Centro de Cultura Social –, em São Paulo, que representou um núcleo de resistência ao regime militar e um dos principais espaços dedicados ao estudo e divulgação do anarquismo brasileiro.

desenvolvidos em vários outros momentos deste trabalho. Como temos apontado, a Soma enquanto processo pedagógico-terapêutico libertário procura estabelecer uma relação entre a psicologia, a política e a sociologia, entre outros campos de saber. O cruzamento das teorias psicológicas, especialmente a obra de Wilhelm Reich com o anarquismo, possibilitou a singularização do pensamento libertário na prática da Soma nesta denominação de um libertarismo somático.

O corpo enquanto unidade indivisível; o olhar político sobre o cotidiano, no que chamamos de uma política do cotidiano; a afetividade como combustível de sociabilidades libertárias; e a valorização do prazer como ética e indicador de nossa singularidade são algumas das especificidades que procuraremos destacar aqui nesta união de elementos que compõem o pensamento de Freire.

Soma, o todo corporal - O conceito de Soma, tal qual é empregado na criação da Somaterapia deriva do filósofo estadunidense Thomas Hanna (1928-1990)³¹. Em seu estudo sobre “a evolução-revolução do homem do século XX em direção à cultura somática do século XXI”, publicado sob o título *Corpos em Revolta* (1972), Hanna busca definir o significado da palavra *soma*:

“Soma não quer dizer “corpo”; significa “Eu, o ser corporal”. “Body” tem para mim, a conotação de um pedaço de carne – carne pendurada de um gancho de açougue ou estendida sobre uma mesa de laboratório, privada de vida e

³¹ Thomas Hanna foi professor catedrático e chefe do Departamento de Filosofia da Universidade da Flórida, nos USA durante a década de 1970. Seu livro “Corpos em Revolta”, escrito neste período, é dedicado, entre outras coisas, à divulgação do conceito de Soma, apoiado nas obras dos que considerou serem cientistas e filósofos somáticos. Mais informações: <http://www.somaticsed.com/>

pronta para ser trabalhada ou usada. O soma é vivo; ele está contraindo-se e distendendo-se, acomodando-se e assimilando, recebendo energia e expandindo energia. Soma é pulsação, fluência, síntese e relaxamento – alternado com o medo e a raiva, a fome e a sensualidade. (...) Somas são coisas únicas que estão sofrendo, esperando, empalidecendo, tremendo, duvidando, desesperando. Somas humanos são coisas convulsivas: contorcem-se de riso, de choro, de orgasmos. Os somas são seres vivos e orgânicos que você é *nesse* momento, *nesse* lugar onde você está. (HANNA, 1972. p. 28)

Buscando criar um processo pedagógico-terapêutico que ampliasse a noção de intervenção no campo da subjetividade para além do mero psiquismo, Freire criou seu próprio método apoiando nesta ideia de um todo corporal. Ele estava interessado em perceber a experiência humana em sua totalidade e na interação como outros seres, não no isolamento do indivíduo e sua improvável percepção de si mesmo enquanto ser social.

Um dos elementos para se perceber esta noção de *soma* é a adoção do princípio do unicismo. Freire defendia a que a unidade do ser humano é todo o ser humano, indivisível em partes, como por exemplo, corpo e mente, corpo e alma ou membros superiores e inferiores. Nesta concepção, o corpo humano não é regido, mas sim apenas organizado por funções cerebrais. O que chamamos de pensamento e de mente tem o seu funcionamento influenciado por funções de outros órgãos.

Por essa razão, Freire fez questão de não definir seu próprio método de uma *psicoterapia* (tratamento do psiquismo, produto da mente no cérebro), mas

sim uma *somaterapia* (tratamento do corpo trabalhado pelo próprio corpo, do qual a mente também faz parte, mas não é a mais importante e sim apenas mais uma parte desse todo somático). Para Freire (2006): “Soma consiste na expressão prática da *Somatologia*, o conhecimento científico e filosófico do ser, indivisível em “mental” e “corporal”, “espiritual” e “material”, por exemplo”. (FREIRE, 2006. p. 24). O que lhe interessava era eliminar a hegemonia do pensamento no entendimento da vida. Ao mesmo tempo, buscava valorizar a dimensão da sensibilidade, da emoção e do prazer como elementos indispensáveis ao ato de viver e ao conhecimento de si.

No entanto, é possível encontrar em algumas situações a presença desse racionalismo fortemente implantado na militância anarquista. Ao defender esta postura, Freire não buscou eliminar ou mesmo desqualificar a razão, mas trazer para perto da luta libertária a percepção e entendimento sobre a realidade a partir deste “mundo sensível” que representa a dimensão corporal e tudo que advém daí. A sensorialidade, a sensibilidade, o que produz mais ou menos emoção e satisfação deveriam, nesta perspectiva, ser tão importante quanto à razão para a compreensão da vida e da luta política. Estas dimensões da existência, segundo Freire, nos oferecem elementos fundamentais para a definição da noção de liberdade e justiça social, assim como para nossa forma de agir e fazer a ação política.

A originalidade única - Junto a esta noção de corporeidade na elaboração do anarquismo somático, outro princípio tem igual importância: a noção de *originalidade única*. A ideia de algo singular em todas as pessoas é

uma tese defendida por vários anarquistas desde o século XIX. Cada indivíduo é um ser completamente diferente, e como tal, precisa ser respeitado em sua diversidade. Os anarquismos defendem, assim como o somático, a soberania do indivíduo como ponto de partida para qualquer sociabilidade que se pretende livre.

Há algum tempo, admite-se, por exemplo, que somos iguais geneticamente na quase totalidade de nossas características e potencialidades físicas e psicológicas. Porém, cada um de nós possui um tipo de característica especial e única que só nós possuímos em toda a espécie. O que temos de semelhante nos garante a possibilidade da sociabilidade. Mas o que nos diferencia dos demais, e que devemos viver e realizar plenamente garante a saúde e o desenvolvimento social, pois tudo o que originalmente produzimos serve a todos. Para Freire, sofrem a sensação de incompetência e a de impotência individual e social os que não lutam para viver sua originalidade, especialmente em sociedades autoritárias e massificantes, onde se buscam reforçar as semelhanças em detrimento das diferenças. Para o pensamento somático, aí se dá o início da formação da neurose.

A ideia da originalidade única não é algo estanque, rígido ou mesmo um ponto a ser atingido. Ela é dinâmica e está em constante transformação e construção. O que me define como singular num determinado momento de vida, pode se transformar em algo novo, dependendo das influências internas e externas, mudanças de rumos de vida, enfim do próprio movimento da existência.

Luta e prazer – Como já afirmamos boa parte dessas ideias surgiu da fusão do pensamento e da obra de Wilhelm Reich com o anarquismo. Dissidente e herético da obra freudiana, Reich proclamou o prazer como principal antídoto contra o autoritarismo, tanto do capitalismo quanto do marxismo. Estabeleceu as bases da relação entre a neurose e as sociedades hierarquizadas, e foi um dos primeiros a propor uma revolução sexual que ainda está longe de ser alcançada. A política passou a ser inseparável da psicologia e os conflitos de poder ficaram no centro das discussões sobre a subjetividade.

Wilhelm Reich, no início do século XX, viu surgir do conflito básico de poder nas relações interpessoais mais próximas, não apenas a neurose como parte integrante de uma engrenagem social, como também mostrou sua implicação nos fenômenos do corpo. Os bloqueios energéticos resultantes de tais conflitos poderiam ser dissolvidos pelo prazer orgástico e escandalizou a sociedade vitoriana quando afirmou que quem não tiver orgasmos frequentes e satisfatórios terá uma vida empobrecida. Ele demonstrou que no momento do orgasmo sexual, a pessoa, além da obtenção de intenso prazer, produz em si mesma um curto circuito energético que realiza a harmonização da energia vital em todo o seu corpo, eliminando áreas quase desprovidas de energia e outras em excesso. O orgasmo produz intenso bem estar corporal pela alimentação energética em todas suas partes. Os bloqueios na musculatura voluntária, também chamada de couraças neuromusculares, resultantes da vida cotidiana e produzida pelo autoritarismo individual e social são a causa dessa distribuição

defeituosa da energia vital³² no corpo das pessoas. Mais adiante, a despeito da fundamentação teórica da Somaterapia, abordaremos novamente e com mais detalhes a obra de Wilhelm Reich.

Reich também descobriu os mecanismos espontâneos e naturais equivalentes ao orgasmo e que também harmonizam a energia vital: bocejar, espreguiçar, gargalhar, soluçar, dançar, etc. A Somaterapia, a partir desses equivalentes orgásticos, criou e desenvolveu seus exercícios corporais, como também vem utilizando a capoeira angola, com a mesma finalidade desbloqueadora e baseadas na busca do prazer corporal, diferente do prazer sexual. A obtenção do prazer corporal é um dos objetivos terapêuticos da Soma, no desbloqueio das repressões autoritárias preconceituosas ao prazer, muitas vezes julgados exclusivamente sexuais. Há uma distinção clara entre o prazer sensual e o sexual. O exercício e a vivência do anarquismo somático estão relacionados à obtenção do prazer sensual no cotidiano.

Por que se preocupar com o prazer sensual e corporal, quando o que estamos discutindo é a política? Esta é uma das principais críticas que o

³² Energia vital, energia orgônica, orgone ou orgônio são termos desenvolvidos por Wilhelm Reich para descrever a energia viva que alimenta todos os seres vivos. A existência desta energia ainda não foi comprovada pela comunidade científica internacional. Tudo o que se sabe sobre o orgônio baseia-se em conhecimentos ancestrais de diversas culturas e nos trabalhos de Reich, fundador da Orgonologia. Tem uma semelhança grande com a noção de energia vital desenvolvida há milhares de anos pela Medicina Chinesa, por exemplo. Mas Reich veio a descobrir bem mais tarde, já no final de sua vida, que tratava-se de concepções semelhantes. Para Freire (2006), a energia orgônica é a energia cósmica primordial, da qual derivam por condensação e diferenciação, não só todos os corpos químicos conhecidos, como também todos os seres vivos.

pensamento de Roberto Freire sofreu, muitas vezes inclusive, dentro do próprio movimento libertário. Freire fez surgir no movimento libertário brasileiro uma nova forma de fazer política distinta daquela praticada por pessoas enrijecidas, mal-humoradas e sem prazer no cotidiano. Saldo do ranço marxista de associar a luta política a algo sofrido e doloroso, esta maneira de agir politicamente acabou se infiltrando no movimento libertário.

Ao contrário disto, o anarquismo somático de Freire vê o ato político começar em nossas relações pessoais, amorosas, no próprio corpo, sentindo e respeitando as sensações e as emoções. Para Freire, este é o verdadeiro sentido de uma vida anárquica: a possibilidade de viver a liberdade em seu próprio corpo. Para ele, apenas a racionalidade, desprovida do prazer corporal, torna a ação libertária algo da ordem do imaterial, uma nova forma de transcendência em busca de um paraíso puro e ingênuo, ou em oposição a isto, uma mentalidade perversa e traiçoeira.

Para anarquistas e não anarquistas - Ao criar um processo terapêutico e pedagógico com fortes influências anarquistas, Freire não estava interessado em qualquer forma de proselitismo político. Mesmo a defesa de seu anarquismo somático e sua penetração da metodologia da Somaterapia não é vista como uma propaganda política. Sua técnica também não está voltada exclusivamente para anarquistas, mas para qualquer um que deseje desfrutar de uma experiência libertária e que possa, através dela, rever seus próprios mecanismos de poder. Segunda Caiaffo (2009):

“Uma terapia anarquista não é uma terapia feita para anarquistas, mesmo que um certo modo de vida anárquico seja um balizador de sua criação e desenvolvimento; tampouco é uma terapia anarquista porque panfletária; não queremos formar hordas de anárquicos. Uma terapia anarquista é principalmente uma terapia feita por anárquicos, o que implica um jeito completamente diferente de entender e agir tanto no domínio das terapias, de tomar seus objetivos e métodos e colocá-los em prática. Uma terapia feita por anárquicos, feita ao modo anarquista, é também sua forma de resistência, é também sua política, tão pouco institucionalizada quanto qualquer outra precisa ou pode ser” (CAIAFFO, 2009.p. 100)

Assim, a defesa do anarquismo somático na Somaterapia é vista como uma tendência na construção da liberdade e da autonomia dos membros do grupo, nunca um ponto a ser alcançado. Não é fator determinante para participar de um grupo, qualquer conhecimento prévio dos princípios libertários, mas é comum haver uma aproximação de pessoas que tenham na crítica ao poder um importante mote de aglutinação. O que interessa mesmo na terapia anarquista de Freire e em seu anarquismo somático é proporcionar o encontro com a diferença e o exercício de formação de unidades na diversidade.

É neste encontro entre diferentes - em que militância e afetividade se implicam - que o anarquismo somático atinge sua dimensão mais singular. Estabelecer uma relação ética-política que traga para perto certa dose de afetividade é algo que sempre interessou aos anarquistas e foi fundamental para Roberto Freire confeccionar seu anarquismo somático. No topo das possibilidades libertárias de associação, Freire sempre valorizou a afetividade como modalidade de relação que atravessa o campo terapêutico até chegar ao

sentido da cumplicidade. Defensor de uma vida apaixonada e amorosa como veículo de transformação pessoal e social, Freire afirma em seu romance *Cleo e Daniel* que “é o amor, não a vida, o contrário da morte”.

O que lhe interessava era despertar a compreensão de que o amor só serve para amar, nada mais, evitando assim, que ele seja utilizado como arma de dominação e sujeição da pessoa amada, através de jogos e chantagens afetivas. O amor, neste sentido, sem nos deixar levar apenas pela influência poética, é que anima a vida, justificando o ato de existir e lutar politicamente. Assim como a paixão, estado de graça indispensável, tanto para a realização do amor pleno e quanto da frutífera criatividade.

O anarquismo somático de Freire acredita que os sonhos e projetos só podem se realizar, sobretudo nas sociedades hierarquizadas e massificantes, através do exercício corajoso das paixões. Especialmente quando as libertamos da condenação e da violência que se exerce contra elas pelo conservadorismo, que consideram as paixões como loucuras destrutivas. Neste sentido, o anarquista que Freire celebra busca viver suas utopias agora, transformando e experimentando no presente, não no futuro distante de nós. São nas possibilidades de fazê-las e vivê-las agora que reside o real significado que estamos falando.

Este projeto ético-político de Freire se aproxima das chamadas heterotopias³³, conceito trazido por Michel Foucault, e que abordamos no capítulo anterior. Como mostamos, na heterotopia anarquista, a possibilidade de uma transformação social não está longe de cada um e de suas associações, em um futuro incerto e distante. Mas, ao contrário, na busca cotidiana de construir e afirmar estas possibilidades do exercício da autonomia no aqui e agora.

Prazer como ética - Por fim, talvez a mais significativa característica do anarquismo somático de Roberto Freire seja a defesa do prazer com princípio ético. Freire defendia a existência de duas grandes forças ideológicas impregnadas em boa parte da cultura e do comportamento: a ideologia do prazer e a ideologia do sacrifício. Segundo ele (2006), a ideologia do sacrifício está impregnada nas principais forças políticas da atualidade e estimulada pelas religiões e Estados autoritários. Contra o sacrifício, diz Freire (2006), a vivência do prazer torna-se uma maneira de construir um modo de vida diferente e revolucionário. O prazer é o principal termômetro para indicar se uma pessoa está mais ou menos próxima de sua originalidade única.

³³ Para Rosa Cruz Santos (2011), Foucault, ao propor o conceito de heterotopia, visa a designar espaços reais que encontramos neste mundo, “espécies de utopias efetivamente realizadas” (FOUCAULT, 2001a: 415) que materializam virtualidades, transtornando as formas instituídas e sinalizando outras possibilidades de existência. (...) As heterotopias, unidades espaço-temporais, escapam da materialidade do território físico e expressam deslocamentos nos territórios existenciais, processos de dessubjetivação onde, sendo e não sendo eu, ou bem sendo outro(s). (Revista Mnemosine, Vol. 7, No 1 (2011)).

Para colocar essa ideologia do prazer no cotidiano em oposição à ideologia do sacrifício, como já falamos, Freire utilizou uma palavra que se tornou sua bandeira. Costumava usar a palavra *tesão* como uma espécie de seta indicadora desses caminhos singulares, auxiliando cada um como uma bússola no exercício de suas paixões libertárias. Viver o *tesão*, segundo ele, nos auxilia ao resgate de tudo que faz parte da nossa espontaneidade natural e originalidade única.

Para Roberto Freire, era preciso eliminar qualquer forma de preconceito à vivência do prazer e transformá-lo numa nova ética, uma ética hedonista e no cotidiano, sem que isso possa ser desqualificado banal; ou comparado com os prazeres superficiais e descartáveis que são vendidos cotidianamente pelo capitalismo e pelo consumo de mercadorias.

O objetivo fundamental do trabalho pedagógico-terapêutico realizado pela Somaterapia é trabalhar sobre o tema da liberdade e a autonomia, para auxiliar cada pessoa a poder viver sua originalidade única e saber lutar contra os mecanismos e forças que atuam contra sua autonomia. A construção da liberdade é essencial que possa garantir a autorregulação em sua existência, para que a pessoa tenha a possibilidade de viver naturalmente seu prazer. Assim, a construção da liberdade é um processo contínuo, uma luta permanente contra os mecanismos que agem limitando a singularidade de cada um, assim como na elaboração e vivência de projetos que garantam esta mesma construção.

Essas reflexões a respeito dos temas até aqui apresentados buscam ampliar a conceituação do anarquismo somático, cujo objetivo não modifica em nada o substantivo anarquismo, mas evidencia algumas diferenças em sua concepção e em sua prática, tanto no trabalho da Somaterapia como na ampliação da ação libertária no Brasil e no mundo. O anarquismo somático, enfim, é uma possibilidade de pensar a luta libertária como algo que tenha o prazer impregnado nas formas de agir no cotidiano, que una o homem nele mesmo e que o faça agir apaixonadamente.

CAPÍTULO TRÊS

A Somaterapia como laboratório de práticas de liberdade

Chegamos a este capítulo com o propósito de definir detalhadamente o que é e como funciona a Somaterapia. Vamos apresentar os pressupostos teóricos, alguns conceitos básicos e mostrar como se desenvolve este projeto pedagógico-terapêutico, objeto de estudo nesta tese de doutoramento. Ao percorrer as principais referências teóricas que dão sustentação ao método psicossocial desenvolvido por Roberto Freire, mostraremos também como se formam os grupos, como funcionam e quais seus objetivos.

Os grupos de investigação realizados nas cidades de Lisboa-PT, Barcelona-ES, assim como na cidade brasileira do Rio de Janeiro, tiveram como base de funcionamento tais pressupostos teóricos e metodológicos. No período de investigação prática, destinado exclusivamente à aplicação deste método nas distintas cidades, nosso objetivo foi o de averiguar a proposta de uma dinâmica de grupo autogestionária nos grupos acima citados.

Desta forma, em face a esta investigação de doutoramento e a fim de dar sustentação e entendimento ao capítulo seguinte, onde apresentamos o estudo de caso realizado nestes referidos grupos de investigação, acreditamos ser de suma importância o conhecimento mais detalhado deste processo que vem a se chamar Somaterapia. A seguir, apresentaremos alguns conceitos fundamentais

ao entendimento da Somaterapia como psicologia política, assim como os referencias teóricos e metodológicos que a sustentam.

3.1- A Somaterapia: uma experimentação social e libertária

A Somaterapia ou apenas Soma é uma técnica pedagógica-terapêutica, corporal e em grupo, que buscou no pensamento e na ação libertária tanto uma crítica às mais variadas forma de poder nas relações humanas, quanto uma possibilidade de construção da autonomia em nível pessoal e coletivo. Caracteriza-se por um conjunto de técnicas e dinâmicas de grupo que estabelece uma relação permanente entre o comportamento individual e a construção de sociabilidades menos hierarquizadas.

Ela surgiu da união singular de teorias e práticas contemporâneas em alguns campos do saber, notadamente na psicologia, na sociologia, na política e na filosofia. Sua epistemologia e metodologia transdisciplinar lhe conferem um caráter original e em constante evolução e desenvolvimento. Podemos mesmo afirmar que a Somaterapia é uma obra aberta³⁴, um processo em permanente

³⁴ Segundo Umberto Eco (1962), a noção de obra aberta nos remete a três conclusões fundamentais: 1- toda obra de arte é aberta porque não comporta apenas uma interpretação; 2- "obra aberta" não é uma categoria crítica, mas um modelo teórico para tentar explicar a arte contemporânea e 3- que qualquer referencial teórico usado para analisar a arte contemporânea não revela suas características estéticas, mas apenas um modo de ser dela segundo seus próprios pressupostos. No sentido que proponho aqui, a Somaterapia é vista como uma obra aberta, uma vez que não busca fechar-se nela mesma, mas ao contrário, está em permanente articulação e desenvolvimento.

construção. Esta noção de obra aberta lhe confere uma característica que lhe permite receber e contribuir numa relação de troca com as descobertas e pesquisas mais recentes no campo das ciências humanas. Enquanto obra aberta, a Soma segue seu processo de elaboração, tanto no plano teórico, quanto metodológico. O legado que Roberto Freire deixou não deve ser tomado com algo definitivo, mas que está em movimento, para dar conta dos desdobramentos que indivíduo e sociedade tem passado. O que apresentaremos agora é parte deste processo de evolução de sua teoria e prática.

3.2 - Conceitos preliminares da Somaterapia

3.2.1- *Definição da palavra SOMA*

Mostramos brevemente no capítulo anterior a origem da palavra *soma* a partir do encontro de Freire com a obra do filósofo Tomas Hanna. Esta terminologia foi adotada por Roberto Freire para designar seu trabalho pouco depois do início de suas pesquisas, em meados da década de 1970. Ao buscar um termo que resumisse seu interesse em criar um processo terapêutico-pedagógico com uma noção mais ampla que o psiquismo e a racionalidade apenas, Freire encontrou o significado mais apropriado para seu trabalho: “soma”, que em grego significa “corpo”.

Porém, ao referir-se à noção de corpo, Freire não estava meramente falando do que está abaixo do pescoço, como é comum pensar. Mas à

totalidade do corpo, respeitando um princípio unicista, segundo o qual o que interessa é o todo somático, sem divisões entre corpo e mente ou mundo sensível e mundo das ideias, por exemplo. O que ele buscava era compreender o funcionamento da vida a partir do conjunto da mesma. Para Freire (2006):

“Por Soma de uma pessoa não se entende apenas aquilo que reside no interior de sua pele. Além disso, será seu Soma o que ela produz, desde o esperma e o amor, os pensamentos e os sonhos, todas as suas extensões corporais carregadas de afeto e de prazer, sua casa e suas roupas, seus filhos e amantes, a saudade, a ideologia, as fantasias e até os projetos” (FREIRE, 2006. p. 21)

Assim, na Somaterapia, trabalha-se a noção do ser humano *uno*, onde o indivíduo é uma unidade indivisível. Como vimos no capítulo anterior, o unicismo só admite estudar o homem como um todo, do ponto de vista funcional e dinâmico do ser. A divisão deste todo em partes independentes leva à supremacia de algumas funções sobre outras. Essas divisões podem servir apenas para a compreensão didática do estudo do homem, mas nunca para avaliar a vida humana. Isolar uma parte do todo para efeito de estudo de algum distúrbio leva a um diagnóstico limitado e insuficiente.

Isto explica a eliminação do prefixo “psico”, no sentido terapêutico da Somaterapia. Colocando-se contra esta noção, Freire desconsiderava seu trabalho ser uma psicoterapia, por não entender a mente como seu foco de ação de seu trabalho, mas sim todo o *soma*, toda a pessoa, com a mente inclusive, mas fazendo parte do todo somático. Para ele, “Soma significa a totalidade viva

da pessoa em um todo abrangente de energia vital materializada em algo pulsante, dinâmico, metabólico e finito” (FREIRE, 2006, p. 21).

A Somaterapia se constitui desta forma como um processo onde o pensamento e a razão são utilizados a serviço do entendimento da vida, porém não de maneira exclusiva. É notório em seus escritos, Freire valorizar como a pessoa sente e percebe a vida, quais os fatores que lhe emociona, que lhe produz mais prazer ou satisfação.

O pensamento unicista foi combatido de várias maneiras e formas durante o desenvolvimento da história da humanidade. A ideia de uma separação entre mente e corpo, ou melhor dizendo, entre mundo sensível e mundo inteligível, remete a Platão. Para o platonismo, o corpo e a alma estão separados, e mais, são incompatíveis um com o outro. O corpo é visto como um cárcere e, conseqüentemente, um empecilho para a prática do pensamento.

É no corpo que nascem e desenvolvem-se os desejos e prazeres, os temores e as imaginações, todas elas sensações fúteis que, para o platonismo, impedem o acesso à verdade. O que importa é a alma, e o comando que ela exerce sobre o corpo. Para isto, é preciso desprezar a matéria, pois ela é vista como uma prisão que impedirá que se cuide das virtudes da alma. Platão, em *Fédon* (2002), sugere que se esqueça do corpo e busque, da melhor maneira possível, ocupar-se dos cuidados da alma para poder examinar os objetos em si apenas com ela.

Segundo o filósofo, o corpo exige uma demanda de cuidados por demais custosos, entre os quais a alimentação, o vestuário, o cuidado com a saúde, entre tantos, além de sentimentos como o medo, a tristeza, o desejo, enfim, uma demanda de sensações que atrapalham a alma a ascender ao verdadeiro conhecimento. Através do corpo, não é possível conhecermos puramente nada. O que é preciso fazer, para o platonismo, é afastar-se destas sensações corporais e aproximar-se estritamente do conhecimento, pois este fornecerá informações precisas e verdadeiras sobre a vida.

Esta noção foi muito bem aproveitada e estendida à cultura moderna pelo cristianismo, que acreditava ser o espírito mais importante que a matéria. O platonismo estabelece uma irreduzível oposição entre corpo e alma, que no cristianismo se dará sob a forma de carne e espírito. Esta dualidade trouxe consequências marcantes à civilização ocidental, onde, de um lado, a alma apresenta-se como modelo e, do outro, o corpo como exemplo horrendo a se evitar. O inteligível, o espiritual e a visão idealista que despreza o sensível, o corpo, a carne e o prazer, passam a constituir uma moral dominante que segue firme até os dias de hoje. Sob o ponto de vista psicológico, além de limitar a compreensão e o entendimento da existência, produz sérios bloqueios sensoriais, sensuais e afetivos.

O projeto de Freire (2006) em certa medida defende um materialismo filosófico atrelado à ideia de “ver” o visível, o constatável em uma imanência corporal, recusando-se ao imaginário dos idealistas. O materialismo nega tudo que não é matéria, interessando-se apenas por combinações que não deixem

espaços para as situações que fujam do real. Freire busca as ideias centrais de seu materialismo somático nesta perspectiva do real, onde tem o corpo como referência permanente para o entendimento desta realidade.

Mais uma vez, encontramos aqui ressonâncias entre seu pensamento com o filósofo francês Michel Onfray. Ao propor o que chama de um materialismo hedonista, Onfray (2001) aproxima-se do que Freire defende como um pensamento somático. Entre eles, é coincidente a opinião de que o pensamento surge para dar conta dos efeitos que se produzem entre os corpos na forma de intensidades afetivas e efeitos de poder. Michel Onfray (1999), seguindo a tradição de Friedrich Nietzsche e sua crítica ao dualismo hierarquizante da razão sobre o corpo, afirma que:

“O corpo já não é o obstáculo que separa o pensamento dele mesmo, aquilo que ele deve superar para conseguir pensar. É, ao contrário, aquilo em que ele mergulha ou deve mergulhar para alcançar o impensado, ou seja, a vida. Não é que o corpo pense, mas, obstinado, teimoso, ele força a pensar o que se furta ao pensamento, a vida. Já não se fará a vida comparecer diante das categorias do pensamento, lançar-se-á o pensamento nas categorias da vida. As categorias da vida são precisamente as atitudes do corpo, suas posturas. ‘Nem mesmo sabemos o que pode um corpo’: em seu sono, em sua embriaguez, em seus esforços e suas resistências. Pensar é aprender o que pode um corpo não-pensante, sua capacidade, suas atitudes ou posturas” (ONFRAY, 1999. p.96).

O materialismo surgiu entre os pré-socráticos³⁵, especialmente com Leucipo e Demócrito entre os séculos VI e V a.C., desenvolvido por Epicuro

³⁵ Para Châtelet (1973), Leucipo e seu discípulo Demócrito foram os responsáveis pela criação deste sistema novo que foi o atomismo, fundamental para o materialismo. O projeto central da “escola de Abdera” acredita na unidade do átomo como algo imutável, não gerado e imperecível,

durante o Helenismo e, posteriormente, por Lucrécio, com *Da Natureza*. Durante o período medieval, foi duramente combatido, que através da hegemonia do pensamento cristão, o transformou em saber secundário. Foi resgatado pelos libertinos no Renascimento, período da civilização europeia que se deu entre 1300 e 1650.

Num sentido amplo, o Renascimento pode ser entendido como a valorização do homem - no sentido do Humanismo - e da natureza, em oposição ao divino e ao sobrenatural, conceitos que haviam impregnado a cultura da Idade Média, o que favoreceu bastante o resgate do materialismo. Depois disso, foi revigorado pelos filósofos das Luzes, já no final do século XVII, quando teve início o movimento intelectual denominado de Iluminismo, que só veio a realizar-se plenamente no século seguinte.

O materialismo foi defendido e levado ao extremo pelo Marquês de Sade (1740-1814). Tornado revolucionário pelo marxismo e caricaturado pelos ideólogos do stalinismo, o materialismo ainda persiste como corrente filosófica a despeito do desmantelamento e da derrocada do socialismo soviético. Como concepção filosófica, o materialismo é entendido como um pensamento que defende a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou

pleno, homogêneo. Eles são infinitos em número e configuração. Esta vasta e vigorosa doutrina que se constituiu como atomismo, não apenas resolve alguns problemas com seu espírito de rigor, mas também levantam outros. A vontade de não confundir o uno e o múltiplo obrigava o atomismo a renunciar à noção de síntese, assim como não podiam validar a existência de ser perecível algum, como a alma.

fenômeno do universo, assim como descarta qualquer dualismo em que o corpo esteja submetido à alma³⁶.

Para os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto uma pedra quanto os reinos animal e vegetal, assim como produzir efeitos como a luz, o som, a emoção e a consciência. O materialismo contrapõe-se, neste sentido, ao idealismo defendido pelo platonismo, cujo elemento primordial e central é a ideia, o pensamento ou o espírito desvinculado da matéria.

Frente a este pressuposto, a noção de corpo adotado na Somaterapia combate a noção de que certas funções orgânicas tenham supremacia sobre outras. O funcionamento humano acontece de forma integrada e indivisível, e tudo se relaciona num sentido unificado e coerente. Para a Soma, portanto, tal compreensão do homem - seu corpo, emoções, pensamentos, cultura, manifestações sociais - compõe um quadro unicista. Toda concepção unicista está amparada na ideia de que cada indivíduo é um universo em si próprio. Uma experiência ampla e complexa e ao mesmo tempo completa. Esta maneira de compreender o ser humano faz com que a Somaterapia se ocupe em desenvolver seu processo levando em consideração o todo da vida de uma pessoa: seu corpo (pensamentos, emoções, sensações, etc) e suas extensões corporais (trabalho, conhecimento, vida social, etc).

³⁶ Segundo Kirk, Raven e Schofield em “Os filósofos pré-socráticos” (1994): “A alma consiste em átomos esféricos espelhados pelo corpo, e, muito provavelmente, o espírito era considerado como uma concentração de átomos-alma. Assim, o pensamento é um processo análogo à sensação, e ocorre, quando os átomos-alma ou os átomos-espíritos são postos em movimento pela colisão como átomos congruentes vindo do exterior”. (p.453).

Assim, não teríamos como avançar no entendimento sobre os demais conceitos básicos, sobre as bases teóricas da Soma, seu funcionamento e objetivos, sem que pudéssemos explicitar a razão de seu nome. Já no anúncio, a Somaterapia busca deixar claro sua proposta: trata-se de um processo fundado na imanência, materialista e somático.

3.2.2 - A noção de Autorregulação orgânica

Vamos agora abordar outro conceito fundamental ao entendimento e objetivos da Somaterapia: a autorregulação, noção que nos remete a ideia de unicidade que acabamos de mostrar. Nesta perspectiva, um ser humano que vive a sua unicidade dispõe de um mecanismo próprio e natural que determina sua existência no mundo. Este é o *princípio da autorregulação espontânea*, uma capacidade presente nos seres humanos em gerir e regular suas vidas. Fora o necessário aprendizado dos costumes sociais e culturais que se vive num determinado momento, as pessoas nascem sabendo como adequar suas funções vitais ao que necessitam e desejam e o fazem de forma satisfatória se não forem bloqueadas.

Sendo assim, a Soma como um processo terapêutico e pedagógico busca ocupar-se em localizar o bloqueio, o que bloqueia a vida de uma pessoa, como ela está bloqueada, e ajudá-la a se desbloquear. Quando ela conseguir isto, suas funções vitais tendem a se reorganizar. Estas funções vitais dizem respeito aos mecanismos básicos da vida, tais como a vivência do amor, da sexualidade,

da criatividade, da convivência social e uma série de outros campos da existência. Pensando nisto, Freire (2006) faz uma analogia interessante: “quando alguém tem uma pedra no sapato, anda mal porque sente dor e não chega a realizar seus itinerários. Neste caso, o papel da Soma seria localizar a pedra no sapato e mostrar às pessoas como tirá-la dali. Depois, sozinha e por sua conta, a pessoa andará livremente e percorrerá os itinerários de sua livre escolha”. (FREIRE, 2006. p.44). As “pedras nos sapatos” são justamente os bloqueios que são forjados na vida de cada um por mecanismos disciplinadores, que são interiorizados e adotados como constituintes da maneira de seguir sua existência.

A autorregulação é a capacidade que temos de autodeterminar nossa vida, direcionar nossa existência segundo nossas próprias criações, nas rotas e nos caminhos que cada um constrói de acordo com suas experiências, demandas e possibilidades. Autorregular a vida é saber respeitar os desejos e necessidades, articulando-os com o meio em que estamos inseridos, através de um cálculo sempre novo entre o *eu* e o *outro*³⁷.

O prazer serve, neste caso, como uma bússola orientadora e um referencial ético na elaboração de uma relação com o mundo que busca uma

³⁷ Segundo Michel Onfray, esta articulação entre o eu e o outro é fundamental para uma relação que se pretende libertária. Neste caso, um compromisso ético busca permanentemente estabelecer o cálculo dos júbilos com o propósito de um máximo de benefícios para um e para o outro. Segundo o autor, está aí sua condição de homem sublime: o libertário busca sua singularidade e o respeito do outro. Busca conjugar sua diferença sem, no entanto, negar a diferença do outro. O prazer vivido desta forma torna-se o princípio ético do materialismo hedonista de Michel Onfray.

articulação permanente de simetria. Como já abordamos, a despeito do cálculo ético que o anarquismo propõe, o prazer pessoal desconectado do outro, pode rapidamente tornar-se num prazer contra o outro. A busca da autorregulação é a tentativa, portanto, deste equilíbrio no encontro com o outro e com o meio.

Este conceito, tal como adotado pela Somaterapia, deriva principalmente dos estudos de Frederick Perls (1893-1970), criador da Gestalt-terapia. Ele sugeriu que cada pessoa tem a capacidade de reconhecer sua “autorregulação organísmica”, ou seja, definir sua existência no mundo a partir do que o seu organismo sinaliza como mais ou menos importante a cada momento de sua vida. A noção de autorregulação surge também, como já mostramos, nos estudos sobre a ecologia social, desenvolvidos pelo pensador libertário Murray Bookchin (1921-2006). Também aparece nos trabalhos de Wilhelm Reich (1896-1957) como será mais bem detalhado adiante.

Numa perspectiva psicológica, poderíamos afirmar que uma pessoa autorregulada dá à sua vida uma condução de acordo com as suas necessidades, prioridades e possibilidades. Ela buscará amar as pessoas que mais lhe agradam, tentará desenvolver trabalhos naquilo que sente maior aptidão e competência, como também conviverá com as pessoas que mais se identifica. A autorregulação espontânea é orientada pela busca de um constante arranjo de forças, possibilitando escolhas e opções, fundamentais ao exercício das práticas de liberdade.

Uma das características que podemos sinalizar no estado neurótico é o distanciamento da autorregulação em direção à heterorregulação (do grego *hetero*, que significa diferente, irregular). Uma situação neurótica muitas vezes está diretamente relacionada a um mecanismo heterorregulador, impossibilitando a pessoa de conduzir sua vida a partir de suas próprias escolhas. Ao contrário, ao não conseguir identificar suas demandas e necessidades, prazeres e aptidões, tende a “copiar” modelos de comportamentos, condutas apreendidas nas relações sociais ou mesmo em padrões estereotipados de proceder na vida. Gasta-se muita energia vital neste tipo de representação, além claro, de ser inútil.

Muitas das dificuldades apresentadas na construção de uma dinâmica de grupo autogestionária dizem respeito à incapacidade ou inabilidade que algumas pessoas têm para definir o que pensam e querem, enfim, em eleger o que lhes dão mais sentido à sua existência. Uma pessoa neurotizada vive a representação de papéis e personagens que correspondem às expectativas alheias, distantes de suas próprias referências. Daí a sensação de incompetência e impotência geral, decorrente da falta de energia desperdiçada pela importância exagerada com o “olhar” do outro.

Adotando referenciais externos, a vida de uma pessoa heterorregulada distancia-se da realização do seu próprio prazer. A heterorregulação é consequência direta dos valores que regem a sociedade em que estamos inseridos, geralmente disciplinadora e controladora, que determina padrões de comportamento, sutil ou explicitamente, aos indivíduos que a compõe. Isto

acontece sob a forma de padrões morais, de leis e normas que surgem de várias fontes: das famílias, das escolas, da mídia, do Estado, das religiões, do mercado, enfim, dos diferentes espaços da malha social.

Wilhelm Reich (1988) formulou, no campo da Psicologia, uma importante crítica à forma de organização das famílias burguesas como produtora basal dos mecanismos de heterorregulação. Ele defendia a ideia de que a organização tradicional da família nuclear traz em sua composição e objetivo, certo espelhamento e reprodução dos objetivos do Estado. Para Reich, nas famílias, criam-se as condições necessárias, ainda na infância, para o surgimento da noção de obediência e disciplina.

Na interação familiar, é comum haver a convivência de relações que misturam amor e carinho com chantagens e autoritarismos, limitando e condicionando gostos, preferências e escolhas. O medo de perder o amor e a proteção dos pais faz da criança uma vítima vulnerável sem condições de reagir, a não ser conformar-se e submeter-se. Essa educação é reforçada na escola e se estende às outras relações sociais, havendo sempre algum tipo de controle, disciplina ou regulação externa. Nas sociedades autoritárias e hierarquizadas, o poder e o controle substituem a autonomia pela noção da obediência. Segundo Freire (2006), aí está uma das caracterizações mais típicas da neurose:

“Se não conseguirmos enfrentar a heterorregulação (...) vamos passar a viver num estágio intermediário, instável e perigoso da vida conhecido pelo nome de neurose. Este estágio é caracterizado por sintomas típicos como a ansiedade, a angústia, a depressão e a fobia. Querer e não poder ser eu mesmo, querer e não poder viver o meu tipo de amor específico, querer e

não poder criar com liberdade em função das pulsões interiores apenas, querer sentir-se com todo desejo e direito de lutar pela própria autorregulação e ao mesmo tempo se sentir impotente para isso causam na pessoa forte ansiedade, isto é, a sensação de urgência, de pressa e de medo ao mesmo tempo, como se estivéssemos ameaçados de morte caso não conseguíssemos realizar os anseios vitais”. (FREIRE, 2006. p. 47).

A heterorregulação é determinada pelo exercício do controle, do autoritarismo e da submissão. No decorrer do trabalho da Soma, como veremos mais adiante, cada indivíduo é estimulado a investir na construção criativa de sua autonomia, passando pelo reconhecimento e pelo exercício cotidiano de sua autorregulação, assim como pelo enfrentamento dos mecanismos heterorreguladores em suas práticas de vida.

3.2.3 - A Originalidade única do ser

Como temos até aqui mostrado, a Soma enquanto processo libertário busca estimular as pessoas à vivência de sua autorregulação, e para tanto, romper com os mecanismos de poder que bloqueiam sua autonomia. Tal objetivo visa combater a existência de comportamentos que são incutidos pelo meio social, levando as pessoas a descobrirem o que elas verdadeiramente são e o que realmente querem da vida. Este caminho propicia o encontro e a descoberta do que há de mais singular e único nas pessoas, o que podemos chamar de *originalidade única do ser*.

Segundo Freire (2006), este deveria ser o objetivo de qualquer terapia: facilitar o indivíduo ao encontro e ao reconhecimento de sua singularidade,

rompendo para isso, possíveis bloqueios que se formaram ao longo de sua vida e que limitam o exercício de sua diferença. No entanto, continua Freire (2006), o que observamos em alguns casos são práticas terapêuticas adaptadoras, sem nenhuma função transformadora e revolucionária. A psicologia tradicional, nestes termos, torna-se meramente um agente a serviço das práticas de poder, auxiliando a adaptação das pessoas à sociedade tal qual ela é e funciona, sem estabelecer uma análise crítica dos mecanismos normalizadores presentes nas relações humanas.

O que existe em alguém e o diferencia dos outros é o resultado das infinitas combinações e arranjos genéticos no momento da formação do embrião humano. Somos semelhantes em diversas características, tanto na morfologia e fisiologia, quanto no comportamento. Porém, existe algo singular, próprio de cada ser, que nunca houve, não há e nem haverá nunca em outra pessoa.

Para Roberto Freire (1988), um possível referencial de saúde aponta para a vivência da originalidade única, para o exercício da autorregulação e pela busca da unicidade. Essa seria a finalidade existencial de cada um. Toda vez que alguém não consegue expressar sua singularidade como ser, acaba reproduzindo padrões e personagens sociais apreendidos. A neurose é exatamente o rompimento, causado por bloqueios externos, da unicidade, o que torna a pessoa dividida, fraca, insegura e impotente. Isto acontece na medida em que tais bloqueios impedem o livre funcionamento da autorregulação espontânea do nosso organismo, determinando o distanciamento do que verdadeira e originalmente somos. Surge, então, um paradoxo: de um lado, a

importância e a necessidade da diversidade para o desenvolvimento natural da espécie; do outro, sociedades formadas por indivíduos massificados e padronizados, distantes de sua singularidade.

A razão deste paradoxo pode estar na ideia de que indivíduos enquadrados em padrões de comportamento, disciplinados e obedientes são presas fáceis para que relações autoritárias se desenvolvam e se mantenham, pois se tornam facilmente manipuláveis. É desta forma que a neurose condena a vida das pessoas a ser uma peça a mais de uma engrenagem de controle e no funcionamento do esquema dominador-dominado, tão necessário às práticas de poder. As sociedades hierarquizadas perpetuam-se, portanto, na existência de indivíduos submissos, não criativos, repetitivos e conformados.

Este conceito de neurose explica por que a Soma apresenta-se como um trabalho de natureza política. Não a política institucional, mas a política do cotidiano, como veremos, presente em nossas relações diárias e mais próximas. Tal objetivo é revelar esta política e descobrir as relações e jogos de poder explícito ou disfarçado, seus efeitos e suas consequências. A terapia se faz na medida em que a pessoa produz as mudanças para sair do círculo vicioso das práticas de dominação para uma relação política entre iguais na busca de seu prazer.

Para chegar a isso, a Somaterapia acredita que um processo em grupo é imprescindível. Baseando-se na ideia de que a neurose nasce na relação social, é aí que ela mais claramente se mostra. No laboratório microssocial que

representa um grupo de Soma, através da dinâmica de grupo autogestionária, formam-se relações suficientemente variadas para mostrar as dificuldades de cada um na defesa de sua unicidade, autorregulação espontânea e originalidade única. Mais adiante, mostraremos na metodologia da Soma e no desenvolvimento de seu processo terapêutico como se dá esse trabalho.

3.2.4 - A *Política do cotidiano*

Como dissemos, a Soma é um processo em grupo que funciona como um microlaboratório social, possibilitando a percepção do que cada um é a partir de suas relações com os demais membros do grupo. O desenvolvimento desse processo se dá pelas descobertas individuais, auxiliado pela forma como cada um é percebido pelos outros. O grupo oferece, neste caso, a oportunidade que cada membro represente um “espelho social” para o outro. Isto auxilia no reconhecimento de como cada um age e lida em suas práticas sociais.

É neste campo psicossocial que representa o grupo, no qual seus membros interagem entre si e a terapia se desenvolve, que podemos trabalhar no que chamamos de uma *política do cotidiano*. Para a Somaterapia, é importante perceber como cada um lida com as malhas de poder em sua volta, quais as práticas políticas e éticas que são desenvolvidas e como cada qual afeta e é afetado por elas. E também como são reproduzidas, muitas vezes sem perceber, as práticas de poder nas relações humanas, repetindo um mesmo circuito muitas vezes indesejado, mas que não damos conta de mudar.

Esta associação entre Psicologia e Política, presente no processo da Soma, possibilita entender, primeiro, a articulação entre o comportamento humano e os jogos de poder, e segundo, como se dá a implicação de cada um neste processo. O grupo se torna então, o campo privilegiado onde o processo terapêutico-pedagógico se desenvolve, por meio de uma dinâmica de grupo autogestiva que proporciona uma sociabilidade mais horizontal, combatendo hierarquias e práticas de dominação.

É na política do cotidiano que questionamos o autoritarismo que permeia o conjunto das relações sociais. Os vários campos de ação desta micropolítica e macropolítica entram em questão: a família, a forma como são estabelecidas as relações afetivas, as escolas e suas práticas pedagógicas, os meios de comunicação de massa, os partidos políticos e suas articulações políticas com o Estado, o centralismo democrático e a despolitização das relações sociais são identificados como bases fundadoras do autoritarismo.

Neste sentido, não interessa à analítica do poder na Soma, a velha e ultrapassada divisão entre esquerda e direita: ambas acabam acreditando na ordem imposta pelo Estado. Mesmo as práticas políticas ditas de esquerda, acabam optando pela via do poder para a libertação coletiva. Ao contrário, ao propor a política revolucionária do cotidiano baseada na busca da liberdade associada ao prazer, Freire lança uma luz nova sobre a militância e o ativismo na atualidade. Fazer política libertária é algo que se dá em todas as áreas da vida: no casamento, no trabalho, na família, na vida social como um todo. Segundo Freire e Brito (1991), “o interessante é que este tipo de política, própria

tanto da esquerda quanto da direita, disfarça o modo como realmente a sociedade se organiza, isto é, como uma rede de relações de poder autoritário que se espalha não só pelas chamadas instituições políticas, mas por todas as relações sociais”. (FREIRE e BRITO, 1991. p. 33).

A Somaterapia trabalha justamente neste campo de estudo, no qual cada membro é estimulado a perceber como age nesta esfera da micro e macropolítica como reflexo das ações e práticas que exercemos no cotidiano. O grupo representa assim, um espaço privilegiado para o desenvolvimento e entendimento de um modo de funcionamento peculiar de cada um, tendo para isso, o espelho crítico do outro e a oportunidade para a transformação psicológica, política e social que isso proporciona. Neste sentido, seguem Freire e Brito (1991) afirmando que: “desse modo as pessoas fazem política o tempo todo, em casa, na família, no trabalho, na escola, no lazer. E não só quando votam, ou quando participam de reunião sindical ou de associação de bairro, como nos querem imprimir as visões tradicionais”. (FREIRE e BRITO, 1991. p. 34).

É, portanto, na ampliação da noção de terapia que o processo da Soma avança em direção a uma transformação ética e política na vida de seus participantes. As pessoas que se aproximam dessa proposta de trabalho o fazem sabendo desta opção e mais se beneficiam quanto mais buscam formular novas possibilidades de viver suas políticas cotidianas.

3.3 - As bases teóricas da Somaterapia

Como já afirmamos, a Somaterapia está fundamentada na articulação entre diferentes campos de saber, conferindo assim um caráter transdisciplinar. Na área das psicologias, a obra de Wilhelm Reich ocupa um lugar de destaque, especialmente quando procura implicar os fenômenos sociais na produção da neurose. Temos ainda a noção de organização vital proposta pela Gestalt-terapia e o estudo sobre a pragmática da comunicação humana, contemplado nas pesquisas da Antipsiquiatria.

Todas estas abordagens psicológicas estão como que “costuradas” pelas críticas anarquistas às questões sobre o poder. O anarquismo cria uma base política e filosófica sobre a qual o processo da Soma se desenvolve. Os princípios anarquistas que visam combater o autoritarismo e as práticas de dominação no plano macrossocial são os mesmos que orientam o trabalho da Soma com o propósito de combatê-lo também no plano microsocial. O exercício do poder e do autoritarismo, em todos os planos e de diferentes formas, acabam por reverberar na produção e manutenção dos fenômenos neuróticos, que para a Soma, são entendidos como a causa primária e prioritária das sensações de impotência e incompetência para a vida em liberdade.

As pesquisas desenvolvidas por Wilhelm Reich, Frederick Pelrs e seus colaboradores na formulação da Gestalt-terapia e as descobertas da Antipsiquiatria desembocam na mesma direção. Todas estas correntes de pensamento, cada uma a seu modo, foram enfáticas na denúncia que envolve

elementos sociais e políticos com o comportamento dos indivíduos. Por isso a ênfase em ser feito um processo em grupo, no qual o coletivo serve como laboratório de diagnósticos e transformações destas práticas sociais e seus impasses. As diferentes correntes teóricas encontram, portanto, no pensamento libertário a crítica filosófica e política necessária para que seja desenvolvido o processo da Soma.

Assim, um dos primeiros e mais importantes objetivos da Soma é logo deixar claro para seus membros a noção de que a produção daquele processo será desenvolvida por todos. Para isso, é limitado ao mínimo o poder do somaterapeuta sobre os demais participantes. Cabe apenas a ele, a necessária assistência técnica e catalisadora do desenvolvimento da dinâmica de grupo, desde o início estimulando e instigando o grupo a produzir em autogestão. Esta proposta de dinâmica ajuda a emergência de lideranças, que logo compreenderão sua função complementar a do somaterapeuta no desenvolvimento do grupo e de seu processo pedagógico-terapêutico. Se o grupo conseguir isso, se realmente estiver funcionando em autogestão, o processo que está sendo feito é realizado por todos. É o grupo, enquanto conjunto de atores ali implicados, que produz, conduz e faz acontecer o processo da Somaterapia.

Objetiva-se com isso, primeiramente, estabelecer o entendimento sobre a produção autogestiva, suas propostas e características. Depois, que todos passem a compreender que a psicologia e a política andam juntas nesta perspectiva de trabalho. As transformações terapêuticas ocorrem

simultaneamente com o aprendizado de novas formas de existir, mais livres e menos hierarquizadas.

As análises dos conflitos de poder que passam a ocorrer a partir da associação autogestiva dentro dos grupos de Soma, levam seus membros a descobrirem o funcionamento dos conflitos de poder em suas vidas cotidianas. É assim que estas análises se estendem para todo o campo existencial, proporcionando um entendimento mais amplo do que chamamos aqui de política do cotidiano e a relação com o comportamento individual. As abordagens teóricas que mostraremos agora buscam cada uma a seu modo, fomentar tais propósitos que acabamos de anunciar. Daremos destaque especial para obra de Wilhelm Reich pela já comentada importância para a Soma, para em seguida, trazermos as demais correntes de sustentação teórica.

3.3.1 – A Psicologia política e somática de Wilhelm Reich

Como afirmamos, é considerada a obra do austríaco e ex-psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957) a principal referência teórica do trabalho desenvolvido por Roberto Freire. Como uma espécie de espinha dorsal, a obra de Reich vai articulando-se com as demais vertentes e pensamentos teóricos adotados na Somaterapia, compondo um conjunto teórico coerente e uno.

Foi através da obra de Wilhelm Reich que a Somaterapia comprovou as origens sociais e políticas da neurose. Nascido no final do século XIX, Reich foi responsável por uma das maiores revoluções da psicologia contemporânea,

capaz de levar a compreensão dos fenômenos emocionais para além da psicologia, articulando-a com a sociologia e a política.

A filiação de Wilhelm Reich com a psicologia ocorreu por conta de sua entrada na Sociedade Psicanalítica Internacional, organismo responsável pela formação e difusão de novos psicanalistas. Durante o período inicial de suas pesquisas, Sigmund Freud recebeu uma série de contribuições teóricas que lhe acrescentaram conhecimentos, deram-lhe sustentação e críticas. Algumas delas legitimaram as bases psicanalíticas, tanto no campo teórico quanto metodológico. Outros seguiram caminhos tão diversos que alguns pressupostos psicanalíticos foram postos em questão.

Uma destas contribuições críticas foi a de Wilhelm Reich, que de colaborador de Freud, tornou-se mais tarde um fervoroso dissidente. Reich ainda era estudante de medicina quando ingressou na Sociedade Psicanalítica, no período que Freud desenvolvia a psicanálise e pretendia difundi-la e divulgá-la para o mundo. Junto ao interesse pela psicologia, Reich interessa-se também pelas questões sociais, tornando-se um ativo militante nas várias atividades em que participou.

Vivia-se na Europa no início do século XX, um forte clima de transformações, sobretudo pela crescente importância das ideias socialistas que eclodiam em revoluções, como a de 1917 na Rússia, e que fatalmente influenciaram os vários segmentos científicos e culturais da época. A diferença na compreensão dos acontecimentos sociais e políticos vividos neste período, e

a crença de suas implicações sobre os indivíduos e a sociedade, acabaram por gerar a separação de Reich do trabalho com Freud e sua psicanálise. Ele acreditava e afirmava categoricamente que era impossível assumir uma postura apolítica, especialmente frente a uma situação como a que o mundo então atravessava na época: Primeira Guerra Mundial, revolução comunista na Rússia e mais tarde a grande depressão de 1929.

Atento a estes fenômenos sociais e políticos, Reich (1984) mostrou a neurose como fenômeno que atinge a relação entre indivíduo e sociedade, e afirma que seu *locus* não é a mente, mas todo o corpo e o consequente desequilíbrio de sua energia vital. Era o passo fundamental para explicar como a neurose é fruto das interações sociais e dos conflitos de poder que surgem em todos os níveis do convívio humano e como a terapia necessita de um veículo corporal.

3.3.1.1 – A influência social no comportamento dos indivíduos

Para entender as contribuições reichianas ao surgimento da neurose, é preciso voltar ao início do século XX. A Revolução Industrial, em meados do século XIX, transformou o capitalismo em algo extremamente poderoso, presente nas instituições, nas famílias, na pedagogia e na sociedade de forma geral. Pouco depois, a Revolução Russa de 1917 trazia à tona a possibilidade do socialismo como uma nova forma de organização social e um combate da exploração capitalista. A experiência russa rapidamente se alastrou por todo o mundo e passou a influenciar os campos de ciência e cultura da época.

Para Reich (1979), a análise crítica da sociedade e seu alcance sobre os indivíduos seria um papel fundamental que a Psicologia deveria ocupar-se. Ele acreditava que esta perspectiva não estava profundamente presente da psicanálise freudiana. Reich afirmava que ao minimizar o papel da sociedade em relação ao comportamento humano, Freud teria dado menor importância à sociologia³⁸ na produção da neurose. Nas palavras de Wilhelm Reich: “desde 1927 até setembro de 1930, trabalhei no exterior e fiz todo aquele trabalho sociológico nas bases da sociedade. Neste ponto, surge a decepção de Freud. Penetrei na sociologia, que naquela altura se confundia ou era idêntica à política. (...) Eu tinha traçado as consequências sociais da teoria da libido. Na ideia de Freud isto foi a pior coisa que eu fiz.” (REICH, 1979. p. 52)

O que interessava a Reich era perceber as possíveis relações entre sociedade e indivíduo. Fez isso, por exemplo, ao questionar o complexo de Édipo, uma das bases fundamentais de gênese da neurose para Freud. Segundo Reich (1979), o complexo edipiano varia de acordo com as classes

³⁸ Em seus escritos, Freud publicou em 1930 *O Mal-estar da Civilização*, no qual discute o fato da cultura - termo que o autor iguala à civilização - produzir um mal-estar nos seres humanos, já que, segundo ele, existe uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Portanto, para o bem da civilização, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em mal-estar. Pouco antes, publicou também *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*, entre 1920 e 1923, que representa o volume 15 de suas *Obras Completas*. Agora, aborda o comportamento de grupos, partindo do fato de que as relações que moldam o indivíduo, desde a infância, são também fenômenos sociais. Assim, o irracionalismo dos movimentos políticos de massa é explicado por conceitos psicanalíticos como libido e regressão. Há ainda *Totem e Tabu* de 1913, no qual Freud faz uma análise à luz da antropologia do Complexo de Édipo na origem da civilização.

sociais, o que coloca em dúvida ser ele um aspecto cultural ou antropológico.

Sobre o que considerava a principal questão da Psicologia, Reich afirma que:

“Não se podia chegar ao problema da higiene mental com ideias como a do complexo de Édipo. Não se podia chegar lá. Não havia sentido. O que fazia sentido era a frustração, a frustração genital da população. Os adolescentes tornam-se frustrados. Há infelicidade no casamento. Porque acontece isto? Como funciona? Que podemos fazer a este respeito? E aqui, toca-se no problema social – a instituição do casamento, leis, dogma Católico, controle do nascimento, e toda espécie de questões sociais. Aqui vemos a sociologia em campo aberto.” (REICH, 1979. p. 81)

Além das supostas causas da neurose, neste mesmo período Reich fez críticas também à lentidão no trabalho psicanalítico no tratamento das neuroses. Valorizando excessivamente o uso da palavra, Reich via a psicanálise presa à análise simbólica dos acontecimentos e suas interpretações. Acreditava ser necessário valorizar mais a maneira *como* o paciente apresenta certas dificuldades do que o *porquê*. Sobre a crítica ao uso exagerado da palavra na prática psicológica, Reich (1998) afirma que:

“Os conceitos da psicologia tradicional e da psicologia do inconsciente estão acorrentados a formações de palavras. A vida, contudo, funciona para além de todas as ideias e conceitos verbais. A linguagem verbal é uma forma biológica de expressão numa fase avançada de desenvolvimento. Não é de forma nenhuma um atributo indispensável da vida, porque a vida funciona muito antes de existir a linguagem verbal. A psicologia do inconsciente, em consequência, trabalha com uma função de origem recente. Muitos animais exprimem-se por sons. Mas a vida funciona antes e para além de qualquer formação de sons enquanto forma de expressão”. (REICH, 1998. p. 360)

Em paralelo ao trabalho como psicanalista, em 1927, Reich se filiou ao Partido Comunista, onde desenvolveu, entre outras atividades, um curso permanente sobre orientação sexual. Chamou este curso de Sexpol – sexualidade e política – e chegou a ter quarenta mil inscritos, no qual dava periodicamente assistência emocional a jovens e proletários. Neste curso, Reich notou que as pessoas tinham grande dificuldade em falar de suas experiências afetivas e sexuais, portanto sugeriu que os participantes deixassem seus relatos e dúvidas em urnas, tornando-se anônimos. Ficou espantado com a desinformação sexual e especialmente com o empobrecimento emocional e afetivo dos relatos.

A partir daí, elaborou um de seus estudos fundamentais, que chamou mais tarde de “peste emocional”, no qual faz uma profunda análise de fatores como inveja, calúnia e miséria amorosa dentro das sociedades autoritárias, que tendem a mediocrizar a vida humana. Para Reich, não era possível haver qualquer transformação social enquanto as pessoas tivessem trocas afetivas e sexuais tão empobrecidas que as enfraqueciam energeticamente.

As divergências de Reich que o fizeram romper com a psicanálise foram quanto às supostas origens e aos procedimentos para se tratar a neurose. Reich (1984) defendia a tese que uma pessoa é tornada neurótica por mecanismos sociais e políticos. Nesta perspectiva, a neurose forma-se de “fora para dentro”, através do meio social autoritário e hierarquizado que impõe ao indivíduo desde cedo, padrões e condutas de comportamento que se chocam aos seus.

Este processo que surge do social para o individual ocorre por um conjunto de regras e normas, na maioria das vezes de forma sutil e dissimuladas, mas que vão gerando um perfeito ajustamento e diminuição de poder crítico nas pessoas. Reich (1979) afirmava categoricamente que, enquanto existir qualquer espécie de regulamentação moral, social ou política limitando a autonomia dos homens, não se poderá falar em liberdade real nem muito menos em saúde emocional. Para Reich:

“As crianças são destruídas no seu querer emocional, na expressão natural, emocional de vida exatamente antes e depois do nascimento. (...). O despeito, a recusa, a ausência de opinião, a incapacidade para desenvolver o que quer que seja. Tornam-se insípidas, inertes, indiferentes. E assim, desenvolvem seus pseudocontatos, falsos prazeres, falsa inteligência, as coisas superficiais, as guerras, etc. não se pode impor liberdade ao sistema bioenergético destruído”. (REICH, 1979. p.42-43)

Sua tese defende a ideia de que, além de ser produto da interação social, a neurose se instala em todo o corpo e não apenas na mente. Com isso, Reich inaugura na psicologia uma nova e importante vertente onde o corpo passa a ser utilizado como diagnóstico (através da leitura corporal) e local da ação terapêutica (através dos exercícios corporais). Estava começando assim, uma importante investigação teórica que mais tarde passou a ser denominada de psicossomática³⁹, cujo objetivo é estabelecer as relações entre os desequilíbrios emocionais e as doenças físicas.

³⁹ Podemos apontar a psicossomática como uma nova ciência de caráter interdisciplinar que integra diversas especialidades da medicina e da psicologia para estudar os efeitos de fatores

Wilhelm Reich defendia ser um desequilíbrio energético o que causa a neurose. Mas não apenas uma energia psíquica, e sim a energia única que circula por todo o corpo. Esta energia passou a ser designada de modos diferentes, mas com o mesmo significado: bioenergia, energia orgônica ou energia vital. Para Reich (1979), “a coisa mais importante que já aconteceu na psiquiatria foi a descoberta de que a origem das neuroses era somática, isto é, que a estase da libido era somática” (REICH, 1979. p. 74).

Wilhelm Reich (1979) foi acusado de comunista e de estar fazendo política no meio psicanalítico⁴⁰. A acusação fundava-se no fato de ali ser um ambiente científico e que não cabia aquele tipo de debate. Por outro lado, Reich afirmava não ser possível desvincular qualquer discussão científica das questões políticas e sociais de sua época. Ele atribuía grande importância ao

sociais e psicológicos sobre processos orgânicos do corpo e vice-versa. A palavra psicossomática, na visão dos profissionais de saúde que compreendem o ser humano de forma integral, não pode ser compreendida como um adjetivo para alguns tipos de sintomas, pois tanto a medicina quanto a psicologia percebem hoje em dia que não existe separação ideal entre mente e corpo que transitam nos contextos sociais, familiares, profissionais e relacionais. Então, psicossomática é uma palavra substantiva que pode ser empregada para qualquer tipo de sintoma, seja ele físico, emocional, psíquico, profissional, relacional, comportamental, social ou familiar. Wilhelm Reich foi provavelmente um dos primeiros incentivadores desta forma de integrar as dimensões psíquicas às demais implicações do ser humano em interação.

⁴⁰ A ligação de Reich com o movimento comunista nos finais dos anos vinte, que tem sido repetidamente explorada para desacreditá-lo, surgiu pelo simples fato de ser oportuna, com o fim de continuar o seu trabalho sobre a higiene sexual, ir ao encontro das massas numa aparência de organização nos partidos socialistas e comunistas. Assim, segundo Reich (1952) “era necessário prosseguir com o trabalho de higiene econômico-social no seio dos partidos socialistas e comunistas porque era ali que as massas se encontravam nessa altura. Os seus problemas tinham de ser abordados no seu meio ambiente, se se queria sair da linha do tratamento individual. Além disso, os médicos que podiam prestar ajuda em questões como o controle de nascimentos, e outros aspectos da higiene sexual, encontravam-se nos partidos socialista e comunista, porque a Rússia, nesta época, ainda estava ligada à legislação sexo-afirmativa”. Reich, 1952. Arquivos do Instituto Orgone.

impacto da sociedade sobre o indivíduo e via no marxismo uma possibilidade de melhora da condição humana a partir de uma sociedade mais igualitária.

Para Reich (1998), os conflitos de poder são os principais responsáveis pela neurotização dos indivíduos e têm correspondência com os mecanismos de poder macrossocial. Portanto, a neurose é vista por Reich (1988) como uma peça da engrenagem que alimenta um sistema social hierarquizado e autoritário. O conflito básico se origina desde o nascimento da pessoa: a possibilidade de exercício da singularidade em choque com as malhas de poder que se ramificam na sociedade, impregnando modelos e regras a serem seguidas.

Se havia em Reich uma ideia de que o marxismo poderia oferecer uma possibilidade de sociabilidades menos hierarquizadas, percebeu-se que, na prática, o comunismo que por tanto tempo defendeu, tornara-se algo extremamente autoritário – como na antiga União Soviética – que chamou de “fascismo vermelho”. Segundo ele:

“Os fascistas vermelhos estavam interessados no poder de Estado e na obtenção de influência social servindo-se daquilo que eu tinha construído na Sexpol. Eles não estavam em nada interessados na solução real, concreta da miséria sexual das pessoas. Em consequência disso, combateram-me como anti-marxista e contra-revolucionário freudiano” (REICH, 1979. p. 57)

Para ele, o marxismo soviético não considerou o indivíduo, sua personalidade e características próprias. Este fato, aliado às descobertas feitas na Sexpol, levaram Reich (1988) a afirmar que, moldada por instituições autoritárias, o comportamento humano padecerá sempre de neuroses. As normatizações impostas e aplicadas por diferentes instituições e disseminadas

nas mais diversas esferas da sociedade, limitam e bloqueiam a autorregulação que determina a vida de cada um. Estes mecanismos estendem-se por todos os níveis da sociedade, sempre havendo alguma forma de disciplina e controle, que no seu entendimento determinarão o surgimento dos conflitos emocionais.

As críticas de Reich (1984) se estenderam a toda instituição baseada no princípio de autoridade como forma central de organização. Acusou também o Partido Comunista de ser uma dessas estruturas que, apoiando-se na hierarquização das relações, cria duas classes: a dos dirigentes e as dos dirigidos. Foi então impedido de continuar seu trabalho com a Sexpol e, mais tarde, expulso do Partido Comunista. A influência de análises antiautoritárias, as críticas ao capitalismo e ao socialismo marxista e a tentativa de criar uma terapia realmente transformadora tornaram a vida de Wilhelm Reich extremamente difícil.

Além de toda a difamação entre psicanalistas e comunistas, Reich foi perseguido pelo nazismo por ser judeu. Foi recebido e aclamado nos Estados Unidos por toda sua postura anticomunista, mas logo depois foi perseguido ali também por suas críticas ao modelo econômico americano e pelo *Macartismo*⁴¹.

⁴¹ O Macartismo (originalmente o termo em inglês é *McCarthyism*) é a denominação utilizada para descrever o período de patrulha ideológica e caça aos comunistas que ocorreu nos Estados Unidos entre o final da década de 1940 até meados da década de 1950. Este termo foi cunhado como crítica aos procedimentos do senador estadunidense Joseph McCarthy. O termo tornou-se tão apropriado para denunciar perseguições aos direitos civis, que foi utilizado para designar outras condutas persecutórias. Também conhecido como “caça às bruxas”, no meio cultural um dos casos mais conhecidos é o de Charlie Chaplin.

Apesar de ter proferido fortes críticas aos dois principais modelos ideológicos – o capitalismo e o comunismo – Reich nunca se declarou anarquista. No entanto, se aproxima da reflexão libertária quando propõe a importância da “democracia do trabalho”, que tem suas bases próximas à noção de autogestão e da defesa do individualismo.

Em 1954 passa a ser investigado pela FDA (*Federal Food and Drug Administration*), em função de suas pesquisas para o tratamento do câncer, que resultaram no livro *A Biopatia do Câncer* (2009), publicado inicialmente em 1948. As caixas ou acumuladores de orgone seriam segundo ele, capazes de promover o aumento da energia vital num corpo enfraquecido energeticamente. Sendo intimado a prestar esclarecimentos na Corte Americana sobre suas pesquisas científicas, recusa-se e afirma que só responderia sobre suas atividades a uma comissão de cientistas, e não à juízes. É condenado, tem seu registro médico cassado e suas publicações são incineradas em Nova York. É, então, detido e encarcerado em 12 de março de 1957 e morre de ataque cardíaco em 03 de novembro na Penitenciária Federal de Lewisburg, na Pensilvânia.

Wilhelm Reich, no período em que foi perseguido por suas ideias nos Estados Unidos, escreveu um dos seus mais ácidos textos, o manifesto que depois foi convertido no livro *Escute, Zé-Ninguém* (2010). Nele, denuncia a mediocridade do cidadão médio, preso aos valores burgueses, ao medo e à acomodação. Neste livro, Reich conversa com o leitor, convocando-o a pensar

sobre seu próprio *zê-ninguém*, quando se deixa cair nos mecanismos da mediocridade, como na afirmação em que diz:

“Você tem medo de pensar, *zê-ninguém*, porque o pensamento anda de mãos dadas com intensas sensações corporais, e você tem medo de seu corpo. Muitos grandes homens o conclamaram: (...) aja segundo seus verdadeiros sentimentos! Respeite o amor! Mas você está surdo, perdeu toda sua sensibilidade a essas palavras. Elas caem em desertos imensos, *zê-ninguém*, e os arautos solitários perecem na desolação dos ermos que você cria.” (REICH, 2010. p. 67-68)

O pensamento de Wilhelm Reich retorna à cena cultural e científica europeia na década de 1960, especialmente nos acontecimentos de Maio de 68, em Paris. Junto com as bandeiras negras anarquistas, Reich é celebrado como pensador original, que trouxe uma importante contribuição ao entendimento de como as relações de poder agem nos indivíduos produzindo a neurose. A partir daí, suas ideias espalham-se pelo mundo até chegar ao Brasil. No entanto, ainda hoje, são poucas as faculdades de Psicologia que tratam abertamente da obra do mais radical dissidente da psicanálise. Reich ainda é visto com ressalvas, senão como pensamento menor.

3.3.1.2 – A produção da obediência na relação indivíduo x sociedade

Wilhelm Reich defendia que esta engrenagem de disciplina e controle começa na base das relações humanas. Seus estudos concentraram-se no modelo familiar do início do século XX na Alemanha, no qual afirmava que a família espelhava e reproduzia a estrutura de Estado. A organização da família, fortemente implantada naquela época, mas até hoje presente em nossa

sociedade, segundo ele, estimula o exercício da submissão, da dependência, da não criatividade e da não autonomia. As relações entre homem e mulher – baseadas na posse e no machismo – e a noção de obediência quase compulsória aos pais e ao pátrio poder criam uma estrutura vertical entre os membros deste tipo de organização familiar, sem falar na influência das religiões, que produzem dogmas e culpas. A moral burguesa, que permeia boa parte das famílias, se caracteriza dessa forma como um modo de vida acomodado e acovardado.

Para Reich, o ser humano, por ter uma característica gregária, dependerá de alguma forma de família. Porém, ele defendia que o modelo familiar precisava ser repensado, buscando outras possibilidades de organização microssocial que se inicia no casal e estende-se à relação com os filhos. Já no início do século XX, Reich defendeu a transformação do modelo familiar, por meio da diminuição das tradições e dos costumes do casamento como forma profilática da neurose.

Nos primeiros anos da Revolução Russa, estimulou a criação de creches libertárias, visando ampliar a autonomia das mulheres e a socialização das crianças. Mais tarde, analisou a ascensão de Hitler ao poder e afirmou que o surgimento da tirania nazista só existiu porque a submissão foi alimentada desde cedo na vida da população alemã, especialmente por causa do modelo familiar da Alemanha da década de 1930. Reich estava interessado em perceber como a neurose era produzida pelo assujeitamento dos indivíduos e serviria para a própria manutenção das relações de poder.

No entanto, Reich não situa a família como o único espaço disso que podemos chamar aqui de uma produção de obediência. Se, em um primeiro momento, ele vê a família com algo que espelha e reproduz o Estado, sua crítica estende-se por diferentes espaços da malha social. Sua procura está em localizar, nestes diversos espaços, as práticas de poder que criam, seja pelo hábito, pela comodidade ou pela covardia, o assujeitamento e a acomodação.

Nos escritos de Reich é comum percebermos um tema sempre presente e caro ao autor: sua luta contra o sofrimento humano e da procura pelas formas de minimizá-lo tanto do ponto de vista psicológico como também do ponto de vista político. Esta inseparabilidade entre psicologia e política aconteceu, em muitos momentos, pela sua inquietude em encontrar novas formulações de vida em sociedade, sempre calcada na elucidação da base da dominação: a servidão humana consentida.

É, sem dúvidas, em *Psicologia de Massa do Fascismo* (1988) que encontraremos a deificação do desenvolvimento dessa questão na produção reichiana. Em suas análises sobre os acontecimentos políticos investigados nesta obra, encontramos um dos temas centrais dessa inquietude, ou seja, Reich questiona por que o povo alemão teria tomado uma atitude adesista, contrária aos seus interesses e objetivos, por ocasião da ascensão nazista?

Sua atenção estava voltada para entender, do ponto de vista psicológico, a ação de um modo de vida que se ramificava pelos diferentes espaços da sociedade até atingir os indivíduos. Esta procura, expressa já no primeiro

capítulo do livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (1988), estava em compreender a aceitação do autoritarismo, que faz homens e mulheres suportarem desde há séculos a exploração e humilhação moral, em resumo, a escravidão. (Reich, 1988).

Como temos afirmado, em boa parte de sua obra, Reich se dedica à busca dessas respostas, no estudo da sociedade alemã e no funcionamento psíquico de seus atores. O que gostaríamos de discutir por ora é a proximidade desse questionamento com uma tradição de pensamento que se ocupa deste problema no humano. É impossível ler Reich e não se lembrar, por exemplo, do jovem filósofo Étienne de La Boétie, autor do livro já mencionado aqui *Discurso da Servidão Voluntária* (2009), escrito originalmente na metade do século XVI.

O francês Etienne de La Boétie (1530-1563), considerado um precursor do pensamento libertário e que mais tarde se tornaria um importante filósofo, escreveu em *Discurso da Servidão Voluntária* (2009):

“No momento, gostaria apenas que me fizessem compreender como é possível que tantos homens, tantas cidades, tantas nações às vezes suportem tudo de um tirano só, que tem apenas o poderio que lhe dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto aceitam suportá-lo, e que não poderia fazer-lhes mal algum se não preferissem, a contradizê-lo, suportar tudo dele. Coisa realmente surpreendente é ver milhões e milhões de homens miseravelmente subjugados e, de cabeça baixa, submissos a um jogo deplorável; não que a ele sejam obrigados por força maior, mas porque são fascinados e, por assim dizer, enfeitiçados apenas pelo nome de um que não deveriam temer.” (LA BOÉTIE, 2009. p. 32)

Seu texto tornou-se célebre e converteu-se numa espécie de hino à liberdade. A indagação de La Boétie permanece até hoje como um importante questionamento sobre a tirania e o autoritarismo. Para ele, a servidão deixa de existir quando os indivíduos assumem a coragem de não mais obedecer e se sujeitar. O problema colocado está, então, em avaliar quando o povo deseja sua própria servidão.

Nas investigações de Wilhelm Reich em *Psicologia de Massa do Fascismo* (1988), o autor busca compreender a gênese da servidão voluntária a partir da construção de modos de existir. Esta construção, diz ele (1988), ocorre por meio da educação e da moral, em acordo com as demandas da organização social, na relação com a figura que detinha o poder, e na “fraqueza” dos indivíduos em tomar consciência do que lhes acontecia e em manter uma atitude crítica.

Dessa forma, no campo da psicologia⁴², a pergunta de La Boétie contribuiu para que Wilhelm Reich apontasse no seu entendimento como esta

⁴² Sobre esta articulação entre Reich e La Boétie, ver o trabalho de Simone Aparecida Ramalho (2001). Ela centrou seus esforços nas ideias de Reich contidas no livro "Psicologia de Massa do Fascismo", mais especificamente na edição original publicada em 1933, aquela marcada pela busca de uma articulação entre a psicanálise e o marxismo (Reich, 1974). Simone, ao longo de seu trabalho de mestrado, busca uma visão aprofundada dos fenômenos, que teve, dentre outros aspectos, a pergunta disparadora do livro de Reich - Por que, contra os seus próprios interesses de classe, boa parte do proletariado alemão apoiou o nazifascismo? – tem familiaridade temática com a discussão proposta pelo filósofo Étienne de La Boétie que, ainda no século XVI, levantou e problematizou o que ele elegeu como um enigma a ser desvendado: a servidão voluntária. De posse dessa raiz histórica, Simone promoveu um fértil diálogo entre a visão reichiana e as formulações de Freud e de Adorno, de alguma forma, associadas ao assunto. Além disso, chama a atenção nessa dissertação o fato da autora ter explicitado e discutido a existência de uma pertinente aproximação entre a orientação assumida por Reich, de prisma preventivo e basicamente voltada para o campo da saúde pública. Ramalho, S. A. (2001). *Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do*

servidão seria construída. Ele acreditava que desde cedo o ensinamento à obediência, ao conformismo e ao princípio de autoridade eram estimulados como condição constituinte entre pessoas. Denunciava assim, o papel da sociedade – por meio de práticas de poder e da manutenção de instituições – na produção de interferências ao desenvolvimento dos indivíduos e na geração de desequilíbrios neuróticos. O esquema dominador/dominado, que perdura até hoje mesmo que de maneira bem mais sutil, tem sua origem nas relações microsociais e corresponde ao principal mecanismo de sustentação no plano macrossocial. Assim, a neurose para Reich se torna algo necessário e coerente com a existência das instituições autoritárias e doutrinárias, dominadas por este esquema.

3.3.1.3 - Corporificação do inconsciente

Wilhelm Reich (1984) forneceu outra importante contribuição ao apontar a neurose no corpo das pessoas. Na mesma época em que pesquisava o envolvimento social e político na produção da neurose, Reich saiu de trás do divã e começou a se preocupar com tom de voz, postura, respiração e uma série de indicações corporais que observava no ato terapêutico. Até então, o psicanalista não estabelecia qualquer contato olho no olho com o paciente e pouco se preocupava com modificações na postura e gestos corporais. A atitude

de Reich representou o primeiro passo da ideia de que o corpo é o principal veículo da ação na terapia.

No início do século XX, a proposta de trabalhar com o corpo das pessoas era fortemente comprometida pelos valores morais da época. O preconceito, a difamação e a calúnia atingiram vários psicanalistas da época. Segundo Reich (1979), o próprio Freud sofreu com isso quando começou a trabalhar como somaticista. No desenvolvimento de sua técnica, Freud chegou a utilizar hipnose, como também o toque e a massagem sobre a testa do analisado, esperando assim criar alguma forma de indução ao rememoração de pensamentos relativos a seus sintomas, mas logo abandonou essa hipótese.

Restou a Reich o título de maldito por dar importante destaque ao trabalho com o corpo de seus pacientes. Esta fama lhe acompanhou por toda a vida e, por vezes, foi muito bem aproveitada para invalidar e desvalorizar suas pesquisas. Acontece que ele foi o primeiro a salientar que a neurose não é um processo apenas psíquico, mas corporal. Segundo Reich: “a coisa mais importante que já aconteceu na psiquiatria foi a descoberta de que a origem das neuroses era somática, isto é, que a estase ou bloqueio da libido, era somático” (REICH, 1979. p. 74)

Em seu trabalho clínico, Wilhelm Reich (1984) fez uma importante descoberta quando localizou sete regiões do corpo onde se formam as tensões musculares, os chamados anéis ou segmentos de couraça. São elas: a couraça ocular, a oral, a cervical, a torácica, a diafragmática, a abdominal e a pélvica. É a

distribuição defeituosa e imprópria da bioenergia, principalmente na musculatura voluntária, que leva à formação da *couraça caracteriológica* ou *couraça muscular do caráter*. Ele redescobria, assim, no Ocidente, no fim da década de 1920, o conceito orientalista sobre energia vital (presentes na acupuntura, por exemplo), cujos escritos ele desconhecia, apesar de existentes há mais de cinco mil anos. Segundo Fadiman e Frager (2002):

“No sistema reichiano, cada atitude de caráter tem uma atitude física correspondente expressada no corpo como rigidez muscular ou couraça muscular. Reich percebeu esta conexão como fruto de sua atenta observação das posturas e movimentos habituais de seus pacientes, aliada a pormenorizada análise de sua estrutura de caráter. Ele examinava detalhadamente a postura e hábitos físicos de seus pacientes e fazia-os se concentrarem e, determinadas fontes de tensão para se conscientizarem mais delas e para provocar a emoção que permanecera confinada naquela parte do corpo”. (FADIMAN e FRAGER, 2002. p. 228)

Wilhelm Reich (1984) observou que emoções e pensamentos têm sempre equivalentes físicos e vice-versa. Uma emoção traz consigo mudanças na circulação da bioenergia relacionadas a contrações musculares localizadas e modificações na respiração e na postura física. Isto acontece, por exemplo, numa situação de medo: o corpo sofre diferentes alterações fisiológicas (aumento do batimento cardíaco, dilatação das pupilas, contrações musculares etc.) necessárias para uma melhor resposta à ameaça. Este é um mecanismo natural de adaptação do ser humano a diferentes estímulos. Mas, se um indivíduo for submetido desde a infância a contínuas situações de medo ou insegurança, por exemplo, as transformações fisiológicas naturais, em vez de

circunstanciais, tendem a se cristalizar e se tornar crônica de forma inconsciente. Aquilo que deveria acontecer em situações específicas torna-se contínuo na vida da pessoa, criando-se, então, uma estrutura muscular e postural característica que determina o seu jeito de estar no mundo: o seu caráter. Segundo Lowen (1977),

“O caráter de um indivíduo, enquanto manifestado pelo seu padrão de comportamento característico, é também delineado ao nível somático pela forma e movimento do corpo. A soma total das tensões musculares vista como uma gestalt, ou seja, como uma unidade, as maneiras de movimentação e ação, constituem e expressão corporal do organismo. A expressão corporal é a perspectiva somática da expressão emocional típica, que é vista, ao nível psíquico, como caráter”. (LOWEN, 1977. p. 73)

A formação da couraça neuromuscular do caráter ocorre, sobretudo, durante nosso desenvolvimento infantil, devido a bloqueios permanentes da sexualidade e ameaças constantes à vida emocional. A couraça neuromuscular pode se manifestar tanto em contrações como em flacidez musculares crônicas. São, por exemplo, regiões corporais constante e intensamente rígidas, como ombros permanentemente arqueados e tensos ou testas franzidas.

Isso leva a um consumo excessivo da energia vital, além de impedir o seu circuito livre para outras áreas. Segundo Reich (1984) essa couraça serve, na infância, de escudo protetor a ameaças emocionais recebidas. Na idade adulta, limitando a relação com o mundo, a couraça impossibilita a expressão direta da espontaneidade, da emotividade e da afetividade. Com isso, ela passa a ser geradora dos sintomas neuróticos como fobias, angústia, depressão, ansiedade, incompetências e impotências criativas, sexuais e afetivas. Para Reich, a

couraça neuromuscular do caráter é a expressão física da neurose. É a materialização corporal dos traços de comportamento e atitudes emocionais do indivíduo, tornando-se uma espécie de corporificação do inconsciente.

3.3.1.4 – O surgimento da psicologia somática

O surgimento propriamente dito das técnicas de psicoterapias corporais ocorreu com a criação da vegetoterapia caracto-analítica. Esta começou quando Reich, já fora da psicanálise, estudou o que chamou de “experimentos bioelétrons da pele”. Buscando a relação corporal com a neurose, Reich achava que as funções vegetativas (referentes ao sistema nervoso autônomo) deveriam funcionar livremente. Tais funções se tornam desequilibradas especialmente pela criação de estases energéticas que limitam a circulação da energia vital. Este bloqueio se dá por meio da frustração do prazer, durante o desenvolvimento da criança.

Quando a frustração é sistemática e permanente, atendendo a referenciais externos, percebemos os mecanismos autoritários da educação familiar e escolar produzirem seus efeitos. Geralmente esse tipo de ação se utiliza de chantagem, sentimento de culpa e ameaça de retirada do sentimento amoroso como instrumentos de poder a serviço de um sutil adestramento. A moral repressora, base da cultura patriarcal, procura suprimir os impulsos genitais naturais. Isso leva à criação de impulsos secundários ou pornográficos, tornando a sexualidade uma mera realização do coito, muitas vezes desprovida

de qualquer sentimento. Ao mesmo tempo, ergue-se um conjunto de leis e normas moralistas desastrosas contra a mesma mente humana pornográfica criada pela repressão da sexualidade natural.

Para Reich (1984), a repressão sexual é a principal fonte das neuroses e ela ocorre durante as principais fases da vida: primeira infância, adolescência e idade adulta. Os bebês e as crianças convivem com uma atmosfera familiar muitas vezes neurótica, autoritária e conservadora do ponto de vista sexual. As exigências dos pais em relação à boa conduta, ao bom comportamento e às autorrestrições produzem o que na puberdade se configura como desinformação e desconhecimento para uma vida sexual satisfatória. Por fim, na idade adulta, a maioria das pessoas se vê envolvida na armadilha do casamento compulsório, muitas vezes desprovido de um real prazer afetivo e sexual. Era nesta dimensão inicial da constituição da sociedade, estabelecida entre um casal e a formação da família, que ele via nascer o germe do autoritarismo. Segundo Reich,

“Os casamentos desmoronam em consequência das discrepâncias sempre intensificadas entre as necessidades sexuais e as condições econômicas. As necessidades sexuais podem ser satisfeitas com um e o mesmo companheiro durante algum tempo apenas. Por outro lado, o vínculo econômico, a exigência moralística e o hábito humano favorecem a permanência da relação matrimonial. A situação familiar que se desenvolve segue de forma a recriar a mesma atmosfera neurótica para a próxima geração de crianças.” (REICH, 1984. p. 101)

Estava levantada a questão de como era possível perceber, do ponto de vista corporal, as ações envolvidas na relação do indivíduo com seu meio social, atingindo, sobretudo a sexualidade e a afetividade. Como vimos, Wilhelm Reich

descobriu existir no corpo da pessoa quando neurótica, uma distribuição defeituosa e imprópria da bioenergia, especialmente em sua massa muscular. Defende assim, que a presença da neurose no corpo das pessoas é percebida por meio da couraça neuromuscular, resultante desse desequilíbrio energético. Ela serve de escudo contra as agressões externas à vida emocional e os impulsos próprios que não poderão ser atendidos. À medida que as agressões se tornam repetidas, cronicamente ativas e automáticas, as defesas emocionais evoluem para traços ou couraça caracteriológica, que será expressa no corpo sob a forma de rigidez corporal. As couraças se distribuem por diferentes regiões do corpo, formando como dissemos os anéis de couraça.

Cada indivíduo desenvolverá o que Reich chamou de anel ou seguimento de eleição, ou seja, aquela região que em seu corpo a tensão será mais percebida. Esta área do corpo será também onde se desenvolverão os sintomas típicos e próprios a ela. Assim, por exemplo, se a couraça de eleição de uma pessoa for a região pélvica, possivelmente seus sintomas terão equivalência com sexualidade. Muitas vezes estes sintomas físicos decorrentes da couraça são desencadeados quando há um desequilíbrio emocional. Para Reich há, portanto uma íntima relação entre corpo e emoção.

Segundo Fadiman e Frager (2002), a couraça da região ocular é caracterizada, especialmente, pela imobilidade da testa, seja por sua contração permanente (a testa franzida) ou por uma expressão vazia dos olhos. A couraça da região oral inclui os músculos do queixo, garganta e a parte de trás da cabeça. O maxilar pode ser excessivamente preso ou frouxo de forma não

natural. As expressões relativas ao ato de chorar, gritar, falar e as relacionadas à comunicação são inibidas por este segmento. A couraça da região cervical engloba os músculos profundos do pescoço e também a língua, limitando as expressões emocionais relativas ao choro e à raiva. A couraça da região torácica inclui os músculos longos do tórax, os músculos dos ombros e da omoplata, toda caixa torácica, as mãos e os braços – cria inibições ao riso, à tristeza e ao desejo, bem como ao livre ato emotivo, pois afeta diretamente a respiração. A couraça da região diafragmática inclui o diafragma, estômago, plexo solar, vários órgãos internos e músculos ao longo das vértebras torácicas baixas. Esta couraça é expressa por uma curvatura da espinha da frente, o que forma um espaço entre o chão e a parte de baixo das costas da pessoa quando esta se deita. É muito mais difícil expirar do que inspirar. Ela inibe principalmente a raiva extrema. A região abdominal envolve os músculos abdominais longos e os músculos das costas. A tensão nos músculos lombares e a couraça nos flancos produzem instabilidade e se relacionam com a inibição ao rancor. Por fim, a sétima couraça se localiza na região pélvica e inclui todos os músculos da pélvis e membros inferiores. Quanto mais intensa a couraça, mais a pélvis é puxada para trás, tornando-se saliente nesta parte. A região pélvica é rígida, pouco flexível e pouco móvel, influenciando diretamente nas funções sexuais. A ansiedade e a raiva resultam das inibições das sensações de prazer sexual. É uma das principais e mais frequentes expressões da couraça nos corpos das pessoas, especialmente decorrente da influência dos valores morais sobre a sexualidade e o prazer.

Para Wilhelm Reich (1984), a couraça é o maior obstáculo ao crescimento, pois um indivíduo encouraçado não consegue ter uma visão de mundo como conjunto. Ao combater esta ideia de cisão, Reich propõe o pensamento funcional, ou seja, a possibilidade de perceber o mundo observando a relação entre as partes. Esta visão unicista da obra de Reich busca combater sistematicamente em nossas vidas a presença do racionalismo, estimulado pela crença cartesiana que há séculos vem dominando a ciência, a educação e a cultura de uma forma geral.

Reich (2003) denunciou também que o processo de encouraçamento havia criado duas tradições intelectuais distorcidas, que formam a base da civilização: a religião mística e a ciência mecanicista. Segundo ele:

“À parte a quantidade de enfermidades que origina o desenvolvimento da couraça na primeira infância, torna toda a expressão de vida áspera, mecânica, rígida, incapaz de mudança e adaptação às funções e processos vitais. As sensações dos órgãos vitais, tornados inacessíveis à autopercepção, constituirão a partir de agora, a área total das ideias que se localizam a volta do “sobrenatural”. Também isto é tragicamente lógico. A vida está fora do alcance, é “transcendental”. Assim, torna-se o centro da aspiração religiosa pelo salvador, o redentor, o além.” (REICH, 2003. p. 100-101)

Este abandono do corpo e do mundo sensível, abordado em algumas passagens deste trabalho, evidencia a presença e influência ainda forte da tradição platônica sobre nossa cultura. O dualismo hierarquizante do pensamento sobre o corpo segue firme até nossos dias, criando toda uma lógica de abandono do sensível e do real em função de um ideal e transcendental.

3.3.1.5 – Mobilização da energia vital

No período da vegetoterapia, Reich faz trabalhos corporais e analisa a história de vida do cliente, apesar de não mais se utilizar da associação livre da psicanálise – forma pela qual o paciente associa livremente ideias e pensamentos, usando para isso a palavra.

Aos poucos, Reich vai aprofundando a importância do resgate do equilíbrio energético como forma de tratamento. No livro *A Função do Orgasmo* (1984), mostra como o orgasmo sexual pleno e satisfatório, além de proporcionar grande prazer e bem-estar, tem uma segunda função capaz de agir sobre a couraça, dissolvendo-a por alguns instantes através de um “curto-circuito energético”, que solta a musculatura tensa e restitui a harmonia energética.

No entanto, ele não está falando da mera realização do coito, mas de uma profunda e ampla ligação ao outro. Para Reich (1979): “Refiro-me à experiência emocional, a experiência emocional primária da fusão de dois organismos. (...) Não se trata da cópula em si mesma, não é a relação genital. Trata-se da experiência emocional concreta da perda do ego, de todo eu espiritual”. (REICH, 1979. p.37). Devido a uma poderosa descarga energética, o corpo entra em estado de relaxamento, proporcionado pela circulação livre da bioenergia e por uma dissolução provisória das couraças. Uma das descobertas fundamentais de Reich neste campo foi localizar no orgasmo sexual, o

instrumento natural e espontâneo de nossa fisiologia para corrigir a má distribuição energética.

Mais uma vez, Reich volta a criticar o exercício de sexualidade desprovido de afetividade. Para ele, essa forma de sexualizar excessivamente a vida cria uma perigosa falácia de liberação. Obviamente isto não significa que uma sexualidade plena seja atingida apenas em relações estáveis, mas mesmo naquelas relações circunstanciais, a afetividade, para ele, é fator imprescindível de ligação ao outro. Para Reich (1961):

“O ensinamento de viver a Vida, tomado e distorcido por homens encorajados, significará o desastre final para toda a humanidade e suas instituições (...). Sem dúvida, o resultado mais provável do princípio de “potência orgástica” será uma filosofia perniciosa de vulgarizar tudo em toda parte. Como uma seta lançada de uma mola fortemente comprimida, a busca do prazer rápido, fácil e deletério irá devastar a comunidade humana”. (REICH, 1961. p. 508-509)

Na perspectiva reichiana, a bioenergia ou orgone é a energia que deve fluir livremente em nosso corpo quando estamos saudáveis. Ao se acumular em nosso tecido muscular, gera desequilíbrios físicos e emocionais. A energia orgônica foi mensurada por Reich e investigada em laboratório no período em que viveu nos Estados Unidos. Como afirmamos, apesar de ter semelhança com a energia pesquisada pelos chineses há mais de seis mil anos, Reich nunca fez nenhuma referência à acupuntura, por exemplo, por seu total desconhecimento da medicina oriental.

Interessado em buscar outras possibilidades de mobilização energética além do orgasmo, Reich passa a pesquisar o que ficou conhecido como os equivalentes orgásticos. Existem equivalentes ditos “naturais” do ponto de vista bioenergético, como o ato de dançar, de gargalhar, de bocejar, de espreguiçar e uma série de outras possibilidades disponíveis ao homem como forma de relaxamento. É interessante observar que mecanismos morais e de boa conduta muitas vezes inibem o orgasmo sexual e seus equivalentes. Geralmente o medo de parecer ridículo impede a espontaneidade, o que dificulta uma sexualidade mais livre, assim como movimentos e atitudes mais autônomas como dançar em público, gargalhar ou mesmo chorar, difíceis para muitas pessoas. Este ciclo só foi quebrado com a criação dos exercícios bioenergéticos, técnicas “artificiais” capazes de produzir o equilíbrio energético por meio de movimentos, respiração e toques. Os primeiros trabalhos corporais da vegetoterapia iniciada por Reich visavam ao restabelecimento da distribuição equilibrada de energia vital e, para isso, utilizavam o sistema neurovegetativo.

Em outro momento, Reich se dedica ao que chama de orgonoterapia, um desenvolvimento da vegetoterapia, porém com mais ênfase nos processos conscientes, buscando recuperar as funções perceptivas nas situações de vida. Contudo, Reich continua dedicando-se à busca da potência orgástica, pois, para ele, atingir orgasmos plenos, frequentes e satisfatórios é restabelecer a possibilidade de um equilíbrio da energia vital. Graças ao trabalho de Wilhelm Reich, a psicologia percebeu a importância do corpo nos processos neuróticos e, com isso, teve um grande avanço. Depois dele, surgiram muitas derivações

em psicoterapias corporais, tendo sempre como referência a importância de trabalhar o corpo como diagnóstico e intervenção terapêutica.

Roberto Freire (2006) encontrou na obra de Reich a confirmação de suas impressões sobre a influência política no comportamento individual, além da implicação do corpo neste processo. Segundo ele, a obra de Reich indicava algumas coisas importantes que deveriam conter em sua terapia libertária: que a neurose não é uma coisa que nasce com a pessoa, assim como não estava no pensamento e na cabeça, mas no corpo inteiro. Portanto, segundo Freire, era preciso trabalhar com o corpo, com todo o *soma* do indivíduo.

Ao articular o pensamento e a obra de Wilhelm Reich com o anarquismo e sua crítica ao poder, Freire defendia a ideia de se trabalhar também sobre a esfera ética e política das pessoas. Afirmava que para eliminar os efeitos da neurose, não basta acabar com os sintomas resultantes da couraça, e sim, combater suas causas sociais e políticas. Sintomas como angústia e depressão, por exemplo, são “sinais de alarme”, indicando que algo de errado está acontecendo na vida da pessoa. Apagar esta “luz vermelha” seria como eliminar uma febre sem combater a infecção; os sintomas apenas sinalizam algo.

É importante pesquisar e compreender os motivos que levam sua vida emocional a despertar tais sinais. Esta busca o levou à crítica das relações de poder que reprimem, disciplinam e bloqueiam a liberdade das pessoas nas sociedades hierarquizadas. Para Freire, uma pessoa não podendo ser ela mesma, nem manifestar seus ideais e desejos, entra, defensivamente, em

estado neurótico. A couraça neuromuscular do caráter é a manifestação física e a consequência direta dos jogos de poder autoritário.

Dessa forma, o estudo do comportamento humano atravessado por mecanismos sociais e políticos, serve para a Somaterapia investir na compreensão das suptas origens da neurose. A principal originalidade desta contribuição de Freire é entender o comportamento ideológico das pessoas que antecede e determina o surgimento da couraça neuromuscular. Na Soma, tal mecanismo é chamado de *couraça somática*: os conflitos político e ideológico primários, fonte dos distúrbios emocionais e psicológicos que produzem a couraça caracteriológica. Voltar-se ao estudo de como cada pessoa define e conduz seu modo de vida é tão importante para a Somaterapia quanto perceber como ela demonstra seus bloqueios e sintomas.

O trabalho sobre couraça somática e neuromuscular é feito, respectivamente, através da limpeza e profilaxia dos mecanismos de poder que atuaram e ainda atuam na vida das pessoas, como também pelo restabelecimento do fluxo livre da bioenergia, trazendo de volta a saúde. Isto se dá através de trabalhos corporais liberadores, que funcionam como exercícios bioenergéticos, dissolvendo a rigidez muscular. Ao mesmo tempo, o trabalho de conscientização ética e política são feitos durante a dinâmica de grupo autogestiva no decorrer do processo de um grupo.

3.3.2 - O aqui e agora da Gestalt-terapia

Outra importante escola da psicologia contemporânea para a Somaterapia é a Gestalt-terapia, responsável pelo desenvolvimento prático de seu processo. Ao priorizar o estudo sobre o cotidiano, a Soma está voltada especialmente ao trabalho sobre os aspectos atuais envolvidos nos conflitos individuais e sociais. Não que o passado seja descartado, mas a ênfase é dada aos mecanismos e questões presentes no dia a dia das pessoas. Desta forma, as contribuições da Gestalt são fundamentais, pois ela inaugurou uma nova maneira de se trabalhar o conflito emocional a partir das observações cotidianas.

A palavra *gestalt* não tem tradução direta para o português. É uma palavra alemã que, aproximadamente, significa “a forma e o jeito como as situações apresentam-se e organizam-se diante e dentro de nós”. A Gestalt-terapia teve origem na segunda metade do século XX, através das pesquisas de seu criador, o alemão Frederick Perls (1893-1970), com a cooperação de Laura Perls (1905-1990), Paul Goodman (1901-1972), entre outros.

Colaborador de Sigmund Freud na Psicanálise e posteriormente cliente e amigo de Wilhelm Reich, Perls tornou-se psicanalista e exerceu a psicanálise durante muitos anos. De origem judaica, precisou fugir da Alemanha nazista e se instalar na África do Sul, onde montou a base da Sociedade Psicanalítica daquele país. Mas foi depois de mudar para os Estados Unidos e romper com a psicanálise que ocorreram as pesquisas decisivas que o levaram à criação da terapia gestáltica. Ela está relacionada com a psicologia da gestalt, surgida no

início do século XX, mas não é a mesma coisa, uma vez que combina abordagens fenomenológicas, existencialistas, dialógicas e de campo ao processo de transformação e crescimento dos seres humanos.

Fritz Perls era casado com Laura Perls, uma psicóloga que desenvolvia estudos na área de gestalt, um ramo da psicologia da percepção. Foi a partir daí que ele adaptou as teorias da psicologia gestáltica ao campo terapêutico. Para ilustrar como seria uma gestalt do ponto de vista da percepção psicológica, basta compreender este exemplo: uma pessoa está posicionada numa praia de frente para o mar. A gestalt desse momento é a sua relação dinâmica com a paisagem. Logo em seguida, passa uma gaivota que se torna o alvo da observação dessa pessoa. Formou-se, portanto, nova gestalt: a gaivota torna-se *figura* desta gestalt, ou seja, o foco da atenção, seu elemento principal em sentido e importância. O mar e o céu, assim como ruídos e outros elementos restam como *fundo*, representando tudo o que está presente, mas “por trás”, ou tendo importância secundária. Então, toda gestalt sempre apresenta uma figura e um fundo, correspondendo, respectivamente, ao que é prioritário e secundário numa situação.

Utilizamos a expressão “abrir gestalt” ao momento em que a gaivota tornou-se alvo da contemplação, seja por prazer estético, curiosidade, ou qualquer outro motivo. Definimos como “fechar gestalt” o momento em que a figura desaparece ou nos desinteressamos dela. Tudo o que é vivo está permanentemente “abrindo” e “fechando” gestalts, num processo dinâmico e contínuo.

Fazendo uma comparação entre o estudo das gestalts e observações clínicas de seus clientes, Perls notou existir uma relação muito próxima entre elas. Ele observou que, nas várias situações de vida presentes no cotidiano de uma pessoa, surgem necessidades que seu organismo determina como sendo mais ou menos emergentes. É o mecanismo da autorregulação espontânea, já descrito anteriormente, exercendo seu papel de regulador organísmico. Este termo foi cunhado por Perls para determinar uma função própria do nosso organismo. Assim, a cada momento nosso organismo indica sua figura e seu fundo, representando a necessidade física ou emocional que surgiu. Esta teoria organísmica é contrária às teses associacionistas, que buscavam causa-efeito. Ela constitui-se basicamente pela busca entre as inter-relações existenciais entre os fenômenos, além de analisar as funções psicológicas, mas tendo sempre o organismo como um todo. Segundo Latner (1977):

“A autorregulação organísmica é um processo contínuo de emergência das necessidades do organismo e de procura dos meios pelos quais possam ser satisfeitas. O conjunto unificado de funções organísmicas que geram as necessidades está constantemente oscilando entre o equilíbrio e o desequilíbrio. O organismo se auto-balanceia, buscando satisfazer as necessidades que perturbam seu equilíbrio funcional. Este processo se repete sem cessar pelo tempo de duração do organismo – na verdade, esse processo é a própria vida do organismo” (LATNER, 1977. p. 80).

Assim, para a Gestalt o ato de existir é um eterno processo de abertura e fechamento de situações, pois, a cada momento, sempre existirá algo que será hierarquicamente prioritário em nossa vida. Se tivermos, por exemplo, vontade de comer, a fome torna-se a figura de nossa gestalt, nosso foco de atenção: está

aberta a gestalt. Precisamos saciar a fome, fechando a gestalt para, imediatamente, surgir outra. Uma pessoa descobre que está atrasada numa conta para pagar. Essa conta torna-se figura da sua gestalt naquele momento; ela a paga e a gestalt se fecha. Outro exemplo seria alguém que trabalha num emprego que não lhe dá prazer; essa gestalt só será fechada quando encontrar outra alternativa de sobrevivência econômica mais prazerosa. Se ele ama alguém, necessita se aproximar dessa pessoa e abrir isso. Ou o contrário, se uma pessoa vive em um relacionamento que não existe mais amor. Ou seja, todas as situações da vida, desde fisiológicas até existenciais estão em processo de abertura e fechamento de gestalts. A partir dessas situações, pode-se imaginar exemplos de gestalts que precisam ser abertas ou fechadas em todas as áreas, desde as mais simples às mais complexas na existência de uma pessoa.

Outra descoberta fundamental de Perls foi perceber a necessidade vital de se fechar as gestalts abertas para o equilíbrio e economia energéticos. Há um consumo excessivo de energia vital quando não são atendidas as necessidades da autorregulação que determina o surgimento das gestalts, provocadas pelo acúmulo de situações inacabadas. Essa carência energética, como já havia sido descrita por Wilhem Reich, é a principal responsável pelo aparecimento dos sintomas neuróticos, bem como pela sensação de impotência e incompetência diante da vida. Para Fadiman e Frager (2002):

“A visão holística de Perls dá particular ênfase à autopercepção imediata de um indivíduo em relação ao seu ambiente. Por exemplo, os neuróticos são

incapazes de viver o presente. Eles cronicamente carregam consigo “questões pendentes” do passado. Uma vez que sua atenção se concentra no que não está resolvido, eles não possuem consciência nem energia para lidar plenamente com o presente”. (FADIMAN e FRAGER, 2002. p.76)

Para Frederick Perls, a neurose se caracteriza pela perda da capacidade de uma pessoa em conseguir fechar suas gestalts, deixando situações de vida em aberto e sem solução. Tais situações podem permanecer inacabadas por um longo tempo, pela dificuldade da pessoa em encontrar saídas adequadas a elas. Esta condição, chamada de *impasse* pela Gestalt, é extremamente angustiante, pois paralisa a ação e impede a tomada de decisão. Como isso, ela afasta-se do presente, vivendo em função do passado inacabado ou do futuro programado e repleto de expectativas. Para Perls, a ansiedade é justamente o intervalo criado entre o *agora* e o *depois*, numa tentativa frustrante de antecipar o que irá acontecer e distanciar-se do presente.

Para a Gestalt, a reserva energética de uma pessoa neste estado é baixa, pois desperdiça muita energia para manter suas situações de vida abertas. Isso lhe dificulta abrir ou fechar novas gestalts que vão surgindo, determinando acúmulo e desorganização em sua vida no plano físico e/ou emocional-psicológico. Este ciclo vicioso produz na pessoa as condições para que ela sinta-se incapaz e impotente para a condução de sua vida e realização de seu prazer. A vida assim torna-se insatisfatória, pois não realiza o amor que deseja, não busca a profissão que gosta, não vive a sexualidade que lhe dá mais satisfação e uma série de outras necessidades e anseios em sua vida que não são atendidos. Segundo a Gestalt, esta condição existencial torna o indivíduo

incapaz de ser responsável pelo seu ato de viver, por não conseguir dar eficientes respostas às suas necessidades naturais. A noção de responsabilidade adotada pela Gestalt não tem necessariamente um valor moral, mas refere-se ao fato de como cada pessoa participa ativamente da construção de seu projeto existencial em sua busca pela liberdade. Encontrar as estratégias necessárias ao encaminhamento das situações de vida é algo peculiar a cada um, ao mesmo tempo em que fundamental. Para Latner (1977),

“Criadas a partir de necessidades orgânicas, no contexto de um ambiente, as gestalts persistem até que a necessidade orgânica que lhe deu origem seja satisfeita ou pelo menos tentativas sejam feitas nesse sentido. Quando deixam de ter qualquer razão de existência, elas são destruídas ou esquecidas. Quando se diz que uma gestalt foi destruída, isto significa que aquela gestalt específica não existe mais na sua forma original. Seus componentes podem continuar a existir – aliás, eles devem existir de alguma forma, já que a substância da gestalt não pode ser destruída por ter suas raízes no próprio homem – mas a figura específica formada num tempo específico, como parte da autorregulação, esta desaparece”. (LATNER, 1977. p. 85).

A contribuição da Gestalt auxilia a encaminhar de forma prática as questões apresentadas no grupo, pois trabalha com as situações concretas que incomodam a vida e as relações entre os membros dos grupos. Para isso, o trabalho da Somaterapia é centrado na avaliação e estudo do presente. Compreender a história de vida do indivíduo, acompanhar seu desenvolvimento até a fase adulta, mas sem se deter necessariamente a um determinado período ou fazer dele o foco de estudo. Ao contrário, o processo somático se dá no aqui e agora. É nele que encontramos as gestalts abertas e seu consequente

esvaziamento da energia vital, bem como as estratégias e possibilidades para fechá-las. Esta posição fenomenológica justifica o aqui e agora da Gestalt-terapia, onde o presente é ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro. É neste momento que ocorrem as experiências, o reconhecimento de si e os projetos de cada um. O passado está presente na minha fala, na minha respiração, nos meus movimentos e na minha expressão. Ele é reestruturado em cada momento existencial, não numa esfera estática de minha existência.

3.3.3 - Antipsiquiatria e a gramática da loucura

A compreensão dos mecanismos sociais e políticos que limitam a singularidade e a autorregulação das pessoas, levou a Soma a se aproximar dos estudos que ampliaram a importância da comunicação sobre o comportamento humano. Tais estudos levaram à criação de um importante campo de saber denominado de Antipsiquiatria. Este termo foi cunhado pela primeira vez em 1967 por David Cooper (1931-1986) num contexto muito preciso, e serviu para designar um movimento político radical de contestação da prática psiquiátrica, desenvolvido especialmente num período entre 1955 e 1975 na maioria dos países em que se haviam implantado a Psiquiatria e a Psicanálise.

Esta pesquisa foi inicialmente desenvolvida pelo movimento antipsiquiátrico ainda na década de 1950, nos Estados Unidos. Logo tornou-se um dado científico original na compreensão das relações de poder contidas nas interações em diversos níveis da convivência humana. A importância dada a

partir de então aos vínculos afetivos e, sobretudo o tipo de comunicação utilizada nestas esferas da sociabilidade representou um avanço significativo para o entendimento das sutis camadas do exercício do poder. Apesar de terem sido fundamentadas há mais de cinquenta anos, estas pesquisas foram praticamente abandonadas pela Psicologia e pela Sociologia atualmente.

Foi precisamente em 1956 que surgiu o trabalho decisivo neste campo, realizado na Universidade de Palo Alto, na Califórnia, pelo antropólogo e comunicólogo Gregory Bateson (1904-1980) e sua equipe, publicado com o título de *Sobre uma Teoria da Esquizofrenia*. Rapidamente espalhou-se pela Grã-Bretanha, com Ronald Laing (1927-1989) e David Cooper (1931-1986); na Itália, com Franco Basaglia (1924-1980); e ainda nos Estados Unidos com as comunidades terapêuticas, os trabalhos do húngaro Thomas Szasz e os assistentes de Bateson.

Há muito tempo a Psiquiatria tenta apresentar uma suposta origem para a loucura, caracterizada por uma doença da mente e influenciada por fatores hereditários, bioquímicos ou endócrinos, mas sem conseguir precisar exatamente quais. A tentativa da Psiquiatria em precisar um *locus* para as chamadas doenças mentais, seguindo o modelo anátomo-patológico da medicina tradicional, tornou praticamente impossível qualquer resultado satisfatório.

A Antipsiquiatria, por outro lado, acredita que o surgimento da loucura recebe influências dos mecanismos de comunicação e sociabilidade

normalmente empreendidos em nossa sociedade. Os antipsiquiatras apontaram que a existência do que se convencionou chamar de “loucura” foi por muito tempo utilizado pelos sistemas autoritários como forma de perseguir e marginalizar pessoas, excluindo-as do convívio social.

Através do estudo da esquizofrenia, talvez a mais conhecida forma de desorganização mental e mais vulgarmente chamada de loucura, a Antipsiquiatria investiu prioritariamente em suas pesquisas. E foi a partir dela que surgiram as mais importantes descobertas, ligadas, principalmente, ao estudo da comunicação humana nos campos das relações afetivas. A Soma não trabalha com pessoas em estado avançado de desequilíbrio emocional, mas somente com aquelas que ainda não perderam o contato com a realidade, as que vivem conflitos e dificuldades características da neurose. Por essa razão, são utilizados apenas alguns elementos da Antipsiquiatria, sobretudo aqueles de função profilática para a neurose.

Uma das principais descobertas da Antipsiquiatria foi perceber que os desequilíbrios emocionais decorrem de distúrbios na comunicação humana. Existe um defeito na forma de se comunicar e de se relacionar, normalmente utilizado na socialização, que leva inicialmente à confusão e, conseqüentemente, à desorganização do pensamento e à dificuldade de entendimento da realidade. Isso muitas vezes acontece desde a infância, quando a criança recebe um tipo de comunicação paradoxal, chamada *duplo vínculo*. Como a própria expressão indica, nesse caso, são enviadas duas mensagens simultâneas, e uma sempre contrária à outra.

É uma forma de afirmar e negar algo ao mesmo tempo. Um sim e um não juntos, transmitidos pelo mesmo canal de comunicação (como a fala) ou por canais de comunicação diferentes (como a fala e a expressão gestual, por exemplo). Esse tipo de comunicação paradoxal, utilizada na relação duplo vinculadora causa confusão, culpa, dependência e, a partir daí, seu uso contínuo pode levar à completa perturbação na relação com o outro e com o mundo.

O duplo vínculo ocorreria, por exemplo, quando uma pessoa nos dissesse sim e não ao mesmo tempo, se demonstrasse estar alegre e triste de uma só vez ou evidenciasse nos odiar e afirmasse verbalmente seu amor por nós. Como afirmamos, a dupla vinculação pode ser feita através de dois canais de comunicação, afirmando pela fala e negando pela expressão facial, por exemplo. Também pode ocorrer em apenas um canal de comunicação, no paradoxo entre um conteúdo verbal de uma fala e sua inflexão. Seja como for, seu uso contínuo e sistemático produz uma interferência nos vínculos estabelecidos, onde comunicador e comunicado se vêem imersos num confuso e perigoso campo de entendimento e não entendimento. A partir daí tudo pode ser verdade e/ou mentira, pois nada está claro e sua própria dissimulação é condição constituinte do jogo relacional.

O duplo vínculo estabelece uma situação paradoxal, que ocorre quando uma pessoa se vê diante de mensagens de aceitação e rejeição. Tais mensagens são simultâneas e contraditórias, de modo que quem as recebe fica confuso pelo paradoxo. Esse quadro é muito comum em ambientes familiares e com intensos vínculos amorosos. Foi justamente neste ambiente que a

Antipsiquiatria fez sua mais extraordinária e dramática descoberta ao constatar que o duplo vínculo tem tanto mais poder quanto maior e mais forte for a relação afetiva entre os membros envolvidos. Ele surge, principalmente, nas relações familiares e amorosas, tornando-se um poderoso mecanismo de disciplina e controle. Nestes casos, o amor se transforma em um instrumento fundamental para a dominação e neurotização dos indivíduos na vida em sociedade.

Roberto Freire em entrevista ao periódico Diário de Pernambuco, em 1992, ao apontar a importância dos antipsiquiatras na construção e desenvolvimento da Somaterapia afirma:

“Por último, a gente trabalhou com a Antipsiquiatria, com a obra de Ronald Lang, David Cooper e Franco Basaglia. O estudo de mecanismos de formação de neuroses foi uma coisa extraordinária. Eles descobriram que, nas sociedades autoritárias, se utiliza o amor como instrumento de dominação. É um aspecto super delicado. Importante é saber como livrar o amor desta tarefa terrível de ser instrumento de dominação e sujeição do outro” (FREIRE, 1992. Entrevista ao Jornal Diário de Pernambuco).

Para caracterizar o duplo vínculo, vamos apresentar um caso clínico: uma mulher (C.P.), 22 anos de idade, deseja sair de casa, morar com amigas, separada dos pais. Ela quer apenas vivenciar sua escolha e sua liberdade sem que isso implique no corte do relacionamento com a família. Em um diálogo com a mãe, ela comunica sua decisão, quando então, começam a estabelecer mensagens contraditórias e permeadas de duplos vínculos, tornando-as confusas. A mãe diz estar feliz por sua filha resolver separar-se dela e, ao mesmo tempo, não consegue conter as lágrimas ao afirmar isso. Na verdade, está dizendo em palavras que é natural e saudável a independência da filha,

mas afirma também pelas lágrimas que isto a fará sofrer muito. Mesmo questionada sobre o choro e a aparente mágoa e desapontamento, a mãe insiste em dizer que está bem e aceita o que a filha lhe comunica.

Embora não tenha sido dito, foi comunicado que a escolha da filha provoca o sofrimento da mãe. O que produz forte sentimento de culpa nela que, por isso, pode abdicar de seu desejo de liberdade e de autonomia. Nesse caso, foram utilizados dois canais de comunicação (a fala e a expressão facial) na mensagem da mãe. Mas a mãe insiste e utiliza outro paradoxo, agora utilizando apenas o canal de comunicação verbal, dizendo: “Seu pai vai entender também, como eu, o fato de você não querer mais morar conosco, mas fale com cuidado, você sabe, ele já teve um infarto, e ele gosta demais de você...”

De qualquer modo, uma criança que foi educada utilizando-se o amor através do duplo vínculo e da chantagem como instrumento de dominação de suas opções de vida, acaba tornando-se apática, incompetente, impotente ou louca. Dificilmente se tornará uma pessoa autônoma, decidida e corajosa. Isso porque, quase sempre, foi questionada ou desqualificada em suas ideias e intenções. É provável que o grau de apatia e dependência dos membros de uma determinada familiar tenha tanto mais intensidade quanto maior a frequência do uso do duplo vínculo.

No exemplo citado acima houve mensagens paradoxais e duplo vinculadoras. Não houve linguagem direta, sincera e objetiva, afirmando um sim ou um não definitivo, ou mesmo explicitando o desejo contrário da mãe. Caso a

mãe mostrasse sua opinião, mesmo em desacordo com a escolha da filha, mas de forma clara e sincera não seria grave, pois haveria um impasse explícito. O que prejudica a comunicação é o fato de existir tanto uma como outra possibilidade, simultaneamente e em desacordo entre elas. Comunicações semelhantes são utilizadas constantemente no desenvolvimento dos indivíduos nas sociedades hierarquizadas e, com isso, a confusão vai deformando, alterando a compreensão dos fatos e modificando o seu comportamento. Esta é a forma de comunicação utilizada pelas famílias na grande maioria das pessoas que se tornam neuróticas. Para Freire (2006):

“Em todo duplo vínculo existe sempre falta de sinceridade, ausência de objetividade direta, intenção chantagística e autoritária. O mais grave é a utilização do amor, da qualidade do amor e da necessidade do amor como instrumento de repressão, de sujeição, de dominação. Além disso, a dupla vinculação tem sempre um caráter hipócrita e mistificador”. (FREIRE, 2006. p. 165)

Além de ser um instrumento de chantagem e dominação social, outro fator torna o duplo vínculo ainda mais poderoso: ele é uma manobra comunicacional de difícil percepção e compreensão tanto de quem a pratica como de quem a recebe. Esta característica faz com que o estudo do duplo vínculo abranja uma dimensão ampla e complexa na Somaterapia. Segundo, Marrotti (1990),

“Estudos posteriores, desenvolvidos por Bateson, mostraram que o problema é muito mais complexo do que se pensava. Envolve múltiplos modos de comunicação humana como os jogos, os não jogos, o humor, a falsificação consciente ou inconsciente de sinais identificadores de modos, como o riso, as atitudes amistosas e a aprendizagem. São situações que

não podem ser entendidas — e muitas vezes nem sequer percebidas — por meio do raciocínio linear”. (MARROTTI. 1990. p. 27).

Devido ao difícil entendimento do duplo vínculo e à ausência de sinceridade, as relações humanas muitas vezes tornam-se poluídas de jogos na comunicação. No Brasil, existe uma expressão largamente utilizada, muitas vezes em sentido duplo vinculador: é o famoso “tudo bem”. Em muitas situações as pessoas não gostam ou não concordam com determinadas coisas, mas mesmo assim, dizem: “tudo bem...” Às vezes percebe-se que não está tão bem assim. Dependendo do vínculo afetivo que haja entre as pessoas envolvidas, é possível nos sentirmos, então, confusos ou culpados por nossos atos e escolhas na relação com aquela situação. Quando uma pessoa recebe um duplo vínculo de outra sem que haja um componente afetivo, essa comunicação não surte efeito. Ele só causa confusão, culpa e dependência quando existe a ameaça subjetiva de retirada afetiva.

Outro aspecto importante do duplo vínculo é o fato dele ser sempre bilateral. Ele só funciona quando o comunicador e o comunicado mutuamente entram num jogo. Portanto, a única forma de evitar o duplo vínculo é uma das duas pessoas da relação não praticar o seu. Na Somaterapia são estudados duplos vínculos recebidos por uma pessoa que a deixaram confusa e dependente em relação a outras. E, sobretudo, os duplos vínculos que ela aplica sobre as pessoas que ama e com as quais se relaciona, confundindo-as e deixando-as fracas, sob sua dependência. Toda pessoa que foi duplo vinculada torna-se grande duplo vinculador. É assim que se opera a cadeia autoritária no

plano microssocial, na reprodução quase automática dos mecanismos de poder presentes em relações próximas e envolvidas por importantes laços afetivos. São estes jogos sutis de poder, utilizados na comunicação diária, que serão prioritariamente estudados na política do cotidiano.

É comum nos grupos de Somaterapia ser incentivado uma nova maneira de convivência entre as pessoas, em que a sinceridade seja explorada como um viés de comunicação mais direta. Busca-se assim, denunciar o duplo vínculo e seus efeitos, e combater o mecanismo primário do autoritarismo nas relações interpessoais. O duplo vínculo é uma poderosa arma da dominação social porque acontece no dia a dia, na relação amorosa, na relação entre companheiros. Nos laboratórios sociais da Soma, Freire defendia ser possível a compreensão e mesmo a transformação da maneira convencional de se comunicar presente nas interações humanas.

O estudo do duplo vínculo nos alerta que os padrões de comunicação defeituosa impregnados nas famílias, por exemplo, estavam poluídos de culpa e ressentimento. São nas famílias, fundamentalmente, que se operam os mecanismos de docilização dos indivíduos, criando as condições básicas de disciplina e controle, que se estendem nas escolas até ampliarem-se na vida social como um todo. Seguindo a perspectiva proposta por Wilhelm Reich e sua formulação de que a família tradicional burguesa espelha e reproduz o Estado, Freire (2006) diz que:

“A sujeição ao Estado se obtém por medo de se perder a liberdade, pelo medo da dor e da morte, enquanto a sujeição à família (e,

consequentemente, ao Estado) se consegue pela ameaça à perda ou modificação na qualidade do amor. Uma criança, em sua formação, depende muito da segurança e do afeto dos pais. A dupla vinculação acaba por criar (...) uma espécie de dependência patológica, escravizante". (FREIRE, 2006. p.166)

O ser humano, sendo ser gregário, necessita de outros para a sua sobrevivência. Ele se constitui na interação social, cultural e afetiva entre outros seres humanos. Portanto, alguma forma de agrupamento humano, como a família precisa existir. Mas, segundo Freire, com uma ética de convivência diferente do que normalmente observamos. Uma nova família, em que o amor não seja utilizado para dominar e confundir, mas apenas para ser vivido e apreciado.

3.3.4 - Por uma psicologia da autonomia

A Somaterapia é um processo explicitamente libertário. Os conceitos e as vertentes teóricas até aqui apresentadas, se articulam em torno da compreensão de que o ato terapêutico deve levar em consideração não apenas o indivíduo isolado, mas também suas relações sociais e as práticas de poder nelas envolvidas. O entendimento sobre a noção de saúde, portanto, caminha junto com a construção de sociabilidades mais livres e mais horizontais, refletindo um modo de vida libertário.

Roberto Freire criou sua terapia anarquista acreditando que o conflito emocional, além de produto das relações autoritárias que começam na família

tradicional, até atingir diversos e diferentes espaços, é também a garantia para a manutenção da sociedade hierarquizada. Os mesmos mecanismos de poder que nos afeta e reproduzimos, nos afastam de nossa autorregulação e de nossa unicidade. Sem nos darmos conta, também sacrificam projetos e sonhos individuais para ter melhor aceitação das pessoas e manter a máquina social funcionando. A neurose condena a vida a ser apenas uma peça a mais de uma engrenagem instituída e oficializada: o sistema capitalista.

Parece ser necessária, dessa forma, uma mudança na ética de convivência entre os indivíduos para quebrar o círculo vicioso das relações baseadas no jogo dominador-dominado. Somos neurotizados para sermos mais facilmente dominados e, o que é mais grave, nos tornamos também agentes neurotizantes das pessoas com quem nos relacionamos. Apoiando-se no anarquismo como pensamento e ação política, a Somaterapia acredita estar construindo em seus espaços grupais, experiências libertárias concretas de convivência social. Para Freire (2006):

“É chegada a hora de falar de anarquismo, de anarquismo entendido como socialismo libertário, ou seja, chegou o momento de apontarmos os caminhos da Soma para a profilaxia social e política da impotência e da incompetência humana em se libertar como um todo da servidão voluntária”.
(FREIRE, 2006. p. 169)

O anarquismo vem sendo combatido desde o final do século XIX, tanto pelo capitalismo como pelo marxismo. A principal forma de desqualificação foi associá-lo ao sentido de bagunça, desordem, confusão. Esse sentido pejorativo foi utilizado pelos que acreditavam na necessidade de um poder instituído, uma

autoridade para governar os homens. O governo seria a garantia de uma sociedade organizada e justa. Mas a história mostra que os governos muitas vezes serviram para manter o privilégio das minorias, produzir guerras e manter o jogo autoritário sobre as pessoas.

A palavra “anarquia” vem do grego e significa “ausência de autoridade ou de governo”. Para que o anarquismo aconteça é necessário, ao contrário do que se propaga, que haja a mais alta ordem e disciplina. O pensador francês Elisée Reclus (1830-1905) costumava afirmar que a anarquia é a expressão máxima da ordem, da organização e da autodisciplina. Porém, tais normas e ordens não devem ser exigidas ou mesmo determinadas por algum agrupamento de pessoas, sejam partidos, governos ou qualquer forma de organização autoritária. Mas, ao contrário, uma organização espontânea, disponível nas pessoas como capacidade associativa em nível coletivo e autorregulada em nível individual.

O anarquismo não tem uma proposta fechada de organização social. Não é um objetivo a ser alcançado como um paraíso libertário, mas sim, um processo de transformação a ser construído cotidianamente. A prática anarquista em direção à construção de sociabilidade mais livres se dá no presente, na eliminação do poder autoritário entre as pessoas, no respeito às singularidades e individualidades e na harmonia social autogestiva.

O anarquismo não deseja a posse do poder, mas, sim, a sua destruição, enquanto poder centralizado e hierarquizado, ao mesmo tempo em que haja uma socialização dos poderes. Qualquer mudança na sociedade só é possível

se for feita de baixo para cima, nunca ao contrário, imposta por um governo, mesmo que este se autodenomine “socialista”. A vivência libertária acontece na construção de uma nova ética nas relações pessoais e sociais, em que a dominação seja substituída pela solidariedade. Isto tem que ser feito não no futuro, quando o autoritarismo acabar, mas, sim, a partir de agora, no dia a dia das pessoas.

Desta forma, a Somaterapia utiliza no desenvolvimento de sua prática coletiva as referências libertárias do anarquismo, para mostrar outra possibilidade para as pessoas de relacionarem-se com o mundo de maneira distinta da qual normalmente nos relacionamos. Esse jeito novo é a aposta numa postura de vida autêntica, potente e prazerosa no cotidiano. Cada pessoa precisa buscar aqui e agora seu máximo desenvolvimento individual e maturidade suficiente para tornar-se um ser autônomo, autorregulado e responsável por sua vida e seus atos. É uma condição de estar no mundo de maneira plena e total.

Na confecção da Somaterapia, Roberto Freire utilizou o anarquismo como uma espécie de “costura”, onde as demais correntes teóricas no campo das psicologias pudessem ser organizadas. Ele acreditava que a vida libertária auxiliaria cada pessoa a enfrentar seus processos psicológicos. Para ele (2006):

“A finalidade social da Soma adquire sua máxima sinceridade quando objetiva claramente aos clientes que seu trabalho visa, fundamentalmente, ajudar as pessoas na libertação de sua originalidade única, de seus potenciais criativos e de sua capacidade para lutar por essa libertação nos planos pessoal e social, por meio do enfrentamento cotidiano contra todas

as formas de autoritarismos de pessoas (pelo amor, no acasalamento e na família) e de Estado (pela violência e pelo medo da fome, da dor e da morte). Isso quer dizer que a Soma é uma prática anarquista liberada a serviço de anarquistas aprisionados”. (FREIRE, 2006. p. 170)

Como já foi mostrado, a prática anarquista e sua crítica ao poder servem de referencial à metodologia da Somaterapia, tanto na forma em que o grupo trabalha (autogestão), quanto na relação terapeuta-grupo. O somaterapeuta participa diretamente da dinâmica do grupo, se posiciona e recebe dos outros membros críticas e sugestões sobre seu trabalho. Ele participa do processo coordenando o grupo, como um membro do processo autogestivo, que exerce sua função de forma não autoritária. Desta forma, os demais integrantes podem concordar ou não com as suas ideias. Assim o somaterapeuta é um líder circunstancial atuando de maneira mais horizontal possível. Ele compartilha os seus conhecimentos com o grupo para que os participantes possam, num período predeterminado (um ano a um ano e meio), ser capazes de adquirir autonomia emocional sobre suas vidas, sem desenvolver nenhuma dependência em relação ao processo ou ao grupo.

Ao propor o tema da liberdade como elemento central de sua terapia anarquista, Freire tinha a convicção de estar falando de um processo, onde o grupo é visto como um laboratório e que encontra nos pressupostos anarquistas o ponto de partida desta construção. Visto assim Freire e Brito (1991) afirmam:

“Assim, pois, a liberdade como um processo não é um mito. Sonhamos com a liberdade individual e coletiva como coisa real, concreta e realizável. Começamos a ser livres nesses sonhos. Porque sem a esperança de poder ser livre, sem já se ter sentido o gosto da liberdade e lutado pelo direito de

ser livre, nenhum outro bem, como o amor, a beleza e a paz, nos parece viável”. (FREIRE e BRITO, 1991. p.18)

Na dinâmica autogestionária da Somaterapia, os membros do grupo experimentam um jeito novo e instigante de conviver e produzir uns com os outros. Esta transformação, experimentada no microlaboratório social dos grupos de Soma, é estendida às relações cotidianas de seus participantes. É assim que se processa a finalidade social da Soma. E é exatamente daí que vem o espírito libertário e lúdico do processo. Todos participam da construção de um espaço (o grupo) e das oportunidades de convivência (a dinâmica autogestiva) para ser o que são, para viver a sua diferença, sem que isso recaia sobre o outro.

Neste sentido, a Soma é pedagogia, auxiliando as pessoas a conhecer seu soma, suas características e sua originalidade única. Em síntese, a Soma se propõe a ser uma pedagogia para a liberdade. Esta proposta de trabalho clara e direta faz com que os participantes que mais aproveitam o grupo sejam os que procuram a Soma para construir novas formas de sociabilidade. A transformação na forma de conduzir a existência busca criar uma vida sem submissão e sem autoritarismo. Este objetivo está atrelado ao desenvolvimento da criatividade que leva à construção de relações mais livres e justas, em que o ato de viver não se limite apenas a sobreviver. Roberto Freire (1992) chega a afirmar categoricamente sua opção pelo libertarismo, ao afirmar que o mais importante de tudo em seu método é o anarquismo. Ele sempre fez questão de afirmar que a Soma tem um conteúdo político explícito, pois acreditava que era na mudança

ideológica que combateriam as neuroses. Para Freire, enquanto uma pessoa continuar sem definir sua ideologia, ela ficará sujeita à ideologia autoritária, burguesa e capitalista.

3.4 – O funcionamento de um grupo de Soma

3.4.1 - A formação de um grupo de Soma

Os grupos realizados como campo de investigação empírica para esta investigação usaram praticamente os mesmos expedientes necessários à formação de um grupo de Somaterapia em qualquer outra situação. Estes grupos formam-se geralmente após uma oficina ou workshop de Soma. Estas oficinas normalmente ocorrem em um fim de semana e são compostas por demonstrações práticas dos exercícios, além de aulas teóricas sobre as bases científicas da Soma. Dividida em dois dias, a oficina busca fornecer um panorama sintético do trabalho, informando às pessoas interessadas o material necessário para optar se desejam participar de um grupo. As pessoas que procuram as oficinas são geralmente jovens de diversas idades e profissões, mas com uma identificação comum aos temas da liberdade e da autonomia. Não é necessário nenhum conhecimento prévio para participar das oficinas ou qualquer habilidade física específica.

Ao terminar a oficina, seus participantes são convidados a iniciar um novo grupo, que terá a duração em torno de um ano a um ano e meio⁴³. Este grupo permanecerá aberto pelos três primeiros meses, podendo também integrar-se a ele pessoas que não fizeram a oficina. Após este período inicial da formação do grupo, não entra mais pessoas e ele é fechado para que se possa ser desenvolvida a sua dinâmica autogestiva e para seguir seu processo.

Geralmente os grupos têm em torno de 12 a 15 pessoas, podendo variar para mais ou para menos. É comum começar os grupos com um número maior de participantes, pois há uma queda natural ao longo do processo. É importante que o grupo não chegue ao final muito pequeno, já que afetaria a execução dos exercícios e a qualidade de uma dinâmica de grupo diversificada. No próximo capítulo, à despeito do detalhamento dos grupos investigados, falaremos mais sobre as especificidades de cada grupo, suas peculiaridades e características próprias.

3.4.2 - As sessões de Somaterapia

O grupo trabalha geralmente em quatro encontros distribuídos ao longo do mês. Cada um deles tem por volta de três horas de duração, totalizando doze

⁴³ A duração de um grupo de Somaterapia varia em função do número de participantes. Grupos maiores, geralmente duram mais, assim como grupos com menor número de pessoas tentem a ter a duração reduzida. Entre o mínimo e o máximo de tempo, estes grupos costumam durar entre 12 e 18 meses. Isso se deve ao fato de haver no período final da Soma, a realização das cadeiras quentes (apresentadas mais adiante), onde cada sessão é dedicada a um membro do grupo. Portanto, no final do grupo, haverá um número de sessões proporcional ao número de membros.

horas de trabalho mensal. Na primeira metade de uma sessão de Soma, são realizados *exercícios corporais*. Eles são bastante variados e, além de atuarem reduzindo a tensão crônica da couraça neuromuscular, como já falamos, agem também sobre a agressividade, a afetividade, a criatividade, a sensibilidade, a sensorialidade, a comunicação etc, de acordo com o tipo de exercício utilizado. Existem na Soma em torno de quarenta tipos diferentes de exercícios, com variantes entre si, que são selecionados e distribuídos em cada grupo de acordo com sua dinâmica própria. Cada trabalho desses tem em média uma hora de duração.

Os exercícios têm origem no teatro, em danças e jogos infantis, mas são utilizados com objetivos específicos ao processo do grupo. São jogos lúdicos, onde em sua maioria não se usa a comunicação verbal. Neles, os adultos são levados, através da ludicidade, a comunicar corporalmente suas dificuldades e bloqueios. Segundo Freire (1991):

“O significado de exercício em Soma é algo bem diverso daquele praticados em ginástica e dos usados nos laboratórios de interpretação em teatro, embora em sua forma possam ser semelhantes e, algumas vezes, exatamente os mesmos. (...) A natureza lúdica e corporal da Soma fez surgir a necessidade de exercícios que revelassem, sem os recursos da comunicação verbal, as dificuldades na expressão da espontaneidade criativa, da autorregulação orgânica e da originalidade única das pessoas, através de práticas padronizadas, porém semelhantes àsquelas de nosso viver cotidiano”. (FREIRE, 1991. p.83)

Na execução dos exercícios, o que a pessoa tentou esconder, controlando seus movimentos, expressões e comportamentos, revela-se através

de alterações do sistema neurovegetativo (tonturas, sudoreses, desequilíbrios, náuseas) ou especialmente através das sensações e percepções afetivas e emocionais. Os exercícios, assim, servem como dispositivos que desencadeiam observações sobre o comportamento dos participantes. Servem como ponto de partida para a averiguação de *como* cada um se apresenta a partir daqueles temas tratados naquele momento. Tais sinalizações serão problematizadas na fase seguinte da sessão: a *leitura do exercício*.

Neste segundo momento trabalha-se apenas com a comunicação verbal. É a hora de conversar sobre a experiência realizada nos jogos e exercícios. Assim, os participantes do grupo dispõem-se em círculo, sentados no chão, e vão relatando, com a ajuda da memória somática (tudo o que o corpo todo registrou, e não apenas o pensamento), as sensações e percepções captadas durante a fase anterior. A ideia do círculo como disposição física de trabalho nesta fase, ilustra a relação que se pretende estabelecer entre todos: uma relação horizontal, necessária ao funcionamento do processo de auto-organização.

A leitura do exercício é o momento de decodificar em palavras o que foi vivenciado corporalmente, onde cada membro do grupo busca conscientizar-se das questões evidenciadas nos exercícios vivenciais. Cada pessoa vai falar a partir do que sentiu, desde dificuldades (medos, lembranças, bloqueios etc.) até descobertas de prazeres, encantamentos e situações novas de vida. Sempre que possível é importante estabelecer “pontes” com seu cotidiano e mostrar como, no dia a dia, estas questões surgem e são tratadas. Pode-se falar

também das percepções observadas nos outros, quando ocorrer algo que possa interessar a estes. Porém, quando isso acontece, não se procura julgá-los ou qualificá-los, mas se faz com o objetivo de facilitar a compreensão sobre seus bloqueios. Assim, a leitura não é a busca da verdade, mas o exercício da sinceridade, a forma que cada um viu e sentiu, a si e aos outros por meio de *feedback*.

Outra característica da leitura é trabalhar de maneira gestáltica, ou seja, sempre buscando *como* as situações aconteceram em detrimento do *porquê* elas ocorrem. Em vez de interpretá-las, os participantes são estimulados a compreender o funcionamento dos mecanismos emocionais denunciados no exercício. Procura-se descrever as sensações e percepções do presente e não fazer interpretações ligadas ao passado. Neste sentido, para Freire (1991):

“A metodologia da Soma a ser usada nas leituras é a adoção, por parte de todos, do hábito de relatarem como viveram o exercício em todos os seus aspectos, sem se preocuparem com o porquê de suas reações. (...) O como individualiza e vai revelar a originalidade da resposta de cada um em função da originalidade de sua pessoa. O porquê, através da interpretação, generaliza, massifica, leva a uma visão da pessoa de fora para dentro, com base em modelos, médias e modas. Para nós, interpretação significa apenas autoritarismo, pretensão e exercício de poder do terapeuta em relação a seus clientes.” (FREIRE, 1991. p. 101-102)

Por fim, o somaterapeuta do grupo, que esteve observando e circunstancialmente intervindo na leitura, posicionando à margem do círculo por não ter participado diretamente do exercício, conclui o trabalho ao fazer o *fechamento da sessão*. Ele deve fazer uma síntese do material trazido pelo

grupo em função do exercício. O somaterapeuta ainda analisa possíveis causas psicológicas e sócio-políticas, e prenuncia como são vistas pela ideologia libertária e pela prática da Soma. O grupo recebe, então, material organizado que deverá auxiliá-lo no entendimento e na compreensão dos mecanismos atuais de seu processo. Encerra-se aí uma sessão de Somaterapia, e como foi mostrado, apresenta estas três etapas: exercício, leitura e fechamento.

Nos quatro encontros mensais, os temas neles trabalhados buscam uma correlação entre si. Ao longo do processo, estas várias sessões irão fornecer peças de um “quebra-cabeça”, que cada membro do grupo irá montar com auxílio do terapeuta e dos outros membros do grupo. Este panorama, que surge a partir desta montagem, mostra-lhe as características e conflitos sociais ali vividos. São informações importantes que auxiliam cada participante a ter uma melhor clareza de seu funcionamento emocional-psicológico, nos planos individual e coletivo, e em nível ético e político.

3.4.3 - A dinâmica de grupo autogestiva e os grupões

Além dos encontros com o somaterapeuta, onde são realizados os exercícios e seus debates, o grupo encontra-se uma vez por mês, numa reunião sem a presença do terapeuta chamada *grupão*. Nos grupões, os participantes discutem o próprio processo, o trabalho do grupo e a convivência entre os membros, além de aprofundar estudos científicos correlatos à Soma. Esses encontros são fundamentais para a ideologia e a prática do processo, sobretudo

porque neles se desenvolvem a parte mais substancial da noção de autogestão da Soma: o aprendizado de uma nova forma de produção social, baseado principalmente na sinceridade e na solidariedade anarquistas.

Como já falamos detalhadamente no primeiro capítulo, a autogestão como meio de produção tipicamente libertário, auxilia o processo do grupo a construir uma relação social mais horizontal, desenvolvida coletivamente. Como também já apontado, apesar de ter surgido nas fábricas, a noção de autogestão pode ser estendida para todas as áreas da vida social. Assim, pode-se falar em amor autogestivo, educação autogestiva, convivência autogestiva, onde as decisões e rumos que envolvem as pessoas nestas socializações são decididas por elas próprias. Sobre a importância do grupões para a prática libertária da Soma, Freire afirma (1991):

“Os grupões atuam no sentido de fortalecer a unidade e a autonomia do grupo, de modo que possam também favorecer o desenvolvimento de uma atitude crítica e construtiva do grupo em relação ao terapeuta e ao grupo. (...) Outra utilidade importante dos grupões é seu poder de conscientização de que a terapia se faz de modo circular, um terapeutizando o outro, cada um terapeutizando o grupo e o grupo terapeutizando cada um e todos ao mesmo tempo. Para se compreender bem isso, é preciso não esquecer que na Soma o terapeuta é, humanamente, um membro do grupo e, tecnicamente, apenas um assessor”. (FREIRE, 1991. p. 81)

A Somaterapia adota a autogestão como princípio básico de produção de seu processo. Todos participam, contribuindo e recebendo apoio uns dos outros. O somaterapeuta serve, neste caso, apenas como um catalisador, fomentando e apoiando o desenvolvimento da dinâmica de grupo. Na prática autogestiva, o

grupo é levado a experimentar um relacionamento social completamente novo, sem a presença de autoritarismo e de centralismo. Isto funciona por meio das lideranças emergentes. Elas exercem papéis de coordenação do grupo de forma rotativa e descartável, impedindo qualquer liderança fixa. Desta forma, todos são responsáveis pela organização prática do trabalho. No grupão, também são aprofundadas as relações entre os membros participantes, solucionados impasses e conflitos, sempre através do uso da sinceridade.

As características dos grupões são vastas e variadas, dependendo de como cada grupo apresenta sua própria dinâmica, porém estes encontros geralmente possuem forte poder terapêutico. Na construção da dinâmica de grupo, vivificada nos grupões, costumam surgir saldos de nossa formação autoritária como a submissão, o oportunismo, a apatia, a dominação etc. Eles são avaliados criticamente na dinâmica e o grupo toma decisões por consenso.

Esta perspectiva de produção libertária busca combater as sutis formas de poder, presentes, por exemplo, no autoritarismo da maioria ter mais poder sobre a minoria, por isso se chega à decisão sem voto. Através da ação libertária, as decisões do grupo são tomadas sempre levando em conta os direitos e objetivos de todos, aceitando e respeitando as diferenças para se chegar à unidade na diversidade. O impasse, nas decisões, só ocorrerá se houver no grupo alguma vontade autoritária. Assim, a dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária, como o próprio nome indica, o trabalho terapêutico é desenvolvido e liderado por todos que pertencem ao grupo.

A figura do somaterapeuta como líder circunstancial deixa de existir quando a terapia acaba. Ele é uma pessoa que detém conhecimento e vivência suficientes e necessários, capazes de facilitar o desenvolvimento de outras. O somaterapeuta, como qualquer outra pessoa, também é suscetível à neurose, uma vez que vive na mesma sociedade neurotizante. A Soma elimina a imagem mitificada que geralmente se faz em torno do terapeuta. O somaterapeuta também deve se colocar, e deve ser foco e alvo de críticas como qualquer outro participante do grupo.

As sessões de Soma são realizadas geralmente em salões. São salas de dança, de ginástica ou de esportes que o grupo se reúne para realizar as sessões de terapia. No próximo capítulo, quando descreveremos as experiências com os grupos investigados nos três diferentes países, apresentaremos a descrição dos espaços que foram utilizados para realizar os grupos de Soma em questão.

Para se aproximar mais dos objetivos libertários que a Soma defende, realizamos vivências de campo, chamadas de *Maratonas de Campo*. Durante um fim de semana, o grupo convive, produz e faz terapia em contato direto com a natureza. Os grupos que funcionam no Brasil fazem suas maratonas na região de Visconde de Mauá, no Rio de Janeiro. Para os grupos realizados na Europa, trabalhamos em regiões rurais que ofereçam características propícias para estes trabalhos. Contato com rios, cachoeiras, trabalhos com argila, passeios pela mata etc. são utilizados de maneira terapêutica. São realizadas até três maratonas de campo, que ocorrem durante o período dos exercícios e quando

acaba a terapia. Elas servem também como uma importante experiência autogestiva do grupo, uma vez que são avaliados os processos de organização coletiva na viagem, hospedagem e convivência social.

3.4.4 - As cadeiras quentes e o encerramento do processo

Trabalhamos com uma média de quarenta exercícios corporais durante o processo do grupo. Em média, no sexto mês realizamos a primeira maratona de campo e no décimo mês, a segunda. Quando acaba esta fase dos exercícios na Soma, inicia-se a fase final da terapia chamada *cadeira quente*. Este é o momento de organizar o material terapêutico dos membros do grupo de Soma. A esta altura, o grupo já atingiu o claro entendimento da prática da dinâmica de grupo numa perspectiva autogestiva. Também já criaram-se laços e vínculos de cumplicidade, respeito mútuo e confiança entre os membros do grupo, assim como a percepção de como cada um opera neste microlaboratório social. Na cadeira quente, cada sessão de três horas é dedicada a apenas a um participante do grupo, com o intuito de reunir os principais elementos que representou a passagem desta pessoa neste grupo.

A cadeira quente é uma criação original da Soma. Ela surgiu bem depois que Freire começou a nomear seu trabalho de Soma, quando percebeu ser incompleto o término da terapia após o final dos exercícios. Então, imaginou algo semelhante ao jeito como trabalhava Frederick Perls no estudo dos sonhos

de seus clientes na Gestalt-terapia, através da chamada *hot-seat*. Sobre a criação das cadeiras quentes, Freire (1991) afirma:

“Anteriormente, eu fazia os fechamentos do trabalho, depois de superada terapeuticamente a fase de crise do grupo, fazendo longos discursos sobre a terapia de cada um e sobre o processo terapêutico do grupo. Eu sentia esse tipo de fechamento muito tedioso, difícil e de efeito terapêutico insuficiente. Ele incomodava-me, sobretudo, porque era um processo que, embora, ativo dentro de mim, atingia os outros de modo passivo, apenas pela escuta. Isso me parecia muito pouco eficiente, muito pouco somático também”. (FREIRE, 1991. p. 130)

Apoiando apenas na disposição cênica do trabalho gestáltico, a cadeira quente da Soma é bem distinta, não trabalha na análise dos sonhos e divide-se em quatro etapas: *indução, afirmações, perguntas e fechamento*. O “cadeirado” senta-se ao lado do terapeuta, ambos posicionados em frente ao grupo. Durante as três horas em que se desenvolve a sua cadeira quente, são apresentadas pelo terapeuta e pelos membros do grupo todas as impressões colhidas ao seu respeito em mais de um ano de convivência.

A cadeira quente é um momento privilegiado na autogestão do grupo, em que o somaterapeuta e os clientes trabalham juntos, no sentido de proporcionar a cada um, o entendimento dos fatores psicológicos, sociais e políticos que inibem a expressão de sua originalidade única. Nas quatro etapas que compõem a cadeira quente, o terapeuta e todos os membros do grupo trabalham a fim de proporcionar o maior número possível de informações ao cadeirado.

É no período da cadeira quente que chegamos mais próximos do exercício de uma associação libertária. Ali, estamos dispostos a colaborar e

receber a colaboração de todos, respeitando as diferenças e singularidades na condução de cada existência. A cadeira não é, portanto, o momento nem a condição de oferecer qualquer conselho ou sugestão do que cada deve ou não fazer de sua vida. É apenas o momento de apontar as características de cada um no decorrer daquele grupo.

Isto se faz através de uma política da sinceridade. É algo semelhante ao que Michel Foucault (2010) chama de *parresía* ou a coragem da verdade: um ato de força, franqueza e ousadia para falar ao outro. A *parresía* é o termo em grego para designar a coragem de se dizer o que se pensa, em expor tudo e de falar francamente. Foucault, em sua obra *O governo de si e dos outros* (2010), trata desta antiga noção e seu uso político desde os tempos da *politéia* (constituição) e da democracia na Grécia. A palavra certa, proferida no momento adequado pode ser um poderoso instrumento para romper pactos silenciosos, muitas vezes camuflados em ironias e sarcasmos. Quando a verdade é proferida sem malícia, não se guarda rancores. Se houver respeito e confiança para afirmar o que se pensa, o exercício da sinceridade não ofende. Normalmente, no período da cadeira quente, o grupo já adquiriu as condições para que todos possam ser *parresiastas* e autênticos uns com os outros, sem que isso cause qualquer constrangimento.

Assim, este trabalho das cadeiras quentes, realizado com bastante cuidado e carinho, representa o período mais gratificante da Soma, assim como o mais belo e encantador. Apenas quem passa por sua cadeira quente e dos

demais membros do grupo terá condições de compreender e absorver os ganhos da Soma em sua totalidade.

Depois de realizadas as cadeiras quentes de todos os participantes, chega a vez do terapeuta. Eles também recebem do grupo as informações colhidas sobre seu comportamento durante o desenvolvimento da terapia. Concluída a última cadeira quente, podemos ainda realizar mais uma maratona de campo e assim terminar o processo da Soma. Em alguns casos, um ano após o fim do grupo, ele volta a se reunir com o terapeuta para uma avaliação de como está a vida de cada antigo membro. Este encontro chama-se *Chão Quente*, e é realizado por iniciativa exclusiva do grupo, quando este consegue reunir todos ou parte dos antigos participantes.

3.5 - Desenvolvimento do Processo Terapêutico

A Soma se constitui como um processo terapêutico breve, que não costuma passar de dezoito meses. Essa é uma condição defendida por Freire para evitar a formação de qualquer tipo de dependência à terapia ou ao terapeuta. O objetivo da Soma é oferecer um processo curto, que se conclua como um todo e que auxilie as pessoas na construção de sua autonomia.

Visto assim como um todo e dividido apenas para efeito didático, o processo da Soma compreende as seguintes etapas: introdução pedagógica, socialização, formação da dinâmica, resistência, crise, superação da crise e cadeira quente. Em todas essas etapas, o efeito diagnóstico anda junto e

simultâneo ao terapêutico. A percepção e a conscientização dos bloqueios que geram a neurose já são, em si, uma atitude de mudança, um ato terapêutico. E toda transformação de vida abre novas oportunidades diagnósticas e terapêuticas. É, portanto, um mecanismo dinâmico e cíclico, não podendo as partes existir e funcionarem sem as outras. É fundamental que todos possam compreender e transformar conscientizações em ações conscientes sobre os mecanismos que bloqueiam suas vidas.

Na introdução pedagógica, logo no início do grupo, oferecemos todas as informações teóricas e vivenciais necessárias ao entendimento ideológico e terapêutico da Soma. Mostramos como os sintomas neuróticos são decorrentes de bloqueios externos à expressão livre da originalidade única das pessoas. Entendendo isso, os participantes do grupo sabem que o trabalho da Soma estará voltado para as causas sociais e políticas que geram os sintomas e não a eles diretamente. Esta etapa ocorre nos primeiros três meses do grupo, onde ainda é possível entrar pessoas que irão compor o processo.

O processo da Soma é extremamente lúdico e socializante. Os exercícios utilizados nas primeiras sessões do grupo já facilitam esta socialização. Os participantes são estimulados pelo somaterapeuta a conhecer um tipo de relacionamento menos hierarquizado, baseado na autogestão. O desafio de participar de uma interação diferente, mais sincera e direta torna visíveis as dificuldades de cada um para viver sua singularidade e para conviver com as diferenças. A socialização é o início de um processo de mudança, através da

construção de novas relações sociais libertárias, para o redimensionamento dos saldos da formação autoritária de cada participante.

A dinâmica de grupo autogestionária começa a intensificar quando já existe um vínculo afetivo e político entre os membros. Ela estabelece um estado de colaboração, de cooperação e de cumplicidade nas relações e projetos entre os participantes do grupo. Sempre produto de ideologia e objetivos comuns, e respeitando-se as diferenças individuais, uma dinâmica que haja integração permite que cada pessoa exerça, da forma mais completa possível, seus potenciais criativos e produtivos. Baseado nas ideias do anarquismo, o trabalho coletivo tem mais força e qualidade que o somatório dos trabalhos individuais. É na dinâmica de grupo que efetivamente irá se processar a terapia, tanto no plano pessoal (autoconhecimento) quanto no plano social (novas estratégias de convivência).

É no conflito existente entre a perda das defesas e dos valores que caracterizam a neurose e a possibilidade de mudança para uma nova forma de ser e conviver que costuma surgir a *resistência* à terapia. Ela é um mecanismo inconsciente de luta contra o processo terapêutico, no qual o participante contradiz a intenção e vontade conscientes em provocar transformações em sua vida. Superar as resistências significa enfrentar os medos que bloqueiam e impedem os necessários enfrentamentos na terapia e na vida social.

Podemos distinguir do ponto de vista psicológico a existência de dois tipos de medos. O primeiro, podemos aqui chamar de medo real ou biológico, aquele responsável por nossa sobrevivência, uma vez que precisamos dele

para nos proteger de uma situação real e ameaçadora à nossa sobrevivência enquanto seres vivos. O instinto de sobrevivência nos permite perceber quando algo está pondo nossa garantia de vida em jogo, nos alertando com o medo para que possamos tomar uma atitude. Este “sinal vermelho” é fundamental e imprescindível para a espécie humana, não podendo qualquer indivíduo se afastar dele. O segundo tipo de medo é de ordem neurótica e fantasiosa, do qual nossas resistências se aderem. Nesta situação, o medo é produzido desde o início de nossa infância e caracteriza-se por seu aspecto fantasioso e catastrófico, e geralmente associado a um mecanismo político de controle e repressão. É o chamado medo do medo, aquele que antecipa qualquer ação antes mesmo da pessoa tentar executá-la. É sobre este tipo de medo que a sociedade está cada vez mais amparada, tornando a própria existência humana mergulhada numa série de temores para além da realidade. Além deste tipo de medo manifestar-se em função das transformações que a terapia produz, também podem ocorrer em situações de vida onde a pessoa sinta-se ameaçada e/ou exposta.

Uma pessoa em estado neurótico, por mais que sofra por sua condição, consegue moldar-se e buscar um jeito de sobreviver. Sair desse esquema leva à vivência do novo, à experiência do risco no lugar da segurança das antigas defesas. É aí que ocorre, por medo da mudança, a resistência. Ela se manifesta por meio de atitudes bastante variadas, desde reações neurovegetativas, quando a couraça é mobilizada e apresenta seus sintomas, até rejeição ao grupo, à terapia ou ao terapeuta. Para Freire (1991):

“A resistência à terapia não é coisa fácil de ser explicada. (...) O que supomos acontecer com o neurótico é que sua neurose, em algum momento do passado, foi um jeito doloroso e medroso de se comportar por ele encontrado para evitar dor ou medos maiores, insuportáveis mesmo, que os provocados por sintomas neuróticos. (...) Geralmente estes procedimentos estão ligados a um sentimento de perda da identidade, perda de afetos fundamentais, sensação de morte iminente”. (FREIRE, 1991. p. 119)

Vencer a resistência é fundamental para acabar com a neurose e vai depender da eficiência do processo terapêutico para se chegar a isso da melhor forma. A luta que se estabelece entre terapia e a resistência à terapia acabam levando o grupo e cada um de seus membros à *crise*. Ao contrário do sentido normalmente usado para definir a palavra crise, para a Soma, ela representa algo positivo, favorável. É através dela que encaramos os obstáculos e impedimentos da vida e achamos as possibilidades de solução para vencê-los. A superação da crise representa o “ponto de viragem” terapêutica, onde é possível fazer a passagem da conscientização e do diagnóstico para a ação consciente, levando a resultados significativos na terapia. O participante pode começar a compreender e problematizar sua neurose, deslocando a ação do plano psicológico para o ético-político. Esta conscientização é fundamental para a maturidade necessária ao grupo no trabalho da cadeira quente.

3.6 - A arte-luta da Capoeira Angola

Procurando ampliar a ação bioenergética durante o processo terapêutico, no início da década de 1990 foi introduzida definitivamente a prática da Capoeira

Angola à Soma. Isso ocorreu quando foi constatada a importância de um trabalho corporal mais constante e eficaz para ajudar na descronificação da couraça muscular e na economia energética necessária para enfrentar os conflitos neuróticos.

Entre as modalidades corporais que disponíveis, a capoeira se mostrou a mais instigante e completa, além de ser algo ligado às raízes históricas do Brasil. Roberto Freire chegou a pesquisar outras modalidades de trabalhos corporais, como o tai chi chuan, a natação, a dança afro etc, que produzem efeitos semelhantes na descronificação da couraça. Mas nenhuma delas é tão rápida e eficiente como a Capoeira Angola na mobilização da bioenergia e na disposição para a luta, fator imprescindível no processo de construção da liberdade.

Os resultados dos exercícios bioenergéticos são apenas provisórios na luta permanente que travamos contra os efeitos causados pelo autoritarismo sobre a subjetividade das pessoas. Eles diminuem a tensão da musculatura, mas não são suficientes nem garantem a manutenção da couraça descronificada. Agindo como um forte trabalho neuromuscular, a capoeira mobiliza praticamente todos os músculos do corpo, liberando a energia estagnada e auxiliando no restabelecimento da circulação livre da energia vital.

Como mostramos, em seu trabalho clínico, Wilhelm Reich fez uma importante descoberta quando localizou sete regiões do corpo onde se formam as tensões musculares, os chamados anéis ou segmentos de couraça. São elas:

a couraça *ocular*, a *oral*, a *cervical*, a *torácica*, a *diafragmática*, a *abdominal* e a *pélvica*. Os movimentos da capoeira, com sua ginga e golpes de defesa e ataque, atuam sobre praticamente todos esses anéis de couraça simultaneamente. Desde a couraça pélvica, a “cintura presa”, até a couraça ocular, a testa “franzida”, tudo está em constante atividade neuromuscular, distendendo-se e contraindo-se, realizando um movimento constante em todo o corpo.

A Somaterapia trabalha apenas com a Capoeira Angola, também conhecida como “capoeira-mãe”, numa alusão à sua história e importância. Desenvolvida no período da escravidão do Brasil Colonial, a capoeira era praticada dentro das senzalas ou nas matas, onde o negro disfarçava sua luta em dança, rituais e brincadeiras. Ali, o escravo preparava-se para enfrentar a violência e tirania da escravidão, uma normalidade instituída e perpetuada por séculos no país.

É comum grande parte das pessoas apenas conhecerem variações atuais da Capoeira Angola, como a Capoeira Regional ou até mesmo o que alguns definem como Capoeira Contemporânea. Essas variações aconteceram a partir da década de 1930, quando um capoeirista baiano chamado Mestre Bimba⁴⁴

⁴⁴ Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba foi um baiano e importante capoeirista, criador da Luta Regional Baiana, mais tarde chamada de capoeira regional. Ao perceber que a capoeira estava perdendo seu valor cultural e enfraquecendo enquanto luta, Mestre Bimba misturou elementos da capoeira tradicional com o batuque (luta do nordeste brasileiro extinta com o passar do tempo) criando assim um novo estilo de luta com praticidade na vida. Composta por movimentos mais rápidos e agressivos, não demorou à conquistar todas as classes da sociedade, tirando assim a capoeira da marginalidade. Foi um exímio lutador e

(1990-1974) criou a Luta Regional Baiana, que depois ficou conhecida como Capoeira Regional. Fruto da mistura com outras lutas, a própria Capoeira Regional vem sofrendo modificações, tornando-se mais competitiva e violenta.

Já a Capoeira Angola busca preservar as tradições e rituais do passado. As mandingas e dissimulações caracterizaram sua estratégia de luta, pois como era uma prática proibida durante muitos anos, necessitava “disfarçar” seus elementos de enfrentamento em passos de dança, jogos e rituais religiosos. Considerado guardião da Capoeira Angola, o Mestre Pastinha⁴⁵ (1889-1981) costumava lembrar-se da inscrição em um quadro afixado em sua academia: “Capoeira Angola, mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista. Capoeira é amorosa, não é perversa. É um hábito cortês que criamos dentro de nós, uma coisa vagabunda.”

A Capoeira Angola caracteriza-se por movimentos mais lentos e rasteiros, que ativam um número maior de músculos, produzindo uma massagem mais eficiente do ponto de vista neuromuscular. Além disso, ela proporciona maior

participante de lutas livres, onde trazia sua nova modalidade de capoeira como elemento original em suas lutas.

⁴⁵ Vicente Joaquim Ferreira Pastinha ou apenas Mestre Pastinha é considerado o guardião da capoeira angola, responsável pela preservação dos rituais e valores da arte-luta afrodescendente. Passou a adotar a terminologia “angola” para diferenciar da recém criada capoeira regional, mantendo com isso, as tradições do passado. Vicente Ferreira Pastinha morreu no ano de 1981, completamente cego. Roberto Freire, no final da década de 1960, realizou para a Revista Realidade uma entrevista que viria a ser o ponto de partida para utilizar a capoeira angola em sua futura criação, a Somaterapia.

conscientização do movimento, importante fator para a percepção corporal. O jogo da capoeira deve buscar estabelecer um diálogo, numa comunicação harmônica entre os corpos dos capoeiristas.

A história da Capoeira Angola é outro importante fator para sua adoção como instrumento terapêutico por parte da Soma. Ambas surgiram como métodos de libertação de situações opressivas, onde as limitações à liberdade eram encaradas como algo natural. Os negros inventaram a capoeira como forma de resistência à escravidão imposta pelos brancos no Brasil, transformando seus corpos em arma de luta. Durante o período da ditadura civil-militar, a Soma foi criada como instrumento de conscientização e luta pela dignidade e liberdade.

A luta é elemento básico para o enfrentamento dos mecanismos de poder que atuam e tentam impedir a autorregulação e a liberdade de ser. Podemos observar que a disposição de luta numa roda de capoeira angola está relacionada às nossas atitudes de luta na vida. Desta forma, a roda de capoeira é um treino e um diagnóstico de como estamos lutando e de como estamos demonstrando nossos enfrentamentos no meio social. Como já mostrado, há uma equivalência entre o esquema corporal como reflexo direto da vida emocional e vice-versa.

O filósofo francês Camille Dumoulié no artigo intitulado *A capoeira, uma filosofia do corpo* (s/d), estabelece uma curiosa relação entre a capoeira, a arte e a capacidade de resistir presente em sua prática, quando afirma:

“Eis o que torna imediatamente sensível o que há de paradoxal na resistência da capoeira, como em toda arte verdadeira. Nunca são a obra de arte nem o jogador que se opõem ou resistem à uma força: inversamente, é uma certa ordem do mundo ou uma estrutura social dada que, como o rochedo, constitui uma força de resistência contra a corrente da vida. O artista e o capoeirista lutam contra essas barreiras inventando gestos e atirando forças que restauram a continuidade do vivo, de tal maneira que passam a criar linhas de fuga que são linhas de vida e expressões estéticas da potência”. (DUMOULIÉ. s/d. p. 05)

A utilização da Capoeira Angola como instrumento de luta e resistência é uma aposta em seu potencial libertário. Mais que apenas uma prática corporal, buscamos aqui destacar a capacidade que a capoeira pode trazer em estimular o enfrentamento e a ação diante dos mecanismos de poder na atualidade. Neste sentido, procuramos articular sua história, sua prática e seu aprendizado às análises elaboradas por Wilhelm Reich (2001) ao implicar o corpo na Psicologia, assim como ao valorizar o estudo dos fenômenos políticos sobre os processos emocionais.

Assim, se uma pessoa mostra no seu cotidiano atitudes de submissão, seu corpo tende a demonstrar isso através de sua postura; da mesma forma que uma pessoa autoritária, desconfiada, arrogante etc. Então, ao prepararmos o nosso corpo para a luta, estamos atuando também sobre as nossas emoções, adquirindo coragem e confiança na realização de nossos objetivos. É dessa maneira que a capoeira angola também atua sobre a couraça somática, facilitando o processo de mudança ideológica. Durante o processo de um grupo, a intenção não é formar capoeiristas, isso vai depender do prazer individual e

das habilidades de cada um. O que se propõe apenas é que os participantes adquiram um mínimo de capacidade para a luta que os auxilie nas transformações de vida.

É também com a Capoeira Angola que a Somaterapia pretende atuar sobre a agressividade. Para a Soma, ser agressivo faz parte do ato de viver, diferentemente da violência, decorrente do acúmulo e mau uso da agressividade. A vida é um constante ato de escolha, de opção, e usar a agressividade de forma natural e equilibrada significa buscar o que queremos e/ou necessitamos. Cada vez que abrimos mão da realização de necessidades e desejos, estamos bloqueando nossos impulsos, que mais tarde poderão se transformar em atitudes de compulsão violenta.

Mesmo quando termina um grupo de Soma, é incentivado que seus membros continuem praticando a Capoeira Angola como instrumento terapêutico. Ela é uma atividade autônoma de manutenção dos ganhos obtidos no processo da Soma para quem a pratica. Depois de vencidas as dificuldades iniciais, como o sedentarismo e o medo do risco, a capoeira acaba virando sinônimo de prazer.

Os cantos, o toque dos instrumentos musicais, a picardia, os movimentos corporais, o próprio jogo, tudo na capoeira tem um aspecto lúdico. Por isso não se *luta* capoeira, *joga-se* capoeira. Ela é um jogo, em que a malícia e a habilidade determinarão a estratégia. Na roda, joga-se com todo o corpo, onde os movimentos buscam ser harmônicos e comunicativos. As pessoas que

praticam a capoeira são envolvidas de uma forma que a emoção, a razão e o físico integram-se plenamente. Mais do que uma simples dança ou luta, a Capoeira Angola é um estilo de vida, uma maneira de encarar o ato de viver.

Como afirmamos, são realizadas quatro encontros da Soma por mês. Geralmente, um destes encontros é destinado à prática da Capoeira Angola. Nela, após exercícios de aquecimento próprios, realiza-se a *roda de capoeira*, na qual, como nos demais exercícios de Soma, surgem novas questões que despertam a percepção dos membros. Da mesma forma que nas outras sessões, é feita a leitura e suas devidas problematizações e por fim, o fechamento. Nesse caso, a Capoeira Angola serve como referencial, tanto para estudo bioenergético quanto de capacitação para luta.

Por ser parte fundamental do trabalho da Soma, os exercícios da Capoeira Angola realizado nas sessões é insuficiente para desenvolver os potenciais de quem a pratica. Por isso, é solicitada ao grupo a prática da capoeira em paralelo ao processo do grupo. Recomendamos duas vezes por semana a sua prática, quantidade suficiente para qualquer pessoa se qualificar devidamente e obter dela seus benefícios. Os exercícios de Capoeira Angola realizados nas sessões são todos orientados pelo terapeuta e/ou seus assistentes. No caso dos treinos, dependendo da disponibilidade do somaterapeuta, este também poderá oferecer as aulas, ou deve ser contratado pelos participantes dos grupos um capoeirista experiente que possa ensinar o jogo da Capoeira Angola de forma mais adequada e completa.

CAPÍTULO QUATRO

Experimentações com a dinâmica de grupo autogestionária: os grupos de Somaterapia investigados

Percorremos os três primeiros capítulos deste trabalho procurando apresentar uma base de entendimento da Somaterapia e sua proposta de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária. Este percurso foi fundamental para promover uma maior compreensão sobre a autogestão como paradigma libertário. Serviu também para mostrar como Roberto Freire absorveu esta noção para criar seu próprio método: a Somaterapia como um processo pedagógico-terapêutico produzido coletivamente. Dedicar-nos-emos agora à investigação propriamente dita do estudo de caso em questão: a aplicação prática da Somaterapia.

Para isso, nos valem de alguns recursos metodológicos utilizados no estudo de caso sobre a Somaterapia e sua proposta de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária: a revisão bibliográfica sobre os temas aqui trabalhados, a observação participante e a aplicação de questionário com respostas abertas por parte dos membros dos grupos investigados. Relativamente à revisão bibliográfica, parte substancial dos capítulos anteriores apoiou-se nesta perspectiva. Portanto, ela já vem sendo utilizada desde o início da tese, nos facilitando e proporcionando o diálogo com autores que abordam os

temas correlatos a este estudo. Agora, ela servirá também, sempre que necessário, para complementar as observações do investigador e dos membros dos grupos em suas respostas.

Nos experimentos realizados nos três grupos criados exclusivamente para esta investigação, nos apoiamos na mesma proposta de trabalho que a Somaterapia vem utilizando há vários anos. Apesar de criar dinâmicas com singularidades próprias, fruto da união de diferentes atores, o desenvolvimento de um grupo de Soma produz resultados semelhantes, atendendo aos objetivos esperados. Assim, os grupos investigados vêm a consolidar os resultados que temos observado em todo este tempo de prática ininterrupta com a Soma.

Nestes anos, temos aplicado e desenvolvido o legado de Roberto Freire, incorporando novas contribuições teóricas, aprimorando sua técnica para estar atentos aos desdobramentos que a sociedade vem passando ao longo dos anos. Esta constante atualização teórica e prática da Soma busca dar conta dos acontecimentos que envolvem indivíduos e suas sociabilidades, atravessados pelas práticas de poder presentes no capitalismo contemporâneo.

As modificações que a metodologia da Soma passou neste período visam, portanto, não modificá-la, mas adequá-la a estas transformações que temos vivido. Basicamente, são os mesmos exercícios e a criação de alguns novos, o mesmo sentido dado às leituras e as possíveis articulações com a vida social e a condução de uma dinâmica de grupo que funciona em autogestão. Este conjunto metodológico que não costuma passar de dezoito meses, tem

servido às pessoas que buscam ampliar seus potenciais criativos, amorosos, intelectuais e políticos. São pessoas que não aceitam a vida dada tal como ela se mostra, mas que ao contrário, estão empenhadas na confecção de modos de existências novos e singulares.

Os resultados que agora passaremos a mostrar na aplicação da Somaterapia nos grupos pesquisados refletem as distintas dinâmicas destes coletivos. Mas trazem consigo também a assinatura de um processo elaborado em todos esses anos de existência da Soma. A cada grupo finalizado, há um ganho a mais na elaboração desta obra aberta. São, portanto, os membros dos grupos e suas dinâmicas autogestivas que nos ensinam e nos ajudam a continuar desenvolvendo a Soma. Esta construção agora ganha significativa importância, pois é a primeira vez que é documentada e investigada no âmbito acadêmico.

Apresentaremos os recursos metodológicos utilizados por nós nesta investigação. Em seguida, exibiremos o funcionamento dos três grupos formados para nosso estudo. Eles serão descritos, levando em consideração o público que lhes constituiu, o processo de formação e desenvolvimento de suas dinâmicas e as mais relevantes características. Por fim, então, buscamos realçar os pontos convergentes e divergentes entre eles.

É importante que se diga, que ao mesmo tempo em que apresentamos as descrições dos grupos, já vamos apresentando algumas conclusões específicas a cada um dos grupos. Dessa forma, peculiaridades encontradas e suas

possíveis implicações com os resultados serão observadas como forma de dar maior relevo ao trabalho.

4.1 – A Somaterapia como estudo de caso

Este trabalho está voltado para um “estudo de caso” sobre a aplicação da Somaterapia e sua proposta de uma dinâmica de grupo numa perspectiva autogestiva. Como temos descrito nos capítulos anteriores, a aplicação deste processo pedagógico-terapêutico tem nos trazido um rico material acerca das possibilidades de organizações de pequenos grupos e o surgimento de práticas associativas e libertárias.

Estamos, portanto, diante de uma investigação de abordagem qualitativa e como tal, nos preocupa sobremaneira a compreensão interpretativa da ação social. Segundo Deslandes & Assis (2002), a abordagem qualitativa ancora-se em diferentes bases disciplinares, metodológicas e paradigmáticas, formando um conjunto de atividades interpretativas, muitas vezes recortadas por tensões e conflitos. Em nosso caso específico, nos valem de um conjunto de recursos como forma de dar conta das diferentes atitudes, comportamentos e ações encontradas em nosso campo de pesquisa.

Dessa forma, consideramos importante e pertinente a elaboração de um estudo de caso sobre a Somaterapia, visto sua originalidade e caráter inaugural enquanto investigação acadêmica para a Universidade Técnica de Lisboa, para

o ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão e para o SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, ao qual está vinculada esta pesquisa. Sua área de atuação científica contempla as possíveis articulações entre a Psicologia, a Sociologia e outras Ciências Sociais como também ocorre com o centro de investigação que estamos filiados.

Têm sido pouco frequentes as análises dos fenômenos libertários nas pesquisas acadêmicas e suas possíveis contribuições enquanto formulações novas e originais para os estudos organizacionais. Os grupos investigados nesta tese de doutoramento buscam contribuir na direção de ampliar as críticas libertárias sobre o exercício do poder quando se torna excessivamente concentrado. Estão no bojo do pensamento anarquista importantes análises que põem em questão os efeitos individuais e sociais, éticos e políticos das práticas hierarquizadas nas relações humanas.

Elaborar um estudo de caso é voltar-se para a construção de uma investigação, na qual a metodologia empregada esteja atenta a compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, e que estejam também envolvidos simultaneamente diversos fatores. Segundo Yin (1989), a preferência por estudos de caso deve ser dada quando for possível fazer uma observação direta sobre os fenômenos em questão. Neste aspecto, o estudo de caso dá ênfase e relevância ao que podemos chamar de caráter intensivo sobre o objeto estudado.

Para a realização de um estudo de caso, entendemos que o pesquisador deverá ter a habilidade em formular boas perguntas, assim como interpretar

suas respostas. Deverá também ser um bom ouvinte e não ser enganado por suas próprias ideologias e preconceitos. Ter a capacidade de ser adaptável e flexível, de forma que as situações recentemente encontradas possam ser vistas como oportunidades e não ameaças. Possuir uma noção clara das questões que estão sendo estudadas, mesmo que seja uma orientação teórica ou política. E por fim, nos parece ser imprescindível que o investigador seja imparcial em relação a noções preconcebidas, incluindo aquelas que se originam de uma teoria.

Segundo ainda Yin (1989), o estudo de caso pode ser definido com base nas características do fenômeno pesquisado, num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos. Para as investigações sobre os estudos de caso, geralmente são utilizados métodos qualitativos que servem para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão.

Para Minayo (2010), “metodologicamente, os estudos de caso evidenciam ligações causais entre interações e situações da vida real; o contexto em que uma situação ocorreu ou ocorre; o rumo de um processo em curso e maneiras de interpretá-lo; o sentido e a relevância de algumas situações-chave nos resultados de uma intervenção.” (MINAYO, 2010. p. 164) Assim, ao realizar este estudo de caso sobre a Somaterapia e sua proposta de uma dinâmica de grupo autogestiva, nos faz estar atento ao que vem do campo, das interações entre atores vivificadas na construção prática de sociabilidades libertárias.

Quanto aos objetivos que podemos esperar de um estudo de caso, destacamos, seguindo as indicações de Minayo (2010): (a) compreender os esquemas de referência e as estruturas relacionadas a um evento ou fenômeno por parte de um grupo específico; (b) estar atento aos desdobramentos dos processos organizacionais ou relacionais e um exame preciso sobre isto; (c) esclarecer os fatores que interferem em determinados processos; e (d) buscar modelos de análise replicáveis para situações semelhantes.

Para Bell (1989), podemos entender um estudo de caso como algo que envolve um *termo guarda-chuva*, para dar conta de uma série de métodos de pesquisa, cuja principal questão seja a interação entre fatores e eventos. Nesta perspectiva, os acontecimentos envolvidos em um estudo de caso, nos possibilita compreender os fenômenos ali ocorridos, sua singularidade e relevância. Em nosso estudo, voltado para a compreensão de pequenos grupos vivificados na metodologia da Somaterapia, analisamos uma situação única: a dinâmica de grupo autogestionária.

Acreditamos que a opção por realizar um estudo de caso sobre a Somaterapia torna-se útil por ser um elemento significativo e complexo. É extremamente difícil descrever por completo uma experiência como a Soma, pois trata-se de um processo vivencial, no qual os atores que participam do contexto criam situações compreensíveis apenas a quem está ali. Como é comum aos estudos de caso, um grupo de Somaterapia também é um acontecimento complexo de ser estudado como um todo, especialmente para quem não está diretamente implicado no processo.

Entre algumas características que podemos demarcar sobre um estudo de caso, temos:

- que são fenômenos observados no seu espaço natural;
- são utilizados diversos meios para recolher os dados, tais como observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, entre outros; uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) podem ser analisadas;
- pesquisa dirigida aos estágios de exploração, classificação e desenvolvimento de hipóteses do processo de construção do conhecimento;
- não são utilizadas formas experimentais de controle ou manipulação;
- o investigador não precisa especificar antecipadamente o conjunto de variáveis dependentes e independentes;
- os resultados dependem fortemente do poder de integração do investigador;
- podem ser feitas mudanças na seleção do caso ou dos métodos de recolha de dados à medida que o investigador desenvolve novas hipóteses.
- e por fim, especialmente por se tratar de uma abordagem qualitativa, questões "como?" e "por quê?" tornam-se mais relevantes que "o quê?" e "quantos?".

Optamos por eleger especialmente três instrumentos que estarão em permanente articulação para as análises deste estudo de caso: a revisão bibliográfica, a observação participante e o questionário. Ao longo do processo dos grupos investigados, tratamos também de reunir material que servisse como documentação do trabalho. Estes documentos são, por exemplo, agenda dos encontros, *folders* de divulgação para a preparação dos grupos e e-mails trocados entre nós. No uso deste material, como normalmente ocorre, procuramos realizá-los com habilidade e sensível perspicácia comum aos estudos qualitativos. Para isso, entendemos ser necessário ter uma boa escuta e um olhar atento aos desdobramentos que possam se dar, sem que nos percamos nos caminhos de nossa investigação. A partir da reunião destes elementos, buscamos fazer um balizamento entre as proposições teóricas que a revisão bibliográfica nos ofereceu com os achados empíricos, para que ocorresse um bom aproveitamento dos mesmos no estudo de caso em questão.

4.2 – Justificativa pela escolha de mais de um grupo analisado

Para realizar este estudo de caso, decidimos investigar a aplicação da Somaterapia em três grupos distintos. Acreditamos que esta opção nos auxiliou na ampliação dos dados colhidos, e pelo fato de serem realizados em cidades e países diferentes, os grupos trouxeram elementos peculiares a estas realidades. Curiosamente, observamos também características comuns a todos eles, mesmo estando em continentes diferentes. Assim, entendemos que as

evidências recolhidas a partir de casos múltiplos foram reconhecidas como mais fortes do que as evidências de caso único.

Segundo Robert Yin (1989), é possível realizar um estudo de caso utilizando-se, para isso, projetos de casos múltiplos. Esta estratégia deve ser feita antes da coleta de dados, ao se formular as questões da pesquisa. Muitas condições que justificam um experimento único também justificam um estudo de caso com mais de uma fonte. Baseados nesta noção e amparados por esta estratégia, fomos buscar nos distintos campos, material necessário para articular com a bibliografia utilizada.

Assim, a escolha de realizar três grupos de Soma ocorreu com a intenção de trazer mais robustez a esta investigação. Geralmente em projetos onde se buscam mais de uma fonte, surgem vantagens e desvantagens distintas em comparação aos projetos de uma única fonte. Entre as vantagens desse tipo de opção, destacamos que as provas resultantes de maior amostragem são consideradas mais convincentes, e o estudo global é visto como sendo mais vigoroso.

Ao estabelecer esta escolha, partimos para a investigação dos três grupos nas seguintes cidades: Barcelona, na Espanha; Lisboa, em Portugal e Rio de Janeiro, no Brasil totalizando um universo de algumas dezenas de pessoas envolvidas diretamente neste estudo. Trataremos de mostrar os acontecimentos mais relevantes nestes diferentes grupos, pontos convergentes

e dissonantes, assim como as características que marcaram seus desenvolvimentos.

Durante o período em que mantivemos residência fixa em Portugal, tivemos a oportunidade de realizar os grupos de Lisboa e Barcelona. Ao regressar ao Brasil, optamos por ampliar a investigação, realizando também no Rio de Janeiro mais um grupo. Estes três grupos ocorreram no período compreendido entre os anos de 2007 e 2012.

Na descrição detalhada dos processos nos diferentes grupos investigados, nossas ferramentas metodológicas estarão presentes permanentemente. Em alguns momentos, iremos também nos utilizar de um determinado autor, para então estabelecer um diálogo com informações trazidas do campo, seja nas palavras dos membros dos grupos, seja nas observações do investigador.

4.3 – Os instrumentos utilizados na investigação

Para uma pesquisa qualitativa, os instrumentos de trabalho de campo utilizados buscam estabelecer uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica encontrada. Optamos por eleger como instrumentos de trabalho a observação participante e a entrevista, por meio de questionário com respostas abertas.

Entendemos por *campo*, em uma investigação qualitativa, as delimitações espaciais que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, das delimitações teóricas correspondentes ao objeto de análise em questão. Em nosso caso, o campo estudado diz respeito aos grupos formados especialmente para esta investigação e mais precisamente, ao desenvolvimento das dinâmicas de grupo na perspectiva autogestionária. Acreditamos que dessa forma, podemos colher das experiências concretas as informações que nos ajudam sustentar os pressupostos teóricos que temos aqui apresentado. Sobre a relevância do material colhido no campo, Minayo nos diz:

“o trabalho de campo constitui-se uma etapa essencial da pesquisa qualitativa, que a rigor não poderia ser pensada sem ele. (...) Pela sua importância, o trabalho de campo deve ser realizado a partir de referenciais teóricos e também de aspectos operacionais. Isto é, não se pode pensar num trabalho de campo neutro. A forma de realizá-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo de recolhê-los. (...) o campo da pesquisa social não é transparente e tanto o pesquisador como os seus interlocutores e observados interferem dinamicamente no conhecimento da realidade.” (MINAYO, 2010. p. 202-203)

Na interação entre pesquisador e os atores sociais do campo, entendemos que há uma mútua responsabilidade na construção do produto de suas interações. Assim como depende de ambas as partes a qualidade do desenvolvimento e da compreensão social. Estar junto, realizar entrevistas, observar e interagir, por exemplo, produz uma relação de reciprocidade, na qual as repostas oferecidas pelos atores, o que afere relevo na observação do pesquisador etc. estão diretamente afetado pela natureza deste encontro.

Como temos mencionado, no caso da Somaterapia, as relações entre os membros do grupo e o catalisador do processo ocorrem fragmentando as hierarquias, o que proporciona uma relação de maior aproximação e reciprocidade. Nesta investigação não teria como ser diferente. Isto não quer dizer que não haja um necessário rigor científico na coleta e análise das informações colhidas, mas certamente não podemos falar de uma neutralidade.

4.3.1- *Observação Participante*

O principal procedimento metodológico utilizado neste estudo de casos múltiplos ancora-se na observação participante. Esta proposta de investigação geralmente é realizada em contato direto, frequente e prolongada do investigador com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa.

Segundo Mayan (2001), a observação participante tem como finalidade contrabalancear a investigação que valoriza a fala com aquela que também avalia a ação, as relações e os evasivos da vida cotidiana, e na medida do possível participando mais ou menos do contexto da investigação. Como o próprio nome indica, a observação participativa faz do investigador agente ativo no processo investigativo.

Dessa forma, entendemos que esta técnica de investigação social, na qual o observador partilha - na medida em que as circunstâncias o permitam - das atividades, das ocasiões, dos interesses e dos afetos de um grupo de

pessoas ou de uma comunidade, aplica-se a este estudo de caso em questão. Face à intersubjetividade presente em cada momento e em nosso caso em particular, a observação em situação permite e facilita a apreensão do real, uma vez que estejam reunidos aspectos essenciais em campo.

É, no fundo, um procedimento metodológico que ocorre em conjunto e conformidade com outros suportes, formando assim uma técnica composta. É frequente o observador não apenas observar, mas também se munir de técnicas de entrevista com graus de formalidade diferentes. Em nosso caso, como temos apontado frequentemente, a postura comum de um somaterapeuta, por si só, já auxilia neste “enlace” entre sua conduta e a condução do processo do grupo e de seus participantes. Sua relação é intrinsecamente marcada por uma participação mais efetiva, vivificando com os atores ali presentes as vicissitudes da dinâmica de grupo autogestionária.

Entendemos também que um dos principais objetivos para a escolha e utilização desta técnica esteja relacionado à captação das significações e das experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social. Como o observador em certa medida produz uma integração em um grupo ou comunidade que, em princípio, lhe é estranho, ele sofrerá um processo de “ressocialização”, tendo, frequentemente, de aprender novas normas e linguagens ou gírias e de representar novos papéis, o que coloca problemas particulares relativos à objetividade científica.

Em nosso caso, este processo de integração e participação no processo dos grupos investigados, teve também um recorte relativo a diferentes países

donde a investigação ocorreu. Como iremos mostrar, nos grupos investigados, a composição entre os membros foi bastante distinta. Isto nos possibilitou ter, com a ajuda da observação participativa, a oportunidade de captar estas nuances na medida em que nos aproximamos destas distintas realidades. Para tal, nos encontramos numa tensão permanente entre a necessidade de se adequar às características do grupo e a necessidade de manter o necessário espírito crítico e a isenção científica.

Esta técnica possibilita graus diversos de integração no grupo observado e de sistematização dos procedimentos de recolha de informação. Isto ocorre em conformidade com os objetivos que o investigador estabelece para a investigação, e se adéqua particularmente a fenômenos ou grupos de reduzida dimensão, pouco conhecidos e/ou pouco visíveis, como é o caso, por exemplo, dos grupos investigados usando a metodologia da Somaterapia.

Todavia, pelas suas próprias características, a observação participante apresenta algumas desvantagens, como o risco, sempre presente, do investigador resvalar para a subjetividade, devido ao seu envolvimento pessoal com o objeto, e a possibilidade da sua presença perturbar o normal decurso da interação social.

Na observação participante, o pesquisador pode assumir diferentes papéis, criando assim tipologias distintas. Nas variações destas tipologias, segundo Gold apud Angrosino & Pérez (2002), tais tipologias podem ser:

- *participante-total*, no qual o investigador se coloca inteiramente imerso na vida do grupo que pretende trabalhar;

- *participante-como-observador*, no qual o investigador deixa claro para si e para o grupo que sua relação de membro visa ao trabalho de campo exclusivamente;

- *observador-como-participante*, no qual o investigador usa a observação como estratégia complementar à entrevista;

- *observador-total*, no qual o investigador omite sua condição de pesquisador, mas atua como agente externo, fora da cena da interação direta com os informantes. Neste ultimo tipo, pelas consequências éticas que envolvem, raramente é utilizado e não se recomenda em abordagens qualitativas.

Para Adler & Adler (1994), existe outra possibilidade de estabelecer uma tipologia para a observação participante. Os autores consideram as seguintes categorias:

- *membro periférico*: serve para denominar o pesquisador que busca a visão interna de um grupo sem participar de suas atividades construtivas;

- *membro ativo*: utilizado para designar quando o pesquisador se envolve nas atividades fundamentais do grupo, algumas vezes assumindo responsabilidades internas a ele, sem, contudo, assimilar seus objetivos e valores;

- *membro completo*: termo utilizado para diferenciar o investigador que já é parte do grupo ou se filia a ele e sua observação viria da vivência subjetiva da própria experiência.

Na avaliação de nosso estudo de casos múltiplos, utilizamos o que poderia ser tanto a de um participante-total quanto a de um membro completo. Como a observação foi permanente, na qual o somaterapeuta era também o investigador, visando a continuidade da interação e da pesquisa simultaneamente, nossa participação foi vista quase como a de um membro do grupo. A única diferença que podemos destacar é que na maioria das vezes onde ocorre a vivificação dos exercícios e nas leituras dos mesmos, o somaterapeuta observa, intervém e emite seu ponto de vista. Ele não participa diretamente destas etapas como os demais membros do grupo. No entanto, em alguns casos, ele também pode vir a fazer parte destes dois momentos, caso seja necessário, sobretudo, em função do número de participantes ser insuficiente para a realização do exercício ou estar em número ímpar em situações de exercícios em duplas.

Como utilizamos nesta investigação a mesma metodologia que a Somaterapia vem trabalhando há cerca de quarenta anos e descrita no capítulo anterior, nos valem os mesmos roteiros e procedimentos que perpassam os diferentes grupos. Nestes roteiros, consta uma sequência mais ou menos definida na distribuição dos exercícios e nas fases que compõem o processo. Esta mesma metodologia propõe uma interação permanente entre a figura do

terapeuta e os membros do grupo, não concebendo com isso qualquer forma de neutralidade.

Uma questão frequentemente colocada nestes casos é se a observação participante pode interferir no comportamento dos indivíduos, alterando sua espontaneidade. Acreditamos e defendemos aqui que tanto um processo como a Somaterapia, baseado na autogestão e num fazer coletivo, assim como uma pesquisa de caráter qualitativo estão fundadas na noção da inseparabilidade entre objeto e sujeito. Esta permanente articulação visa trazer um outro olhar sobre a realidade, em permanente construção para designar um fazer conjunto, sempre em situação e em interação permanente. Para Deslandes (2010),

“A maioria dos que trabalham com abordagem qualitativa tendem a concordar que o pesquisador modifica e é modificado pelo contexto da observação, sendo esta uma condição intrínseca das atividades desta natureza, pois a observação é também interação com os vários atores do campo.” (DESLANDES, 2010. p. 178)

Assim, podemos afirmar que é mesmo uma linha tênue o que separa o investigador e os atores envolvidos em nosso estudo de casos múltiplos em questão. É necessário sempre que possível, nos questionar o que é ser participante, numa perspectiva de inserção em grupos que operem em autogestão. Nestes casos, o observador deve ser capaz de compreender o processo e descrever essa experiência para outros, que são “exteriores” ao grupo e não participaram diretamente do processo.

Como temos enfatizado, em face da característica intrínseca à Somaterapia no que diz respeito ao fazer coletivo, o grau de participação do somaterapeuta

tende a ser *a priori* mais amplo. Esta forma de interação no grupo é algo que faz parte da natureza libertária da Soma, com a qual se busca fragmentar o mais possível a hierarquia entre o condutor do processo e os demais participantes. Em outros casos, a inserção do pesquisador pode ou deve mesmo ser “negociada”, tendo em conta a natureza da questão de estudo, as características dos participantes e o contexto em que ocorre.

Em todo caso, segundo Amendoeira (1999), na observação participante o investigador é o principal instrumento da investigação. Isto nos fornece uma clara vantagem e foi motivo de escolha por esta modalidade. Dentre estas vantagens, destacamos a possibilidade de colher dados ricos e pormenorizados, vivificados juntos e observados em contextos naturais. Através deles, foi possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia a dia de seus atores e conhecer a linguagem dos diferentes grupos pesquisados. Assim, a observação participante foi para nós uma opção metodológica, aliada à técnica de questionário aberto que, articulada com a revisão bibliográfica trouxe ao nosso trabalho a possibilidade de desenvolver e compreender o processo de construção da dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária.

As inúmeras pistas oferecidas pela observação participante privilegiaram “momentos-chave”, como por exemplo, as dificuldades em promover a autogestão, os possíveis ganhos que esta prática proporcionou aos membros dos grupos e a ampliação de seu sentido para outras esferas de suas vidas. São “momentos-chave” porque se destacaram e emergiram da observação precedente e foram sentidos como efetivos, permitindo-nos a sua compreensão

a partir não só do conhecimento, mas principalmente da vivência dessas mesmas situações nos contextos investigados.

Por fim, vale destacar a fundamental necessidade de se construir uma base de confiança e empatia indispensável, elementos que servirão a uma possível flexibilidade nos momentos de observação. A qualidade desta interação é a garantia que torna a observação participante algo que não cause qualquer tipo de constrangimento. Buscamos construir esta relação de empatia e confiança nos grupos investigados, algo comumente presente no trabalho da Soma.

4.3.2- Aplicação de questionário com respostas abertas

Com o propósito de ampliar e fortalecer a observação participante, optamos por aplicar entre todos os membros dos grupos investigados um questionário, com questões que objetivaram o entendimento sobre os fenômenos relativos a uma dinâmica de grupo autogestionária. O questionário se deu por meio de uma série ordenada de perguntas que foram respondidas de forma escrita pelos informantes. Para tanto, foram elaboradas dez perguntas que solicitavam respostas abertas e livres por parte de cada membro.

Para Minayo (2010), nas pesquisas qualitativas o questionário tem lugar de complementaridade em relação às outras técnicas de aprofundamento do estudo. Para a autora, nas pesquisas qualitativas esta proposta de investigação privilegia “a compreensão da intensidade vivencial dos fatos e das relações humanas, ao passo que os estudos quantitativos se dedicam a conhecer e a

explicar a magnitude dos fenômenos.” (MANAYO, 2010. p. 268). Sua aplicação, portanto, vem a corroborar com os demais procedimentos utilizados pelo investigador em seu campo de pesquisa. Sua aplicação será sempre parte integrante de um processo, e sua construção propriamente dita deverá ocorrer em sintonia com objetivos e métodos de análise utilizados para atingi-los.

Na utilização do questionário com perguntas abertas, os respondentes utilizaram suas próprias palavras para descrever suas percepções sobre as questões apresentadas, respostas estas exclusivamente de texto. Segundo Souza, Minayo, Deslandes e Veiga (2010), dentre as vantagens deste tipo de instrumento para uma investigação qualitativa, destacamos os seguintes pontos:

- tem menos poder de influência nos respondentes;
- possibilitam o surgimento de respostas inesperadas;
- cobrem pontos além das questões fechadas.

Entre as desvantagens, os autores destacam:

- são mais trabalhosos nas respostas;
- dão margem à parcialidade do entrevistador na compilação das respostas;
- são mais onerosas e mais demoradas para serem analisadas.

Para a sua aplicação, optamos por eleger a forma de questionário auto preenchido. Nesta modalidade, cada membro do grupo recebeu as questões por meio de correio eletrônico e as devolveu da mesma maneira. Dessa forma, não houve contato direto entre o pesquisador e o pesquisado no momento da elaboração das respostas ao questionário. A vantagem desta modalidade de preenchimento está ligada a possibilidade de o entrevistado ter um tempo maior

na elaboração de suas respostas e respondê-las quando lhe for mais conveniente. Elas também visam resumir, ao entendimento do entrevistado, suas impressões no momento posterior ao final do processo.

Na apresentação do questionário, antes das perguntas, havia um texto explicativo, no qual constava informações relativas a proposta daquele documento e garantido a preservação do anonimato dos entrevistados. Dessa forma, mais adiante, na utilização das respostas dos membros dos grupos investigados que responderam ao questionário, utilizaremos a abreviatura da letra inicial de seus nomes, garantindo assim o sigilo sobre os dados pessoais de cada um. Por ocasião da solicitação na participação para responder o questionário, explicamos também que a contribuição de cada um amplia o sentido para o conjunto do trabalho investigativo e ao fortalecimento do trabalho.

No início da formação de cada grupo, anunciamos a proposta desta investigação e avisamos a existência deste questionário que seria distribuído entre todos através de correio eletrônico. Quando estávamos chegando próximo ao final do processo, voltamos a falar sobre o assunto e quando finalmente foi concluído cada grupo, seus membros então receberam o questionário.

Sobre a solicitação de colaboração, foi enfatizada a importância das respostas para o sucesso do estudo em questão, com ênfase ao caráter voluntário da participação de todos. Foram também oferecidas instruções básicas sobre o processo de preenchimento, com informações claras e objetivas. Algumas pessoas responderam logo em seguida, alguns demoraram

mais tempo, com alguns meses e outras não chegaram a enviar suas respostas. Podemos afirmar, que em torno de 50% responderam ao questionário.

Em nosso estudo, as respostas colhidas por este questionário vieram trazer as “percepções e opiniões” dos participantes dos grupos investigados. Foi mesmo fundamental para nós e sem elas nosso trabalho de campo teria sido enfraquecido. As palavras dos membros em suas respostas além de ampliar a observação participante com informações, comentários, explicações e esclarecimentos significativos, nos possibilitou melhor analisar alguns fenômenos e ilustrar nossos pressupostos teóricos.

Seguiremos agora na descrição detalhada dos grupos investigados. Nelas, enxertaremos na descrição de nosso “olhar” e “percepção” - oriundos da observação participante – alguns depoimentos dos respondentes deste questionário. Isto dará consistência e vem a clarificar aspectos observados, constituindo um ganho excepcional a esta investigação. Nas passagens em que citamos aqueles que construíram juntos conosco este trabalho, vai expresso mais que um depoimento: aparece a voz de quem viveu um processo no qual a construção coletiva esteve presente ao longo do grupo e que inevitavelmente surge em seus depoimentos.

4.4 – Somaterapia na Europa: o desafio de novas experiências

Os primeiros grupos investigados foram realizados na Europa. Primeiro em Barcelona, na Espanha; depois em Lisboa, em Portugal. O desafio inicial que encontramos para formar grupos de Somaterapia que servissem como campo de pesquisa era o fato de não haver conhecimento prévio do que se tratava esta proposta de trabalho. Até então, não existiam grupos de Soma e experiências desse tipo na Europa voltada para uma investigação acadêmica.

Diferente do que ocorre no Brasil, onde a Somaterapia já existe há cerca de quarenta anos, sendo, portanto, bastante conhecida e difundida, formar os primeiros grupos na Europa tornou-se uma questão inicial que precisava ser solucionada. Como difundir esta proposta e aglutinar pessoas interessadas para compor um coletivo? Quais os caminhos que poderíamos utilizar para levar a Soma ao conhecimento das pessoas em pouco tempo? E depois de formados os grupos, como convidar as pessoas a participarem como atores de uma investigação acadêmica? Eram todas as perguntas que necessitavam de respostas seguras e concretas.

Os livros do Roberto Freire, que no Brasil foram *best-sellers* durante muitos anos, atraíam muitos interessados para a Soma. Boa parte do conhecimento que hoje existe acerca desta proposta de trabalho, derivou da leitura dos mais de trinta títulos de Freire, que mesmo estando alguns fora de catálogo, ainda circulam de mão em mão. No entanto, na Europa eles também não eram conhecidos. Salvo alguns exemplares que chegaram até Portugal e ao

esforço de alguns companheiros que traziam à Europa informações sobre o pensador libertário brasileiro.

Devo destacar aqui o empenho e apoio dispensados pela Associação Cultural A Vida. Graças à solidariedade e companheirismo deste coletivo - algo comum nas associações libertárias – tivemos a oportunidade de apresentar, inicialmente por meio de uma conferência e um *workshop*, o trabalho da Soma para um público curioso e interessado. Mais adiante, na descrição do grupo de Soma em Lisboa, voltaremos a abordar este processo inicial.

Já na Espanha, haviam sido publicados em 2004 pela Ediciones Urgentes, de Barcelona três títulos de Freire: *Amar sin Verguenza*, *Sin Tesao no hay Solución* e *Soma - terapia libertaria* (com João da Mata). Como a publicação destes três títulos, parte da obra de Freire e a Somaterapia passou a ser minimamente conhecida, especialmente no seio do movimento libertário, onde estes livros foram mais divulgados. Formou-se a partir daí, uma rede de interesses em conhecer na prática o processo da Soma, o que representou um substancial fator de aproximação para formar os grupos.

Dessa forma, para que os primeiros grupos de Soma pudessem ocorrer, contamos com a ajuda de companheiros libertários e a fundamental rede de informações e divulgação de grupos autônomos em Portugal e Espanha. Foi graças à solidariedade e articulação entre diferentes grupos nestes dois países, que conseguimos reunir pessoas interessadas na proposta libertária da Soma.

Surpreendentemente, o interesse foi grande. Apesar de muitos nunca terem ouvido qualquer menção ao trabalho do Roberto Freire e sua Somaterapia, houve desde cedo uma curiosidade e motivação pelas propostas libertárias sempre que apresentadas. Superadas as dificuldades iniciais de divulgação e uma vez os grupos implantados, suas dinâmicas funcionaram com forte coesão e pouca evasão nos grupos formados. Isto comprova o interesse despertado pelas propostas da Somaterapia, assim como a identificação com a noção de uma dinâmica de grupo autogestionária.

Passaremos agora a descrever o processo destes grupos na Europa e suas características enquanto estudo de caso. Depois será vez do grupo investigado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Analisaremos os grupos pela ordem cronológica de sua formação, apresentando as condições ocorridas quando foram constituídos, assim como as particularidades do público em cada um deles e o desenvolvimento de sua dinâmica.

4.4.1 – O grupo de Barcelona

O primeiro grupo europeu investigado ocorreu na cidade de Barcelona, na Espanha. Este grupo derivou de uma rede de comunicação entre libertários daquela cidade, voltada especialmente para o interesse na pedagogia libertária. Como a Somaterapia apoia-se nas práticas libertárias de transmissão de conhecimento, o interesse em conhecer esta técnica brasileira foi grande e logo

surgiram interessados para compor o grupo. Foi relativamente rápida a formação deste grupo, necessitando apenas uma apresentação teórica em forma de palestra e um *workshop*. A partir daí, as pessoas interessadas já tinham convicção de participar do processo da Somaterapia.

Partiu de Pep Casanova, um companheiro libertário e pedagogo, os primeiros movimentos que levaram a Soma à Barcelona. Pep, que já era integrante de uma rede de discussões na internet sobre a pedagogia libertária, promoveu convite para uma palestra e demonstração da Soma, realizadas em um espaço ocupado que servia de centro social.

Como já afirmamos, foi em Barcelona que ocorreu a publicação pela *Ediciones Urgentes* dos três títulos do Roberto Freire. A divulgação desses livros também foi importante na formação do grupo. Leitores interessados nas propostas libertárias da literatura de Freire buscaram na Somaterapia desdobramentos e vivências de temas abordados nestas obras. Sobre o interesse que as ideias de Soma causaram entre estes ativistas libertários, uma participante diz:

“Yo no conocía la somaterapia pero vi que se hacía un curso en Barcelona y me llamó mucho la atención que fuese una terapia anarquista y todo lo que conlleva porque hace tiempo que quería hacer terapia para evolucionar y resolver algunos aspectos de mi vida y relación con las demás pero no quería que fuesen ese tipo de terapias en las que la solución es adaptarse a este sistema capitalista y consumista, tipo psicólogos y psiquiatras convencionales, entonces el hecho de porqué fué creada la soma y su definición se adaptaba al tipo de terapia que yo estaba buscando.”
(Entrevista com E.)

Outro membro do grupo de Barcelona narra como conheceu a Somaterapia e seu interesse a partir da leitura dos livros de Freire:

“Por medio del libro de Roberto Freire & João da Mata "Somaterapia". Inicialmente me llevó a realizar el proceso una pulsión. Me enteré por una página web de la existencia del curso, y no dudé en ir a la sesión informativa. El principal atractivo de la soma, para mí, es la combinación que hace de las teorías de W. Reich, de la Gestal, y del anarquismo.” (Entrevista com P.)

Assim, graças ao empenho de Pep Casanova que organizou este primeiro encontro e à publicação dos livros de Freire que divulgaram suas ideias, pudemos reunir um grupo de 15 pessoas e iniciar o processo pedagógico-terepêutico da Soma. Boa parte dos encontros do grupo ocorreu em um salão cedido por um destacado coletivo libertário da cidade: o Espai Obert⁴⁶, localizado na Calle C/Violant d'Hongria 71, no bairro de Sants. Em um salão de aproximadamente 60m², aquecido por estufas e chão de cimento. Eram realizadas rodadas de quatro sessões mensais. Este grupo trabalhou por cerca de 150 horas ao longo de sua duração, que foi de 12 meses.

Foram realizadas algumas sessões também em um conhecido espaço ocupado em Barcelona: o *Can Masdeu*⁴⁷. Encravada nas montanhas à noroeste da cidade, *Can Masdeu* ocupa um grande prédio que serve de moradia e atividades permanentes ligadas à agricultura, eventos culturais, cooperação social etc. Dispõe de um amplo salão com 50m², chão em madeira e boa

⁴⁶ Mais informações: <http://www.espaiobert.org/>

⁴⁷ Mais informações: <http://www.canmasdeu.net/>

ventilação. Este espaço foi cedido ao grupo de Somaterapia, já que dois membros que faziam parte do grupo eram residentes na comunidade.

Os encontros eram então realizados, ora no *Espai Obert*, ora no *Can Masdeu*. Normalmente, algum membro do grupo juntava uma quantia em dinheiro que cada participante do grupo disponibilizava para ser repassada aos espaços como forma de contribuição e que servia para pagar despesas como limpeza e energia elétrica. Nos encontros mensais, as sessões eram distribuídas da seguinte forma: duas no sábado e duas no domingo. Como ocorrem em outros grupos, as marcações dos dias, horários e mesmo o local eram decididos por todos, em consenso.

O grupo de Barcelona iniciou seu processo em novembro de 2007, logo após o workshop e seguimos até final de 2008. Além das sessões em grupo, eram comuns encontros individuais, especialmente no início, para acompanhar o processo de cada membro. Eram também intensas as trocas de ideias em conversas que se estendiam em bares e nas ruas após o término das sessões. A convivência com o grupo de Barcelona foi marcada por profunda relação de companheirismo que se formou ao longo dos 12 meses de trabalho.

Qual o perfil dos integrantes do grupo de Somaterapia em Barcelona? A grande maioria dos membros era composta por pessoas na faixa etária entre 22 e 35 anos, portanto predominantemente jovens. Muitos deles eram estudantes ou recém-saídos das universidades. Alguns cursavam pós-graduação, estando, portanto, ainda vinculados a instituições acadêmicas. Outra característica típica

neste grupo era o fato de todos os membros serem ativistas e/ou militantes de movimentos sociais, sejam eles ecológicos, ocupações, pedagogia libertária entre outros. Era comum a todos também o conhecimento prévio e a vinculação com o pensamento anarquista da Espanha.

Quase todos viviam ou frequentavam espaços de *okupas*⁴⁸. Esta, aliás, foi uma característica marcante do grupo de Barcelona, algo que se tornou um registro singular no processo deste coletivo. Como já foi mencionado, não há um conhecimento prévio sobre o anarquismo na maioria dos jovens que se aproximam da Soma. Dessa forma, as características deste grupo, do ponto de vista político, trouxeram algumas especificidades curiosas.

Estas 15 pessoas se encontravam mensalmente nas datas combinadas previamente entre todos. Nos horários marcados, as pessoas chegavam, tiravam seus sapatos, alguns trocavam suas roupas por outras mais confortáveis e começávamos as atividades práticas. Iniciamos as sessões pelos exercícios corporais, que, como foi detalhado no capítulo anterior, é a primeira fase de uma sessão. Os exercícios produziram uma forte emoção entre os participantes, que logo se identificaram com as proposta libertárias da Soma.

⁴⁸ O termo *okupas* foi popularizado pela imprensa espanhola para denominar os grupos de pessoas, em geral jovens que, organizados, ocupam casas ou fábricas abandonadas. Como não havia uma palavra equivalente à inglesa *squatters*, os grupos optaram por *okupas* que reúne, na mesma palavra, contracultura e punk e se diferencia de “ocupa” pelo conteúdo político e social de denúncia da situação e da dificuldade de acesso à moradia nas cidades. Ainda, conforme o verbete *okupas* a denominação feita pela imprensa, como a de “movimiento okupa”, não foi bem aceita entre os protagonistas que preferem “movimiento de okupaciones” ou “movimiento de los centros sociales”, pois estas denominações estariam mais em consonância com a realidade vivida. Assim, as denominações da imprensa serviriam apenas para mascarar a realidade dos grupos pela moradia e contra a especulação imobiliária.

Após o término do exercício, há um pequeno intervalo e inicia-se a leitura: fase na qual cada membro narra suas percepções e possíveis relações com a vida social. É nesta fase que o processo autogestivo da dinâmica de grupo começa a operar. Todos contribuem com todos formando um grande fórum de debates e problematizações sobre o comportamento de cada um e elementos que estão presentes na vida de todos. Nas leituras e nos grupões a dinâmica de grupo autogestionária alcança maior destaque. São nestes espaços onde os membros são envolvidos numa produção coletiva, na qual o desenvolvimento do processo de cada um ocorre junto ao do outro. Esta é uma das originalidades da Soma: terapia como pedagogia política, onde a autonomia criativa e a liberdade são antídotos que combate a neurose gerada pelas relações sociais hierarquizadas. Sobre as diferenças em se produzir uma terapia individual ou em grupo e em autogestão, destacamos o depoimento de um membro do grupo:

“Pienso que esto depende de lo que estés buscando, si quieres solamente hablar con la somaterapeuta y así poder resolver conflictos personales ya estará bien hacer terapia individual, sería como que necesitas que esa persona te vaya guiando en tus conclusiones, como una especie de maestro personal por otra parte si no haces terapia de grupo te pierdes todo lo que conlleva y deduces de tu relación con los demás cuando haces las dinámicas, juegos, expresarte delante de un grupo de personas, la energía que se crea ... entonces en estos momentos surgen respuestas a dudas y conflictos personales, rompes corazas y comprendes que a veces damos más importancia a las cosas de la que en realidad tienen, porque también compartes las inquietudes de las compañeras y compañeros aprendiendo a la vez de todas ellas; sería algo así como que hay una somaterapeuta que guía al grupo y el grupo se desenvuelve, crece y desarrolla con la energía que cada miembro pone, entonces surgen momentos muy reveladores con

la unión de todas que ayudan a caminar y evolucionar a una misma.”
(Entrevista com M.)

Após este primeiro momento de formação do grupo, no qual ocorre a passagem do processo de aproximação para o desenvolvimento da dinâmica de grupo autogestiva, período também chamado de introdução pedagógica, os membros do grupo passam a produzir coletivamente a Soma. No caso do grupo de Barcelona, pelo fato de muitos de seus membros já terem contato com a autogestão, o entendimento das propostas libertárias da Soma foram facilmente assimiladas.

Temos colocado ao longo deste trabalho, que a proposta da Somaterapia está voltada para trazer para perto do dia a dia a noção de uma existência libertária. Para tanto, ampliar as possibilidades da autogestão para os mais distintos espaços do cotidiano é algo que começa no ambiente experimental do grupo até atingir outras esferas da vida. Este talvez tenha sido um dos elementos mais explorados neste grupo, composto por membros acostumados a pensar a autogestão em nível produtivo. Pensá-la também em suas dimensões afetivas e relacionais é a tentativa de aproximar estes conceitos para a vida emocional, por exemplo. Para um membro do grupo entrevistado, esta aproximação da noção de autogestão com outras esferas do cotidiano cria uma ampliação em seu sentido, como afirma:

“Desde luego que lo veo factible. Podría citar varios ejemplos, indicando en cada caso las dificultades inherentes a cada propuesta. Cada uno de nosotros tiene sus planteamientos vitales y perspectivas de actuación. Respecto a mi, tengo en estos momentos establecidas relaciones sociales

de las que no puedo o no quiero prescindir. En todas ellas veo posible y aplicable las referencias sociales adquiridas durante la experiencia autogestionaria. En las relaciones paterno-filiares estas dinámicas son de gran ayuda y los diferentes conceptos tratados en la terapia fundamentales. Gestalterapia y antipsiquiatria, junto al concepto de soberanía del individuo han de ser marco de referencia teniendo en cuenta la enorme cantidad de energía vital que he de dedicar a tan importante empeño. En las relaciones laborales, mi situación me empuja inexorablemente a decantarme por una fuerte potenciación de la autogestión y el impulso de los liderazgos emergentes dentro del continuo desarrollo de nuestras actividades conjuntas. En las relaciones con el medio hostil, referido al capitalismo, la autogestión se inicia por la introspección de la propia autogestión de la propia vida, pero inexorablemente abocado a interrelacionarme con todos aquellos, que como yo no estamos por la labor de potenciarlo, deseosos de tener otra forma de establecer las relaciones interpersonales. Una ruptura razonable y razonada respecto al medio que impera ya en todo el planeta, solo se puede llevar a cabo dentro de una autogestión en mayúsculas, dentro de grupos motivados y con una fuerza vital enorme, dispuestos a confrontar con la adversidad y alcanzar su plenitud y no cesar en sus continuo vivir, pensar, y vivir. En las relaciones sentimentales y sexuales las dificultades son igualmente inherentes al medio y en este caso nos topamos con circunstancias de tipo cultural, en su expresión adversativa, que dificultaran sobre manera las posibilidades de la autogestión de expresiones vitales en cuanto individuos y seres relacionados. Los prejuicios, los desengaños extrapolados en el otro y los intereses creados, caen sobre el resto como un jarro de agua fría que todo desnaturaliza. Y es en este contexto que he de desarrollar formas creativas de expresión y relación que potencien aquello que impulse ilimitadamente el tesão individual y el colectivo.” (Entrevista com P.)

As questões que começavam a ser trazidas pelos ativistas libertários e moradores de *okupas* muitas vezes estavam relacionadas aos conflitos cotidianos em suas casas, afetos e famílias. Ou seja, eram as dificuldades

narradas que diziam respeito às vicissitudes em viver um cotidiano libertário, com as possibilidades de uma vida não autoritária. Aos poucos foram surgindo nas leituras e nos processos de alguns membros, questões como ciúme, posse, competição e sobrevivência econômica dentro do sistema capitalista.

Segundo Freire (2006), o fato de se acreditar numa visão de mundo, não basta para ter um comportamento libertário no amor, na família, nas relações afetivas. Apenas a racionalidade é insuficiente para compreender a imensa teia de controles impostos socialmente e seu impacto sobre a individualidade. Este é o grande paradoxo: como escapar das relações de poder com os sentimentos e todas suas extensões emocionais contaminadas por algo que foge do campo das ideias, do pensamento. O que observamos é que, muitas vezes, parece mais fácil tentar ser livre fora de casa, longe da privacidade e exilado do corpo. Transformar nossas práticas associativas em direção a uma maior autonomia entre os atores envolvidos, requer quase sempre, lidar com os saldos de nossa formação impregnadas de valores autoritários. Sobre esta questão, nas palavras de um membro do grupo de Barcelona:

“Muchas veces nos creemos que estamos preparadas para llevar a cabo ahora mismo la autogestión, sin fijarnos en que llevamos años educadas para otro tipo de relación social que se opone completamente a esta me refiero a que nos lanzamos a hacer sin primero deshacer lo que pondrá “palos en las ruedas” de nuestro carro, debemos observar cuáles son nuestras actitudes y creencias que provienen de la educación que no queremos para entender y practicar las nuevas.” (Entrevista com E.)

Havia neste grupo uma importante questão que desde cedo ia se mostrando: qual a distância entre a autodenominação de um libertário e a

vivência cotidiana de suas ideias? Como aproximar o ativismo político sobre questões macrossociais com o ambiente doméstico? Como podemos pensar em uma intersubjetividade libertária? E por fim, como ser possível uma prática anarquista que não esteja isolada dos planos amorosos e afetivos? Essas eram todas questões que logo tornaram-se temas de importantes debates neste grupo. Eram também temas que evidenciavam uma tese da Soma: toda relação social é também uma relação de poder.

No centro das questões que envolvem a Soma, o entendimento sobre as práticas de poder e sua implicação no cotidiano, tornou-se desde cedo um tema fundamental para Freire. Como já mostramos, foi a contribuição de Wilhelm Reich no campo da Psicologia que trouxe a Roberto Freire este entendimento. Segundo ele:

“O que Reich quis dizer, fundamentalmente, é que todo relacionamento e toda pedagogia humanos operam-se através de mecanismos de atração e repulsão, de cooperação e competição, de domínio ou de cumplicidade, ou seja, sempre estará em jogo entre animais cuja vida associativa for indispensável à sua sobrevivência, um jogo de poder. E nossa cultura registrou com o nome de *política* os jogos, os conflitos e os acordos de poder humanos.” (FREIRE, 1991. p. 42)

A proposta da Somaterapia está relacionada, entre outras questões, ao cruzamento entre nosso comportamento em nível individual e as práticas de poder que reproduzimos como processos cíclicos, automáticos e recorrentes. São, portanto, debates que atravessam campos distintos do saber, para além da psicologia, até atingir a sociologia, a política, a ética entre outros. Tais cruzamentos visam dar conta do entendimento destas práticas de poder, sua

implicação em nosso comportamento e a construção de possíveis contraposicionamentos. O que está em questão mesmo é a criação de nossas sociabilidades, no plano imanente e em um fluxo contínuo. Isso não significa está apartado da realidade, mas criar realidades concretas na prática de uma vida mais livre e menos hierarquizada. Sobre este difícil empreendimento, um entrevistado nos diz:

“En frente a estas situaciones tejidas observamos las relaciones de la sociedad actual, de la que es muy difícil que escapemos, donde no es complicado percatarse de su carácter egoísta, en el sentido lamentable de la palabra. Esta sociedad impuesta es, no solo egoísta, que también egocéntrica y mezquina y niega toda posibilidad de auto-desarrollo a los individuos, dadas las tremendas cortapisas que ha desarrollado. Su infame causa es la causa del nihilismo y su futuro es equivalente a su pasado, eclosionados en la nada del vacío mas absoluto. Ante una sociedad de leyes preconcebidas antes de nuestro nacimientos, con nuevas leyes absurdas en su devenir y con los pasteles repartidos antes de que seamos concebidos, ¿cual puede ser nuestra pulsión individual de aportación a los grupos en los que recalamos?. En estas circunstancias, nos avisan que no queda otra alternativa que intentar encontrar huecos, echar a otros, destruir si fuese necesario, solamente para poder respirar entre tanto entramado dado. Nos inculcan ese egoísmo insolidario potenciado con la idea de victoria con humillación. Pero esto no podemos aceptarlo. Nuestra apuesta es otra. La autogestión dentro de un colectivo que cree en ambos conceptos, la autogestión y lo colectivo, nos da capacidad, nos da entrega, nos da vida.” (Entrevista com C)

Encontramos estas questões no grupo de Barcelona como dilemas que faziam parte do dia a dia de alguns de seus membros. O debate sobre as vicissitudes do amor (havia um casal que fazia parte do grupo), a sobrevivência econômica dentro do capitalismo, as disputas de poder vividas em alguns

okupas etc. Enfim, eram questões que os membros do grupo estavam passando em suas vidas e que afetavam diretamente o processo do grupo. Tornavam-se temas que, ao serem abordados, por conseguinte, afetavam outras pessoas, que apesar de não estarem vivendo questões idênticas, sofriam com situações semelhantes.

A maratona de campo deste grupo ocorreu na cidade de Girona, há cerca de duas horas de Barcelona. Como destacado no capítulo anterior, as maratonas de campo são momentos privilegiados da dinâmica de grupo autogestiva, pois mostram como os grupos funcionam enquanto capacidade organizativa. A escolha do local de hospedagem, o deslocamento, a convivência etc, são todos possíveis pontos que são debatidos e entendidos como questões a serem analisadas.

O grupo de Barcelona realizou apenas uma maratona de campo. Um triste fato ocorreu no dia que estávamos viajando para Girona: na sexta-feira, dia 23 de maio de 2008 faleceu Roberto Freire. Recebemos a notícia de seu falecimento quando estávamos na estação de trem de Barcelona, pouco antes do embarque. Foi extremamente difícil mantermos o trabalho, mas seguimos como parecia ser a postura do Roberto, a de não deixar abrir mão da responsabilidade sobre nossos compromissos. Logo que chegamos, conversamos sobre o acontecimento, o que produziu um comovente fator de cumplicidade e solidariedade.

Relativamente ao processo de tomada de decisão nas questões surgidas durante o grupo, ocorreram impasses que os membros do grupo conseguiram resolver. Não observamos grandes dificuldades na solução dos conflitos de convivência e produção neste grupo. Acredito que este fato deve-se a já mencionada vivência de muitos membros deste grupo em outros coletivos. Os acertos foram feitos em consenso, não sendo necessário, em nenhuma oportunidade, recorrer-se ao voto. Isto não significa que não ocorreram vozes dissonantes, que pensassem de forma distinta sobre os mesmos temas. No entanto, entre estas diferenças, o coletivo conseguiu construir uma unidade em torno do projeto de levar a Soma até o final de forma mais satisfatória para todos. Segundo o depoimento de um membro:

“Creo que fundamentalmente hubo falta de entendimiento entre nosotros debido a que provenimos de diversos ámbitos que nos hacían ver las cosas según diferentes perspectivas. Pese a todo creo que en las últimas fases de la terapia la confluencia fue muy alta y una continuación del proceso lo hubiese reflejado. Estas diferencias chocan, dado que la mayoría tenemos inquietudes semejantes, estamos en sintonía con entornos mas o menos libertarios y percibo, muchos tenemos muchos objetivos comunes. Pero nuestros entornos fuera de la terapia, creo que nos alteran respecto al grupo, y en el se reflejan en mayor o menor medida.” (Entrevistado X)

Com relação à rotatividade de lideranças, notamos que houve a predominância maior de alguns membros no papel de destaque dentro do grupo. Este fato foi algumas vezes apontado e debatido nas discussões da dinâmica de grupo. Algumas pessoas com maior dificuldade em se colocar, em falar em publico e mesmo em liderar algum debate, foram instigadas a ter maior participação. Mas, mesmo assim, não foi homogêneo o exercício da liderança

entre todos. Esta é uma questão que notamos neste grupo, mas que tende a aparecer em outros coletivos autogestivos da Soma.

Este tema tem sido debatido a partir de alguns pontos de vista: o respeito às características de cada um (com maior ou menos interesse no exercício da liderança), o cuidado em não haver cristalização naqueles que podem ter “maior facilidade em liderar”, uma busca para encontrar alguma forma onde todos participem de alguma maneira etc. No entanto, o fato de muitos integrantes deste grupo participarem de outros coletivos, o papel de cada um ali dentro não causava grandes contrastes.

A dinâmica deste grupo transcorreu sem percalços, seguindo seu curso até a fase final do processo, a cadeira quente. Chegou nesta etapa final praticamente todo o grupo, com a evasão de duas pessoas apenas, portanto, finalizaram o processo treze pessoas. Os debates como dissemos, foram atravessados pela procura em trazer para perto do cotidiano as propostas libertárias que muitos ali já tinham como suas. Outro aspecto presente em algumas cadeiras relacionava-se ao fato de sobrevivência econômica dentro do sistema capitalista. Em um caso mais específico, no qual um membro sobrevivia graças ao auxílio desemprego do governo já há algum tempo, enalteceu o debate sobre o papel criador e autônomo de cada um, inclusive, do ponto de vista econômico. Ao buscarmos uma existência autônoma, faz-se necessário rever qualquer forma de dependência, principalmente do Estado.

Entre os grupos pesquisados, este de Barcelona nos mostrou um interessante dado: o fazer coletivo de uma dinâmica realça os mecanismos autoritários de cada um, sejam eles pela omissão, teimosia ou insistência na defesa de suas ideias, mesmo entre pessoas que se afirmam como libertários. No fundo, a problemática emocional não muda muito entre anarquistas e não anarquistas. O que muda de fato é a forma como são encarados estes desafios: havia ali em muitos membros o desejo de romper com os saldos da formação hierarquizada, fruto da vivência na sociedade que estamos inseridos.

Ao se fazer a opção por uma vida libertária, não estamos imunes das práticas de poder, da reprodução dos microfascismos e nem das práticas de dominação. Escolher uma ideologia libertária e acreditar que isto libera em si qualquer atitude autoritária nos parece tão ingênuo e perigoso. Mas o que certamente é possível, na medida em que sejam trazidas as reflexões libertárias para o dia a dia, é realizarmos uma análise crítica sobre o poder. O que o grupo de Barcelona nos possibilitou foi estarmos próximos a ativistas libertários, moradores de *okupas* e militantes de grupos antiautoritários que tentam construir em suas vidas um cotidiano mais livre. A dinâmica autogestiva do processo da Soma lhes serviu como um instrumental de ferramentas a mais nestas suas buscas.

4.4.2 – O grupo de Lisboa

O grupo de Lisboa foi efetivamente o segundo desta investigação a ser formado, apesar das iniciativas voltadas à divulgação e implementação dele

terem ocorrido antes mesmo do grupo em Barcelona. Devemos destacar dentre estas iniciativas voltadas à formação deste grupo, a contribuição já mencionada da Associação Cultural A Vida⁴⁹. Foi-nos fornecido todo o apoio na divulgação, como também na disponibilidade do espaço da B.O.E.S.G.⁵⁰ – Biblioteca e Observatório dos Estragos da Sociedade Globalizada, localizada na Rua das Janelas Verdes, 13, 1º esq. em Santos, Lisboa para a realização de conferência e *workshop* da Somaterapia.

Também foi de suma importância o apoio oferecido pelo Prof. António Gonzalez, do ISPA⁵¹ – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. O Prof. António reuniu algumas dezenas de alunos no auditório do ISPA para uma conferência sobre a Somaterapia e mais tarde também auxiliou na realização de um *workshop* de divulgação, também nas dependências da mesma instituição.

E por fim, duas outras contribuições nos ajudaram sobremaneira: a primeira foi as iniciativas do Coletivo Gaia, que por meio de sua rede de contatos pôde organizar um *workshop* de divulgação realizado no Grupo Desportivo da Mouraria, em Martim Moniz. Mais tarde, neste mesmo centro, ocorreram algumas outras atividades do grupo de Somaterapia de Lisboa, inclusive treinos de Capoeira Angola. A segunda, diz respeito ao convite feito pela Prof.^a Sofia

⁴⁹ Mais informações: <http://www.utopia.pt/>

⁵⁰ Mais informações: <http://boesg.blogspot.com.br/>

⁵¹ Mais informações: <http://www.ispa.pt/>

Bento para ministrar algumas aulas-oficinas sobre desbloqueio da criatividade em turmas sob sua coordenação.

Foram, portanto, destas iniciativas que conseguimos reunir inicialmente cerca de 20 pessoas para então compor o segundo grupo desta investigação. Neste grupo, tivemos uma grande evasão no início do processo, na qual muitos dos interessados na continuidade da Soma acabaram por se afastar. Este fato dificultou e atrasou a formação definitiva do grupo. Das, cerca de, 20 pessoas inicialmente interessadas, apenas 13 efetivamente permaneceram no grupo.

Como na Espanha, a Somaterapia era pouco conhecida em Portugal, salvo algumas pessoas ligadas ao pensamento e ação libertárias que já haviam tido algum conhecimento da obra de Freire. Sobre a formação deste grupo, um participante entrevistado afirma:

“Eu conhecia vagamente o conceito de Somaterapia devido à leitura de alguns textos de Roberto Freire. Depois de ter assistido a uma sessão formal de apresentação da Somaterapia realizada por João da Mata em Lisboa decidi participar no processo. Primeiro porque, como pessoa, estava a atravessar um período bastante negativo na minha vida. Segundo porque, como anarquista, fui atraído pelo facto da Somaterapia ter sido criada e desenvolvida por anarquistas e apresentar uma visão libertária do processo terapêutico.” (Entrevista com M)

No entanto, como dissemos, tivemos dificuldade em reunir as pessoas em Lisboa que estivessem efetivamente interessadas em dar continuidade ao processo da Somaterapia. Nos *workshop* e nas conferências, o interesse era

sempre grande, mas quando fazíamos o convite para prosseguir um percurso mais longo, algo em torno de um ano, muitos dos interessados desistiam. Alguns membros que já tinham como certa a sua participação, afirmavam que esta proposta de trabalho - por ter um aspecto corporal e político - não tinha em Portugal muita aceitação. Outros diziam que estavam interessados, mas em outro momento. E outros ainda afirmavam que estavam interessados, que se integrariam ao grupo, mas não compareciam aos encontros nos dias marcados e sumiam.

Ao contrário do que havia ocorrido em Barcelona, onde todos os membros do grupo eram espanhóis, curiosamente acabamos por formar um grupo bastante diversificado em Lisboa, composto por gente de vários países, e não apenas por portugueses. Muitos integrantes deste grupo viviam naquele momento em Lisboa por ocasião do programa *Erasmus Mundos*⁵². Outros estavam vivendo em Lisboa por opção de vida e em busca de novas experiências. Dessa forma, tivemos o grupo mais internacional entre todos os investigados, composto por pessoas de Portugal, Espanha, França, Brasil e Suíça.

Observamos que a entrada de pessoas de outros países no grupo foi efetivamente o fator decisivo para que a formação deste coletivo viesse a

⁵² Trata-se de um programa de cooperação e mobilidade no âmbito do Ensino Superior que apoia projetos de cooperação e mobilidade entre a Europa e países terceiros. Tem por objetivo tornar a União Europeia num polo de excelência, no domínio do Ensino Superior, de nível mundial e, ainda, promover o diálogo e a compreensão através da cooperação com países terceiros.

acontecer. Elas surgiram quando o grupo já chegava próximo ao terceiro mês, período em que normalmente os grupos se fecham. Mas como elas entraram em número significativo e com grande disposição em participar do processo da Soma, a dinâmica do grupo deu um salto qualitativo evidente. Segundo diz uma dessas pessoas, que estava em Lisboa por ocasião do estágio em sua licenciatura:

“Conocí la soma a través de un *workshop* que realizó el terapeuta en un centro social de Lisboa. Acudí porque un amigo me habló de él y me pareció interesante el hecho de hacer algunas dinámicas con más gente, y por el carácter “anarco-hedonista” de la soma. El ejercicio me gustó, lo pasé genial haciendo juegos de confianza, riéndome, pero además detecté que la soma tenía que ser algo más profundo de lo que habíamos hecho, de modo que me entró mayor curiosidad y decidí formar parte del grupo. Mi principal motivación fue la proximidad que le encontraba a la soma con la sociología, al hablar de las relaciones de poder en la sociedad y entre los individuos, y la idea de compartir y de vivir una microsociedad, de descubrirme a mí misma junto a otras personas que a priori tienen inquietudes parecidas a las mías. También de hacer algo diferente, de probarme en otros ámbitos relacionados con el trabajo del cuerpo.” (entrevista com P)

Esta peculiaridade de juntar pessoas de diferentes nacionalidades contribuiu para formar uma dinâmica de grupo bastante rica. Havia neste grupo um forte interesse em descobrir as possibilidades de associação junto ao outro de maneira horizontal, rompendo para isso os hierarquismos entre todos. Junto a isto, havia também o interesse nas questões culturais de cada membro, como uma determinada situação era vista por um brasileiro, português ou por um francês.

Novamente como ocorreu em Barcelona, no grupo de Lisboa a predominância foi de pessoas jovens, entre 20 e 30 anos. Mas neste grupo havia também dois membros de idades mais avançadas, na faixa do 55-60 anos. Outra característica era a variedade entre ativistas anarquistas, marxistas e pensadores autônomos. Se em Barcelona a grande maioria era de anarquistas ou pessoas próximas ao pensamento libertário, em Lisboa não havia uma homogeneidade nesta questão. Havia pessoas que conheciam profundamente o anarquismo e suas práticas, assim como outras que pouco ou nada sabiam das propostas libertárias. Como este grupo teve a duração pouco mais longa que o grupo em Barcelona, trabalhamos cerca de 180 horas ao todo.

Superadas as dificuldades iniciais, formou-se rapidamente uma dinâmica autogestionária no grupo, constituindo um coletivo de afinidades, que estendeu-se mesmo que após o final do processo. Aliás, esta foi uma característica peculiar a este grupo: até hoje mantemos contato entre alguns participantes, assim como continuam a ocorrer relações de afinidade e amizade entre muitos deles. Podemos mesmo afirmar, que foi criada no grupo de Lisboa uma bela associação entre pessoas dispostas a produzir e viver aquele processo baseado no apoio mútuo, na solidariedade e no respeito às diferenças. Segundo um entrevistado, a proposta clara de uma terapia anarquista cria uma peculiaridade distinta de qualquer outro processo, como afirma:

“A diferença será abissal. É a diferença que vai entre uma sociedade libertária, solidária, baseada em princípios de entreaajuda, organizada de baixo para cima e onde conceitos e práticas como religião, racismo, lucro, dominação, ganância, autoritarismo, pura e simplesmente não existam. Ou

seja, uma sociedade que seja precisamente o oposto da sociedade actual em que vivemos e onde estes conceitos e práticas são moeda corrente.”
(entrevista com M)

Grande parte dos encontros ocorreram na sede da B.O.E.S.G, em Santos. No segundo andar do casarão, existe um salão de cerca de 60m², chão em madeira e janelas por onde circulava boa ventilação e entrava grande quantidade de luz. Usamos aparelho de som, com tocador de CD que era levado aos encontros pelos membros do grupo, rotativamente. Como vivíamos em Lisboa nesta altura, os encontros eram realizados, em geral, em dias de semana, e sempre à noite, ou eventualmente em dias de fins de semana. Estas datas eram definidas entre todos os membros do grupo. No final do processo, em virtude da conclusão do estágio do *Erasmus Mundus* de alguns participantes, realizamos os encontros prioritariamente em fins de semana e de maneira mais concentrada. Isto facilitou e mesmo possibilitou a permanência de todos até o fim.

Os primeiros encontros do grupo ocorreram em dezembro de 2007 e se estenderam até início de 2009. Inicialmente, em função de alguns membros não falarem bem a língua portuguesa, pedíamos para que cada um falasse pausadamente em seus depoimentos. Logo, todos estavam se entendendo perfeitamente.

Os exercícios iniciais causaram imediato interesse em todos. Eles produziram também grande mobilização emocional, o que possibilitou que as pessoas expusessem suas questões. No entanto, observamos que este

processo de abertura de vida não ocorreu imediatamente. Se os exercícios causaram imediato interesse e rápida socialização, isto não se traduziu em depoimentos mais profundos e intensos. Talvez pelo fato de haver gente de diferentes lugares e não ter pessoas com conhecimento prévio um do outro, a cumplicidade e a confiança em narrar questões da vida foi sendo paulatinamente construída. Esta característica se estendeu até meados do processo, quando realizamos a maratona de campo deste grupo.

Foi justamente aí que ocorreu um dos momentos mais importantes na dinâmica autogestionária, na maratona de campo que foi realizada na região de Mora. As maratonas, como já foram mostradas, sempre ocorrem fora da cidade, e tornam-se retratos de como se encontra a autogestão vivificada por cada grupo de Soma. Assim, como cada coletivo se organiza para sua maratona de campo, dependerá substancialmente de sua dinâmica, da qualidade da comunicação entre todos e das iniciativas individuais de seus membros.

Durante as leituras realizadas nas maratonas de campo, parte delas diz respeito às dificuldades no contato com a natureza e aos medos provocados nesta situação. Surgem também relatos das dificuldades em se relacionar junto ao outro de maneira tão próxima, afinal as pessoas convivem de maneira bem mais intensa que nos encontros das sessões. Nas leituras podemos observar ainda a falta de planejamento da viagem com o traslado, a alimentação, a divisão de tarefas entre outros.

Todas estas dificuldades muitas vezes estão relacionadas ao cotidiano das pessoas, assim como na dificuldade da prática associativa, que inclui a

tomada de decisões, a liderança etc. No caso das maratonas de campo, estas questões são muitas vezes potencializadas e facilmente identificáveis, uma vez que o grupo está convivendo junto por mais de 72 horas. Tornam-se, portanto, um exercício de autogestão por excelência no processo de cada grupo.

Na maratona do grupo de Lisboa, algumas destas dificuldades surgiram, tornaram-se manifestas e serviram para compreender alguns mecanismos emocionais, éticos e políticos de alguns membros que já vinham sendo observados. Fomos para a região de Mora, pois um membro do grupo tinha uma casa lá e ofereceu ao grupo. Uma bela casa, em uma região propícia ao trabalho de campo, uma vez que possuía rios próximos e trilhas para caminhadas.

Ocorre que o anfitrião da casa e que seria o guia no passeio de campo, durante o trajeto na trilha, se perdeu. Ficamos por algumas horas perdidos na região, com pouca comida e sem comunicação. Ora parecia que nosso “guia” havia encontrado o caminho, ora nos encontrávamos novamente sem ideia de onde estávamos. Passado o susto e com algumas pessoas já bastante cansadas, achamos enfim, o caminho que nos conduziria de volta à casa.

Este fato poderia passar como um acontecimento sem muita importância. No entanto, ele serviu como um conjunto de atitudes dos membros do grupo, com o qual apareceu uma série de posturas que seriam debatidas exaustivamente na leitura. Alguns demonstraram muita irritação durante o período em que estávamos perdidos, outros, omissão em relação ao que fazer. Houve também a presença de posturas competitivas sobre quem deveria tomar

a dianteira diante dos fatos. Enfim, uma série de comportamentos que depois podemos trabalhar enquanto fenômenos das práticas de poder ali dentro.

Curiosamente, esta maratona de campo, apesar de ter despertado um conjunto de atitudes omissas, competitivas e autoritárias, serviu como dissemos para ampliar a coesão do grupo. As questões relativas ao papel de cada um neste acontecimento foram compreendidas e articuladas ao processo que vinha sendo desenvolvido no grupo. Além disso, durante os dias em que estivemos juntos, houve o compartilhamento de várias tarefas como a limpeza da casa, as refeições, a troca de percepções nas leituras etc. Segundo uma entrevistada:

Pero quizás el proceso autogestivo más fuerte lo tuvimos en la salida al campo. En Mora el grupo se vió inmerso en tareas y quehaceres cotidianos, en un espacio distinto al habitual; de la mañana hasta la noche compartíamos casi todo y nos veíamos. Supimos coordinar el tiempo dedicado a cada cosa, pero todo era soma; el paseo por el campo, las cenas, las siestas, preparar la comida. Quiero decir que la atmósfera del grupo nos acogía todo el tiempo, pero creo que con un sentimiento todavía más libre, de sentir que lo que hacíamos era lo que realmente queríamos hacer, de querer *estar*.” (Entrevista com P)

Se pudermos observar um estreitamento da dinâmica de grupo e suas práticas autogestionárias durante a maratona de campo, a preocupação com a construção coletiva neste grupo foi algo que esteve presente em todo processo. A ideia de construir juntos o processo da Soma foi desde cedo absorvida pelo grupo como algo extremamente instigante e novo. Segundo ainda esta entrevistada:

“El grupo estuvo tomando decisiones constantemente; desde reajustar el calendario de los días que teníamos que reunirnos, o salir al campo, hasta en las propias terapias respetar los turnos de palabra del compañero. Sí creo que la Soma tuvo muchos momentos en que el grupo hubo de autogestionarse, pero en general, creo que la figura moderadora del terapeuta marcaba muy a menudo las pautas a seguir. Yo me sentí bastante libre durante todo el proceso, en el sentido de poder tomar decisiones sobre mi propia participación en la dinámica establecida por el somaterapeuta, y en el sentido de poder decidir(nos) todos los compañeros. En suma, a mi parecer en la Soma, la línea que separa la participación de la decisión es muy difusa, pues se suelen dar al unísono. (Entrevista com P)

Apesar deste grupo não ter uma formação libertária entre muitos de seus participantes, a noção de autonomia e criação coletiva foi desenvolvida sem grandes percalços. Acreditamos que a diversidade entre os membros e a disponibilidade em conhecer as propostas libertárias da Soma na análise dos conflitos de poder e suas implicações sobre o comportamento foram tomadas pelo grupo como estímulo à implicação de todos com o processo. As impressões iniciais de que a Somaterapia não teria uma boa aceitação em Portugal, foi superada pelo grande interesse despertado neste grupo. Mesmo com a presença de pessoas de outras nacionalidades, a maioria dos integrantes eram de portugueses. Segundo relato de um participante:

“Quando a gente se sente parte do processo, a gente se sente mais motivado e entusiasmado. Passamos de uma figura passiva, alienada de si e do mundo, do estilo “qualquer coisa serve” ou “para mim está tudo bem”, para uma personagem activa, interveniente, participativa, que sabe expressar-se e que perde o medo ou inibição de o fazer (...) os princípios autogestivos mobilizam mais as pessoas para uma participação activa e isso gera mais motivação e entusiasmo. Abre-se também mais espaço para a

criatividade e para a expressão e intervenção de cada um. O trabalho começa a ter mais significado e a ganhar maior interesse (ao contrário da apatia e desinteresse que geralmente acabam por firmar-se nas rotinas de trabalho criadas em modelos com hierarquias autoritárias).” (Entrevista com M)

Um dos principais motivos que faz da Somaterapia um processo exclusivamente em grupo é proporcionar a cada indivíduo a oportunidade de trazer para perto de si a vivência e a construção de sociabilidades mais livres. Para que isso se produza e também tenha eficácia em seu funcionamento, será fundamentalmente a qualidade da dinâmica por eles alcançada. Sendo assim, para se atingir uma boa dinâmica que produza um processo realmente inovador entre seus membros, é necessário, no mínimo, que todos eles estejam implicados com a mesma proposta libertária ou que conheçam, simpatizem e respeitem a ideologia de Soma e do somaterapeuta. Uma vez desencadeado o processo pedagógico-terapêutico da Soma, é a própria vivência da dinâmica autogestiva do grupo que produz e garante os ganhos alcançados. A função do somaterapeuta é apenas de servir inicialmente de parâmetro e, depois, de modo apenas catalisador.

Este sentido de construção coletiva teve, portanto, no grupo de Soma em Lisboa uma clara compreensão por parte da grande maioria dos integrantes. Observamos que havia um interesse especial por estender estas possibilidades associativas para o cotidiano de alguns membros. Em estar junto ao outro de uma maneira que se diluam as relações hierárquicas e suas consequências. Quem está inserido nos diferentes espaços da sociedade, percebe rapidamente

os efeitos das práticas de poder sobre a autonomia, como nos mostra o relato de um entrevistado, quando diz que:

“A burocracia, a rotina, a repetição monótona dos esquemas definidos superiormente acabam por condicionar bastante a criatividade, a inovação, a participação activa e regular e a maior proximidade entre as pessoas. Ao invés de trabalhos onde se trabalha separado e individualizado, a autogestão puxa mais à interacção entre as pessoas (com claros benefícios a vários níveis: afectividade, sociabilidade, trabalho em equipa, espírito de grupo, o amigo puxa o amigo e o gerador “energético” amplifica-se em função desse “troca energética” entre as pessoas, menor o sentimento de isolamento, solidão ou até de escravidão).” (Entrevista com M)

É interessante percebermos que a compreensão do significado da autogestão ocorre mais pela vivência prática que apenas pela compreensão teórica. É o “aprender fazendo” que traz a oportunidade aos membros dos grupos de descobrirem o real valor de construir formas de viver mais livres, rompendo para isso, as práticas de dominação. No entanto, este empreendimento é algo contínuo e não se esgota ao término de um processo como este da Somaterapia. Como temos enfatizado, a Soma oferece um conjunto de instrumentos capazes de facilitar tal empreendimento. Mas vai depender de cada um ampliar este sentido para as demais esferas de seu cotidiano.

Observamos no decorrer da dinâmica do grupo de Lisboa, que algumas pessoas tiveram maior dificuldade em romper com as práticas de poder, sejam quando estas práticas incidiam sobre elas ou quando eram exercidas por elas. Acreditamos ser necessário para que não mais aceitemos a incidência do

autoritarismo sobre nós, que possamos estar atentos em não reproduzir o autoritarismo sobre o outro. Neste último caso, observamos como é frequente a manutenção das práticas de poder, mesmo quando sabemos que elas não fazem bem nem a nós nem aos outros. Para isso, vale recorrer à etimologia de palavra “manutenção”. Ela vem do Latim *manutentio* e significa “ato de segurar na mão”. Dessa forma, manter comportamentos autoritários decorre, em certa medida, da dificuldade em “abrir mão” dos ganhos que aquilo pode proporcionar, mesmo quando estes são ganhos medíocres.

Trazemos este tema aqui, pois observamos especialmente mais nítido em um membro do grupo em Lisboa, que por acaso estava próximo das ideias libertárias, posturas intransigentes e difíceis no trabalho coletivo. O que poderia ser visto como uma teimosia, por exemplo, mostrava-se presente em muitos momentos e se transformava em intolerância e autoritarismo. Para poder trabalhar nesta linha tênue entre a autonomia individual e a formação de unidades na diferença é preciso defender nossos pontos de vistas, mas também respeitar os dos outros. E a partir daí, buscar acordos mútuos. Neste caso, foi interessante perceber - apesar do desgaste que isso provoca - como ficam evidentes as práticas de dominação quando são exercidas em um coletivo que se pretende horizontal.

A compreensão desses mecanismos e suas transformações são fundamentais para que o grupo possa ampliar o significado da noção de autogestão. Quanto mais coesa for a dinâmica de um grupo, possivelmente mais amplo será seu ganho como aprendizado para a vida associativa e sua extensão

para a vida social. Assim, apesar de existirem saldos autoritários em algumas pessoas, encontramos na maior parte dos membros do grupo de Lisboa, a disposição em construir um processo de rompimento com as práticas de dominação e a reverberação em suas vidas. Segundo o relato do entrevistado:

“Em termos pessoais, a participação neste processo ajudou-me a alterar o ciclo de vida negativo em que me encontrava, sendo claro que a minha vida foi melhorando bastante ao longo do desenrolar do processo. Em termos colectivos, penso que a qualidade do processo terapêutico foi melhorando ao longo do processo e que, com excepção de um ou dois casos, todas as pessoas do grupo colheram benefícios comportamentais e emocionais da sua participação.” (Entrevista com M)

Sobre o tema da tomada de decisões e busca por formulações coletivas, observamos que o grupo de Lisboa conseguiu na maior parte das vezes construir saídas coletivas e bem elaboradas. Mas houve também dificuldades, especialmente naquelas, como já mencionamos, que se sobressaíram durante o trabalho da maratona de campo. Provavelmente o ambiente de estresse provocado pela dificuldade em encontrar o caminho correto durante a caminhada, aliada ao cansaço tenha exacerbado em cada um seus mecanismos autoritários. Em outras ocasiões onde o impasse ocorreu, foram superados depois de debates e acordos mútuos.

Nesta resposta ao questionário elaborado por um entrevistado do grupo, podemos encontrar resumidas, algumas das questões relativas às dificuldades vivenciadas na convivência autogestionária do grupo:

“No hay que olvidar que, aunque un grupo forme un todo, una entidad conjunta, un uno, está compuesto por diversos individuos que tienen ideas

propias, sentimientos individuales que a veces conectan y otras veces no con el proceso que se gesta y/o se da en el grupo. Por tanto, a veces surgen dificultades para seguir la dinámica del grupo, hay días que no te encuentras preparado o que no estas tan receptivo. En la excursión al campo nos vimos cada uno de manera más transparente, al igual que en las cenas o encuentros fuera del espacio habitual (BOESG) donde nos reuníamos normalmente, por tanto conoces un poco más a fondo a la persona, amplias tu visión sobre ella. Aunque, considero que esto puede ser una dificultad por la complejidad del ser humano en sí, creo que también es una gran ventaja poder conocer a una persona en distintos ámbitos de su vida, y ayuda a reflexionar en una misma acerca del propio comportamiento en distintos escenarios de la vida cotidiana. En el campo surgió un conflicto con un compañero que para mi ya estaba latente en la psique del grupo desde antes, pero se manifestó allí, en ese ámbito donde al parecer todos nos sentíamos más maduros y no dispuestos a soportar la cohibición de la libertad por parte de nadie; ya éramos más soma, el grupo casi tocaba su fin, y creo que todos teníamos más claro lo que queríamos, o, al menos, lo que no permitíamos que se nos hiciese. En fin, en definitiva, creo que lo más dificultoso que encontré fue esto: poder transmitir a un compañero que quieres, que lo que hace y/o dice no te gusta y te hace sentir mal; en segundo lugar que lo comprenda, aunque, yo aprendí que esto es secundario, pues no todo el mundo lo comprende a la primera, a veces hay personas que ni lo quieren ver.” (Entrevista com P)

Sobre a questão da rotatividade no exercício de lideranças, mais uma vez notamos, como em Barcelona, a presença mais frequente de alguns membros. Mas, tirando a liderança de um membro já mencionado - que em alguns momentos foi intransigente - houve de forma geral uma tentativa entre todos em compartilhar o papel de líder no grupo. Alguns tinham mais facilidade numa liderança mais afetiva, reunindo o grupo para um café após a sessão. Noutros, a liderança surgia mais durante as leituras e debates, e em outros ainda, a

liderança surgia sob a forma mais organizacional, relativa às contas do grupo, por exemplo.

Como dizíamos no início da descrição deste grupo, ainda mantemos contato com alguns de seus membros. Estabelecemos uma relação de amizade fraterna e sincera, e que produz encontros até hoje. Tornaram-se frequentes os encontros, mesmo ao final do processo, de pessoas que estavam no grupo. Durante muitas passagens por Lisboa também foi comum realizarmos alguma confraternização, reforçando o caráter cúmplice e sincero construído entre nós.

4.5 – Somaterapia no Brasil: contextos já conhecidos

O grupo formado no Brasil voltado especialmente para esta investigação ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi iniciado após o final dos grupos em Portugal e Espanha, no início de 2011 e se estendeu até 2012. A preparação para a formação deste grupo derivou de divulgação eletrônica, através do site da Somaterapia⁵³ e de uma lista de interessados que entraram em contato conosco.

Como a Soma já tem muitos anos de atividade quase ininterrupta e seu conhecimento é relativamente amplo entre a juventude brasileira, não tivemos dificuldades para reunir pessoas em torno do projeto de um grupo de Soma que seria investigado para este doutoramento. Parte substancial das pessoas que se

⁵³ www.somaterapia.com.br

aproximou da Somaterapia no Brasil durante muito tempo, derivou da leitura dos livros do Roberto Freire. Atualmente, vem crescendo a procura pela Soma graças à indicação de amigos, pela participação em eventos em universidades e também pela expansão da internet. Aliás, foi por conta do site e das redes sociais, que hoje não realizamos mais uma árdua tarefa de divulgação como fazíamos no passado, por meio de cartazes e folhetos, que além de onerosos eram poluentes.

4.5.1 – O grupo do Rio de Janeiro

Como os demais, este grupo foi formado após um *workshop* de divulgação. Neste encontro não compareceram muitos interessados, mas algo em torno de 10 pessoas. Como descrito no capítulo passado, após o início da formação do grupo, este permanece aberto por até três meses à entrada de novos membros. Foram nestes três meses, portanto, que o grupo efetivamente se formou, pois apesar de ter iniciado pequeno, ele foi recebendo pessoas a cada encontro, reunindo com isso, o maior número de pessoas entre os três grupos pesquisados.

Como estávamos residindo na cidade no período do grupo, houve uma opção por parte de todos em realizar os encontros do grupo uma vez por semana, geralmente às 20h das quartas-feiras. Isto possibilitou que as sessões mensais da Soma fossem fragmentadas, o que ajudou a entrada de pessoas ao

longo de cada encontro. Era comum, nos primeiros meses, a cada encontro ter uma ou mais pessoas novas a ingressar no grupo.

Devemos destacar a liderança de um membro, que desde cedo, percebendo a dificuldade em realizar os exercícios com pouca gente, começou a angariar pessoas para aumentar o grupo. Ele convidou amigos, conhecidos e surpreendentemente, trouxe para o grupo mais cinco pessoas. A liderança deste membro se destacou no início e ao longo do processo, sempre com um jeito bastante simpático e afetuoso, foi um motivador na dinâmica do grupo.

Depois de superadas as dificuldades iniciais, sobretudo no que diz respeito ao fator numérico, o grupo fortaleceu sua dinâmica com uma grande quantidade de integrantes: cerca de vinte pessoas, o maior grupo formado para esta investigação. Os encontros ocorreram em uma sala alugada, em um sobrado situado à Rua Maria Eugênia, 215/ sl. 201 no bairro do Humaitá, no Rio de Janeiro. Era uma sala ampla, com cerca de 70m², almofadas e boa ventilação. Dispunha de aparelho de som, utilizado para as músicas durante alguns exercícios. Além de ser o maior grupo, foi também o que mais tempo durou: cerca de um ano e meio, totalizando cerca de 220 horas de trabalho.

No processo de formação, anunciamos a proposta de desenvolver a Soma neste grupo, associada à investigação de doutoramento. Dissemos que o grupo faria parte, junto aos grupos de Lisboa e Barcelona, da pesquisa de campo do referido estudo. Não houve nenhuma objeção quanto a isto e o processo transcorreu sem que este fato fosse lembrado ao longo dos encontros.

De antemão, devemos destacar que uma característica observada e que ganhou relevo no desenvolvimento do processo, foi o fato de não haver nenhum membro que tivesse qualquer formação ideológica ou mesmo conhecimento mais detalhado sobre o anarquismo. Ao contrário do que ocorreu em Lisboa e especialmente em Barcelona, onde boa parte dos membros dos grupos tinha contato direto ou um mínimo conhecimento com as propostas libertárias, aqui neste grupo, isto não aconteceu.

É importante ressaltar que a presença do pensamento libertário no Brasil não é tão notada como na Europa. O anarquismo chegou ao Brasil especialmente através dos emigrantes espanhóis, portugueses e italianos no início do século XX, que fundaram os primeiros sindicatos de trabalhadores. Fortemente influenciados pelo anarco-sindicalismo, estes trabalhadores lançaram as bases do anarquismo nos trópicos. O anarquismo permaneceu atuante durante todo o século passado, mas sua hegemonia entre os trabalhadores foi gradativamente sendo enfraquecida, graças ao aparelhamento dos sindicatos pelo Estado.

Nas últimas décadas no século XX, o anarquismo já bastante enfraquecido, inclusive, pela violenta repressão da ditadura civil-militar, começa a ganhar novamente destaque através da iniciativa de inúmeros grupos e centros sociais. O trabalho da Somaterapia, assim como a literatura de Roberto Freire foram sem dúvida, elementos que contribuíram substancialmente para ampliar o conhecimento do anarquismo entre a juventude brasileira. Hoje,

existem diversos centros e coletivos, assim como editoras⁵⁴ e centros de pesquisas⁵⁵ nas universidades que fazem ampliar a importância e a atualidade do pensamento libertário no Brasil.

É comum nos grupos de Soma no Brasil haver alguns libertários ou ao menos pessoas que se definam como tal. No entanto, sua presença não é algo tão frequente, como ocorreu nos grupos entre espanhóis e portugueses. Como já afirmamos, não é necessária qualquer filiação ao pensamento libertário para fazer a Soma. O que é comum encontrarmos é uma substancial quantidade de pessoas com pensamento de esquerda, estudantes, artistas, e mesmo simpatizantes do libertarismo. Também é pouco frequente existirem pessoas com uma postura de vida mais conservadora, geralmente estas pessoas não se interessam pela Soma.

No entanto, curiosamente, são as ideias de Freire presentes em seus livros e a visão libertária na base da Somaterapia, o que muitas vezes atraem as pessoas, mesmo quando elas não conhecem mais profundamente o pensamento libertário. Segundo diz um depoente:

⁵⁴ Destaco o trabalho pioneiro de Robson Achiamé, que através da Editora Achiamé vem há muitos anos desenvolvendo uma importante contribuição ao pensamento libertário no Brasil por meio da publicação de clássicos do anarquismo, assim como de pensadores novos. Ver mais em: <http://achiamé.com/>

⁵⁵ Devo destacar aqui o trabalho desenvolvido pelo Nu-Sol, Núcleo de Sociabilidade Libertária. Trata-se de um coletivo ligado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da PUC/SP – Universidade Católica de São Paulo. Acredito que o Nu-Sol é um dos mais importantes centros de pesquisa de difusão do anarquismo no Brasil. Produz a Revista Verve, desenvolve programas para TV, realiza Aulas-teatro, orienta teses de Mestrado e Doutorado entre outras atividades. Ver mais em: <http://www.nu-sol.org/>

Eu conheci Soma através de um evento de homenagem a Roberto Freire que ocorreu na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2004. O que me atraiu foi o viés anarquista da sua terapia e de sua obra literária. Eu já havia lido alguns livros sobre a anarquia, não conhecia muito, mas o assunto me chamava muita atenção. (Entrevista com L)

Neste grupo que formamos no Rio de Janeiro havia, portanto, esta característica em sua composição: jovens artistas, estudantes, profissionais liberais e alguns militantes de partidos de esquerda. Inclusive uma participante era assessora direta de um político bastante combativo na cidade em função de suas denúncias sobre as milícias⁵⁶ nos bairros pobres e nas favelas. Algumas vezes, sua participação ficou comprometida em função de suas atividades junto ao gabinete do referido político. Havia também outra pessoa que desenvolvia um conhecido trabalho artístico no Rio de Janeiro. Ela faz parte de um coletivo de artes atuante na cidade, com exposições e performances que, inclusive, viaja pelo Brasil e outros países. Essas duas pessoas tinham, portanto, contato mais aprofundado com coletivos e debates políticos.

Mas em sua maioria, os integrantes do grupo eram pessoas que não viviam no cotidiano uma discussão política mais destacada. Apesar de terem uma postura crítica diante dos acontecimentos que afetavam a vida na

⁵⁶ Recentemente, na cidade do Rio de Janeiro, o termo *milícia* foi associado a práticas ilegais. São grupos formados em comunidades urbanas de baixa renda como conjuntos habitacionais e favelas sob a alegação de combater o crime do narcotráfico. São formadas geralmente por militares e ex-militares que exercem a prática da extorsão sobre pessoas de baixa renda, sob a alegação que estão prestando um serviço de segurança particular. As milícias no Rio de Janeiro têm se tornado um fenômeno tão grave quanto o próprio domínio do tráfico de drogas nas mesmas favelas. Muitas vezes estão associadas a políticos corruptos e empresários.

sociedade, muitos deles não viam como isto poderia ser pensado enquanto algo próximo de suas vidas, no plano de uma micropolítica. Talvez por isso, as propostas iniciais da Somaterapia em trazer para perto de cada um, uma analítica do poder e suas implicações com o funcionamento individual despertou grande interesse entre os membros do grupo. A ideia de transformar o grupo em um laboratório social, no qual podemos observar nossos comportamentos espelhados no outro, criou no grupo um fator de aglutinação que logo se transformou em uma construção coletiva. Segundo o relato de um entrevistado:

“Vejo que o conceito de micro sociedade que se forma no grupo é um fator sensacional. Na minha visão, temos ali reunidas pessoas que dificilmente se reuniriam na vida, quanto mais com a oportunidade de se expor e poder opinar mesmo na vida do outro. Isso torna o ambiente eclético e ao mesmo tempo excitante por novas descobertas. Às vezes, a vontade de cutucar o companheiro nasce da vontade de querer ser cutucado, sem as amarras da vida onde hierarquias profissionais e formalidades sociais nos impedem de ouvir e dizer a verdade. Neste conceito, o grupo, justamente por sê-lo, invariavelmente apresenta muita informação ao outro, nos colocando tão próximos e as vezes tão distantes, tão iguais a ao mesmo tempo tão diferentes.” (Entrevistado A)

Dessa forma, se havia um possível esvaziamento do componente político deste grupo em função de poucos conhecerem o anarquismo, isto foi compensado pelo interesse despertado pelas práticas associativas que a autogestão propõe. Envolvidos no fazer coletivo, o grupo do Rio de Janeiro construiu sua dinâmica autogestiva e após serem resolvidas as questões de composição e número de participantes, o processo avançou progressivamente. Existiu ali, além do interesse despertado pelo trabalho coletivo, uma espécie de

encantamento com a associação autogestiva, na qual eram combatidas as relações de hierarquia. Observamos frequentemente nas leituras, a referência explícita na fala de alguns depoentes sobre o prazer em estar participando daquele grupo, notadamente por existir ali uma forma de se relacionar com o outro de maneira mais livre e espontânea.

Neste grupo, ao contrário do que ocorreu em Lisboa e Barcelona, realizamos três maratonas de campo. Nos grupos que funcionam no Brasil, normalmente acontecem estas três maratonas: um no início (por volta do sexto mês), outra próxima ao final, quando antecedendo as cadeiras quentes (por volta do décimo mês) e a última, quando finaliza o processo. Todas as três maratonas de campo ocorrem em Visconde Mauá, como já mostramos no capítulo passado. Nesta região, composta por rios, matas densas e trilhas, já temos um leque de exercícios preparados para estes encontros. São atividades basicamente relacionadas às trilhas nas matas e a subida do Rio Preto, o mais importante da região.

O grupo do Rio de Janeiro alcançou ganhos significativos na ampliação do trabalho coletivo nas maratonas de campo. Houve uma intensa preparação para as viagens que se refletiu no período de convivência, pautados em um ambiente solidário e afetivo. As maratonas foram, assim, momentos privilegiados da dinâmica autogestiva, na qual os trabalhos de campo e as leituras produziram um bom resultado na qualidade do processo. Nas viagens, as demonstrações de descontração, bem estar e alegrias geradas pela

convivência libertária eram ainda mais explicitadas. Isto contribuía para ampliar a coesão do grupo e levar à conscientização das práticas de poder em suas vidas.

Como já afirmamos, este grupo foi o que juntou maior número de pessoas entre os três grupos pesquisados. Ele manteve-se grande, havendo efetivamente a evasão de três pessoas, que saíram na segunda metade do processo. Dessa forma, tivemos uma dinâmica de grupo que se constituiu desde cedo, favorecendo o aprofundamento das questões e o exercício da autogestão. Sempre que possível, foi buscada a relação entre o trabalho coletivo e o papel de cada um neste processo. Segundo em entrevistado:

“O que ficou mais marcado pra mim foi a ênfase na importância da autorregulação. Ou seja, na importância da visão de cada um sobre seu próprio destino. A formação de um coletivo não passa apenas pela escuta do outro de uma maneira horizontal, mas sobretudo na valorização da liberdade individual. Nas sociedades hierarquizadas as relações tendem ser autoritárias, reproduzindo nos outros o autoritarismo que sofreram. Quem não entra nesse jogo é taxado de ingênuo.” (Entrevista com A)

Acreditamos que a construção coletiva em autogestão invoque o papel de cada um ali dentro. Sempre que possível, se faz necessário perceber como cada participante maneja sua própria autorregulação, exerça sua singularidade e autonomia. É da união de atores que buscam o exercício da autorregulação que se constrói uma boa dinâmica autogestiva. E é desta mesma dinâmica que dependerá os ganhos que a Soma pode oferecer.

Dentre estes ganhos, está a compreensão do significado da autogestão e sua possível extensão para a vida cotidiana. Mais que uma formação política tradicional, o que não é este o caso, é a vivificação do processo autogestivo realizado na dinâmica do grupo que proporciona um entendimento experimental, bem mais valioso. Este entendimento não é linear, havendo diferentes ganhos ao longo do processo. Inclusive, o que é natural, ocorre de algumas pessoas não concordarem e não desejarem estender às suas vidas tal proposta associativa.

No entanto, é frequente o interesse despertado e a procura por novos campos de experimentações, após o final do processo da Soma, para outras esferas da vida. Como afirmamos, a dinâmica de grupo é para nós o ponto de partida tanto para desenvolver o percurso de cada um, como para construir sociabilidades mais libertárias. Segundo o relato de um entrevistado, a compreensão da autogestão no grupo ocorre na elaboração de um projeto coletivo:

“Vou dar uma ênfase na questão da decisão, porque me pareceu um dos pontos críticos na Soma. Processo autogestionário, nesse caso, seriam processos de decisão onde as diferenças são, não apenas respeitadas, mais valorizadas como potencial produtivo. Ou seja, não são reduzidas por alguém em posição de autoridade, mas se fortalecem mutuamente, criando decisões (e análises, conclusões etc) do grupo de uma qualidade melhor do que aquelas tomadas individualmente ou em processo mais hierarquizado. Um ponto crítico para que isso aconteça, na minha visão, é uma certa forma de organizar esse processo: é imprescindível que haja uma "coordenação colaborativa".” (Entrevista do P)

O entendimento da autogestão que foi construído no grupo do Rio de Janeiro, passou por um exercício peculiar em relação à tomada de decisões. Como mencionei, algumas das referências políticas que havia no grupo estavam relacionadas com a participação de alguns membros em movimentos político-partidários. É comum, como sabemos, na política representativa, o uso do voto como prerrogativa nas decisões ditas democráticas. E sabemos também, como muitas vezes se criam distorções, nas quais as minorias acabam por se submeterem à decisão da maioria. No entanto, a partir de uma perspectiva libertária, optamos pela tomada de decisões através do consenso. Em coletivos como os grupos de Soma, onde não se costumam passar de vinte pessoas, esta estratégia de decisão é perfeitamente possível.

Assim, nos primeiros impasses vividos no grupo, observamos que a tendência quase automática era a de recorrer ao voto e ao que a maioria pensava. Aos poucos, o grupo foi enfrentando o desafio de formular saídas construídas por todos, muitas vezes debatidas exaustivamente. Esta passagem, na qual os integrantes do grupo passam a se implicar com a produção coletiva, é o momento que normalmente a Soma e sua perspectiva libertária começam a fazer sentido para todos. Segundo o relato de um entrevistado:

“Acredito que o principal ponto de tensão é a postura com relação as relações de poder: no dia a dia predominam relações autoritárias; nos processos do autogestão, embora o poder exista (sempre) e a autoridade não seja eliminada, ela é analisada, visando relações de mais liberdade. (...) Algumas situações e decisões tratadas coletivamente (aquelas que mais importam e afetam os participantes) são difíceis, às vezes dolorosas; o consenso sem imposição é um processo para o qual não temos

normalmente muitos recursos, porque não é isso é que aprendemos em nossa educação, em nossa cultura, e pode resultar em confusão, indecisão (embora isso tenha acontecido pouquíssimas vezes na Soma). Participar de relações autogestionárias exige uma disponibilidade e uma habilidade individuais que não são comuns em nossa sociedade atual.” (Entrevista com P)

Com relação ao exercício de liderança neste grupo, observamos que foi mais intensa a presença de alguns membros em relação a de outros. Foi mais nítida a ausência de duas ou três pessoas que exerceram poucas vezes a liderança do grupo, o que foi por diversas vezes apontado pelo restante dos participantes. No caso delas, esta característica coincidia com a dificuldade em assumir sua própria autonomia em outros campos da existência. Em outro caso, a ausência na participação mais efetiva de um membro, que faltava com frequência aos encontros, foi o motivo principal de sua saída. Como falamos no primeiro capítulo sobre os *nós* da autogestão, o trabalho mínimo necessário dentro de um coletivo é ao menos estar presente, comparecer aos encontros nas datas que são deliberadas por todos. Este assunto foi debatido em várias ocasiões e depois de uma série de tentativas, foi então entendido que sua participação no grupo já ficara bastante comprometida.

É possível traçar um paralelo, sem que seja tomado como uma verdade, entre as posturas assumidas por cada um dentro da dinâmica de grupo e as atitudes de vida. Nessa dinâmica, esta é uma aposta muitas vezes incentivada: estabelecer conexões entre o laboratório social de um grupo e o cotidiano das pessoas. Além de nos fornecer possíveis compreensões, buscamos também

investir em redimensionamentos de tais práticas. Segundo o relato de um membro do grupo sobre esta questão:

“Observo uma coragem maior para tentar ser mais único, ter uma face mais única sem maquilagens trocadas a cada empreitada social. De fato esse é um desejo, e a prática da realização desse desejo me foi impulsionada pela Soma. É claro que isso trouxe consequências, mas me mantenho disposto a encará-las a ter que viver trocando máscaras como se combinasse peças de roupa. A possibilidade de rever um pouco da trajetória pessoal, receber críticas sobre ela, também me trouxeram mudanças de comportamento ao ponto de desejar retroceder com mudanças incorporadas pelo cotidiano. Não sei se posso ver isso como nostalgia, mas pra mim, tem sido positivo. A maior vantagem, com certeza, conhecer melhor o outro, e enxergar nesse outro uma verdade, uma transparência que não conseguimos ver em pessoas as vezes tão próximas, isso me deixou mais tranquilo pra seguir sendo quem sou com menos medo e, principalmente, com menos culpa.”
(Entrevista com R)

O grupo do Rio de Janeiro durou mais tempo que os demais pelo fato dele ter sido composto por mais pessoas, o que torna maior o período das cadeiras quentes. Nesta fase, cada sessão de três horas é dedicada a um membro do grupo. Também realizamos, como já foi dito, três maratonas de campo, ao contrário dos demais grupos que tiveram apenas uma viagem. Dessa forma, o período completo de duração do grupo chegou a 18 meses.

Na etapa das cadeiras quentes, considerada a mais importante do processo da Soma, reunimos as principais ferramentas construídas ao longo da dinâmica de grupo. É ali que efetivamente ocorre a construção coletiva da Soma, pois todos apresentam ao “cadeirado” suas percepções sobre sua

participação no grupo. Atingimos na cadeira quente o real significado do que representa a *parrésia* no trabalho da Soma. A coragem da verdade é encarada por todos como um exercício de franqueza, que visa auxiliar o outro na confecção de sua autonomia. Segundo o relato de um membro do grupo:

“Um dos momentos mais difíceis para mim foi exercer a sinceridade junto ao outro. Somos ensinados a usar máscaras, que apesar de serem necessárias em alguns momentos, não conseguimos arrancá-las, sem automatizam. Mas acredito que o exercício de saber falar é o mesmo de saber ouvir. E nisso, tive um importante aprendizado. Hoje me vejo mais autêntico e franco com meus amigos, familiares e minha companheira. Este foi um grande desafio superado.” (Entrevista com M)

O fechamento deste grupo ocorreu após a última maratona de campo. Quando é realizada esta atividade, o principal objetivo é o promover uma espécie de fechamento do processo do grupo em seu conjunto. Assim, são avaliadas as características da dinâmica de grupo e a autogestão: as dificuldades durante o percurso, a evasão de pessoas, a unidade criada durante o processo até o final etc. É também debatido o que chamamos de *pós-Soma*, ou seja, como é que se dá daí por diante o manejo dos instrumentos colhidos no desenvolvimento da dinâmica autogestiva.

Recentemente o grupo de Soma do Rio de Janeiro voltou a se encontrar numa reunião chamada de *chão quente*. Trata-se de uma avaliação dos ganhos, das dificuldades e dos impasses vividos entre os membros do grupo um ano após o término do processo. Na prática, este é um trabalho pouco frequente de

ocorrer, pois necessita da articulação do grupo para promover o encontro de todos.

Geralmente, um ou mais membros iniciam as articulações para convocar todos os demais. Feito isso, alguém do grupo entra em contato com o somaterapeuta para pensar uma data e local para este encontro. Definida a data, nos reunimos para um trabalho de análise da dinâmica do grupo e do processo individual de cada um, através de debate, trocas de ideias e avaliação de vida. Todos apresentam uma síntese dos principais acontecimentos no período que compreende este encontro e o final do processo da Soma.

Como dissemos, é pouco frequente a ocorrência do chão quente, pois a maioria das pessoas que participam de um grupo perde o contato entre si quando acaba a Soma. Depois, porque exige que um ou mais integrantes tomem a iniciativa de encontrar e mobilizar todos para que o encontro ocorra. Nunca parte do somaterapeuta a iniciativa de propor o chão quente, pois entendemos que é um trabalho voltado para o grupo enquanto projeto coletivo e cabe a ele fomentar a reunião de todos.

Como o grupo do Rio de Janeiro teve ao longo dos últimos meses encontros, a viabilidade do chão quente foi mais fácil do que normalmente ocorre. Compareceram dez pessoas ao encontro, representando, portanto, quase todo o grupo. Reunidos na mesma sala onde trabalhamos nas sessões do grupo, fizemos uma análise crítica do processo de cada um. Dois temas

predominaram no chão quente deste grupo: dificuldades relativas à vivência das relações amoras e a questão da sobrevivência econômica dentro do capitalismo.

Como normalmente ocorre, buscamos uma ampliação da noção de autogestão para as demais esferas do cotidiano, especialmente nas relações amoras, familiares e de trabalho. A partir desta ótica, debatemos alguns destes conflitos trazidos para pensar como as questões afetivas e econômicas podem ser compreendidas através da visão libertária. Muitas vezes, as dificuldades das relações pessoais e suas práticas de poder, revelam mais que conflitos de ordem amorosa, por exemplo, mas também de ordem ética e política. O encontro do chão quente mostrou como, para algumas pessoas, a transformação de vida no plano emocional-psicológico, está intimamente atrelada a mudanças na ética de convivência social.

Neste caso observado, as dificuldades trazidas, especialmente no campo afetivo, representavam a manutenção de vínculos de dependência, sejam eles afetivos e/ou econômicos. Sabemos que as vicissitudes do amor e suas formulações são objetos de construção das pessoas envolvidas. Quando nos referimos a esta articulação entre questões emocionais e políticas, não estamos querendo reduzir tudo a uma análise simplista, mas mostrar como estas dimensões estão implicadas e fazem parte de um mesmo mecanismo.

Seguindo esta análise crítica, observamos que muitos dos impasses vividos ocorrem em função da manutenção de práticas de poder no cotidiano de nossas vidas. Porém, acreditamos que transformá-los é um empreendimento de

luta e construção por práticas libertárias e autogestivas para toda a vida. O chão quente representa um passo a mais nesta direção por meio de uma revisão crítica do processo de cada um.

Além do chão quente, que ocorreu durante a semana, o grupo decidiu estender o debate no fim de semana seguinte ao encontro. As pessoas que estiveram presentes ao chão quente, optaram por realizar uma maratona de campo, na Região de Visconde de Mauá – RJ. Neste encontro, ocorrido no fim de semana seguinte, não pude ir. Dessa forma, o grupo realizou o encontro de maneira autogestiva com o objetivo de ampliar o entendimento e significado da vivência libertária em suas vidas.

4.6 – Pontos convergentes e dissonantes observados

Como dissemos no início deste capítulo, a investigação nestes três grupos visam dar maior visibilidade ao trabalho que vem sendo realizado há quatro décadas pela Somaterapia. Neste período, foram milhares de pessoas que experimentaram os reveses da produção coletiva nos grupos de Soma, seus conflitos, impasses e descobertas. Podemos mesmo afirmar que foram estas pessoas que ajudaram a criar isto que chamamos de uma obra aberta: a Somaterapia.

Em praticamente todas as capitais brasileiras e em algumas cidades europeias, a Somaterpia realizou ou realiza algum grupo. Em determinados

momentos houve grande procura e em outros, a escassez de interesse. Na produção deste trabalho, foram dezenas de somaterapeutas, que associados a Roberto Freire, puderam levar adiante as propostas libertárias e liberalizantes da Soma.

Esta investigação de doutoramento, apesar de ter se concentrado nos grupos formados especialmente para servir de campo, traz também parte desta história e deste trajeto. A opção por realizar este estudo de caso em três grupos nos mostrou algumas evidências que buscamos agora destacar. Eles evidenciaram questões que normalmente surgem nos coletivos dos grupos de Soma.

Entre os pontos observados em nosso estudo de caso, destacamos a dificuldade no papel de liderança de maneira mais equilibrada entre todos. Apesar de termos notado nos grupos um ganho substancial no exercício da autonomia no plano individual, assumir a coordenação do coletivo nem sempre aconteceu na mesma dosagem entre todos. Para que ocorra efetivamente a liderança rotativa, faz-se necessário que cada um possa colocar-se em algum momento na condição de catalizador, assumindo para si uma posição de responsabilidade na relação com os outros membros. Como o papel de líder em um coletivo autogestivo não deve ser cristalizado, não interessa apenas exercer a liderança, mas poder respeitar e estimular o exercício de liderança do outro em algum momento. Assim, mesmo para os integrantes que tinham mais facilidade

no exercício da liderança, havia o desafio de “abrir espaço” para que outros pudessem ocupar.

Sabemos e já destacamos essa questão, que pode haver maior habilidade para o exercício da liderança em algumas pessoas. No entanto, as distorções causadas pelo enrijecimento de posturas no interior de um coletivo que busca o fazer coletivo, produz prejuízos concretos em seus objetivos. Apesar das dificuldades quanto ao equilíbrio entre lideranças, verificamos a permanente tentativa em minimizar ao máximo as relações entre quem lidera e quem é liderado. Mesmo aquelas pessoas que diziam não ser capazes em assumir uma postura de destaque, em algum momento o fizeram dentro de suas possibilidades.

Outra questão observada, diz respeito aos mecanismos de formulações de decisões coletivas. Foi notória a dificuldade inicial que muitos membros dos grupos demonstraram em resolver impasses através do diálogo e do consenso. O modelo de resolução nas sociabilidades hierarquizadas comumente utilizado é o de quem tem poder, determina o que deve ser feito. Em outras possibilidades, no máximo, encontramos o voto como resolução conflito. A partir da perspectiva libertária, investimos na tomada de decisão por meio do entendimento mútuo e do consenso.

Se em um primeiro instante parece difícil (notar o incômodo inicial de muitos nas marcações de datas, por exemplo), este é um aspecto que observamos ser superado com certa rapidez. Mesmo quando chegamos ao

período final do processo, no qual a dinâmica de grupo tende a estar mais coesa, ocorrem momentos em que o consenso é difícil. Mas na maioria das vezes, os membros dos grupos estiveram empenhados em chegar a saídas coletivas. Foi comum percebermos o comprometimento de todos em elaborar saídas que rompessem com a presença de um pensamento mais intransigente.

Destacamos mais um elemento comum nos grupos investigados: a procura em estender para a vida cotidiana os ganhos proporcionados pelas práticas associativas libertárias. Como vimos, a compreensão da autogestão e sua vivência no cotidiano de cada um, foi bem distinta entre os membros dos três grupos investigados. Enquanto em Barcelona esta prática era conhecida por muitos dos participantes, nos grupo de Lisboa e especialmente no Rio de Janeiro, poucos tinham contato mais direto com tal conceito e sua abrangência. No entanto, o que observamos foi a intensa união ao trabalho colaborativo nas três dinâmicas trabalhadas.

Notamos que havia um genuíno interesse em pensar novas formas de estar junto ao outro, rompendo para isso as formas tradicionais de convivência e produção. Muitos dos relatos em leituras e que também aparecem nos questionários, revelam a sensação de saturação com a burocracia, com as relações de comando e com a lógica de que “a vida é assim mesmo”. Nos grupos investigados, reforçamos a observação que temos feitos em todos estes anos de trabalho com a Somaterapia, de que a busca por uma vida libertária é

algo presente e cada vez maior entre as pessoas que buscam construir novas formas de existência.

Para criar espaços e instantes de liberdade, as chamadas heterotopias como já foram mencionadas, há que haver prudência, sabedoria e “jogo de cintura”. Este foi também um tema que esteve junto com o debate sobre a autogestão e sua extensão ao cotidiano. Saber conviver com as diversas malhas de poder, que estão presentes nos mais diferentes espaços da sociedade, é um empreendimento que ocorre por longos períodos de vida. Portanto, os ganhos pedagógicos adquiridos na Soma, através da convivência em grupo e no fazer coletivo, caminham juntos com a elaboração de estratégias capazes de facilitar o uso destes proveitos, mesmo diante de realidades hierarquizadas e autoritárias. Não há a ingenuidade de que a construção de formas de existir libertárias será algo dado ou facilmente aceito por outrem.

Uma peculiar forma de identificar estes resultados é a demonstração de prazer que normalmente surge na vivência dos grupos. Observamos nas experiências realizadas a clara expressão, surgida entre os participantes, quando os grupos chegavam a acordos mútuos ou quando a convivência era pautada pela liberdade em estar juntos e formularem questões coletivas. Isto nos mostra a potência que as práticas de liberdade possuem e seus efeitos sobre a vida das pessoas. Foram muitos os relatos, sejam nas leituras, nos e-mails trocados ou nas respostas ao questionário de como era bom e prazeroso fazer parte daquele tipo de proposta de trabalho.

Não temos dúvidas de que esta satisfação está especialmente relacionada ao fato de haver uma convivência sem chefias, sem o esquema de que um manda e o outro obedece. É no exercício da diferença e no respeito à diferença do outro que surgem encontros fascinantes como estes aqui relatados. Estes momentos eram especialmente notados nas maratonas de campo, pois ali as pessoas conviviam por mais tempo juntas. Como dissemos, nestas maratonas o exercício da autogestão se estende para a convivência, para a elaboração dos procedimentos da viagem, para as leituras etc., quase sempre havendo um ambiente respeitoso para cada um exercer sua singularidade.

Gostaríamos de destacar também a importante contribuição que os relatos dos questionários nos trouxeram. Graças às respostas que os integrantes dos grupos relataram, pudemos “ouvir” em suas próprias palavras a impressões sobre os impasses, conflitos e as formulações encontradas durante a vivência nas dinâmicas autogestivas. Mais que isso: eles nos apresentaram as questões de quem viveu por dentro a experiência de um coletivo, no qual foram criadas sociabilidades novas e superação de conflitos. Apesar de não termos recebido de volta todos os questionários enviados, acreditamos que os relatos trazidos foram suficientes.

São muitos os objetivos que a Somaterapia busca alcançar, especialmente relacionados ao aspecto emocional dos participantes. Por se tratar de um recorte da Soma no que se refere ao caráter coletivo de condução de seu processo, destacamos aqui os possíveis ganhos com relação aos

aspectos políticos e sociais oriundos das práticas autogestivas. Naturalmente, estes estão relacionados aos mesmos efeitos emocionais, mas que foram aqui realçados para evidenciar, nas dinâmicas dos grupos investigados, suas características e descobertas pelos participantes.

Conclusão

Escrever a conclusão de uma tese de doutoramento significa o fim de uma trajetória, que inevitavelmente nos remete também ao seu início. Seria como o fechamento de um ciclo, momento privilegiado para a reflexão e análise crítica de um percurso. É também o momento de confrontar as hipóteses inicialmente formuladas com os resultados encontrados na pesquisa de campo. Afirmá-las e reafirmá-las, e até mesmo negá-las de acordo com tais resultados.

Fizemos questão em afirmar, em algumas passagens deste trabalho, a ideia de pensar a Somaterapia como uma obra aberta, algo que está em permanente construção sem jamais se esgotar. Acreditamos que sua prática não teria como ser diferente, afinal as transformações que indivíduos e sociedade passam é constante. Se a Soma surgiu durante a ditadura civil-militar no Brasil da década de 1960, hoje, passados mais de quarenta anos de sua criação, ela continua atenta aos desdobramentos das práticas de poder e seus refinamentos. Sua metodologia e as referências teóricas que a sustentam, buscam acompanhar as análises de nosso tempo.

Dessa forma, qualquer conclusão de um estudo de caso sobre a Soma - que leve em consideração sua característica como obra aberta - seria leviana se ficássemos presos a uma ideia de algo finalizado e acabado. De certo, sabemos que esta conclusão não se refere à Somaterapia como um todo, mas a um recorte de sua prática, notadamente sua proposta de uma dinâmica de grupo em

autogestão. O que apenas queremos deixar claro é que, mesmo em se tratando de um recorte, ele não é definitivo. As conclusões que buscamos trazer aqui são relativas não apenas a este estudo, mas também ao momento histórico em que ele foi realizado, como nos colocamos enquanto investigador e nossa trajetória de vida, assim como as trajetórias e singularidades dos atores envolvidos na investigação.

Caracterizamos neste trabalho os grupos da Somaterapia como laboratórios sociais, que procuram instigar a reflexão crítica sobre o comportamento das pessoas e os mecanismos implicados na associação junto ao outro. Eles também fomentam a disposição em criar espaços de liberdade, que possam se estender ao cotidiano como condição ética e política que possibilite um modo de vida libertário. Para isso, é necessário a cada instante, no dia a dia, que cada um possa confrontar suas atitudes e suas práticas. Enfim, que tenhamos condições de nos confrontar com o que pensamos e afirmamos. Como também o que fazemos de nós mesmo e o que nos tornamos com isso. Este é um empreendimento radical para evitar a manutenção das práticas de dominação, por acreditarmos serem elas as principais responsáveis pelo adoecimento pessoal e social.

A Soma torna-se assim, um processo que investe na experimentação de práticas associativas que formulem sociabilidades antiautoritárias. Experimentar a modificação de atitudes políticas engendradas no comportamento dos indivíduos, para que se possa investir em um novo modo de vida, um novo *éthos*. Isto significa também estar empenhado na elaboração de uma estética da

existência, tal como mencionamos a partir da obra de Michel Foucault (2004). Dar à própria vida um sentido estético é uma condição ética para colocar-se no mundo de forma singular, contra toda massificação alimentada por uma política de rebanho. Para isso, elaborar o próprio estilo é dar um sentido sublime e elegante à própria vida, que possibilite confeccionarmos nossa própria estátua, *nossa escultura de si*.

Entretanto, sabemos e afirmamos isso ao longo do trabalho, que esta é uma tarefa para toda a vida. Ela não deve estar circunscrita ao período de duração de um grupo de Soma. O desafio maior é justamente manejar o conjunto de instrumentos que cada indivíduo recebeu ao longo do processo do grupo e aplicá-los no cotidiano, a fim de construir suas rotas e cartografias, segundo suas próprias perspectivas. Esta seria uma das principais funções da Somaterapia: estimular o exercício da autonomia justamente na medida em que cada um segue seus próprios passos, segundo suas possibilidades e escolhas. Estão aí colocadas as dimensões ética-política (exercício da autonomia) e psicológica (singularização e capacidade de escolhas) presentes no projeto pedagógico-terapêutico da Somaterapia.

Como defendiam os anarquistas desde o século XIX, este empreendimento, que num primeiro momento é solitário, necessita do outro para criar sociabilidades que ampliem a liberdade de cada um. Estamos diante, portanto, do desafio de promover encontros que não apenas nos possibilitem o exercício da autonomia individual, como também criem um sentido coletivo ao tema da liberdade. Em nosso estudo de caso, os grupos de Soma procuraram

trabalhar a noção de liberdade nesta direção, quando o exercício da diferença da cada um se constitui justamente na articulação com a diferença do outro, para então criar unidades na diversidade. Assim, a busca por uma ética libertária está na articulação permanente entre o *eu* e o *outro*, que possibilite a construção de uma bela individualidade praticada no exercício da vida cotidiana.

No início deste trabalho mencionamos dois conceitos que apontam para a criação de espaços de liberdade no tempo presente: a heterotopia foucaultiana e a T.A.Z., na obra de Hakim Bey. Estas formas de pensar espaços e/ou situações de autonomia, cada uma a sua maneira, nos pareceu vantajosa para refletir coletivos tais como os grupos de Somaterapia. São a partir da criação de espaços, nos quais a utopia se faça atual, que podemos justamente exercer a ampliar o sentido de autonomia que temos defendido ao longo deste trabalho. O processo de cada pessoa que integrou os grupos investigados continua na tentativa de criar lugares e circunstâncias, no cotidiano e no aqui e agora, para poder ampliar série de liberdades. Seguindo a perspectiva da análise serial de Proudhon, acreditamos na liberdade como um movimento incessante que nunca se esgota, seguindo um devir na imanência.

No entanto, ampliar esta série libertária para outros espaços temporários e transitórios, mesmo diante de uma sociedade heterogestora, é uma articulação tão singular como cada existência. E como tal, um caminho que não pode ser ensinado, traçado *a priori* ou delegado. Mas, se estamos munidos de instrumentos que facilitem estes percursos, certamente a sua elaboração torna-se mais consistente. É aí que a experiência dos grupos de Soma pôde auxiliar,

na medida em que neles foram experimentadas invenções de associação e relação junto ao outro. Este sentido pedagógico do processo de um grupo foi o aprendizado empírico de conviver e produzir junto, coletivamente, rompendo hierarquias e lideranças fixas. Todos foram implicados na confecção de um projeto de duração finita, que teve entre outros ganhos, a possibilidade de estender estas práticas associativas para outras relações.

Dito isto, as conclusões que podemos destacar neste estudo de caso não deixam de ser semelhantes ao que temos observado nestes anos de atividade com a Somaterapia. Elas refletem o sinuoso percurso, absolutamente singular para cada um, na invenção de um certo tipo de vida: a vida libertária. Os dados encontrados nos grupos realizados em Barcelona, Lisboa e Rio de Janeiro refletem, portanto, suas experiências nas dinâmicas autogestivas, circunscritas em um determinado tempo e espaço, e que tendem a reverberar na vida de cada membro por um período tanto quanto possível para cada um.

Dentre estes dados observados, destacamos a intensa adesão ao projeto de confeccionar coletivamente a produção da Somaterapia. Observamos nas experiências realizadas, ampla curiosidade e mesmo forte interesse entre os participantes dos grupos, em estabelecer uma forma de associação junto ao outro, que rompesse com os padrões heterogestores normalmente em vigor. Como já mostramos, esta nova forma de produzir, fruto das propostas de produção autogestivas, tem relação com a fragmentação das hierarquias, com a ideia de que não há uma única liderança e que todos podem compartilhar das decisões. Consideramos relevantes estes elementos, pois são efetivamente

possibilidades distintas aos procedimentos normalmente utilizados em diferentes níveis da organização social. Notamos que eles tornaram-se instrumentos eficazes na confecção de sociabilidades que lutaram contra as práticas de dominação, quando estas vinham a surgir nos comportamentos de alguns membros.

Na elaboração destas práticas associativas, percebemos também um especial interesse na conscientização de cada um ali dentro. As dinâmicas investigadas nos mostraram a tentativa dos atores presentes em investir na sua própria autorregulação, como condição de criar a autogestão entre todos. Esta autorregulação, que nos parece, inclusive, uma prática de cuidado de si, é a responsável por implicar cada individualidade no conjunto do coletivo.

Os grupos investigados tornaram-se espaços nos quais cada um se voltou para sua própria conduta: como estamos conduzindo nossa existência? Quais as atitudes que os outros companheiros percebem e nos auxiliam nesta observação? Como podemos estabelecer novos arranjos na interação com o outro? E como entender isto ao nosso dia a dia? Estas questões foram exaustivamente debatidas nos grupos, até que fossem modificadas nas possibilidades e interesses de cada um.

Assim, a partir de nossas hipóteses teóricas, comprovamos que os espaços dos grupos vivificados na dinâmica autogestiva favoreceram seus membros a se constituírem de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação e de liberdade. Eles também produziram rupturas com posturas de

assujeitamento, típicas das relações hierarquizadas e autoritárias. É comum, e apontamos isto na descrição do estudo de caso, surgirem nos grupos pessoas mais tímidas, inibidas e mesmo submissas. Estas características de comportamento normalmente se revelam no plano social, cristalizando papéis nos diferentes espaços da hierarquia social. Nos coletivos da Somaterapia tais características foram observadas e transformadas. Da mesma forma, vimos surgir posturas autoritárias, intransigentes e arrogantes. Estas também foram apontadas nas dinâmicas e da mesma forma reconfiguradas.

A disposição em se tornar uma pessoa afirmativa diante do mundo, que não aceite e nem exerça o poder sobre o outro e que seja capaz de construir suas rotas singulares na existência é um investimento que atravessa a dimensão psicológica, até atingir a esfera ética-política. É o esforço para se afirmar a liberdade, conjugá-la nos espaços sociais em que se vive, com as pessoas que se convive, para enfim dar à sua própria experiência de vida uma certa forma na qual possamos ser reconhecidos como únicos. Este projeto e sua elaboração, dentro dos grupos de Somaterapia, fez parte justamente da proposta autogestiva. Foi ali que todos perceberam seus saldos autoritários e foram desafiados a elaborar novas práticas associativas que visaram combater tais posturas.

Dessa forma, a capacidade que os grupos de Soma - funcionando como laboratórios sociais - tiveram em evidenciar as práticas de poder foi também a mesma capacidade em produzir redimensionamentos. Ao propormos que os coletivos formados para esta investigação desenvolvessem um processo, no

qual as lideranças deveriam ser rotativas e que todos estivessem empenhados na confecção do projeto, os mecanismos autoritários de cada um se tornaram mais evidentes e manifestos. Para que a autogestão de fato acontecesse, foi necessário que cada um investisse em posturas criativas e flexíveis. Neste espaço de experimentação psicossocial, notamos cada um foi levado a fazer a revisão crítica de seus mecanismos de poder, para então, criar e formular novas atitudes que mostravam concretamente posturas diferentes e menos autoritárias.

Como já observamos, em cada grupo as mudanças não ocorreram de maneira homogênea entre todos os membros. Para alguns participantes, seus mecanismos foram rapidamente identificados e transformados; para outros, isto ocorreu depois de acabado o processo e em alguns casos isso certamente levará bastante tempo ou nunca ocorra. A experiência da Soma não pretendeu impor um modo de vida libertário, mas procurou estimular àqueles que desejavam uma vida em expansão, ter instrumentos necessários para isso.

Por fim, nosso estudo de caso nos mostrou a pertinência da autogestão para o desenvolvimento do processo da Somaterapia. Ela é o principal agente de transformação psicossocial nos grupos, pois cria o real significado libertário que a Soma propõe para sua confecção. A dinâmica de grupo autogestiva também é responsável pelos ganhos que a Soma proporciona quando acaba o processo, já que os participantes descobrem no trabalho coletivo estratégias e manejos de convivência social. Neste sentido pedagógico, a dinâmica autogestiva proporciona a cada um, saber se posicionar diante do outro, saber ouvir e respeitar diferenças, saber exercer a liderança em algum momento,

assim como a chegar em acordos mútuos diante de impasses. Portanto, é a partir do entendimento da autogestão que de fato a qualidade e os resultados da Somaterapia se constituem. Na Soma, não é o somaterapeuta que produz o processo terapêutico, ele é apenas quem induz a formação da dinâmica do grupo e, esta sim, é que produz a terapia.

Nosso estudo de caso evidencia ainda a urgência em criar espaços que possibilitem romper com mecanismos de poder presentes nas mais diversas esferas de nosso cotidiano. Voltar-se para a micropolítica como forma de perceber e transformar os mecanismos de dominação nos planos mais moleculares da existência: no amor, na organização familiar etc., até expandir esta análise para a escola, o trabalho e a sociedade como um todo.

Nesta análise crítica do poder, o que a proposta libertária nos apresentou foi a possibilidade de uma vida anárquica agora, ao nosso redor, entre as pessoas que convivemos. Não é preciso que a sociedade se transforme para que cada um mude o sentido de sua existência. E é isso que nosso estudo nos indica: é possível e indispensável lutar por uma vida não fascista neste instante e nos mais distintos ambientes.

O anarquismo presente na Soma e em sua dinâmica de grupo não é uma fuga para o paraíso, porém uma busca corajosa, dura e arriscada de romper na vida humana o que seria hoje o oposto da liberdade. Construir instantes de libertarismos é tão necessário quanto urgente, na tentativa de resistir aos mecanismos de controle e dominação que vigoram hegemonicamente.

As práticas de liberdade oriundas da autogestão nos alertaram sobre esta emergência em formularmos novos caminhos de produção e convivência social. Na potência de suas propostas associativas, está colocada lado a lado a anarquia no presente, a ética apoiada na estética e uma política afirmativa. Elementos, enfim, que possam compor uma vida pujante no aqui e agora.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ADLER, P. A. & ADLER, P. Observational techniques. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (orgs.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage Editions, 1994.
- ALBUQUERQUE JR., Durval M; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ANGROSINO, M. V. & PÉREZ, K. A. M. Rethinking observation: from method to context. In: DENZIN, N. K. & Pp. 673-702. Y.S. (orgs.). *Handbook of Qualitative Research*. Londres: Sage Publications, 2000.
- BAKUNIN, Mikhail. *Império Knuto-Germânico*. Citado em Daniel Guérin (org.). *Textos Anarquistas*. Porto Alegre: LP&M, 2002.
- BELL, Judith. *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. Milton Keynes, England: Open University Press, 1989.
- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad Editora, 2011.
- _____. *Caos: Terrorismos e outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad Editora, 2003.
- BOOKCHIN, Murray. *Ecologia Social e outros ensaios*. Tradução de Mauro José Cavalcante. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- _____. *Textos Dispersos*. Lisboa: SOCIUS, 1998.
- BRANDÃO, Loyola. Apresentação ao livro *Eu é um outro*. Salvador: Maianga, 2002.

BUARQUE, Chico. *Chico na Revista Poramdubas - Revista do TUCA* – São Paulo, 1980.

CAIAFFO, Stéfani. *Cartogramas de um Terapeuta Anárquico*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

CÂMARA, Marcus Vinícius de A. *Reich – Grupos e Sociedade*. São Paulo: Annablume Editora, 2009.

CASTELO BRANCO, Guilherme & VASCONCELLOS, Jorge. *Arte, Vida e Política: ensaios sobre Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Edições LCV/SR3/UERJ, 2010.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CHATÊLET, François. *História da Filosofia – Ideias, Doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

C.N.T., Arquivos da. *“A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários”*. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 1999.

COIMBRA, Cecília. *Guardiões da Ordem – Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COOPER, David. *Psiquiatria e Antipsiquiatria*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1967.

DAY, Richard. *Gramsci is Dead: Anarchist Currents in the Newest Social Movements*. London: Pluto Press, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

- _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DESLANDES, S. F. Trabalho de campo: construção de dados qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G. & SOUZA, E. R. (orgs.). *Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- DESLANDES, S. F. & ASSIS, S. G. Abordagem quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S. & DESLANDES, S. F. (orgs.). *Caminhos do Conhecimento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- DUMOULIÉ, C. *A capoeira, uma filosofia do corpo*. http://www.revuesilene.com/images/30/extrait_67.pdf, s/d. Acessado em 10 de janeiro de 2011.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FADIMAN, James & FRAGER, Robert. *Personalidade e Crescimento Pessoal*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FERREIRA, José Maria Carvalho. *Roberto Freire: anarquia aqui-e-agora*. Artigo publicado na Revista Verve: São Paulo, 2007.
- _____. *Roberto Freire: uma história de amor e anarquia*. Artigo publicado na Revista Utopia. Lisboa: Associação Cultural A Vida, 2008.

FERREIRA, José Maria Carvalho, NEVES, José & CAETANO, António. *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: Escolar Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

_____. *O uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *História da Sexualidade – Vol. I – A vontade do saber*. Rio de Janeiro, 1988.

_____. *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

_____. *On the Genealogy of ethics: an overview of work in progress*, In: Paul Rabinow (org.) *The Foucault Reader*: 1983.

_____. *Anti-Édipo: Uma introdução á vida não fascista*. Prefácio à edição americana do Anti-Édipo. New York: Viking Press, 1977.

_____. *Outros espaços. Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Coleção Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Dits et écrits - 1954-1988. Vol. III, 1976-1979*. Paris: Gallimard, 1994a.

_____. *Dits et écrits - 1954-1988. Vol. IV, 1980-1988*. Paris: Gallimard, 1994b.

_____. *Do Governo dos Vivos – Curso no Collège de France, 1979-1980*. Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

_____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FREIRE, Roberto. *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!*. São Paulo: Global, 1977.

_____. *Utopia e paixão*. São Paulo: Trigramma, 1991.

_____. *A Farsa Ecológica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.

_____. *Histórias Curtas e Grossas - Vol. 1 e Vol. 2*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

_____. *Os Cúmplices – Vol. 1*. São Paulo: Sol & Chuva, 1995.

_____. *Os Cúmplices – Vol. 2*. São Paulo: Sol & Chuva, 1996.

_____. *Soma – Uma terapia anarquista – Vol. 1 – A alma é o corpo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. *Soma – Uma terapia anarquista – Vol. 2 – A arma é o corpo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

_____. *Um Anarquista do Cotidiano*. Entrevista para o Jornal Diário de Pernambuco. Recife, 1992.

_____. *Tesudos de todo o mundo: uni-vos!*. São Paulo: Siciliano, 1995.

_____. *Liv e Tatziu: uma história de amor incestuoso*. São Paulo: Globo, 1999.

_____. *O Divã Anarquista*. Entrevista para a Revista IstoÉ. São Paulo, 1995.

_____. *Cleo & Daniel*. São Paulo: Sol & Chuva, 1995.

_____. *Coiole*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

_____. *Ame e dê vexame*. São Paulo: Trigramma, 2000.

_____. *Sem tesão não há solução*. São Paulo: Trigramma, 2000.

_____. *Eu é um outro*. Salvador: Maianga, 2002.

_____. *Amar sin Verguenza*. Barcelona: Ediciones Urgentes, 2004.

- _____. *Sin Tesao no hay Solución*. Barcelona: Ediciones Urgente, 2004.
- FREIRE, Roberto & MATA, João da. *Soma - uma terapia anarquista – Vol. 3 - corpo a corpo*. São Paulo: Sol e Chuva, 1996.
- _____. *Soma - terapia libertaria*. Barcelona: Ediciones Urgentes, 2004.
- FREIRE, Roberto; MATA, João da; GOIA, Jorge & SCHROEDER, Vera. *O Tesão Pela Vida*. São Paulo: Francis, 2006.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-estar da Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- _____. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- GUILLERM, Alain & BOURDET, Yvon. *Autogestão: Uma mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- GUIMARÃES, Carmelinda. Seminário de Dramaturgia: uma avaliação 17 anos depois. In: *Dionysos*. Especial: Teatro de Arena. Rio de Janeiro: MEC/DAC-Funarte/SNT - nº 24, 1978.
- HADOT, Pierre. *O Que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HANNA, Thomas. *Corpos em Revolta: a evolução-revolução do homem do século XX em direção à Cultura Somática do século XXI*. Rio de Janeiro: Edições MM, 1972.
- HIGGINS, Mary & RAFHAEL, Chester. *Reich fala de Freud*. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

- HIRATA, Helena. Transferência de tecnologia de gestão: o caso dos sistemas participativos. In: SOARES, R. M. (org.). *Automação e Competitividade*. Brasília: IPEA, 1990.
- HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. São Paulo: Editora Martins, 1991.
- HOMEM DE MELLO, Zuza. *A Era dos Festivais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- YIN, Robert K. - *Case Study Research - Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1989.
- LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso da Sevidão Voluntária*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LATNER, Joel. Gestalt-terapia segundo Joel Latner. In: *Viva eu, Viva tu, Viva o rabo do Tatu*. São Paulo: Edições Símbolo, 1977.
- JOYEUX, Maurice. *Autogestão, Gestão Operária, Gestão Direta*. Lisboa: A Batalha, 1975.
- _____. JOYEUX, Maurice. *Reflexões sobre a anarquia*. São Paulo: Imaginário, 1999.
- JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- LOWEN, Alexander. *O Corpo em Terapia: A abordagem bioenergética*. São Paulo: Editora Summus, 1977.
- KIRK, G. S., RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

- KROPOTKINE, Piotr A. *A Moral Anarquista*. Lisboa: Edições Sílabo, 2009.
- _____. *A Conquista do Pão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- _____. *El Apoyo Mutuo – Um Factor de La Evolucion*. Madrid: Ediciones Tierra y Libertad, 1948.
- MAY, Todd. *The Political Philosophy of Poststructuralist Anarchism*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1994.
- MAYAN, M. J. *An introduction to qualitative methods: a training module for students and professionals*. Edmonton: Universidade of Alberta, 2001.
- MARIOTTI, Humberto. *Gregory Bateson: um célebro privilegiado*. <http://www.geocities.com/pluriversu/gregory.html>. 1999. Acessado em 05 de maio de 2011.
- MATA, João da. *Soma, capoeira angola e anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- MICHEL, Louise. *A Comuna 1*. Lisboa: Editorial Presença, 1971.
- MINAYO, Maria Cecília de S. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- MORENO, Diogo G. *Lembranças da Liberdade*. In: Revista Prazer e Anarquia. São Paulo, 1996.
- NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- NEWMAN, Saul. *From Bakunin to Lacan, Anti-Authoritarianism and the Dislocation of Power*. Lanham MD: Lexington Books, 2001.

_____. *Anarquismo e a Política do Ressentimento*. In: Verve - Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol. – Vol. 8. São Paulo, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Para Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ONFRAY, Michel. *A Arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A Potência de Existir*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *A Escultura de Si: a moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. *A Política do Rebelde: tratado de resistência e insubmissão*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *O Ventre dos Filósofos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. *A Razão Gulosa: Filosofia do Gosto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. *Teoria do Corpo Amoroso – Para uma erótica solar*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, 2001.

_____. *Traité d'athéologie - Physique de la métaphysique*. Paris: éd. Grasset, 2005.

_____. *Féeries anatomiques - Généalogie du corps faustien*. Paris: éd. Grasset, 2003.

OKSALA, Johanna. *Como ler Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.

ORWELL, George. *Homenagem à Catalunha*. Lisboa: Livros do Brasil. s/d.

PASSETTI, Edson. *Éticas dos Amigos – Invenções libertárias da vida*. São Paulo: Imaginário/Capes, 2003.

_____. *Anarquismos e Sociedade de Controle*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

_____. *Pensamento libertário, terrorismo e tolerância*. In: SOCIUS Working Papers. <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200702.pdf>. Acessado em 10 de maio de 2012. Lisboa, 2007.

PELBART, Piter P. *Vida Capital – Ensaios de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PIMENTA, Silvia. *O pensamento da imanência ou a filosofia como terapia*. In: *Ethica – Cadernos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1994.

PLATÃO. *Fedon - Diálogo Sobre A Alma e Morte de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RAMALHO, S. A. “*Psicologia de massa do fascismo: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico*.” Dissertação de Mestrado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. *A Função do Orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Escute, Zé Ninguém!* São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Psicologia de Massa do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Selected Writings*. New York: Noonday Press, 1961.

_____. *A Biopatía do Câncer*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *O Éter, Deus e o Diabo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- _____. *Origens da Moral Sexual*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- _____. *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTILLAN, Diego A. *Organismo Econômico da Revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Rosa Cruz. *Heterotopias menores: delirando a vida como obra de arte*. In: Revista Mnemosine, Vol. 7, Nº 01. Rio de Janeiro, 2011.
- SIMÕES, Gustavo F. *Roberto Freire: Tesão e Anarquia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2011.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.
- SOUZA, M. Ricardo de. *Os Caminhos da Anarquia*. Lisboa: Letra Livre, 2011.
- SOUZA, E. R., MINAYO, M. C. S., DESLANDES, S. F. & VEIGA, J. P. C. Construção de instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G. & SOUZA, E. R. (orgs.). *Avaliação por Triangulação de Métodos: Abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.
- STIRNER, Max. *O Único e a sua Propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004.
- THIOLLENT, Michel. *Maio de 1968 – Testemunho de um estudante*. In: Tempo Social. Ver. Social/USP. São Paulo: 1998.
- TOLSTOI, Leon; GOLDMAN, Emma. *A insubmissão e o indivíduo, a sociedade e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 1998.
- TRINDADE, Francisco. *Proudhon Revisitado – Repensar o Federalismo*. Lisboa: Universitária Editora, 2001.

- VENZA, Cláudio. *O Curto Verão da Catalunha*. In: Verve - Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol. – Vol. 10. São Paulo, 2006.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN, J. H. & JACSON, D. D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, s/d.

ANEXOS

1 – Guião de perguntas para questionário aplicado na investigação

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO DE SOMATERAPIA/AUTOGESTÃO.

- As respostas devem contar com até 15 linhas cada uma delas.
- Identifique-se com nome, nacionalidade, idade e atividade que está envolvido atualmente. Estas informações **não** irão constar no texto, é mais para que possa situar-me na investigação.
- Quando for citado algum comentário, usarei alguma forma para zelar pela privacidade de cada pessoa. Por exemplo: Entrevistado A: refere ter conhecido a Soma em 20yy, por intermédio de fffff...Assim, a privacidade de cada membro do grupo será garantida.
- As questões levantadas dizem respeito apenas ao processo da dinâmica do grupo e não a da terapia de cada um.

QUESTÕES:

- 1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?
- 2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?
- 3- O que você entende por um processo autogestionário?
- 4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?
- 5- Quais as dificuldades encontradas?
- 6- Quais as mudanças observadas?
- 7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?
- 8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

- 9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referenciais sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?
- 10-Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

2- As respostas que nos foram enviadas pelos membros dos grupos.

Entrevistado A

- 1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Conheci a Soma através de uma “publicação” no mural do facebook da Belinda, integrante de meu grupo de Soma até o final, participando nesta segunda vez como assistente, figura (o assistente) que considerei fundamental em todo o processo, uma vez que ela conseguiu, sem nunca desviar o próximo passo, nos manter sempre numa boa linha evolutiva, e novamente se submetendo ao processo de maneira intensa.

Exatamente o que me atraiu ao processo não sei precisar mas, com certeza a minha particular Curiosidade por tudo me levou a querer olhar mais de perto, até mesmo pelo convite fotográfico que contava com os pés de participantes em círculo como se estivessem se reverenciando ou mesmo dialogando como numa assembléia, só que de pés... nada mais curioso pra quem trabalha de terno e sapatos fechados as vezes por 14 horas num dia.

- 2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Não sei se posso exatamente opinar de forma comparativa entre a terapia individual e a em grupo, uma vez não ter feito uma terapia individual, então, por

experiência de vida trago as vantagens e desvantagens (se é que as encontrei) na terapia em grupo.

Salvando da memória as palavras do João em nosso workshop de entrada á Soma, juntando com a literatura sobre a Soma que obtive acesso durante o processo, vejo que o conceito de micro sociedade que se forma no grupo é um fator sensacional. Na minha visão, temos ali reunidas pessoas que dificilmente se reuniriam na vida, quanto mais com a “obrigação” (ou oportunidade) de se expor e poder opinar mesmo na vida do outro. Isso torna o ambiente eclético e ao mesmo tempo excitante por novas descobertas... as vezes, a vontade de cutucar o companheiro nasce da vontade de querer ser cutucado, sem as amarras da vida onde hierarquias profissionais e formalidades sociais nos impedem de ouvir e dizer a verdade.

Neste conceito, o grupo, justamente por sê-lo, invariavelmente apresenta muita informação variada sobre o outro, nos colocando tão próximos e as vezes tão distantes, tão iguais a ao mesmo tempo tão diferentes. As desvantagens, bem, você sói me deixou 15 linhas.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Entendo, baseado no processo, e não na etimologia (sem esquecê-la), de que o grupo será o condutor principal de onde e até onde se chegará com o processo, mesmo havendo um terapeuta (gestor um), o grupo tomará a proporção e dimensão que ele mesmo for capaz de tomar.

Há na verdade o risco de se perder a oportunidade terapêutica de se mergulhar mais profundamente em cada indivíduo, o que, de fato, não senti no meu grupo pela sorte de ter uma excelente assistente e pessoas de boa formação intelectual, curiosos e inquietos com cada passo de suas vidas isto, é claro, somou para que não se perdesse praticamente nada a cada encontro não dirigido pelo terapeuta, os chamados grupões foram, além de essenciais para o aprofundamento das relações, sempre muito produtivos. Fomos até onde conseguimos ir.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Tendo como base o meu conceito de autogestão, acredito que nosso grupo possuiu vários tipos de autogestão, exemplificar seria mais complicado sob o risco de se esbarrar no todo mas, com certeza os grupões foram o exemplo maior, lembradas as observações que fiz acima.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Vi dificuldades em expor, com mais sinceridade e menos cordialidade as relações dissonantes no grupo. Especificamente em nosso grupo, destacando e comparando a primeira com a segunda Mauá, percebe-se que as células dissonantes dificultavam a libertação de muitos dentro do grupo, no entanto, como tivemos a oportunidade de rever isso dentro do próprio grupo, destacamos como um ponto positivo, afinal de contas estávamos numa terapia de grupo e não num encontro pastoral.

Particularmente, vejo que ainda vou precisar aprender um pouco mais a pisar neste terreno, ou seja, o saber lidar com os duplos vínculos nas relações sociais por que, mesmo dentro de um grupo onde essa oportunidade era aberta, há sempre a dificuldade de se opor verdadeiramente, apesar de estar certo ou achar que está certo.

6- Quais as mudanças observadas?

Observo uma coragem maior para tentar ser mais único, ter uma face mais única sem maquilagens trocadas a cada empreitada social.

De fato esse é um desejo, e a prática da realização desse desejo me foi impulsionada pela Soma.

É claro que isso trouxe conseqüências mas, me mantenho disposto a encará-las a ter que viver trocando máscaras como se combinasse peças de roupa.

A possibilidade de rever um pouco da trajetória pessoal, receber críticas sobre ela, também me trouxeram mudanças de comportamento ao ponto de desejar

retroceder com mudanças incorporadas pelo cotidiano... não sei se posso ver isso como nostalgia mas, pra mim, tem sido positivo.

A maior vantagem, com certeza, conhecer melhor o outro, e enxergar nesse outro uma verdade, uma transparência que não conseguimos ver em pessoas as vezes tão próximas, isso me deixou mais tranquilo pra seguir sendo quem sou com menos medo e, principalmente, com menos culpa.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Acho que já tratei um pouco disso em respostas anteriores, seguindo, posso acrescentar a oportunidade de se desviar da rota inicial a partir da deliberação autogestionária, ou melhor, encontrar, individual ou coletivamente, um melhor caminho a partir do que reverbera durante o processo.

A oportunidade de se aplicar (ou tentar) isto na vida é uma referência positiva da autogestão. Como levar isso para dentro do contexto social de cada um é desafiador mas imaginar que podemos sim encontrar bons conselhos de alguém hierarquicamente inferior na sua profissão, ou o contrário... ter a certeza de que seu pai pode sim tirar excelentes lições daquele que antes aprendia é uma característica trazida pela autogestão... Acho que isso é o inverso do que vivemos socialmente, aqui, na soma, na autogestão, seria como se todos tivessem vez.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

A oportunidade que nos é dada (autogestão) de encontrar caminhos e enfrentar questões fora do tempo planejado.

Quando me refiro a planejamento, trato da capacidade que temos de carregar nossas gestalts como companheiras da vida. A Soma, em curto espaço de tempo, impõe questões e por razões variadas, tais como compromisso com o

grupo, orgulho, vontade de se superar perante o outro, oportunidade de encarar determinadas questões, vergonha, somos “obrigados” a, no mínimo, vê-las de mais perto.

Acho que isso é original a partir do princípio que a Autogestão e a condução do grupo pela proposta da Soma e do terapeuta não passa, nem de perto pela Auto-ajuda, ou seja, via de regra não se passa a mão na cabeça.

A que se destacar também o fato de o terapeuta também estar envolvido pessoalmente na terapia, a oportunidade de tê-lo como mais um integrante, a medida que também passa pelas cadeiras e vivências em Mauá e grupos marrons, sem dúvida é original e, na minha opinião extremamente válido.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Definitivamente me coloquei até com exemplos na resposta da questão 07 sobre a utilização da autogestão em minha vida.

Mas, percorrendo mais um pouco, levaria a autogestão (ou tentaria levar) para a condução individual de decisões em minha vida que não afetariam ou dependeriam de outras pessoas, ou seja, como gerir minhas decisões a partir do momento que a oportunidade de decidir cabe a mim sem reflexo.

Acho que aqui me refiro a capacidade de diminuir os medos que nos impedem, muitas vezes de avançar rumo ao novo, certo ou errado, não importa, apenas novo, Um exemplo, olha quanta coisa bacana e produtiva em vivi apenas por dar oportunidade à uma assembléia de pés.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Minhas críticas baseiam-se no poder, isto porque eu mesmo já me deparei com o poder trazido pela oportunidade de se autogerir.

A dificuldade de se manter íntegro não só com os outros ou perante os outros, mas íntegro com os pensamentos que foram capazes de lhe trazer esse poder.

As mudanças que senti na minha vida quando percebi que a autogestão era uma realidade me trouxeram desconfortos variados, inclusive com mudanças de comportamento e até de personalidade.

A crítica maior seria justamente a falta de limites que a autogestão social pode trazer. Nesse ponto a autogestão em grupo seria muito mais segura uma vez que o colegiado geraria a base para a autogestão individual, deixando claro que isso não inviabiliza a capacidade de tomar decisões individuais, muito pelo contrário, como disse, se todos temos vez, acho que passamos a nos sentir um pouco mais autoconfiantes e a vantagem da autoconfiança seguiria acompanhada da gratidão de ter sido conquistada na autogestão em grupo.

Tentando aplicar isto nas relações sociais, acho que teríamos indivíduos prontos a autogerir, exercendo poder, sem deixar de pensar no que irá reverberar ao coletivo.

Entrevistado L

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?
Eu conheci SOMA através de um evento de homenagem a Roberto Freire que ocorreu na UERJ em 2004. O que me atraiu foram o viés anarquista da terapia. Eu já havia lido alguns livros sobre a anarquia e o assunto me chamava muito a atenção.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?
Na terapia de grupo nós temos um retorno imediato de como nos comportamos socialmente devido ao feedback de todos os participantes, por isso conseguimos rapidamente uma fotografia dos aspectos gerais de nossos problemas. Ao mesmo tempo temos a oportunidade, como em um laboratório, de colocar em

prática novas atitudes no convívio com o grupo. Já na terapia individual o retorno sobre nossos comportamentos são muito mais lentos.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Um processo em que os envolvidos participam ativamente das tomadas de decisão dividem os lucros e compartilham os prejuízos.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Sim, eu percebi o processo de auto-gestão nas organizações das viagens e na marcação das datas. Porém o processo de pagamento das mensalidades e a estrutura das sessões condizem com o modelo clássico de prestação de serviços.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Tive dificuldades em acompanhar as aulas de capoeira e integrá-las ao processo terapêutico.

6- Quais as mudanças observadas?

Desenvolvi minhas aptidões sociais consideravelmente além de possuir em mãos um diagnóstico bem abrangente sobre meus problemas. Enquanto estudante de psicologia tive uma melhora significativa na minha “escuta”.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

O que ficou mais marcado pra mim foi a ênfase na importância da Auto-regulação. Ou seja, na importância da visão de cada um sobre seu próprio destino. A formação de um coletivo não passa apenas pela escuta do outro de uma maneira horizontal, mas sobretudo na valorização da liberdade individual. Na sociedade as relações tendem ser autoritárias reproduzindo nos outros o autoritarismo que sofreram. Quem não entra nesse jogo é taxado de hígênuo.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

A defesa sem constrangimentos de uma ideologia que é o anarquismo e uma concepção de vida que inclui a luta constante pela liberdade pessoal e conseqüentemente pela liberdade das pessoas de seu círculo social.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Acredito plenamente que sim. É muito possível incorporar a Auto-regulação, a luta pela liberdade e noção estética como ética na minha vida.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

No domínio macro, um sistema que preze pela auto-gestão só seria possível se todos os membros possuíssem um nível mínimo de auto-regulação. Se levarmos em conta nossa sociedade, cujo modelo de “educação” produz escravos submissos e disciplinados, provavelmente o sistema não iria pra frente.

Entrevistado M

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Indicação de um grande amigo meu, o fato da terapia ser em grupo me atraiu.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Lidar com grupos. Isso traz toda uma série de vantagens e desvantagens: Sublinho como vantagem o fato de ter uma experiência em grupo e sentir todos os efeitos como integrante do grupo, mas sem perder a minha individualidade; como desvantagem é o fato de não haver uma atenção individual a um membro do grupo em dificuldades, seja de relacionamento com o grupo em si

(pessoalmente senti isso, pois possuo uma dificuldade de relacionamento com grupos) ou algo exterior ao grupo.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Capacidade de gestão do grupo, sem uma liderança clara e fixa. Baseada no consenso e não na votação; a mesma não cria padrões, adapta-se às necessidades do grupo, sejam elas momentâneas ou não.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Em vários momentos: Na marcação dos horários das seções e dos grupões, na organização “logística” das maratonas de campo, nas decisões se algum membro deveria ficar ou não no grupo, entre outras.

5- Quais as dificuldades encontradas?

O grupo é composto de pessoas; pessoas possuem necessidades, prioridades e atividades diferentes. Difícil conciliar tudo isso, especialmente no final da terapia, onde todos estavam tocando suas vidas, de acordo com as suas prioridades.

6- Quais as mudanças observadas?

O grupo que se iniciou como um grupo de terapia se transformou em um grupo de amigos, que se encontram até hoje mesmo depois da terapia ter acabado.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Não há hierarquia definida, não há papéis definidos. Tudo se adapta de acordo com as necessidades e recursos (pessoas presentes) no grupo.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

A Somaterapia não traz fórmulas prontas, ela leva em conta o momento presente e a relação das pessoas com o meio social que vivem, seja ele família, trabalho ou relacionamento afetivo.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Para família e relacionamentos entre amigos ou amantes: Sim eu acredito; para o trabalho: Não, pois as hierarquias e pactos de mediocridades reinantes nesse ambiente dificultam o processo.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Acho difícil de colocar em prática nos ambientes altamente hierarquizados. Também é inviável em grupos muito grandes.

Entrevistado A

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Conheci a Soma por meio de folders e cartazes que encontrei na rua, cerca de cinco anos antes de fazer o primeiro contato. Em 2010, decidi mudar a abordagem de psicoterapia que eu fazia (psicanálise), e me lembrei da Somaterapia. Entrei no *site* e vi que um grupo estava iniciando o processo. Tive uma primeira conversa com o terapeuta, que me emprestou um livro introdutório. Interessei-me pelo viés político, especialmente pela proposta de enfrentamento dos mecanismos opressores da sociedade (em contraste com a proposta de adaptação que eu via na psicanálise), e também pela ênfase no trabalho corporal, para além da elaboração intelectual.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Desde o início, senti que a troca de experiências propiciada pela terapia em grupo demonstra que, por mais plural que o conjunto possa ser, há questões muito semelhantes entre todos os membros. Estas questões (neuroses), me parece, decorrerem da experiência de viver em sociedades complexas e repressoras. Do ponto de vista terapêutico, achei que o trabalho em grupo aprofunda menos algumas discussões específicas, tendendo a um olhar menos acurado sobre cada participante. Por outro lado, é justamente isso que evita certo vício das terapias tradicionais, o “egocentrismo”. A terapia em grupo é ainda, no geral, mais desafiadora porque nos induz a agir de forma mais ativa para ser ouvido e, ao mesmo tempo, convida a nos abirmos para aprender com a experiência alheia.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Entendo por autogestão uma forma mais dinâmica, horizontal e libertária de relacionamento do que as tradicionais. Um processo autogestionário seria a construção de sínteses mínimas que permitam aos indivíduos expandirem seus potenciais.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

A autogestão se manifestou num chamamento à participação de todos no processo, no limite da possibilidade de cada um. E também em momentos críticos envolvendo membros discrepantes ou menos comprometidos. Algo significativo foi a decisão de manter os encontros regulares mesmo após o encerramento do processo terapêutico. Entretanto, talvez pelas próprias características do grupo, o objetivo principal foi sempre terapêutico, e não houve desdobramentos “macropolíticos” como a formação de uma associação, um coletivo, a formulação de um projeto ou algo assim.

5- Quais as dificuldades encontradas?

A pluralidade – social, profissional, etária etc. – em alguns momentos fez o processo seguir um ritmo mais lento do que eu gostaria, justamente porque

tivemos que passar parte de nosso tempo buscando maneiras de construir consensos mínimos. Os interesses e as expectativas de cada um nem sempre se afinavam com os dos outros. No fim das contas, tivemos a saída voluntária de seis participantes que se sentiam menos identificados ou interessados no processo.

6- Quais as mudanças observadas?

Os que ficaram até o fim tivemos que exercitar o tempo todo a tolerância e a generosidade. Aprendemos a colocar em xeque as nossas próprias convicções/visões de mundo. Por isso, chegamos ao fim do processo muito mais coesos.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

A sociabilidade baseada nos princípios autogestivos, no contexto da Somaterapia, demonstrou dar mais ênfase ao olhar de cada indivíduo, em detrimento de possíveis coerções. Na sociedade, em geral, a vivência se dá de forma mais autoritária e massificante. Ao fim e ao cabo, enquanto uma favorece a criatividade, a outra enfatiza a necessidade de ajustamento. Considero a primeira muito mais humanista.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

Não tenho conhecimento o suficiente de psicologia social, mas acredito que a Somaterapia incorpore mais a dimensão política do que outras similares.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

O exercício da sinceridade e da crítica, o instigar-se contínuo a deixar a zona de conforto, e a associação em torno de objetivos comuns com respeito à

individualidade, são alguns referenciais que acredito serem importantes para além do processo iniciado na Somaterapia.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Sempre me pareceu que esse tipo de gestão funciona apenas em grupos pequenos e com um mínimo de afinidade prévia. Alguém com formação política ou humanista muito rarefeita, por exemplo, provavelmente não terá o mesmo aproveitamento dentro do processo do que uma pessoa que venha das ciências humanas, sociais ou das artes.

Entrevistado B

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Conheci através de um namorado, que havia conhecido através dos livros do Roberto Freire, mas o que me atraiu a realizar a Soma e a saber mais sobre ela foram os livros do RF (Sem Tesão não há Solução, Ame e dê Vexame), o site e o livro da Soma que explica todo o processo (que baixei pelo site).

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Eu já havia feito uma terapia individual, quando recebi alta deste processo terapêutico (psicoterapia), ele me recomendou uma terapia em grupo, que na época eu achava impossível, por pura timidez. Acho mais difícil uma terapia em grupo, porém mais profundo e mais rápido o processo. Já na terapia individual acho mais fácil a relação consigo mesma, com o terapeuta e com a terapia também. No meu caso, a terapia individual não tinha exercícios corporais, se tivesse, teria sido mais profunda, acredito. O detrimento talvez seja somente o tempo, se for um grupo grande, o tempo é curto para todos, pode-se perder um estímulo que necessite de um tempo maior.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Aonde há consciência de suas necessidades individuais, das conseqüências de seus atos, da percepção do outro ... um processo em que a consciência e a atenção estão sempre presentes, envolve responsabilidade, a visão deve ser sempre adiante.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Sim, em diversos momentos, conforme íamos nos conhecendo melhor (a nós mesmos e aos outros), íamos adquirindo esta consciência, responsabilidade e atenção; assim, esse processo de autogestão ia crescendo e se tornando presente cada vez mais, até durante as sessões, através de opiniões, de participações nos exercícios, nos feedbacks, além dos grupões e das viagens.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Do grupo: marcações de datas e horários, envolvimento dos participantes e do terapeuta em alguns momentos.

Minhas: no próprio processo terapêutico – timidez, medo, falta de percepção.

6- Quais as mudanças observadas?

No meu processo terapêutico: adquiri maior consciência sobre minhas necessidades, sobre o funcionamento do mundo, a política, sobre meus limites e minhas neuroses.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Honestidade e verdade; planejamento e ação; participação de todos e liderança e movimento. Os papéis vão ajustando e alternando – acho que esta é a principal diferença das nossas relações sociais. Nos é exigido a mesma postura sempre e somos rotulados ao assumir determinado comportamento. A segunda

diferença é a honestidade e verdade – é difícil ser honesto e verdadeiro sem que as pessoas se magoem ou te julguem. Às vezes penso até que as pessoas preferem as mentiras. Participação de todos é fundamental para o planejamento, a ação e a liderança, se relacionam, andam juntas essas três características, mas, muitas vezes nas relações sociais não há espaço para esta participação, então a autogestão se perde.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

O prazo pré-estabelecido de duração da terapia, as viagens com exercícios na natureza, a praticidade do pensamento, os exercícios corporais, a consciência, a percepção interna e externa.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Sim, em todos os campos, com mais ou menos sucesso, mas, em todos os campos: profissional, familiar, de relações com amigos, no meu dia-a-dia.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Não é um processo ensinado e nem vivido nas escolas, principalmente. Em algumas famílias, não é vivido nem em casa.

Entrevistado P

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Conheci por meio de um livro do Roberto Freire, o "Coioite", que ganhei de presente de uma ex-namorada, a Vanessa. Procurei pelo Roberto na internet, encontrei o site da soma e vi que ele tinha criado uma terapia. Conversei com o João (você) algum tempo depois.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Vantagens: a diferença das experiências e pontos de vista; a troca de percepções e críticas; a possibilidade de realização de exercícios coletivos; para mim, especificamente, estar em um coletivo em uma relação de horizontalidade é bastante difícil por si só; Desvantagens: dificuldade em aprofundar questões individuais (percebo que isso não acontece em todos os casos com a mesma intensidade, mas acontece em alguns casos); dificuldades inerentes à auto gestão (marcação de datas, organização das viagens etc).

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Muita coisa. Mas vou dar uma ênfase na questão da decisão, porque me pareceu um dos pontos críticos na Soma. Processo autogestionário, nesse caso, seriam processos de decisão onde as diferenças são, não apenas respeitadas, mais valorizadas como potencial produtivo. Ou seja, não são reduzidas por alguém em posição de autoridade, mas se fortalecem mutuamente, criando decisões (e análises, conclusões etc) do grupo de uma qualidade melhor do que aquelas tomadas individualmente ou em processo mais hierarquizado. Um ponto crítico para que isso aconteça, na minha visão, é uma certa forma de organizar esse processo: é imprescindível que haja uma "coordenação colaborativa".

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Sim, nas decisões sobre as datas e os grupões, nos debates sobre a convivência do grupo, na organização das sessões em Mauá.

5- Quais as dificuldades encontradas?

As tensões entre diferentes perspectivas sobre o que seria um processo ideal e um grupo de soma ideal; as diferenças entre os objetivos, preferências e possibilidades dos participantes; a formação de grupos dentro do grupo quando isso dificultava a comunicação entre todos

6- Quais as mudanças observadas?

O trabalho se tornou mais produtivo, na medida em que as tensões ficaram mais explícitas e, ao mesmo, os participantes decidiram analisá-las afim de continuar o processo. Isso aconteceu também quando alguns participantes resolveram abrir mão do seu posicionamento.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Acredito que o principal ponto é a postura com relação as relações de poder: no dia a dia predominam relações autoritárias; nos processos do autogestão, embora o poder exista (sempre) e a autoridade não seja eliminada, ela é analisada, visando relações de mais liberdade.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

A síntese de ideias com potencial libertário (Reich, gestalt terapia, antipsiquiatria, anarquismo); o trabalho corporal bem coerente com a proposta geral; o processo de grupo bastante intenso; a posição do terapeuta como um "coordenador-mediador com visão crítica"

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Com certeza: isso já vem acontecendo no trabalho e na construção de redes profissionais baseadas na criação coletiva; nos meus projetos artísticos (na forma pelo qual penso e coordenado a produção de um álbum com vários artistas, por exemplo); nas minhas relações mais próximas (namoro, amigos, família etc, na qual venho tentando estabelecer relações com uma comunicação mais aberta) etc

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Algumas situações e decisões tratadas coletivamente (aquelas que mais importam e afetam os participantes) são difíceis, às vezes dolorosas; o consenso sem imposição é um processo para o qual não temos normalmente muitos recursos, porque não é isso é que aprendemos em nossa educação, em nossa cultura, e pode resultar em confusão, indecisão (embora isso tenha acontecido pouquíssimas vezes na Soma). Participar de relações autogestionárias exige uma disponibilidade e uma habilidade individuais que não são comuns em nossa sociedade atual.

Entrevistado P

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?
Conheci através de vários amigos e pessoas que tinham feito parte. Por fazer parte da vida universitária da PUC, a figura de Roberto Freire me era conhecida por cartazes e debates. O que me atraiu foi a perspectiva de entrar em um processo de auto-conhecimento a partir de analistas múltiplos e iguais e de minha própria experiência. O relato da experiência da cadeira quente também chamou minha atenção.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?
Talvez menos tempo para entrar na suas questões, de forma mais aprofundada. A qualidade dos depoimentos também pode ter sido mais baixa uma vez que, mesmo com uma relação de confiança solidamente estabelecida, alguns conteúdos são mais difíceis de aparecer coletivamente que numa sessão um a um, de espírito mais confidencial.

3- O que você entende por um processo autogestionário?
Um processo sem hierarquias, no qual os membros se auto organizam e distribuem as funções e responsabilidades entre si, sem a presença de qualquer tipo de “autoridade”.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Definitivamente. No processo terapêutico, apesar da presença do terapeuta, os membros do grupo conduziam boa parte das sessões com seus depoimentos, indagações e afirmações, organizando encontros e tentando ativamente ouvir e emitir posicionamentos sobre as posturas dos demais membros no grupo e em seus cotidianos.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Às vezes aparecia um desânimo, os membros não conseguiam acertar seus horários individuais com os horários coletivamente estabelecidos. Os encontros sem o terapeuta costumavam ser mais esvaziados e constantemente precisávamos ser “tutelados” para fazer os grupões acontecerem.

6- Quais as mudanças observadas?

Em que? Em quem? A partir de onde?

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Difícil precisar, tendo em vista que levamos muita coisa do nosso ambiente pessoal, da nossa formação humana, dos nossos problemas e egoísmos pra dentro da Somaterapia. A sociabilidade, no entanto, manifestou-se em nosso grupo de forma franca e carinhosa. Expusemos nossas críticas ao outro, ouvimos, cultivamos respeito e cuidado. Me é difícil apontar um momento em que essa sociabilidade libertária tenha sido contrariada por qualquer membro do grupo.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

Um processo terapêutico participativo e autogestionário, em que o caminhar dos terapeutizados é conduzido coletivamente. A desconstrução da figura do

terapeuta, associada com a desconstrução da psiquiatria e da psicologia padrões, sem data pra terminar. Apresentou um processo que utilizava mais do que palavras pra lidar com as questões e neuroses de cada um, associada à uma ciência coletiva das opressões sociais, familiares, políticos e autoritários como fonte de boa parte das neuroses.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Sim, sem dúvida. Acho que é uma metodologia que poderia ser aplicada em qualquer campo da minha vida, na minha relações familiares, de trabalho, políticas, afetivas.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Ainda são, no geral, um sonho distante.

Entrevistado E

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Conheci a Soma através dos Livros do Roberto Freire.

O que me levou a procurar a Somaterapia foi a dificuldade que sentia, à época, de me comunicar, e o sentimento de criatividade travada. Além de me interessar muito pelo Anarquismo, a necessidade de discuti-lo com outras pessoas.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Num primeiro momento a idéia de abrir muito da minha vida para um grupo foi vista como desvantagem em relação á terapia tradicional. Essa dificuldade levou algum tempo para ser superada, mas se mostrou reveladora no decorrer do processo. Então considero que a confiança e a troca real das experiências

tenham sido um grande ganho, uma grande vantagem em relação a uma terapia na qual eu só me relacionaria com o Terapeuta.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Um processo no qual, essencialmente, não se precise de um comando na tomada de ação, porque capazes de tomar decisões que levem à melhor situação de vida. Entendo como o verdadeiro exercício da liberdade e da consciência de si, uma liberdade que não é limitada de acordo com os limites da autoridade e capaz de possibilitar clareza e respeito na relação com o outro.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Sim, nas atividades de campo isso ficava muito claro pra mim. Mesmo seguindo as orientações do Terapeuta para realizar as atividades tudo era discutido desde a saída da cidade até a hora de voltar. Havia um esforço individual para estar integrado e, concomitantemente, a ajuda mútua para a realização dos desafios propostos.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Primeiramente a entrega ao processo. Ver meus medos claramente e perceber a necessidade de mudança. O olhar e opinião dos outros sobre meu respeito também se mostraram uma dificuldade, mas menor do que a minha própria percepção sobre minhas “máscaras”.

6- Quais as mudanças observadas?

A principal mudança foi assumir minha vida profissional, entregar-me a História que sempre foi minha grande paixão. Outra mudança, que venho percebendo mais, é assumir minha vida independente, não atribuir uma responsabilidade total sobre meus familiares devido a sentimentos como saudade e distância.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

A principal característica seria a afirmação de posicionamentos e a capacidade de conviver com as diferenças. O normal em sociedade é a existência de um comando, parecendo que só se consegue agir mediante regras.

A reflexão e afirmação, assim como clareza do que queremos para nossa vida são atitudes que decorrem de um posicionamento no mundo e não apenas uma atitude de inércia, que delega ao outro questões fundamentais da própria vida.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

Não massifica, trabalha com a diferença fazendo com que cada um se veja como único no campo social e capaz de ser criativo justamente por essa diferença.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referenciais sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Acredito. Na minha casa, por exemplo, no convívio familiar, nas relações que estabeleço com meus amigos que passaram a ser mais sinceras e não comandadas apenas pelo sentimento de “consideração”, “dever”, etc. Posicionar-me nas situações em que me vejo pressionada, quando sinto que estão fazendo barganha em relação ao amor que sinto e possam sentir por mim. Tento observar também quando estou fazendo esse jogo.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Acho que pelo processo de massificação das relações, pelo constante poder exercido em todos os níveis, desde o familiar (com seu esquema patriarcal) até o econômico, trabalho, todos... as pessoas possuem uma enorme dificuldade em entender a autogestão. O que observo em casa, por exemplo, é que as pessoas preferem uma regra a tomar uma atitude. Não imponho regras e passando por várias fases (desde as mais desesperadas) comecei a expor a situação da forma mais clara possível, exprimindo minha raiva se assim for necessário, mas não

como atitude que violenta o outro, mas de revolta diante de situações em que estou sendo claramente prejudicada. Fazer com que o outro possa conhecer meu ponto de vista e assim dar a oportunidade de encontrarmos uma solução consciente.

Entrevistado G

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

G: Conheci a Somaterapia por meio de um amigo do colégio, o André Montilha. O que me atraiu a realizar o processo foi o fato da terapia ser em grupo e por ser também corporal.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

G: Na minha opinião as vantagens da terapia em grupo são compartilhar angústias, emoções, vivências e vitórias, ter um feedback de várias pessoas ao invés de uma só (terapeuta) e perceber que muitas vezes algo que eu sinto ou tenho receio muitas outras pessoas também têm, o que acaba distorcendo um pouco nossas neuroses. Já como desvantagem posso citar um menor aprofundamento das questões de cada um, por falta de tempo, e às vezes por falta de sentir-se à vontade de se expor tanto para todo um grupo.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

G: Entendo que em um processo autogestionário o grande responsável pelo desenvolvimento de um processo, por sua gestão/organização, é aquele que se coloca no processo, seja ele individual ou em grupo.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

G: Houve autogestão nos momentos de decisão sobre transporte para as maratonas de campo, aonde e quando fazer os encontros do grupo (grupões) e

ainda dentro dos grupões o que levantar para discussão e aprofundar dentro dos processos terapêuticos.

5- Quais as dificuldades encontradas?

G: Acredito que houve dificuldade de concordância entre os participantes algumas vezes, por que cada um tem uma rotina distinta. Também houve falta de empenho da maioria dos participantes em fazer a autogestão, deixando muitas vezes nas mãos de uma pessoa denominada “A responsável” as responsabilidades.

6- Quais as mudanças observadas?

G: Ao longo do processo acredito que houve maior envolvimento por parte de todos, e mais cuidado com a autogestão. Um ponto importante foi não ter um assistente já desde antes do meio do processo, nos obrigando a ser mais autogestionários.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

G: As principais características de uma sociabilidade autogestiva é a valorização da individualidade de cada um, sem assumir relações de dominação sobre os outros, sem chantagear para conseguir o que quer, tendo como principal referência a ética do anarquismo. As relações que normalmente são travadas em nossas vidas, em família e em relações de amor, costumam ser baseadas em autoritarismos, poder sobre o outro e de chantagens emocionais.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

G: A Somaterapia me apresentou substancialmente a gestalt-terapia, o estudo da antipsiquiatria atrelado ao conceito do duplo vínculo.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referenciais sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

G: Acredito que esta passagem para os outros campos acontece sim e que já incorporei estes referenciais para minha prática cotidiana. Minha relação com meus pais mudou um pouco, pois hoje em dia coloco muito mais minhas opiniões, busco um espaço para opinar, divergir, dialogar. Hoje em dia reclamo menos e tento fazer mais também, pois sei que depender dos outros não adianta e é um método fácil de continuar com a bunda sentada na cadeira, sem fazer o que precisa ser feito.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

G: ____

Entrevistado P

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?
Conheci através da internet, nomeadamente, através de um email que o Luis enviou para o fórum de “ecoaldeias” do qual faço parte.

O que me atraiu foi, por um lado, a ideologia libertária mas inteligente na luta contra o autoritarismo que sustenta as neuroses (gostei muito de ver o site www.somaterapia.com.br) e, por outro lado, a fase crítica em termos pessoais (de saúde física, emocional, psíquica) que estou passando. Também me inspirou muito o próprio João da Mata pela sua postura serena, inteligente, carismática, mas afirmativa.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Não é certo para mim que a terapia em grupo seja melhor que a terapia individual ou vice-versa. Acho que ambas são importantes e complementares. Fiz Biodanza durante vários anos e que é uma prática grupal (com o objectivo de reabilitação existencial e que depois pode então conduzir a pessoa a melhores condições de vida), no entanto, entendo hoje que uma prática individual é também importante para realizar uma integração pessoal do trabalho grupal (e também porque garante mais autonomia e independência própria) – como a meditação, a dança, exercícios de relaxamento ou até mesmo o Chi Kung (mas aqui cada pessoa busca a técnica que melhor se adequa à sua originalidade própria).

No fundo, a terapia grupal possibilita despoletar situações sociais que depois permite agregar o “feedback” do grupo sobre o comportamento de cada um em relação a essas situações. A terapia individual serve de momento individual reflexivo (para ganhar clareza e discernimento próprios sobre essa experiência grupal) e, também, como técnica de mobilização (recarga) energética (tal como em grupo isso também acontece, embora de forma diferente e em outros níveis).

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Entendo como um processo onde há um apelo à participação activa de todas as pessoas e onde são evitadas as cadeias hierárquicas de dominação / submissão. A comunicação e, em especial, o diálogo, tomam um papel preponderante, onde todos são mobilizados a intrevirem activamente num processo construtivo (e onde todos se podem fazer escutar). No entanto, neste processo, vejo como fundamental a auto-regulação espontânea do grupo no sentido de gerir os “padrões emocionais bloqueadores” que condicionam o avanço dos projectos.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Sim, gostei bastante quando o grupo buscava marcar as datas das maratonas de fim-de-semana e as datas das “cadeiras quentes”. Havia a possibilidade de todos participarem e de se chegar a um consenso. Ainda assim, foi necessário o João servir de moderador para acelerar ou dar melhor seguimento ao processo.

5- Quais as dificuldades encontradas?

Geralmente, apareceu sempre algumas pessoas que depois não podiam estar presentes nas datas combinadas e procuravam alterar as datas através de uma combinação por email (internet). Isso gerou alguma confusão e, por vezes, ficava já difícil saber quais eram as datas finais para as “cadeiras quentes”. Felizmente, o grupo auto-regulou-se rápido e o Rui acabou por enviar um email com as datas finais.

Este aspecto também me mostrou com clareza sobre a necessidade de ter uma agenda e de maior rigor (clareza) na organização do trabalho.

6- Quais as mudanças observadas?

Quando a gente se sente parte do processo, a gente se sente mais motivado e entusiasmado. Como diria o Roberto Freire, há mais tesão. Passamos de uma figura passiva, alienada de si e do mundo, do estilo “qualquer coisa serve” ou “para mim está tudo bem”, para uma personagem activa, interveniente, participativa e que sabe expressar-se (e que perde o medo ou inibição de o fazer).

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

No fundo, o que referi acima parece-me importante: os princípios autogestivos mobilizam mais as pessoas para uma participação activa e isso gera mais motivação e entusiasmo. Abre-se também mais espaço para a criatividade e para a expressão e intervenção de cada um. O trabalho começa a ter mais significado e a ganhar maior interesse (ao contrário da apatia e desinteresse que

geralmente acabam por firmar-se nas rotinas de trabalho criadas em modelos com hierarquias autoritárias).

A burocracia, a rotina, a repetição monótona dos esquemas definidos superiormente acabam por condicionar bastante a criatividade, a inovação, a participação activa e regular e a maior proximidade entre as pessoas. Ao invés de trabalhos onde se trabalha separado e individualizado, a autogestão puxa mais à interacção entre as pessoas (com claros benefícios a vários níveis: afectividade, sociabilidade, trabalho em equipa, espírito de grupo, o amigo puxa o amigo e o gerador “energético” amplifica-se em função desse “troca energética” entre as pessoas, menor o sentimento de isolamento, solidão ou até de escravidão).

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

A forma como liga as neuroses às estruturas autoritárias a que estamos geralmente submetidos (no trabalho, na família, etc) e, também, as formas de comunicação ambíguas (duplo vínculo).

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referenciais sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Sim, pode-se integrar esta experiência no campo profissional, nas actividades paralelas (actividades extra-profissionais) e também na área das relações familiares.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

A principal que queixo tem que ver com a responsabilidade do grupo em dar sequência a um objectivo. Noto geralmente que o pessoal gosta de “vida nocturna” mas que isso pode comprometer o trabalho em grupo. Por exemplo, se houver pessoas com uma regulação mais biológica (ou seja, seguindo mais o curso do nascer do sol e do pôr do sol para dormir), ou que

simplesmente busquem acompanhar o ritmo de trabalho da sociedade em que procuramos intervir activamente (que geralmente começa a trabalhar pelas 9h), seria interessante ver como isso poderia combinar-se com pessoas habituadas a uma vida mais nocturna.

Em suma, acho importante haver uma certa responsabilidade na autogestão (a tal “cobrança mínima” e também a “cobrança máxima”), pois pode colocar em causa todo o trabalho. Depois acho que é também importante haver alguém com mais maturidade e experiência (mais livre dos “padrões emocionais bloqueadores” que acima referi) que possa moderar (embora sem se apegar ao “posto”, para que possa haver uma “moderação circular”) e fazer avançar o grupo em situações de impasse.

Entrevistado P

1- Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?
Conocí la soma a través de un workshop que realizó el terapeuta en un centro social de Lisboa. Acudí porque un amigo me habló de él y me pareció interesante el hecho de hacer algunas dinámicas con más gente, y por el carácter “anarco-hedonista” de la soma.

El ejercicio me gustó, lo pasé genial haciendo juegos de confianza, riéndome, pero además detecté que la soma tenía que ser algo más profundo de lo que habíamos hecho, de modo que me entró mayor curiosidad y decidí formar parte del grupo.

Mi principal motivación fue la proximidad que le encontraba a la soma con la sociología, al hablar de las relaciones de poder en la sociedad y entre los individuos, y la idea de compartir y de vivir una microsociedad, de descubrirme a mí misma junto a otras personas que a priori tienen inquietudes parecidas a las mías. También de hacer algo diferente, de probarme en otros ámbitos relacionados con el trabajo del cuerpo.

2- Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

En primer lugar, creo que un grupo es mucho más divertido, puesto que es posible la interacción con más personas, no sólo con el terapeuta. Además, descubres que la convivencia con grupos humanos es compleja, que unas veces ocurre lo que esperas y otras no, que unas veces te sorprendes de la cantidad de maravillas que todo el conjunto humano podríamos hacer, como comunidad, y otras adviertes de la dificultad para convivir todos juntos en este mundo. Esto para mí es otro punto favorable a la terapia en grupo, que puede extrapolarse (advirtiendo las limitaciones de cada uno, y la dificultad de un grupo tan grande) a la vida cotidiana.

Dentro de un grupo, además, te encuentras muchas veces reflejado en el otro, pues normalmente si no coincides con uno lo haces con otro. Esto pienso que en su mayoría resulta beneficioso, puesto que, aunque no te guste lo que ves en el compañero o compañera (a menudo reflejo de lo que ves en ti), es constructivo para uno porque ayuda a elaborar una mejor autocrítica.

3- O que você entende por um processo autogestionário?

Entiendo por este todo proceso de organización absolutamente autónomo y autosuficiente en el interior de un grupo, en especial en cuanto a decisiones que este puede tomar, y que afectan a su estructura interna (material, ideológica). Así pues también comprende la capacidad de reflexión y de crítica de sus miembros, en el caso de un grupo humano, lo cual implica un contacto permanente, discusiones, puesta de objetivos en común, poder reciclarse si es necesario, etc.

4- Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

El grupo estuvo tomando decisiones constantemente; desde reajustar el calendario de los días que teníamos que reunirnos, o salir al campo, hasta en las

propias terapias respetar los turnos de palabra del compañero. Sí creo que la soma tuvo muchos momentos en que el grupo hubo de autogestionarse, pero en general, creo que la figura moderadora del terapeuta marcaba muy a menudo las pautas a seguir. Yo me sentí bastante libre durante todo el proceso, en el sentido de poder tomar decisiones sobre mi propia participación en la dinámica establecida por el somaterapeuta, y en el sentido de poder decidir(nos) todos los compañeros. En suma, a mi parecer en la soma, la línea que separa la participación de la decisión es muy difusa, pues se suelen dar al unísono.

Pero quizás el proceso autogestivo más fuerte lo tuvimos en la salida al campo. En Mora el grupo se vió inmerso en tareas y quehaceres cotidianos, en un espacio distinto al habitual; de la mañana hasta la noche compartíamos casi todo y nos veíamos. Supimos coordinar el tiempo dedicado a cada cosa, pero todo era soma; el paseo por el campo, las cenas, las siestas, preparar la comida. Quiero decir que la atmósfera del grupo nos acogía todo el tiempo, pero creo que con un sentimiento todavía más libre, de sentir que lo que hacíamos era lo que realmente queríamos hacer, de querer *estar*.

5- Quais as dificuldades encontradas?

No hay que olvidar que, aunque un grupo forme un todo, una entidad conjunta, un uno, está compuesto por diversos individuos que tienen ideas propias, sentimientos individuales que a veces conectan y otras veces no con el proceso que se gesta y/o se da en el grupo. Por tanto, a veces surgen dificultades para seguir la dinámica del grupo, hay días que no te encuentras preparado o que no estas tan receptivo. En la excursión al campo nos vimos cada uno de manera más transparente, al igual que en las cenas o encuentros fuera del espacio habitual (BOESG) donde nos reuníamos normalmente, por tanto conoces un poco más a fondo a la persona, amplias tu visión sobre ella. Aunque, considero que esto puede ser una dificultad por la complejidad del ser humano en sí, creo que también es una gran ventaja poder conocer a una persona en distintos ámbitos de su vida, y ayuda a reflexionar en una misma acerca del propio comportamiento en distintos escenarios de la vida cotidiana. En el campo surgió

un conflicto con un compañero que para mi ya estaba latente en la psique del grupo desde antes, pero se manifestó allí, en ese ámbito donde al parecer todos nos sentíamos más maduros y no dispuestos a soportar la cohibición de la libertad por parte de nadie; ya éramos más soma, el grupo casi tocaba su fin, y creo que todos teníamos más claro lo que queríamos, o, al menos, lo que no permitíamos que se nos hiciese. En fin, en definitiva, creo que lo más dificultoso que encontré fue esto: poder transmitir a un compañero que quieres, que lo que hace y/o dice no te gusta y te hace sentir mal; en segundo lugar que lo comprenda, aunque, yo aprendí que esto es secundario, pues no todo el mundo lo comprende a la primera, a veces hay personas que ni lo quieren ver.

6- Quais as mudanças observadas?

Al principio, como suele ser normal hasta que te conoces mejor, me parece que el grupo estaba más distante, era un poco más autómata en el sentido de acudir a la boesg, realizar los ejercicios y la terapia propuestos e irse a casa. Yo tenía una expectación, una gran curiosidad sobre qué sería esto de la soma en que me había metido, estaba por tanto, mucho más receptiva, atenta y despierta ante los discursos del terapeuta, ante el comportamiento de todos los demás y sobre lo que dentro de mí pasaba. Paulatinamente el grupo adquirió mucha más confianza, y creo que surgió una especie de “respaldo” de unos hacia otros, un cuidado, respeto, mucho cariño y amor. El grupo poco a poco se iba haciendo uno, creando una unidad. Así que, en líneas generales, los cambios más visibles del grupo fueron que fuimos adquiriendo mayor confianza entre todos, que cada día nos amábamos más ;-), aumentó la capacidad de autocrítica individual y grupal, y por tanto también los conflictos, algunas relaciones fuera del espacio habitual, etc.

Un cambio muy importante que he experimentado en mí es el de aprender a dejar, a abandonar. A mitad y final de todo el proceso, (y creo que esto es una dificultad encontrada) pensaba “dios mío, qué haré yo cuando acabe la soma!! Qué horror!!”. Lo que me dí cuenta más tarde, es que qué bien que acabase la soma, porque si no yo no podría poner en práctica nada! Y porque la vida no es

soma, es genial como herramienta para continuar aprendiendo y creciendo, pero no es la vida misma. Solo que, nuevamente volviendo al peso de muchos valores morales que impregnan nuestras mentes, es difícil deshacerte de los cuidados de un grupo que te acoge y te protege, donde los conflictos son fuertes pero también fáciles de redimir, y adoptar una postura libre y autosuficiente. Así que, para mí, esto lo conceptualizo como dificultad y como cambio.

7- Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

Para mí la autogestión es bastante difícil hoy en día, en tiempos donde no se fomenta en absoluto el pensamiento crítico, y en el cual los discursos que desde la burocracia y la empresa privada nos dirigen (*“planificate la vida chico! Aún no lo has intentado?”*, o *“decide por tí mismo, atrévete”*) no conectan en absoluto con una gran cantidad de población que no posee recursos (conocimiento, materiales, culturales) suficientes para dicha autogestión.

Sobretudo, creo que la elaboración de la teoría es difícil, pero la aplicación de la teoría a la práctica es más difícil todavía. De modo que en las relaciones sociales del día a día se mezclan muchos sentimientos y una dificultad añadida de no saber, en general todos, ser responsable de uno mismo y amar con autosuficiencia.

8- O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

Cabe decir que yo no había tenido ninguna experiencia ni individual ni colectiva con cualquier tipo de terapia psicológica institucionalizada. Pero, a mi parecer la soma es original por varios motivos: en primer lugar, por su carácter hedonista que reivindica el placer durante todo el proceso, porque yo creo que es totalmente compatible pasarlo bien y aprender y ser consciente de ello, de hecho, creo que es la mejor manera de llevar a cabo (en general) cualquier tipo de enseñanza. Además, normalmente no hay un diagnóstico final que te

encasilla como patológicamente “tal” –lo que sea-, sino que se realiza la silla caliente como una síntesis y reflexión de un proceso en el cual todos hemos aprendido, hemos visto cosas y las aportamos al otro. También me parece innovador el carácter moderador del terapeuta, al que también se le cuestionan las cosas y no se aceptan porque sí como una *tabula rasa*.

La psicología clásica se entiende, generalmente, como un proceso de sufrimiento, y quien lo lleva a cabo como un desviado. La soma te permite acercarte a un mundo donde observas que quién no es desviado en algún momento de su vida, y que el camino de aprendizaje consciente contra muchos de los valores autoritarios y represivos de este sistema puede resultar divertido y placentero.

9- A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referencias sociais para outros campos de sua vida? Por exemplo, quais?

Observo infinidad de aplicaciones en la vida cotidiana! En primer lugar, una mayor capacidad de autocrítica de uno mismo, de reflexión sobre el propio comportamiento, sobre los valores morales individuales que uno se propone en la vida, en especial para poder separarlos -si se quiere- de la ética moralizante de nuestra sociedad liberal y judeo-cristiana. En suma, mayor capacidad de decisión sobre lo que se quiere, lo que no se quiere, y sobre cómo se pretende conseguir teniendo en cuenta que vivimos mucha gente en este mundo, y que todos somos, a priori, igual de fantásticos y capaces. En segundo lugar, lo referente a los duplos vínculos. Parto de la base de que nuestra educación está plagada de ellos, por lo que se hace muy difícil tratar de erradicar la competitividad, el utilizar al otro por tus propios intereses, sobretudo, dejar al otro libre, en especial cuando lo amas. En la soma comprendí que el poder es magnífico pero peligroso, y amar es poder. Por tanto, hay que dirigir las energías, la agresividad, en pro de ofrecérselo al otro, de dárselo en lugar de restarle, y para ello es fundamental tener poder, amarse a uno mismo, lo cual es

posible mediante la autocrítica y la posibilidad de cambio y aceptación de uno mismo.

10- Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

A menudo se confunde autogestión con el hecho de que cada uno haga lo que le de la gana, es decir, se cae en un individualismo extremo, próximo al liberalismo, de un individuo que actúa por intereses meramente personales. Está claro que cada uno poseemos intereses particulares en la vida, pero la autogestión en grupo pasa por tener unos objetivos en común que muchas veces hay que acoplar de alguna manera a los individuales. En este sentido la crítica que yo veo hacia la autogestión existente hasta nuestros días es la de la dificultad para que un grupo y/o un individuo sea autónomo sin perder el respeto y la consideración hacia los demás. Esto pasa, no solo con un grupo numeroso de personas, también con una relación de pareja, de padres a hijos, con un amigo...

Entrevistado M

1 – Como conheceu a Somaterapia e o que atraiu a realizar este processo?

Eu conhecia vagamente o conceito de Somaterapia devido à leitura de alguns textos de Roberto Freire. Depois de ter assistido a uma sessão formal de apresentação da Somaterapia realizada por João da Mata em Lisboa decidi participar no processo. Primeiro porque, como pessoa, estava a atravessar um período bastante negativo na minha vida. Segundo porque, como anarquista, fui atraído pelo facto da Somaterapia ter sido criada e desenvolvida por anarquistas e apresentar uma visão libertária do processo terapêutico.

2 – Em sua opinião, quais as vantagens ou desvantagens que você observou em se fazer uma terapia em grupo em detrimento de uma terapia individual?

Eu nunca tinha feito qualquer tipo de terapia, colectiva ou individual, pelo que não posso comparar. No entanto, face às suas características (processo parcialmente autogerido, convivência entre os membros do grupo fora das sessões, exercícios corporais), penso que a Somaterapia será mais indicada para a terapia em grupo. Foi muito importante para mim ouvir o material terapêutico que os outros membros do grupo foram revelando ao longo das sessões e mesmo o que foram dizendo fora das sessões. Isto traduziu-se num certo enriquecimento do processo, o que não seria possível numa terapia individual. Por outro lado, penso que a terapia individualizada é propícia ao desenvolvimento de uma relação de dependência e dominação entre paciente e terapeuta, situação que, devido à minha forma de estar e de pensar, me desagrada profundamente. Assim sendo, penso que não seria capaz de fazer outro tipo de terapia.

3 – O que você entende por um processo autogestionário?

Um processo autogestionário é uma dinâmica em que as pessoas pensam e decidem por si, de uma maneira horizontal e participada, sem qualquer tipo de sujeição, obediência ou medo a qualquer forma de poder ou autoridade.

4 – Você observou se houve algum tipo de autogestão, em algum momento, na dinâmica de grupo que participou na Somaterapia?

Na minha opinião, o grupo revelou um elevado índice de autogestão nos grupões que se realizaram, bem como no fim-de-semana em Mora.

5 – Quais as dificuldades encontradas?

Há sempre alguém que tenta “impor” a sua visão das coisas, muitas vezes de forma inconsciente e pensando que é para o bem do grupo.

6 – Quais as mudanças observadas?

Em termos pessoais, a participação neste processo ajudou-me a alterar o ciclo de vida negativo em que me encontrava, sendo claro que a minha vida foi

melhorando bastante ao longo do desenrolar do processo. Em termos colectivos, penso que a qualidade do processo terapêutico foi melhorando ao longo do processo e que, com excepção de um ou dois casos, todas as pessoas do grupo colheram benefícios comportamentais e emocionais da sua participação.

7 – Quais as principais características e referências, segundo sua vivência na Somaterapia, de uma sociabilidade apoiada nos princípios autogestivos? Como eles se diferenciam das relações sociais que travamos normalmente na sociedade em que vivemos?

A diferença será abissal. É a diferença que vai entre uma sociedade libertária, solidária, baseada em princípios de entreaajuda, organizada de baixo para cima e onde conceitos e práticas como religião, racismo, lucro, dominação, ganância, autoritarismo, pura e simplesmente não existam. Ou seja, uma sociedade que seja precisamente o oposto da sociedade actual em que vivemos e onde estes conceitos e práticas são moeda corrente.

8 – O que substancialmente a Somaterapia lhe apresentou de original no campo das psicologias sociais?

O facto de ser uma terapia de natureza e prática libertária, na qual o processo terapêutico é conduzido não no sentido da resignação e do tratamento médico tradicional, mas no sentido do afrontamento com as diversas relações de poder existentes no nosso quotidiano. Para tal, a utilização de exercícios corporais, a prática da capoeira de Angola e a utilização do conceito de agressividade de forma positiva são factores muito importantes e inovadores.

9 – A partir desta experiência de dinâmica de grupo em autogestão, você acredita ser possível a passagem de alguns destes referenciais sociais para outros campos da sua vida? Por exemplo, quais?

Se não acreditasse não seria anarquista. Mesmo na sociedade actual, é possível o Homem ter comportamentos éticos mais elevados em todos os campos de vida.

10 – Quais as críticas que você tem quanto à noção de autogestão das relações sociais?

Não tenho críticas. Penso é que será bastante difícil de implantar em larga escala, enquanto não se conseguir destruir o conceito de dominação implantado na cabeça das pessoas pelo poder nas suas diversas formas.

Entrevistado E

1- Cómo conociste la Somaterapia y qué te llevó a realizar este proceso?

Yo no conocía la somaterapia pero vi que se hacía un curso en barcelona y me llamó mucho la atención que fuese una terapia anarquista y todo lo que conlleva porque hace tiempo que quería hacer terapia para evolucionar y resolver algunos aspectos de mi vida y relación con las demás pero no quería que fuesen ese tipo de terapias en las que la solución es adaptarse a este sistema capitalista y consumista, tipo psicólogos y psiquiatras convencionales, entonces el hecho de porqué fué creada la soma y su definición se adaptaba al tipo de terapia que yo estaba buscando

2- En tu opinión, cuáles son las ventajas y desventajas observadas de realizar una terapia de grupo, en relación a una terapia individual?

Pienso que esto depende de lo que estés buscando, si quieres solamente hablar con la somaterapeuta y así poder resolver conflictos personales ya estará bien hacer terapia individual, seria como que necesitas que esa persona te vaya guiando en tus conclusiones, como una especie de maestro personal por otra parte si no haces terapia de grupo te pierdes todo lo que conlleva y deduces de tu relación con los demás cuando haces las dinámicas, juegos, expresarte delante de un grupo de personas, la energía que se crea ... entonces en estos momentos surgen respuestas a dudas y conflictos personales, rompes corazas y comprendes que a veces damos más importancia a las cosas de la que en realidad tienen, porque también compartes las inquietudes de las compañeras y

compañeros aprendiendo a la vez de todas ellas; sería algo así como que hay una somaterapeuta que guía al grupo y el grupo se desenvuelve, crece y desarrolla con la energía que cada miembro pone, entonces surgen momentos muy reveladores con la unión de todas que ayudan a caminar y evolucionar a una misma

3- Qué es, para ti, un proceso autogestionado?

El proceso autogestionado se da a partir de unas pautas o información de la que disponemos o buscamos para llevar a cabo nuestro proceso o objetivo que queremos conseguir, basándose en la capacidad de hacerlo nosotras mismas

4- Observaste en algún momento algún tipo de autogestión en la dinámica del grupo de Somaterapia en que participaste?

Claro, en este caso la somaterapeuta da unas pautas o instrucciones a seguir y el grupo, partiendo de su autonomía, es capaz de construir un proceso y llegar a unos resultados por si mismo esto lo hemos vivido en nuestras sesiones de somaterapia, cuando hemos hecho la valoración después de la dinámica realizada, así como han surgido otras actividades, ideas y encuentros en el grupo sin necesidad de alguien que dictara lo que se tenía que hacer

5- Cuales fueron las dificultades encontradas ?

Una gran dificultad grupal la encontramos a la hora de marcar día y hora para quedar tanto para hacer somaterapia como para hacer grupalos, todas atareadas con nuestras vidas y con muchas cosas a hacer hizo que muchos grupalos no se llegasen a hacer y algunas sesiones de trabajo fuesen más cortas

6- Cuáles fueron los cambios observados ?

El contacto con la soma hizo reafirmarse en mi la creencia y confianza en la persona humana, la capacidad de que ésta se encuentre bien con sigo misma y con las demás, sabiendo lo que nos han robado y conectando con esa esencia ya casi olvidada que todas tenemos y que nos hace vivir con alegría y libertad,

así que me ayudó por completo en el cambio de paradigma y dar un nuevo enfoque a mi vida, más fuerte, sincero y real que el anterior

7- En relación a tu experiencia en somaterapia cuáles son las principales características y referencias de una sociabilidad basada en principios autogestionados? Cómo se diferenciarían de las relaciones sociales tejidas normalmente en nuestra sociedad actual?

En mi experiencia he reconocido la autogestión cuando un grupo de personas funciona fluidamente cuando cada persona sabe quién es y lo que quiere de este modo el movimiento que se genera es natural y placentero, haciendo que todas seamos capaces de aprender impulsadas por deseos propios, realizándonos, ayudando a las demás y viceversa en la sociedad actual se han inventado necesidades que nos hacen pasar por esta vida sin saber quienes somos y ser dependientes de demasiadas cosas y/o personas impidiendo por completo nuestro desarrollo personal a la vez provocando un alejamiento mayor de las demás personas

8- Qué descubriste, en el campo de la psicología social, a través de la Somaterapia?

Es el autoconocimiento y los espacios de libre relación los que permiten un fluir constante

9_ A partir de esta experiencia de dinámica de grupo en autogestión, crees que es posible pasar alguna de estas referencias sociales a otros aspectos de tu vida? Puedes citar algún ejemplo?

Puedo pasarla a varios aspectos de mi vida porque estas dinámicas han conseguido un conocimiento propio y de las demás personas del grupo que tiene la capacidad necesaria para llevar a cabo cualquier cosa que se quiera por ejemplo a la hora de convivir o de realizar un trabajo, la experiencia obtenida en somaterapia ayuda a que estos actos sean más sinceros y de más fácil realización

10_ Cual sería tu crítica en relación a la noción de autogestión en las relaciones sociales?

Muchas veces nos creemos que estamos preparadas para llevar a cabo ahora mismo la autogestión, sin fijarnos en que llevamos años educadas para otro tipo de relación social que se opone completamente a esta me refiero a que nos lanzamos a hacer sin primero deshacer lo que pondrá “palos en las ruedas” de nuestro carro, debemos observar cuáles son nuestras actitudes y creencias que provienen de la educación que no queremos para entender y practicar las nuevas

Entrevistado P

1- Cómo conociste la Somaterapia y qué te llevó a realizar este proceso?

Por medio del libro de R.Freire & J.daMata "Somaterapia". Inicialmente me llevó a realizar el proceso una pulsión. Me enteré por una página web de la existencia del curso, y no dudé en ir a la sesión informativa. El principal atractivo de la soma, para mi, es la combinación que hace de las teorías de W. Reich, de la Gestal, y del anarquismo.

2- En tu opinión, cuáles son las ventajas y desventajas observadas de realizar una terapia de grupo, en relación a una terapia individual?

Hasta el momento en que inicie la Soma, no conocía ningún tipo de terapia. Por lo que intuyo, una terapia grupal permite mantener un mayor contacto con la realidad, dado que la inmensa mayoría de la población mundial vive en comunidad. Por otro lado una terapia individual se centra demasiado en la persona, mientras la grupal me hace sentir como miembro de lo colectivo y el colectivo al observarme aporta mucho sobre mi.

3- Qué es, para ti, un proceso autogestionado?

La mayoría de actividades (gestiones) que se han de realizar en la vida, son colectivas, o afectan directa o indirectamente al colectivo. Alcanzar la autogestión es conseguir desarrollar todas las actividades sin injerencias externas a las personas implicadas sintiéndose libre de tomar las decisiones que se considere mas adecuadas. Una cuestión muy importante es la gestión de los recursos, y la no dependencia desde fuera del colectivo. Es por ello igual de importante la autogestión personal como individuo soberano, y la autogestión realizada dentro del colectivo o colectivos en los cuales me desenvuelvo.

4- Observaste en algún momento algún tipo de autogestión en la dinámica del grupo de Somaterapia en que participaste?

Creo que en algún momento hubo intentos que en la mayoría de los casos no se materializaron. El momento en que más detecté procesos de autogestión es en el trabajo de campo. En esta dinámica las dificultades y contratiempos nos obligaron a auto gestionarnos dinámicamente, muchas veces con improvisaciones que llevaron a mas de un conflicto. Las tareas para buscar financiación por parte del grupo prácticamente ni se comenzaron (falta de liderazgos emergentes, entre los cuales yo me considero uno de los que mas ideas tenía y menos aportaba).

Los diferentes "grupos" se realizaron con poca preparación y hubo diferentes niveles de "éxito", aunque en este caso si creo que se cumplieron buena parte de los objetivos.

5- Cuáles fueron las dificultades encontradas?

Creo que fundamentalmente hubo falta de entendimiento entre nosotros debido a que provenimos de diversos ámbitos que nos hacían ver las cosas según diferentes perspectivas. Pese a todo creo que en las últimas fases de la terapia la confluencia fue muy alta y una continuación del proceso lo hubiese reflejado.

Estas diferencias chocan, dado que la mayoría tenemos inquietudes semejantes, estamos en sintonía con entornos mas o menos libertarios y percibo, muchos

tenemos muchos objetivos comunes. Pero nuestros entornos fuera de la terapia, creo que nos alteran respecto al grupo, y en el se reflejan en mayor o menor medida.

6- Cuáles fueron los cambios observados?

Los cambios, en referencia a las mejorías observadas, las ví respecto a las relaciones interpersonales, con mayor confianza y empatía entre cada uno de nosotros (cada caso en niveles diferentes, pero en general, el efecto era notable).

El ejercicio de las sillas calientes fue un punto de inflexión notable, y en ocasiones impactante. Igualmente la acción de trabajo de campo, tal como se desarrolló, nos aportó mucho a todos. Las crisis observadas en las últimas sesiones, respecto a como estaba desarrollándose la terapia, se manifestó abiertamente en el trabajo de campo, hasta el punto de cuestionar-se la credibilidad del grupo como tal (cosa que el tiempo ha confirmado).

7- En relación a tu experiencia en Somaterapia, cuáles son las principales características y referencias de una sociabilidad basada en principios autogestionados? Cómo se diferenciarían de las relaciones sociales tejidas normalmente en nuestra sociedad actual?

La idea más importante que he extraído de la soma ha sido la idea de potenciar las

posibilidades al máximo, tanto del individuo como de la colectividad. Mi percepción es que la soma da una importancia fundamental a la persona en sí misma. Y es aquí donde se observa las ventajas y beneficios de realizar la terapia en colectividad. Permite viabilidad a todo lo adquirido. Potenciar al individuo sin tener en cuenta la realidad en la que se tendrá que desenvolver lo llevaría a la pérdida del control de si mismo y de todas sus posibilidades.

La terapia que hemos realizado me ha llevado a evitar los condicionamientos que hasta el momento sufría y evitar costumbres y clichés del pasado que hasta

el momento eran buena parte de mí. La autogestión nos valora a todos y cada uno de nosotros en la medida de lo que somos y podemos llegar a ser, permitiendo expandirnos y con ello expandir el grupo. La autogestión del grupo, dentro del ámbito en el que nos movemos, nos impulsa a cada uno de nosotros a la acción y potencia en lugar de inhibir. Expresada de forma colaborativa, tal como ha ido ocurriendo, la sociabilidad del grupo aumenta y se retroalimenta. En frente a estas situaciones tejidas observamos las relaciones de la sociedad actual, de la que es muy difícil que escapemos, donde no es complicado percatarse de su carácter egoísta, en el sentido lamentable de la palabra. Esta sociedad impuesta es, no solo egoísta, que también egocéntrica y mezquina y niega toda posibilidad de auto-desarrollo a los individuos, dadas las tremendas cortapisas que ha desarrollado. Su infame causa es la causa del nihilismo y su futuro es equivalente a su pasado, eclosionados en la nada del vacío mas absoluto. Ante una sociedad de leyes preconcebidas antes de nuestro nacimientos, con nuevas leyes absurdas en su devenir y con los pasteles repartidos antes de que seamos concebidos, ¿cual puede ser nuestra pulsión individual de aportación a los grupos en los que recalamos?. En estas circunstancias, nos avisan que no queda otra alternativa que intentar encontrar huecos, echar a otros, destruir si fuese necesario, solamente para poder respirar entre tanto entramado dado. Nos inculcan ese egoísmo insolidario potenciado con la idea de victoria con humillación. Pero esto no podemos aceptarlo.

Nuestra apuesta es otra. La autogestión dentro de un colectivo que cree en ambos conceptos, la autogestión y lo colectivo, nos da capacidad, nos da entrega, nos da vida.

8- Qué descubriste, en el campo de la psicología social, a través de la Somaterapia?

Por desgracia desconozco mucho del campo de la psicología social. La Soma nos aportó mucha información, mucha de ella en movimiento (en las dinámicas de grupo), y sobre todo me dio muchas pistas respecto a lo difícil que es establecer comunidades de acción, lo complicado que es alcanzar un nivel de

autogestión vital y lo muy provechoso que son ambos. Me ha creado la necesidad de seguir este camino, e incorporar dentro de mi vida gran parte de lo aprendido en este proceso terapéutico. Técnicas de relación grupal, la gestal y la antipsiquiatría son aportaciones que de una u otra forma me han proporcionado mucho conocimiento en mis posibilidades de autogestión y de individualidad dentro de los diferentes medios en los que me voy desenvolviendo. Mi relación conmigo mismo y con los diferentes grupos en los que estoy de una forma u otra, incluso los hostiles, se verá beneficiada por todo lo adquirido en las diferentes acciones y actividades de la soma, adquiriendo un mejor conocimiento de mi mismo y mi autopercepción. En lo social es de gran importancia estos nuevos conceptos dados por las diversas disciplinas que la soma nos ha aportado, creando el marco para obtener nuevos y amplios mecanismos de actuar ante el colectivo y los colectivos.

9- A partir de esta experiencia de dinámica de grupo en autogestión, crees que es posible pasar alguna de estas referencias sociales a otros aspectos de tu vida? Puedes citar algún ejemplo?

Desde luego que lo veo factible. Podría citar varios ejemplos, indicando en cada caso las dificultades inherentes a cada propuesta. Cada uno de nosotros tiene sus planteamientos vitales y perspectivas de actuación. Respecto a mi, tengo en estos momentos establecidas relaciones sociales de las que no puedo o no quiero prescindir. En todas ellas veo posible y aplicable las referencias sociales adquiridas durante la experiencia auto-gestionaria. En las relaciones paterno-filiares estas dinámicas son de gran ayuda y los diferentes conceptos tratados en la terapia fundamentales. Gestalterapia y antipsiquiatría, junto al concepto de soberanía del individuo han de ser marco de referencia teniendo en cuenta la enorme cantidad de energía vital que he de dedicar a tan importante empeño. En las relaciones laborales, mi situación me empuja inexorablemente a decantarme por una fuerte potenciación de la autogestión y el impulso de los liderazgos emergentes dentro del continuo desarrollo de nuestras actividades conjuntas. En las relaciones con el medio hostil, referido al capitalismo, la

autogestión se inicia por la introspección de la propia autogestión de la propia vida, pero inexorablemente abocado a interrelacionarme con todos aquellos, que como yo no estamos por la labor de potenciarlo, deseosos de tener otra forma de establecer las relaciones interpersonales. Una ruptura razonable y razonada respecto al medio que impera ya en todo el planeta, solo se puede llevar a cabo dentro de una autogestión en mayúsculas, dentro de grupos motivados y con una fuerza vital enorme, dispuestos a confrontar con la adversidad y alcanzar su plenitud y no cesar en sus continuo vivir, pensar, y vivir. En las relaciones sentimentales y sexuales las dificultades son igualmente inherentes al medio y en este caso nos topamos con circunstancias de tipo cultural, en su expresión adversativa, que dificultaran sobre manera las posibilidades de la autogestión de expresiones vitales en cuanto individuos y seres relacionados. Los prejuicios, los desengaños extrapolados en el otro y los intereses creados, caen sobre el resto como un jarro de agua fría que todo desnaturaliza. Y es en este contexto que he de desarrollar formas creativas de expresión y relación que potencien aquello que impulse ilimitadamente el tesão individual y el colectivo.

10- Cual sería tu crítica en relación a la noción de autogestión en las relaciones sociales?

La gran dificultad que observo no resuelta dentro del concepto de autogestión es la de no dar respuesta al problema, inherente a toda relación social, de los intereses creados. La herencia de las historias, sobre todo las "mal resueltas" o "no resueltas", se expande del pasado al presente a riesgo de pervivir en el futuro y se impregna en toda maya o red social que emerja o perviva. Me refiero a nuestra historia, la historia de cada uno de nosotros, que pesa en nuestra mente como una losa aplastante con perennidad avasalladora. Una autogestión no se puede llevar a termino en una burbuja y se ha de plantear en cada uno de nosotros, en las relaciones que establecemos, pero sobre todo en el marco de referencia de la sociedad en la que se establecen y nos establecemos. Una sociedad hostil a nuestra gestión, o simplemente que la impide sistemáticamente por medio de su razón de ser, nos aboca a una no gestión. Es por ello que se ha

de plantear tanto las acciones que nos proponemos, como las formas de llevarlas a cabo en el ambiente en las que se pretenden desarrollar. Actuar dentro de las relaciones sociales, es incidir en ellas según nuestras capacidades y según que sociedades nos enfrentemos, no nos lo van a permitir y en este confrontar hemos de ser conscientes de dicha fatalidad y encontrar formas de superar este bloqueo permanente al que nos vemos abocados mientras no se extienda los principios mas

elementales de autogestión y soberanía del individuo. Salut A Roberto Freire

3. Filmes relacionados à teoria e prática da Somaterapia

- O que é a Somaterapia:

<http://www.youtube.com/watch?v=0ZBjuSJJhqs>

- Como funciona a Somaterapia:

<http://www.youtube.com/watch?v=TFwuYvXy11s>

- As bases teóricas da Somaterapia:

<http://www.youtube.com/watch?v=ARy1sMiyxiw>

- As maratonas de campo:

<http://www.youtube.com/watch?v=jdHk45edR0s>

- A política da Somaterapia e a capoeira angola:

<http://www.youtube.com/watch?v=h7RDTDIk2-E>

SITE DA SOMATERAPIA:

www.somaterapia.com.br

4-Imagens de alguns exercícios da Somaterapia:





